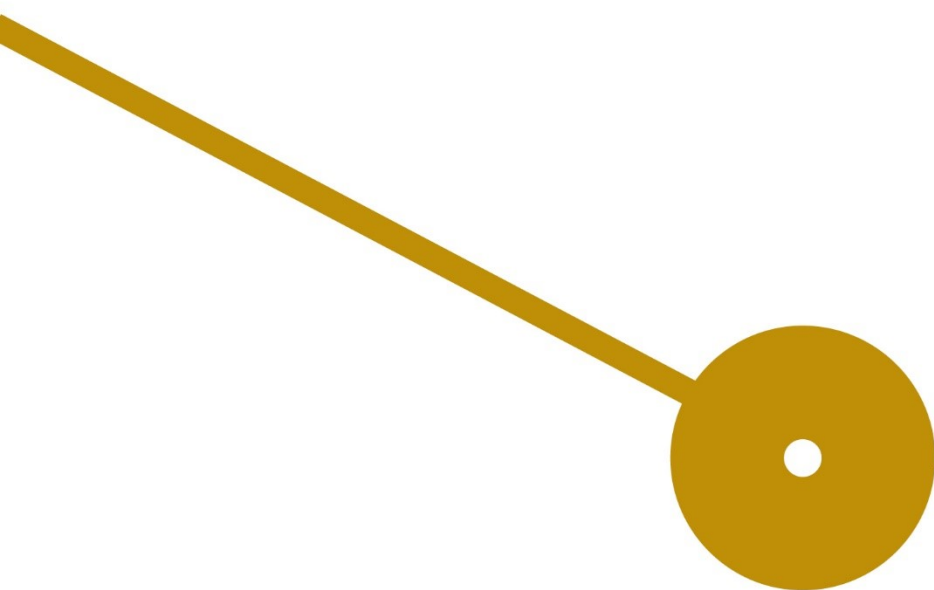


Um projeto de produção cultural no percurso da Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura

Alice Prata

11/2021





**MESTRADO
ARTES CÉNICAS**
DIREÇÃO DE CENA E PRODUÇÃO

Um projeto de produção cultural no percurso da Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura

Alice Prata

Dissertação apresentada à Escola Superior de Música e Artes
do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Artes Cénicas, especialização Direção de Cena e
Produção

Professora Orientadora
Regina Castro

11/**2021**

A todos os que asseguram, a todos, o acesso à cultura.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à Regina Castro pela paciência, resiliência e disponibilidade.

Também a todos os que cruzaram a minha vida e generosamente partilharam o seu conhecimento e me fizeram sonhar.

Margarida, Marta, Patrícia, Telma, Susana e Zé, muito, muito obrigada pela vossa presença neste trabalho e no meu caminho. E Maria, obrigada por todos os dias me desafiarem a ser melhor.

Resumo

A Casa da Arquitectura - Centro Português de Arquitectura teve um enorme crescimento e afirmação no panorama cultural português nos últimos anos. Apresenta-se como a única instituição cultural dedicada em exclusivo à arquitectura em Portugal. Partindo da minha experiência como produtora da equipa da Casa da Arquitectura, pretendo fazer uma reflexão sobre a criação e desenvolvimento de uma entidade cultural e do papel da Produção neste processo, identificando fases e desafios que enfrenta. Esta dissertação tem por base o relato do meu percurso, bem como o testemunho de quatro figuras fundamentais na criação desta instituição. Para além da história da instituição, descrevo os processos de produção associados ao meu trabalho e selecciono dois exemplos ilustrativos.

Palavras-chave

Programação cultural; Produção cultural; Produção; Mediação; Casa da Arquitectura; Centro de Documentação.

Abstract

Casa da Arquitectura - Portuguese Center for Architecture has had a huge growth and affirmation in the Portuguese cultural panorama in recent years. It presents itself as the only cultural institution dedicated exclusively to architecture in Portugal. Based on my experience as a producer on Casa da Arquitectura, I intend to reflect on the creation and development of a cultural entity and the role of Production in this process, identifying phases and challenges it faces. This paper is based on the description of my professional experience, as well as the testimony of four key figures in the creation of this institution. In addition to the institution's history, I describe the production processes associated with my work and select two illustrative examples.

Keywords

Cultural programming; Cultural production; Production; Mediation; Casa da Arquitectura; Documentation Center.

Índice

1. Enquadramento	2
Apresentação	2
1.1. Da ideia inicial à implementação de um projeto	6
O projeto e a cidade	6
A génese da Casa da Arquitectura	6
A primeira pedra	9
O batismo da Casa	10
A primeira casa da Casa	11
Ventos favoráveis	14
Um grande revés	15
A Casa na Real Vinícola	16
O Futuro	18
1.2. Contextualização	18
Contexto Nacional	19
Contexto Internacional	20
2. Cultura, Políticas Culturais e Produção Cultural	23
O Produtor	28
O Projeto de Produção Cultural na Casa da Arquitectura	32
O Processo de Produção na Casa	36
3. O tempo da Produção	38
Apresentação de Dois Casos em dois atos	40
Please Share!	41
Os Universalistas – 50 Anos de Arquitectura Portuguesa	46
Lugar de Partilha: desenvolvimento	49
4. Conclusão	58
5. Bibliografia	60
6. Anexos	65
Entrevista à Coord. do Dep. de Atividades e Conteúdos da Casa da Arquitectura – Carla Barros	65
Entrevista ao arquiteto Carlos Castanheira	77
Entrevista ao vice-presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Fernando Rocha	80
Entrevista ao Presidente da Casa da Arquitectura, José Manuel Dias da Fonseca	87
Estatutos Casa da Arquitectura	92

Folheto Exposição Álvaro Siza	107
Fotografias de recortes de imprensa da Exposição de Matosinhos.....	113
Folheto Casa da Arquitectura – Roberto Ivens	117
Poster Ciclo de Conferências FLUP “ Contentor e Conteúdo”	118
Capa Jornal Casa da Arquitectura “Apresentação Veneza 2016”	119
Plano de Atividades e Projetos 2017 Casa da Arquitectura	120
Relatório de Atividades e Projetos 2017 Casa da Arquitectura	140
Plano de Atividades e Projetos 2018 Casa da Arquitectura	161
Relatório de Atividades e Projetos 2018 Casa da Arquitectura	177

ESMAE

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO**

POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

Introdução

Portugal é um país com uma relação muito particular com a arquitetura. Possui dois Pritzkers – o mais prestigiante galardão na área da arquitetura – ambos nortenhos, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura – e, também a Norte, a famosa Escola do Porto, considerada uma das mais influentes correntes da arquitetura contemporânea em Portugal.

Esta corrente apoia-se nos modelos puristas do Movimento Moderno, difundidos principalmente pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, hoje Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, e pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, sendo seus protagonistas arquitetos como Alcino Soutinho, Carlos Ramos, Fernando Távora ou o próprio Eduardo Souto de Moura.

Apesar da importância e do reconhecimento nacional e internacional da arquitetura, a sua preservação, estudo e divulgação não tem recebido a mesma atenção que as outras áreas artísticas, nomeadamente as artes plásticas, a música, o teatro ou o cinema. O aparecimento da Casa da Arquitectura pretendeu colmatar esta insuficiência. A sua concretização sofreu avanços e recuos, num processo que se alongou por uma década.

Esta dissertação pretende descrever o processo de criação e materialização desta singular entidade que hoje, quatro anos depois de se ter transferido para novas e modernas instalações em Matosinhos, é uma realidade incontornável no panorama cultural português e um organismo reconhecido internacionalmente.

Atingir esta dimensão implica um trabalho intenso e complexo de várias equipas que asseguram as grandes e pequenas exposições que a Casa produz, toda a programação ao longo do ano, o contacto com o público e a comunicação do projeto.

Pretendo aqui demonstrar que a equipa de Produção e o Produtor são elementos fundamentais no sucesso de uma instituição com esta dimensão cultural.

1. Enquadramento

“Podemos dizer que a origem dum projeto pode ser a ideia, e o fim principal a realização dessa ideia, e que no processo desde a origem até ao fim sucederam uma série de propostas de trabalho necessárias para o conseguir, e que as ditas propostas necessitaram de tempo e de recursos para a sua realização. Então partimos do zero para chegar ao 5, e no caminho teremos que realizar o um antes do dois, o dois antes do três, o três antes do quatro e quando tenhamos andado os quatro passos anteriores podemos alcançar o cinco que é a nossa meta.

Quando as propostas de trabalho se sucederam uma atrás doutra, com os tempos de realização independentes e continuados, teremos um desenvolvimento linear do projeto:

Origem (ideia)

(1 → tempo → 2 → tempo → 3 → tempo → 4 → tempo → 5)”

(Rios, 2006)

Apresentação

Formalmente, a Casa da Arquitectura nasce no momento da constituição da Associação Casa da Arquitectura, em 2007, com o objetivo de dar corpo à ambição de ter em Matosinhos uma entidade vocacionada para o arquivo e divulgação da arquitetura contemporânea. A sede ficava localizada, muito apropriadamente, na casa de família do arquiteto Álvaro Siza, na Rua de Roberto Ivens, em Matosinhos, entretanto adquirida pelo município e ali permaneceu até 2017, ano em que se transferiu para o Quarteirão da Real Vinícola.

A Associação Casa da Arquitectura assumiu-se desde a primeira hora como uma organização sem fins lucrativos, cuja missão era tratar, arquivar e dar a conhecer os acervos e espólios de arquitetura doados, depositados ou entregues ao seu cuidado, conforme se lê nos seus estatutos.¹

Através de três eixos programáticos – **o arquivo, as exposições e a mediação de públicos** – a Casa da Arquitectura definiu inicialmente como missão e objetivos:

¹ Estatutos em anexo na página 92

- Tratar, arquivar e dar a conhecer, através de diversos instrumentos, os acervos e espólios de Arquitetura doados, depositados ou entregues ao seu cuidado;
- Criar uma coleção de obras iconográficas e emblemáticas da cultura arquitetónica nacional e internacional;
- Desencadear a criação de uma rede de arquivos nacionais de Arquitetura;
- Incrementar e apoiar a investigação e divulgação do conhecimento no domínio da Arquitetura;
- Realizar conferências, colóquios, conversas, workshops e outras atividades relacionadas com o debate, a reflexão e a promoção da Arquitetura e das Artes;
- Editar e publicar, sob diversas formas e suportes, obras relacionadas com a Arquitetura nacional e internacional;
- Estimular o intercâmbio com entidades congéneres nacionais ou internacionais, no domínio das suas atividades;
- Potenciar a cooperação com instituições de ensino, museus, organizações e associações culturais ou empresariais, cujos objetivos sejam a valorização e promoção da Arquitetura;
- Administrar, gerir e divulgar os espaços e os imóveis a seu cuidado;
- Fomentar atividades de carácter lúdico, turístico, cultural e social destinadas a diversos públicos que contribuam para o melhor e maior conhecimento da Arquitetura nacional e internacional.

A sua missão passava por afirmar-se não só como entidade programadora, mas sobretudo, como entidade de criação, capaz de produzir para si e para entidades parceiras conteúdos de qualidade, preparados para circular em itinerância numa rede consolidada de parcerias nacionais e internacionais.

A criação de um fundo documental próprio sempre foi vista como fundamental para permitir à Casa constituir-se como uma entidade capaz de salvaguardar, tratar e disponibilizar ao público o acesso a informação credível devidamente enquadrada no seu contexto técnico e cultural.

O arquivo, conforme descrito no sítio da Casa da Arquitectura “*Detém as condições físicas, técnicas especializadas para aceitar e preservar espólios documentais de Arquitetura nacionais e internacionais, cedidos por arquitetos ou herdeiros, entidades públicas ou privadas, entre outras detentoras de acervos de interesse arquitetónico ou artístico, dando continuidade aos importantes acervos do Centro de Documentação Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Paulo Mendes da Rocha, João Álvaro Rocha, entre outros.*” Com uma organização espacial que privilegia a conservação de acervos e espólios em reserva convencional, visível e consultável, para além do seu armazenamento. Desde a abertura das instalações na Real Vinícola, todos os documentos são tratados para estarem disponíveis à consulta física e online.

Segundo Jacques Derrida, o arquivo é qualquer modo de armazenamento e organização de informação, à qual podemos aceder posteriormente mas também um exercício de poder já que quem recolhe a informação para o arquivo escolhe o que fica dentro e fora dele e determinam o que pode ou não ser acedido. Derrida explora o duplo sentido da raiz da palavra arquivo, como origem e comando ou poder de uma autoridade. Ao relacionar a noção de arquivo com a memória (pessoal e histórica), o autor argumenta que há uma constante tensão entre a manutenção e repressão (consciente ou inconsciente) da memória.

“De certa maneira, o vocábulo (arquivo) remete bastante bem, como temos razões de acreditar, ao arkhê no sentido físico, histórico ou ontológico; isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo em suma, ao começo. Porém, ainda mais, ou antes ainda, “arquivo” remete ao arkhê no sentido nomológico, ao arkhê do comando (...) Os arcontes foram os seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos.” (DERRIDA, 2001)

Será importante a Casa da Arquitectura, na sua prática de arquivo e de programação, refletir sobre esse poder associado ao saber.

O objetivo a que a CA se propõe é a de tratar todos os espólios que lhe são entregues, garantindo a sua exposição nas suas áreas expositivas. Exemplo disto mesmo foi a exposição “SOUTO DE MOURA: MEMÓRIA, PROJECTOS, OBRAS” inaugurada em 2020 e patente até março de 2021

A CA também se propõe trabalhar em rede com outras instituições que tendo acervo não tenham capacidade de o tratar e expor. Contando apenas com quatro anos de existência, este projeto está numa fase inicial de receção de doações e tratamento dos documentos que lhe forma entregues.

Hoje considerada uma referência incontornável no concelho de Matosinhos e uma instituição marcante no panorama cultural nacional e mesmo internacional, a Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura oferece, a quem a visita e contacta, uma sensação de pertença própria das instituições integradas no seu tempo e espaço.

É uma consequência de vários fatores:

- A oportunidade oferecida pelo fato de os dois Pritzkers portugueses serem oriundos do concelho de Matosinhos e as suas obras estarem espalhadas pelo território, fazendo parte do quotidiano dos habitantes dos concelhos do Porto. Um dos casos mais paradigmáticos de proximidade, é o Metro do Porto e as suas seis linhas, que transporta algo como nove mil pessoas por hora em seis concelhos. O arquiteto Eduardo Souto de Moura foi quem coordenou o trabalho de arquitetura das diversas estações que têm assinaturas de diferentes autores;

- A ideia de que a arquitetura contemporânea era um elemento tão ausente quanto necessário da paisagem cultural nortenha foi suficiente para seduzir o município de Matosinhos, empresários e agentes culturais a avançarem, nos primórdios da conceção da Casa, com a criação de uma instituição própria (Nota, ver capítulo História da Casa);
- A centralidade, acessibilidade e localização privilegiada da Casa da Arquitectura, em Matosinhos Sul, totalmente integrada na malha urbana;
- As instalações que veio ocupar, um quarteirão que faz parte da história da cidade e que foi reabilitado de modo a respeitar quase integralmente a arquitetura original, seguindo uma tendência de recuperação de espaços industriais para diversos usos associados à cultura.

Hoje, a Casa da Arquitectura pertence a Matosinhos do mesmo modo que Serralves parece que existiu sempre nos jardins da antiga Quinta do Conde de Vizela e a Rotunda da Boavista é inconcebível sem o poliedro do Rem Koolhaas.

No entanto, como acontece com muitas ideias aparentemente óbvias, a sua criação não foi instantânea. Resultou de um processo lento e de uma soma de circunstâncias que desenharam e definiram ao longo do tempo os contornos daquilo que hoje é a Casa da Arquitectura.

Para melhor compreender o percurso realizado pela Casa da Arquitectura, solicitei entrevistas a cinco pessoas envolvidas neste processo, que foram determinantes nas várias fases do projeto.

O impulsionador do projeto, José Manuel Dias da Fonseca, enquanto vice-presidente e vereador da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos e atual Presidente da Associação Casa da Arquitectura (ACA); o arquiteto Carlos Castanheira, primeiro escolhido para assessor de Dias da Fonseca e depois nomeado para Diretor da ACA; Carla Barros, que sendo funcionária da Câmara Municipal de Matosinhos (CMM) foi destacada para trabalhar no arranque deste projeto, acompanhando todo o seu percurso e continuando até aos dias de hoje a integrar a equipa da Casa da Arquitectura como coordenadora do Departamento de Atividades e Conteúdos; Fernando Rocha, atual vice-presidente da CMM que era, à data da criação da ACA, o vereador da Cultura da autarquia; e o arquiteto Nuno Sampaio, diretor da ACA desde 2014, e responsável pela abertura das instalações no Quarteirão da Real Vinícola.

A única entrevista que não consegui realizar foi com o arquiteto Nuno Sampaio que, apesar de aturadas tentativas, diligências e agendamentos, não se concretizou até à data da entrega deste trabalho. As restantes quatro foram realizadas, transcritas e editadas e constam como anexo a este documento. Esta falha poderá, eventualmente, causar alguma imprecisão no relato da história mais

recente da Casa da Arquitectura, pela impossibilidade de validação e confronto dos vários relatos com a visão do seu atual Diretor.



Figura 1 Implantação Casa da Arquitectura, © Papagaio Loiro

1.1. Da ideia inicial à implementação de um projeto

O projeto e a cidade

A percepção de que Matosinhos possuía uma vocação particular para a arquitetura, ou seja, podia ser o local certo para receber uma “casa” para a arquitetura contemporânea, despertou com a entrega do Prémio Pritzker a Álvaro Siza Vieira em 1992.

Foi a atribuição dessa distinção magna da arquitetura a um dos seus mais prestigiados cidadãos, a ignição da ideia de uma instituição com um perfil até à data inexistente: uma entidade inteiramente dedicada ao estudo e tratamento da arquitetura em Portugal.

A génese da Casa da Arquitectura

A génese da Casa surge com aquele que hoje é o seu presidente, José Manuel Dias da Fonseca, e de uma visita que este fez ao Museu Alvar Aalto, em 1973. Na altura, recorda, ficou impressionado

pela forma como o arquiteto finlandês e a sua obra eram promovidos como uma marca nacional em torno da qual se faziam exposições, roteiros e se criou um Arquivo para preservação do acervo.

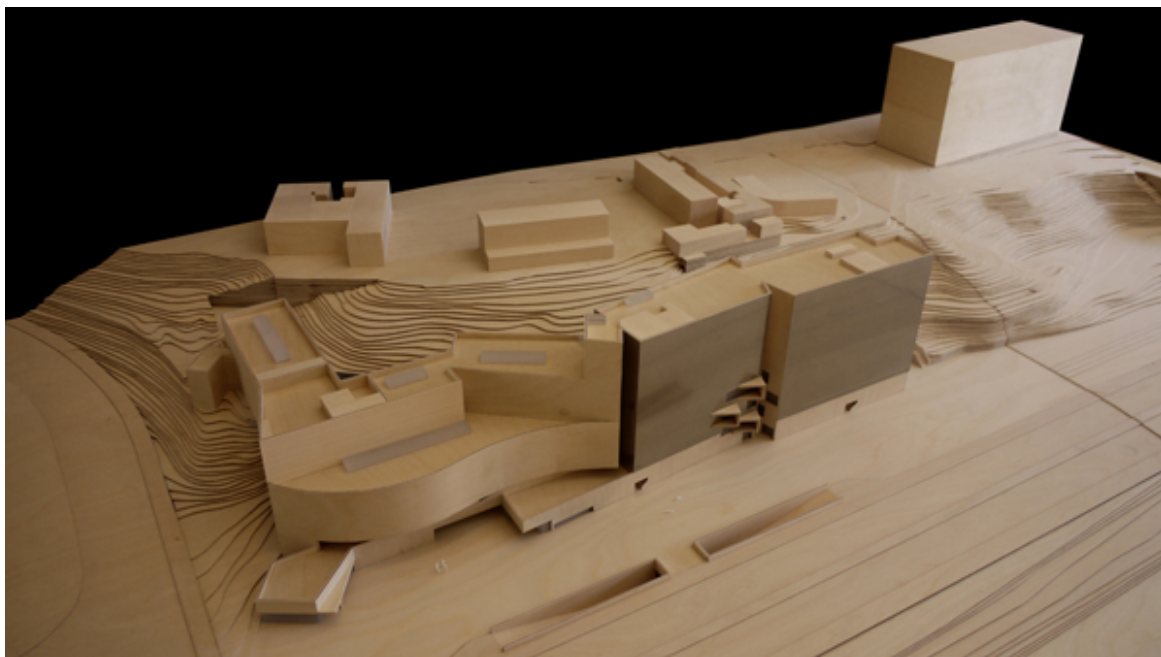


Figura 2 Maquete Projeto Casa da Arquitectura, © Álvaro Siza

Foi mais tarde, em 1994, na qualidade de Vice-presidente e Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos, que José Manuel Dias da Fonseca decidiu desafiar o município e o então presidente da Câmara, Narciso Miranda, a criar o projeto Museu Siza Vieira.

Foi uma proposta focada sobretudo na pessoa do arquiteto Álvaro Siza e das suas obras seminais – a Casa da Chá da Boa Nova (1963), a Piscina das Marés (1966) e a piscina da Quinta da Conceição (1965), entretanto elevadas a obras de culto do arquiteto português, nascido e criado em Matosinhos.

O objetivo era, segundo as palavras de Dias da Fonseca, *“(...) e assim começamos a pensar como dar visibilidade às suas obras, criando roteiros que permitissem às pessoas visitar de forma organizada e instruída as suas obras principais, nascendo também a ideia de criar um Centro de Documentação Álvaro Siza Vieira, onde se pudesse colecionar ou organizar elementos à volta do Siza.”*²

Um ano depois, em 1995, o Centro Galego de Arte Contemporânea apresenta a exposição de arquitetura “Álvaro Siza Obras e Proxectos” com curadoria do arquiteto Carlos Castanheira, colaborador e amigo de Siza. A mostra acabou por ser pretexto e palco para um protocolo de cooperação que a trouxe até Matosinhos. A primeira pedra para a concretização do projeto estava lançada.

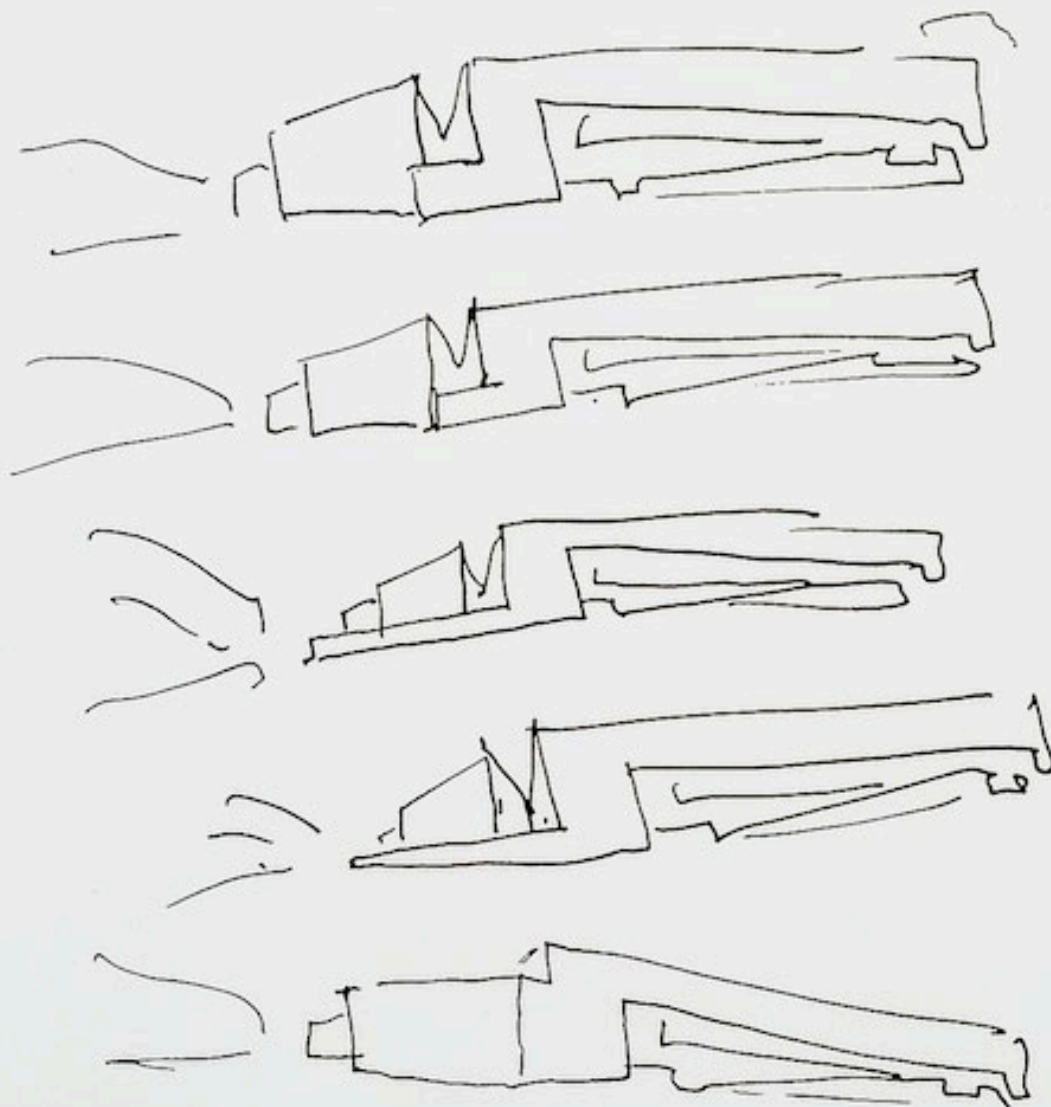
² José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

ÁLVARO SIZA

OBRAS E PROXECTOS

Do 24 de abril ó 2 de xullo de 1995

Horario: martes a domingo, de 11 h. a 20 h. • luns pechado




XUNTA DE GALICIA
CONSELLERÍA DE CULTURA

 CGAC
Centro Galego
de Arte
Contemporánea
AVDA. VÍCTOR BALBUENA, 10 • 15701 SANTIAGO DE COMPOSTELA

Figura 3 Poster Exposición "Álvaro Siza Obras e Proxectos"

A primeira pedra

A exposição esteve patente ao público na Galeria da Cave dos Paços do Concelho, que foi adaptada propositadamente para o efeito pelo arquiteto Alcino Soutinho. O atual vice-presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Fernando Rocha, recorda-se desse momento: *“a Câmara Municipal sempre associou eventos culturais aos festejos populares do Senhor de Matosinhos e esta exposição foi um deles”*.³ Ainda que sem intenção, a mostra veio evidenciar a pertinência do projeto que começava a ganhar consistência.

O passo seguinte foi a constituição de uma equipa dedicada ao projeto. Em 1995, o arquiteto Carlos Castanheira era assessor do José Manuel Dias da Fonseca, e lança o processo documental e de levantamento de documentos, livros e fotografias relativas ao arquiteto Álvaro Siza. Nascia, portanto, o Centro de Documentação Álvaro Siza (CDAS) que funcionava como um departamento da Câmara Municipal de Matosinhos e num espaço na Quinta da Conceição. Como refere Carlos Castanheira, *“a quinta da Conceição tinha sido acabada de ser restaurada pelo arquiteto Fernando Távora e arranjou-se lá um “sotãozinho”, um espaço ainda provisório”*.⁴

As primeiras atividades do CDAS materializam-se na realização de roteiros das obras do arquiteto Álvaro Siza e em visitas guiadas aos espaços por ele desenhados. A ideia de um Museu é apresentada ao arquiteto Álvaro Siza e por ele recusada. Com o CDAS a dar os primeiros passos na realização de roteiros as obras do arquiteto e a realização de visitas guiadas aos espaços, é aberta a ideia de um novo projeto de arquitetura - o Museu da Arquitectura -, que integraria o CDAS, esse sim, exclusivamente dedicado a Álvaro Siza.

José Manuel Dias da Fonseca recorda-se que *“na altura chamávamos Museu por uma questão de facilidade, não sabíamos bem o que ia ser. Mas a ideia era criar um grande espaço dedicado à arquitetura e que tinha um núcleo central, o Centro de Documentação Álvaro Siza (CDAS) que já tínhamos implementado, estava a crescer e iria integrar o Museu da Arquitectura.”*⁵

O novo formato, mais concentrado na disciplina do que na pessoa do arquiteto, conquista Álvaro Siza. Mas em dezembro de 1996, José Manuel Dias da Fonseca pede a demissão. Com ele, saem os assessores, designadamente Carlos Castanheira e a diretora da Quinta de Santiago, Laura Castro. Nesta altura, *“as coisas morrem um pouco”*⁶, recorda José Manuel Dias da Fonseca, com o então presidente da autarquia, Narciso Miranda, a abandonar o projeto.

³ Fernando Rocha, Entrevista em anexo na página 80

⁴ Carlos Castanheira, Entrevista em anexo na página 77

⁵ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

⁶ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

O batismo da Casa

Em 2005, a presidência da Câmara de Matosinhos é assumida por Guilherme Pinto que tinha sido vereador da autarquia durante todo o processo desenvolvido em torno da hipótese do Museu. Graças a ele, o projeto é retomado no sentido literal, com Carlos Castanheira a ser chamado de novo para a Direção e José Manuel Dias da Fonseca a assumir o cargo de assessor do Presidente para este assunto.

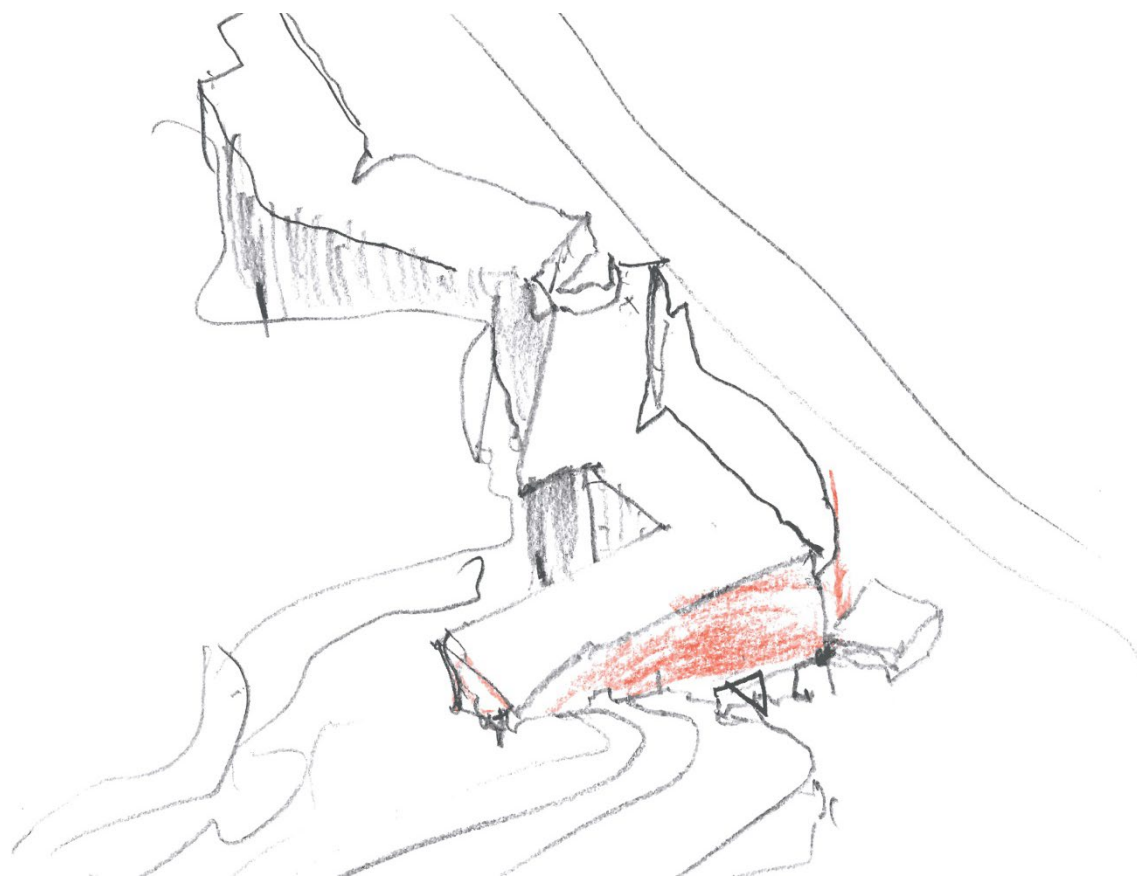


Figura 4 Esquisso Casa da Arquitectura, © Álvaro Siza

Em março de 2007, o Presidente da Câmara organiza uma reunião com um conjunto de personalidades destinada a retomar o denominado Museu da Arquitectura. José Manuel Dias da Fonseca sintetiza: *“o Guilherme Pinto organiza uma grande reunião no salão nobre e chama muitos empresários, o Belmiro, o Valente de Oliveira, a Bial, etc.”*⁷

O encontro, um fórum destinado à reflexão, decorre no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Matosinhos. A lista de convidados inclui entidades públicas e privadas, nomeadamente, na área da cultura, a Direção Regional de Cultura do Norte e na área da arquitetura, a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a Ordem dos Arquitectos. Convidadas foram também as entidades ligadas ao território, como a APDL e empresas de referência da região, como a SONAE, a Bial, entre

⁷ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

outras. O objetivo era reunir parceiros institucionais que se associassem à ideia de uma instituição dedicada à arquitetura, apoiassem a construção de um novo edifício e a viabilidade do projeto no futuro.

O momento foi fundacional a vários títulos. Durante a reunião discutiu-se o nome da instituição, referindo-se que a nomenclatura de Museu era um pouco fechada. A ideia de Casa, avançada por Belmiro de Azevedo, fazia mais sentido, desde logo porque completava um triângulo com a Casa de Serralves e a Casa da Música, já instalados na realidade cultural da região. Deste encontro, surge a Associação Casa da Arquitectura (ACA) que integraria o Centro de Documentação Álvaro Siza, para além de centro de Documentação de outros arquitetos. A APDL manifesta vontade de integrar o projeto cedendo o terreno para a construção do novo edifício.

José Manuel Dias da Fonseca relata: *“Nesse dia faço uma intervenção e falo da ideia do triângulo virtuoso que era juntar a música, as artes plásticas e a arquitetura. A ideia era a grande instituição das artes plásticas que é Serralves, com uma componente de arquitetura que era o Museu do arquiteto Álvaro Siza, a grande instituição da música com a componente da arquitetura com o arquiteto Rem Koolhaas, a Casa da Música e depois o Museu da Arquitectura, que para mim é o mais importante do ponto de vista internacional, com uma grande componente de arquitetura que era o museu do Álvaro Siza.”* E acrescenta: *“Os empresários ficaram muito entusiasmados com a possibilidade de apoiar este projeto que era o orgulho do Norte. E a arquitetura tinha que ser mesmo aqui por razões óbvias.”*⁸

No dia 1 de outubro de 2007, foi assinada a escritura da Associação Casa da Arquitectura e os respetivos estatutos.⁹

A primeira casa da Casa

Já formalizada no papel, a Associação Casa da Arquitectura abandona de vez o plano das possibilidades. A família do arquiteto Álvaro Siza mostra-se disponível para vender a casa de família, situada na Rua Roberto Ivens, em Matosinhos, à autarquia para que fosse preservada. Com a mediação do arquiteto Carlos Castanheira, a Câmara adquire a casa e encomenda o seu restauro ao arquiteto Siza.

⁸ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

⁹ Estatutos em anexo na página 92



Figura 5 Casa Roberto Ivens, © Fernando Guerra

Carlos Castanheira recorda que “surgiu a possibilidade de a Câmara de Matosinhos adquirir a casa de família na Rua Roberto Ivens, falei logo com o presidente da Câmara e eles ficaram muito entusiasmados. Acabou por se comprar a casa e fizemos as obras, foi mesmo um restauro, não se alterou nada. Após o restauro da casa, foi aí instalada a Casa da Arquitetura e então quando

*começamos a ter instalações surgiu a necessidade de ter uma equipa de trabalho. Nessa equipa inicial trabalhava a Carla Barros, a Natacha Mota e a Carla Sousa.”*¹⁰

As obras de reabilitação da Casa em Roberto Ivens decorrem entre 2008 e 2009, naquela que é a sede provisória da ACA. A 25 de Junho de 2009, dia de aniversário do arquiteto Álvaro Siza, a casa de Roberto Ivens é inaugurada, tornando-se oficialmente a sede da Associação Casa da Arquitectura e do Centro de Documentação Álvaro Siza. O momento solene conta com as presenças e intervenções do Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro e do Presidente da Câmara de Matosinhos, Guilherme Pinto.

A cerimónia contou ainda com os discursos do arquiteto Gonçalo Byrne, em representação de todos os arquitetos que assinaram contratos de depósito de acervo e do arquiteto Álvaro Siza.¹¹

Estiveram presentes ainda todos os associados da ACA, a Vereação da Câmara Municipal de Matosinhos, a família do arquiteto Fernando Távora, entre outros. Para assinalar a ocasião, é inaugurada uma exposição explicativa da casa da família Siza Vieira, sua ocupação, projeto de reestruturação e adaptação para acolher a ACA.



Figura 6 Inauguração da Casa da Arquitectura, Roberto Ivens, © C. M. Matosinhos

¹⁰ Carlos Castanheira, Entrevista em anexo na página 77

¹¹ Explicação sobre contratos de doação.



Figura 7 Inauguração Casa da Arquitectura, Roberto Ivens, © C. M. Matosinhos

Ventos favoráveis

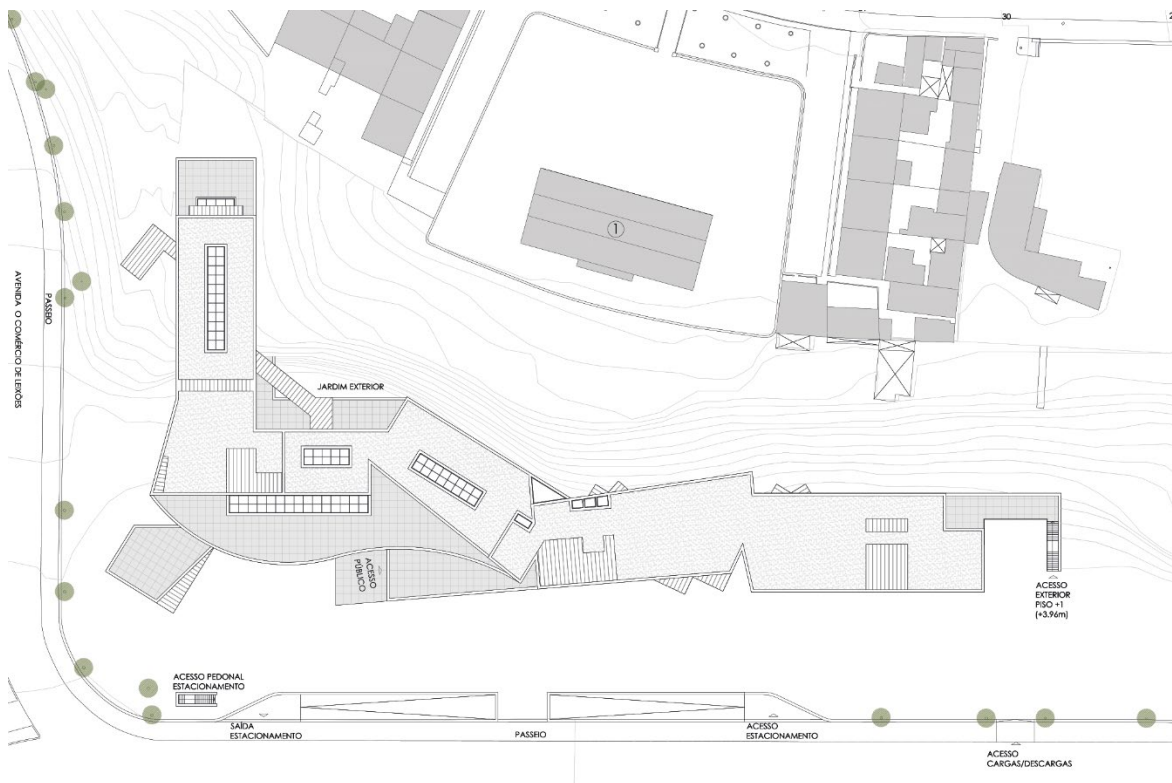


Figura 8 Projeto Casa da Arquitectura, © Álvaro Siza

Integrando o CDAS, a ACA começa a desenvolver a sua atividade já com a ideia do novo edifício no horizonte. Os modelos inspiradores são vários. Sonhava-se com uma entidade que colocasse o município de Matosinhos ao nível das cidades e instituições que honram a arquitetura: Paris com o Centro Georges Pompidou e a sua Cité de l'Architecture, Nova Iorque e o MOMA, Montreal e o Canadian Centre of Architecture, Jyväskylä e Helsínquia com o Museu Alvar Aalto.

Foram realizadas visitas a algumas instituições no sentido de perceber como funcionavam e quais as melhores opções para o projeto de Matosinhos. Uma comissão de acompanhamento foi criada e trabalhava a partir do estudo prévio elaborado pelos arquitetos Álvaro Siza e Carlos Castanheira.

O estudo contribuiu para redefinir o programa do projeto e lançar a Casa da Arquitectura a uma escala nacional envolvendo várias instituições devido à proveniência e qualidade dos membros da referida Comissão. As reuniões eram semanais e dela faziam parte Raquel Henriques da Silva, Professora de História da Arte da FSCSH, Universidade Nova; Vasco Martins Costa, ex-Diretor da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; Luís Tavares Pereira, representante da Ordem dos Arquitectos – Secção Regional Norte; Manuel Mendes, representante da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto; Teresa Siza, ex-Diretora do Centro Português de Fotografia; Paula Araújo Silva, Diretora dos Serviços de Bens Culturais - Direcção Regional Cultura do Norte e Elisa Babo, José Portugal e Pedro Quintela, da Quaternaire Portugal.

No dia 3 de março de 2011, foi apresentado o projeto arquitetónico do futuro edifício dedicado à arquitetura desenhado pelo arquiteto Álvaro Siza. O momento contou com a presença da Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, do Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, do Vereador da Cultura da mesma autarquia, dos membros da Direcção da ACA e de Ana Paula Silva, presidente da Direcção Regional da Cultura do Norte. Na ocasião, o autor do projeto, Álvaro Siza, terá afirmado, segundo palavras de Carla Barros: “A Casa da Arquitectura é algo necessário para não se perder o arquivo arquitetónico nacional, para que não se perca a memória”.¹²

Para o primeiro Pritzker português, aquele foi um dia memorável. Duas das suas obras foram distinguidas com o estatuto de monumento nacional, respetivamente a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina de Marés, em Matosinhos. Os ventos pareciam estar a favor.

Um grande revés

Mas, em 2011, o país atravessava momentos difíceis devido a uma crise financeira. O projeto, que durante o seu desenvolvimento tinha “engordado” para uma área construída de 17.000m² entre espaços expositivos, arquivo e auditório, tornou-se financeiramente incomportável sem o apoio de

¹² Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

fundos europeus. Então no Governo, o Executivo de Pedro Passos Coelho considerou imprudente candidatar o projeto internacionalmente.

Perante este negro cenário, a autarquia procurou uma alternativa. Em cima da mesa passou a estar a possibilidade de alojar a ACA no Quarteirão da Real Vinícola, em Matosinhos Sul. O espaço tinha sido adquirido pelo município em 2000 com o intuito de impedir a especulação imobiliária e preservar o património industrial de que era exemplo quase único.

Tratava-se de um local que estava destinado a acolher o futuro Centro de Ciências e Técnicas do Mar. Dias da Fonseca explica que *“a ideia não era propriamente fazer um aquário, era criar um complexo que passava por instalar o departamento das biomédicas ligado aos mares e aos oceanos, criando um aquário com uma componente também de rio. Havia um modelo em que a água vinha diretamente da praia e tinha uma ligação às conservas, simulando uma fábrica de conservas.”*¹³

Para a concretização deste projeto, a autarquia abriu um concurso público que acabou por criar uma enorme polémica, envolvendo reclamações dos concorrentes e notícias muito negativas na imprensa. O concurso é anulado e consequentemente também o projeto ligado ao mar. Sem propósito, a Real Vinícola fica abandonada, entrando em decadência.

A Casa na Real Vinícola

É, portanto, em 2013 que o presidente da Câmara de então, Guilherme Pinto, grande entusiasta do projeto da Casa da Arquitectura, anuncia a reabilitação do espaço da Real Vinícola com o intuito de criar um Quarteirão das Artes, que integrasse a Associação Casa da Arquitectura através de um polo com área expositiva, arquivística e comercial. Uma outra parcela seria entregue à Orquestra Jazz de Matosinhos.

Por questões políticas e práticas, a recuperação da Real Vinícola foi feita com recursos internos da autarquia, que entregou o projeto de reabilitação ao arquiteto municipal, Guilherme Machado Vaz que, lembra Carla Barros, *“adaptou o mesmo programa ao novo espaço.”*¹⁴

Em entrevista telefónica, Guilherme Machado Vaz recorda: *“Os armazéns da Real Vinícola foram construídos para armazenar pipas de vinho e havia uma certa ordem na distribuição das pipas, que decorria dos vãos que era possível conseguir através dos sistemas construtivos da altura e naquele caso, também, fruto do desenho do próprio edifício que ocupa os limites do quarteirão e deixa livre um espaço central. A distribuição em dois pisos não era muito vulgar e as dimensões são as maiores possíveis do sistema construtivo de paredes de alvenaria de pedra com asnas em madeira, no caso*

¹³ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

¹⁴ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

do primeiro piso. A asna usada era a chamada asna industrial, presente nos manuais de carpintaria civil do início do século. O piso térreo tem uma construção diferente porque tinha que suportar a carga do piso superior. Este sistema era uma estrutura em aço, um pórtico em aço com vigas também em aço e com uma laje por cima. Decidi deixar à vista toda a estrutura de construção e construir contentores que, conforme a sua função, têm revestimentos diferentes. Os contentores técnicos são revestidos em aço e os que são dedicados aos serviços como casas de banho ou copa, por exemplo, são revestidos em madeira.”

A decisão, polémica, de abandonar o definitivamente a ideia da construção de um projeto de raiz para albergar a arquitetura, levou o diretor Carlos Castanheira à renúncia do cargo, sendo substituído pelo atual Diretor-executivo, o arquiteto Nuno Sampaio.

Em 2014, inicia-se o projeto de reabilitação da Real Vinícola. Cabe à equipa da ACA a supervisão do programa que é apoiado por uma candidatura a fundos estruturais do QREN. “*Numa primeira fase, a candidatura era para paredes e cobertura para salvaguarda de património classificado*”, conta Carla Barros, acrescentando que “*nas fases seguintes a ACA foi chamada a intervir ativamente na candidatura e na definição do programa*”.¹⁵



Figura 9 Casa da Arquitectura – Real Vinícola, © ITS – Ivo Tavares Studio

No final, a nova Casa da Arquitectura vai ao encontro das premissas iniciais do Museu da Arquitetura: 50% do espaço para exposições e 50% para Arquivo.

¹⁵ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

À medida que a reabilitação avançava, foram sendo organizadas visitas à obra, que finalmente começava a ganhar corpo e expressão. Prevista para 2016, a inauguração é adiada para 2017, inicialmente em junho, e depois para novembro. Entretanto, o grande mentor e defensor da Casa da Arquitectura, Guilherme Pinto, vem a falecer por doença prolongada.

A Casa da Arquitectura abre ao público finalmente em novembro de 2017 com três dias consecutivos de programação gratuita que juntou 12 mil pessoas. Foi uma festa que ressoou pelo país e no estrangeiro. Uma nova instituição cultural, uma nova Casa para a Arquitectura contemporânea, acabava de abrir portas em Matosinhos, materializando uma ambição que demorou uma década a ver a luz do dia.

O Futuro

Foi cumprida uma etapa do caminho desta instituição, mas a ideia do Museu de Arquitectura e o projeto de Álvaro Siza não se perdeu, como refere José Manuel Dias da Fonseca: *“O Guilherme Pinto não desistiu, e pensou na Real Vinícola que estava abandonada e em risco de se deteriorar para criar ali a Casa da Arquitectura, não abandonando a ideia do Museu, mas como o grande centro de arquivo e tratamento, que é uma ideia fabulosa.”*¹⁶

Esta mesma ideia é partilhada por Fernando Rocha, atual vereador da cultura da Câmara Municipal de Matosinhos: *“Primeiro começámos no sótão, depois alugámos um espaço, depois fomos para uma casa pequenina e agora estamos numa maior, fazendo assim. Tínhamos o projeto, e temos o projeto, num edifício completamente novo dedicado à arquitetura que até agora não conseguiu fazer caminho.”*¹⁷

E na perspetiva de Carla Barros: *“a Real Vinícola foi muito importante não como um fim mas algo pelo qual temos que passar, porque mudar de um edifício tão pequenino com uma equipa tão pequenina para o edifício do Siza com 17.000m², havia uma estimativa de 60 pessoas, foi feito um estudo sobre o que é que seria aquele edifício e quanto é que custava implementar e com que equipas, foram estudados outros casos internacionais para aferir o modelo, acho que era, com o conhecimento que tinha nesta altura, era uma transição impossível, no meu entendimento. Não se pode passar de uma equipa de 3 ou 4 pessoas para uma equipa de 60”*.¹⁸

1.2. Contextualização

¹⁶ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

¹⁷ Fernando Rocha, Entrevista em anexo na página 80

¹⁸ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

Contexto Nacional

A Casa da Arquitectura foi fundada com o objetivo de colmatar a inexistência, em Portugal, de uma entidade que acolhesse e tratasse o património arquitetónico. Desde então e até hoje, a ACA permanece como a única entidade que, em Portugal, desenvolve trabalho dedicado à produção arquitetónica nacional e internacional, associando ao seu arquivo documental a vertente da programação cultural.

A sua missão permanece mais pertinente que nunca, face à riqueza cultural gerada pela arquitetura portuguesa e pelo enorme prestígio de que gozam os nossos arquitetos dentro e fora do país, de que são exemplo os prémios Pritzker de Eduardo Souto de Moura e Álvaro Siza.

Contrariamente ao que sucedeu com a Música ou as Artes Plásticas, áreas que têm na Fundação Calouste Gulbenkian, na Casa da Música e na Fundação Serralves fortes instituições a elas dedicadas, a arquitetura afirmou-se em termos institucionais de uma forma mais modesta e paulatina no nosso país.

Em 2007, nasceu, no seio da Ordem dos Arquitectos, a Trienal de Arquitectura de Lisboa (TAL), um certame cíclico sem sede até 2012, ano em que a Câmara Municipal lhe cedeu instalações, com o propósito de dar expressão a uma área muito prestigiada, mas quase invisível em termos culturais.

O Centro Cultural de Belém criou, em 2012, um espaço para a apresentação de exposições de arquitetura contemporânea num dos seus parques de estacionamento que passou a denominar-se Garagem Sul.

Em 2016, surge o Museu de Artes, Arquitectura e Tecnologia (MAAT) pela mão da Fundação EDP, que inclui a arquitetura no seu programa, mas não em exclusividade.

Todas estas instituições – CCB, Serralves, Casa da Música, MAAT – habitam edifícios assinados por grandes nomes da arquitetura nacional e internacional, mas não lhe dedicam uma atenção exclusiva. Apesar do prestígio e reconhecimento de que gozam os arquitetos portugueses, até à abertura da Casa da Arquitectura, em Matosinhos, não havia uma instituição dedicada apenas a este domínio cultural.

Com a abertura das instalações no Quarteirão da Real Vinícola, em Matosinhos, a ACA ganhou uma dimensão e projeção ímpares fundamentais para o crescimento dos públicos e do número de acervos doados e depositados no seu Arquivo, como por exemplo os acervos dos arquitetos portugueses Eduardo Souto Moura, Pedro Ramalho, João Luís Carrilho da Graça, Fortunato Cabral, ARS Arquitectos, Teresa Fonseca, Gonçalo Byrne, do fotógrafo de arquitetura Luís Ferreira Alves e de estrangeiros como Paulo Mendes da Rocha e Lúcio Costa.

A Casa da Arquitectura pretende posicionar-se ao nível das instituições congêneres internacionais em particular a Cité del'architecture et du Patrimoine e o Canadian Centre for Architecture.

Nestes dois casos, tal como a Casa da Arquitectura, perspetivam-se eixos programáticos comuns, nomeadamente, “expositions & événements; collections; formation & recherche; ressources & publications”¹⁹ no caso da Cité del'architecture et du Patrimoine e “exhibitions and publications, collection, advance research, public programs”²⁰ na visão do Canadian Centre for Architecture.

Apesar da proximidade de objetivos, há assinaláveis diferenças que advêm da longevidade das instituições que se refletem, por exemplo, na dimensão e especialização das equipas.

A Cité del'architecture et du Patrimoine conta com cerca de 150 funcionários em permanência e o Canadian Centre for Architecture tem cerca de 100.

A Casa da Arquitectura conta atualmente com um quadro de cerca de 40 pessoas.

Contexto Internacional

Internacionalmente, existe um grupo de instituições cuja atividade se dedica em exclusivo ao estudo, arquivo e divulgação da arquitetura contemporânea. São elas:

[1984] Deutsches Architekturmuseum (DAM), em Frankfurt. Tido como um dos museus arquitetonicamente mais inovadores na Alemanha, o DAM alberga o “Museu Alemão da Arquitetura”, sendo visto como o principal espaço de exposição e centro de discussão dedicado à cultura do setor da construção, da arquitetura e do urbanismo no país. Idealizado pelo arquiteto Oswald Mathias Ungers, o DAM segue o conceito de um “edifício dentro de um edifício”. Atualmente alberga uma exposição permanente focada na evolução histórica da arquitetura alemã;

[1989] Canadian Centre of Architecture (CCA), no Canadá. Localizado em Montreal, este museu e instituição de pesquisa internacional tem como premissa a crença de que a arquitetura deverá ser entendida como uma preocupação pública, tendo sido fundado como um tipo distinto de instituição cultural no país. Após ter iniciado o ambicioso projeto de pesquisa “The American Century” (O século Americano) que procurava um olhar renovado e crítico sobre a cultura arquitetónica americana, foi reconhecido e acreditado pelo “Ministère des affaires culturelles du Québec” (Ministério da Cultura do Quebec) em 1992;

¹⁹ Conforme informação disponível no sítio <https://www.citedelarchitecture.fr/fr>

²⁰ Conforme informação disponível no sítio <https://www.cca.qc.ca/en/about-overview>

[Anos 90] Politécnico Milano (Polo de Mantova) que alberga um dos principais programas da UNESCO na área da arquitetura desde 2012 - a UNESCO Chair in Architectural Preservation and Planning in World Heritage Cities -, esta instituição detém uma relação muito próxima com o arquiteto Eduardo Souto de Moura;

[1993] Nederlands Architecture Institut (NAI), na Holanda. Sedeado em Roterdão, o NAI era mais do que um museu, era um Arquivo, Museu, Livraria e Fórum cultural. Detém arquivos e coleções de arquitetos holandeses desde 1800 e tornou-os acessíveis ao público. Desde 2013, o NAI foi integrado no Het Nieuwe Instituut;

[2004] Cité de l'Architecture et du Patrimoine (CAPA) em Paris. a Cité de l'Architecture et du Patrimoine é um museu de arquitetura e escultura que resulta da reestruturação de três entidades estatais marcadas por uma longa história: o “Musée des Monuments Français” (Museu dos Monumentos Franceses), a l'École de Chaillot (Escola de Chaillot) e a associação “Institut français de l'architecture”, (Instituto Francês da Arquitetura) criada em 1980 com o propósito de promover a cultura arquitetónica contemporânea.

[2009] Museo Nazionale delle Arti del Secolo XXI (MAXXI) em Roma, constitui um espaço de referência no panorama cultural da capital italiana, tendo sido idealizado pela mão da arquiteta Zaha Hadid, vencedora de um prémio Pritzker;

[2013] ArkDes, em Estocolmo. O Centro Nacional de Arquitetura e Design da Suécia constitui o principal Museu e fórum de debate e discussão, dedicado ao futuro da arquitetura, design e cidadania do país. Apesar da sua constituição com o nome ArkDes ser recente, é fruto de um longo caminho que se iniciou em 1950, com a criação de um arquivo fotográfico para comunicar a arquitetura aos media e ao público em geral pela “Svenska Arkitekters Riksförbund” (Associação Nacional de Arquitetos da Suécia). Em 1962, é constituído como Arkitekturmuseet (Museu de Arquitetura) tendo já coleções próprias. Em 1978, torna-se um museu nacional sob a tutela do governo sueco que em 2013 alarga a sua responsabilidade a outros campos do design adotando o nome de “Swedish centre for architecture and design” (Centro Sueco para a arquitectura e design) abreviado para ArkDes. As suas instalações são o resultado de um concurso lançado em 1990 e ganho pelo arquiteto Rafael Moneo.

São de salientar outras instituições que, não sendo exclusivamente dedicadas à arquitetura, também a integram nas suas coleções e exposições, tais como:

[1929] Museum of Modern Art (MoMA), em Nova Iorque, foi fundado com o intuito de exibir “apenas” arte moderna. Em 1932, inaugura a primeira exposição dedicada à arquitetura “Modern Architecture: International Exhibition” (Arquitetura Moderna: Exposição Internacional) que levou à criação do departamento dedicado à arquitetura;

[1997] Centre Georges Pompidou surgiu em 1971, da visão do então Ministro de Assuntos Culturais em dotar o país de um complexo multicultural, reunindo, num só lugar, diferentes manifestações artísticas e literárias. Idealizado pelas mãos do trio de arquitetos Gianfanco Franchini, Renzo Piano e Richard Rogers (estes dois últimos vencedores do prémio Pritzker), este edifício revolucionário alberga o Musée National d'Art Moderne, o maior museu de arte moderna da Europa;

Uma análise a estas instituições mostra que todas tiveram um percurso resultante de alterações e reestruturações, mas que, na sua maioria, contou com o apoio governamental dos países onde se encontram.

Algumas destas instituições resultam de iniciativas dos próprios Ministérios da Cultura (Cité de l'architecture, Centro Georges Pompidou e MAXXI), outras da iniciativa de privados, que mais tarde são reconhecidas e apoiadas pelos Governos e até integradas na rede de Museus sob a sua tutela (ArkDes, NAI).

Também no panorama internacional se verifica que a maior parte destas instituições têm sede em edifícios assinados por arquitetos de renome internacional, contribuindo por si só para o interesse do público.

2. Cultura, Políticas Culturais e Produção Cultural

“(...) A Civilização do Espetáculo cinge-se ao âmbito da cultura, entendida não como um mero epifenómeno da vida económica e social, mas sim como realidade autónoma, feita de ideias, valores estéticos e éticos, e obras de arte e literárias que interagem com o resto da vida social e são frequentemente, em vez de reflexos, fonte dos fenómenos sociais, económicos, políticos, e até religiosos.”

(Llosa, 2012)

“O combate pela cultura geral não é um combate de retaguarda, é um combate de vanguarda que visa restaurar a coesão de uma sociedade e formar gente capaz de enfrentar situações complexas e inéditas. Essa é a razão por que desejamos que prevaleça o princípio de uma cultura geral única e prolongada. A democracia não é feita para alguns, é para cidadãos cultivados e não apenas instruídos.”

(Closets, 1996)

O conceito de cultura e os conceitos associados a “atividades culturais” e “atividades criativas” são conceitos dinâmicos que, não só evoluíram até aos dias de hoje, como continuam a evoluir, pelo que se assumem como conceitos em construção.

Uma construção que necessita de tempo, *“não do tempo imposto pela economia baseada no consumo de tudo” (Ribeiro; 2021)*, mas sim num tempo que perspetiva as memórias e o futuro. A cultura e a arte podem ser determinantes para a prossecução desse tempo. *“Tempo, silêncio, pensamento crítico, empatia. Acredito na cultura e nas artes como lugares de resistência e desaceleração que (...) nos convidam a uma relação lenta, imersiva e superlativa com as quatro dimensões nucleares.” (Pires, 2020)*

A cultura reveste-se de incontornável importância para o bem-estar dos cidadãos, contribuindo substancialmente para o desenvolvimento individual e coletivo. Tanto a criação cultural, como a fruição cultural, assumem-se como fatores essenciais na formação, enriquecimento e vida social das comunidades e dos seus membros.

Segundo Ana Viale Moutinho, *“na noção de fruição de uma peça, está implícito que o seu espectador ou utilizador vai compreendê-la, perceber para que é que ela serve e, por fim, tirar partido dela, no*

sentido de gostar ou não dela."²¹ Podemos pensar que, segundo esta perspetiva, a compreensão da peça será proporcional à educação de quem a frui. Neste sentido a cultura e a educação deverão caminhar de mãos dadas, trabalhando para desenvolver uma forte articulação entre política cultural e política da educação. Na visão de Maria de Lourdes Lima dos Santos, "(...) *esta fraca articulação tem constituído um dos obstáculos à satisfação das exigências de qualificação a nível da formação, não só no que respeita à formação específica de artistas, técnicos e outros profissionais da cultura, mas também no que respeita à formação de base da população em geral que se desejaria ver aceder à cultura de forma ativa e esclarecida*".²²

Para melhorar esta articulação será fundamental desenvolver a qualificação dos agentes culturais e artísticos, nomeadamente dos museus, a participação cultural da população em geral, a sustentabilidade da generalidade dos projetos e a circulação internacional envolvendo agentes, projetos, bens e serviços culturais.

Encontramo-nos num momento em que a discussão sobre a "cultura/sector cultural está na ordem do dia. Com a crescente globalização e dependência internacional, a crescente mobilidade e acesso a plataformas digitais, este sector aparece a par da economia, sociologia e política na avaliação do desenvolvimento das sociedades. Sendo ele próprio também um catalisador desta mesma globalização, contribuindo para a criação sustentável de riqueza, com a valorização dos fatores intangíveis e imateriais.

Nesta perspetiva, Regina Castro refere: "*A Arte e a Cultura, como produção de conhecimento e, principalmente, como fator de desenvolvimento dum país, têm movimentado de maneira crescente, no decorrer dos últimos tempos, importantes vontades e investimentos que tornam possível a expansão da atividade cultural local.*" (Castro, 2016)

O poder político olha para a cultura como motor impulsionador da economia em que "*beneficiando do poder de compra cada vez maior de categorias sociais privilegiadas, nomeadamente uma terceira idade com muito tempo livre e abundantes recursos financeiros, e do acesso alargado da maioria aos diversos domínios culturais, o sector turístico anexou a arte e a cultura como elemento mercantil, que, enquanto tal, deve ser tratado como os outros: com marketing, publicidade e ofertas promocionais. O fenómeno atingiu tal dimensão que os especialistas concordam em afirmar que, em França, o turismo cultural representa atualmente 10% do volume de negócios gerado pelo conjunto do sector. Ainda que se possa duvidar da profundidade das descobertas possibilitadas por este tipo de práticas*

²¹ Artigo publicado na revista Mealibra nº9, em Dezembro de 2001

²² Comunicação apresentada na Mesa Redonda "Políticas culturais no espaço Iberoamericano" integrada no V Campus Euroamericano da Cooperação Cultural. Encontro promovido pela Organização dos estudos Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e pela Fundação Interarts de Barcelona, tendo como parceiros em Portugal, o Município de Almada e a CultIdeias, Lda, Almada, 10 de maio de 2007

culturais vendidas como se fossem um produto embalado, elas evidenciam o desenvolvimento dos gostos e das emoções estéticas da maioria.” (Lipovetsky e Serroy, 2010).

As instituições políticas veem a criação de instituições culturais, nomeadamente os museus, como espaços de recreação que surgem como um elemento de desenvolvimento urbano. A criação de entidades que são estruturas arquitetónicas espetaculares substitui a ideia quase sacramental de espaço cultural. Dos exemplos internacionais de entidades citados no capítulo relativa ao Contexto Internacional, a maior parte são edifícios criados por arquitetos de renome, Zaha Hadid, Renzo Piano, Alvar Aalto, que por si só funcionam como alavanca ao turismo cultural. A arquitetura em si própria constitui um elemento fundamental para que o público adira em massa a visitar, a consumir e a criar uma economia cultural.

Os “mundos da cultura” têm vindo a sofrer alterações que acompanham a evolução das sociedades. A delegação de decisões do poder central para o poder local e as relações entre economia e cultura possibilitam a criação de contextos heterogéneos diversificando as propostas apresentadas.

Um estudo realizado para o Ministério da Cultura sobre “O Sector Cultural e Criativo em Portugal” coordenado por Augusto Mateus apresenta uma visão alargada de cultura onde *“se encontram diferentes características partilhadas por uma determinada comunidade – modos de vida, sistemas de valores, tradições e modelos de consumo – em processos onde o conhecimento desempenha um papel decisivo na respetiva articulação. A delimitação do “sector cultural” com base numa definição restritiva de “atividades culturais” - confinadas às várias formas de preservação da memória em termos de património e ao fomento da criação e difusão em termos artísticos – vai perdendo, neste quadro evolutivo, sentido.” (Mateus, 2010)*

Também nesse estudo, o setor cultural e criativo, através de interação entre modelos de produção, difusão e consumo diversificados, estrutura-se em três eixos: setor cultural, indústrias culturais e setor criativo. Sendo os agentes determinantes, respetivamente, os cidadãos, os consumidores e os profissionais.

O alargamento progressivo do setor cultural e a crescente consciência dos efeitos que provoca na economia e na sociedade, tem chamado a atenção dos decisores políticos e de várias instituições nacionais e internacionais para a importância de um novo olhar sobre as políticas culturais.

“Entendemos que hoje a chave da cultura se situa nas cidades. E a matéria-prima daquela é a criatividade, a capacidade de inovar, de transformar e de criar outra realidade, uma criatividade entendida em sentido amplo, não só a que surge das artes clássicas –dança, teatro, música, literatura...-, mas, também, a que se aglomera em torno do património local, passado e atual, e que abarca a ciência, a moda, a tecnologia, a gastronomia, etc. As políticas culturais urbanas parecem ir assumindo estes valores e fomentam a criatividade nas respetivas cidadanias, favorecendo-a de

diferentes maneiras mas, na maior parte dos casos, buscando fundamentalmente e quase exclusivamente a participação na experiência artística da cidadania, através da gestão de espectáculos e da montagem de exposições". (Porto, 2006)

Em Portugal, a Constituição da República contempla o direito à fruição e criação cultural, a par de outros direitos relativos à identidade e às liberdades culturais. Nos termos do n.º 1 do artigo 78.º da Constituição da República Portuguesa, todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural. Por outro lado, determina-se na alínea a) do n.º 2 do mesmo preceito constitucional, que incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes culturais, incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de ação cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio.

Para cumprir o estabelecido na Constituição da República Portuguesa, o Estado criou organismos dedicados à promoção das atividades culturais que asseguram o apoio, através de financiamento, a entidades que desenvolvem projetos na área da cultura e define políticas culturais que vão acompanhando o alargamento do setor.

Em 1998, foi criado o Instituto Português das Artes do Espectáculo (IPAE) através do Decreto-lei 149/98, que prevê no seu artigo 3º “- *garantir a oferta diversificada e descentralizada de espetáculos e demais produtos culturais de natureza profissional; - assegurar a existência de espaços e equipamentos próprios para o exercício das artes do espetáculo com qualidade técnica, segurança e conforto; - incentivar a difusão artística no âmbito das artes do espetáculo; - gerir a participação do Estado em iniciativas conjuntas com autarquias e outras entidades públicas e privadas.*”

Em 2003, fruto da fusão do IPAE com o Instituto de Arte Contemporânea, é criado o Instituto das Artes (IA), com uma estrutura mais flexível e regido por uma lei orgânica inovadora, segundo o secretário de Estado da Cultura, José Amaral Lopes. A missão deste novo instituto é "*apoiar a criação e as formas de expressão artística, valorizar a cultura portuguesa e a formação de novos públicos*" e criar condições para que cada vez mais portugueses "*fruem*" a cultura.

Em 2012, é aprovada a orgânica da Direcção geral das Artes (DGArtes), um organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa que tem por missão a coordenação e execução das políticas de apoio às artes em Portugal, tendo como prioridade promover e qualificar a criação artística, bem como garantir a universalidade da sua fruição. Com as seguintes atribuições:

- Propor e coordenar medidas estruturantes nas áreas das artes visuais, artes performativas e cruzamento disciplinar;
- Implementar programas de apoio financeiro dirigidos ao setor das artes, consolidando e renovando o tecido artístico português;
- Promover a igualdade de acesso às artes;

- Fortalecer a projeção internacional dos artistas e outros agentes culturais portugueses;
- Estimular o diálogo interdisciplinar, articulando políticas intersectoriais que cruzem as artes com a ciência, a educação, a economia, o turismo, entre outros;
- Assegurar e fomentar a produção de conhecimento específico sobre o setor;
- Promover e divulgar a criação artística nacional, assegurando o registo, a edição e a divulgação de documentos e obras referentes às artes;
- Realizar projetos e ações que contribuam para a valorização do setor das artes e dos seus profissionais.

A DGArtes garante o apoio às entidades que desenvolvem projetos de produção cultural nos domínios da criação, programação e investigação nas diversas áreas artísticas reconhecidas, designadamente as artes visuais (arquitetura, artes plásticas, design, fotografia e novos media), as artes performativas (circo, dança, música, ópera e teatro), as artes de rua e o cruzamento disciplinar.

Estas áreas artísticas que agora vigoram, decorrem de uma primeira definição avançada em 2006 no Guia das Artes Visuais e do Espectáculo (GAVE) (Abreu, Et Al., 2006) editado pela Cassefaz com o apoio do Instituto das Artes. Essa classificação dividia-se em oito áreas distintas que, por sua vez, se desdobram em subdomínios:

- Ópera (ópera barroca; ópera do séc. XIX; ópera contemporânea; ópera em espaços não convencionais e ou “ar livre”; opereta; musical);
- Bailado clássico (grandes clássicos; bailado contemporâneo);
- Dança (nova dança; dança teatro; ballet teatro);
- Concertos (concerto de orquestra sinfónica; concerto de orquestra de câmara; concerto pop; concerto jazz);
- Recitais (recital de canto e piano; recital instrumental; recital de poesia);
- Teatro (teatro clássico; teatro tradicional de autor; teatro contemporâneo/teatro dança; teatro de revista; teatro musical; café-teatro/*stand-up comedy*);
- Circo (circo clássico; novo circo);
- Performance (espaços não convencionais; espaços ao ar livre).

Atualmente, as entidades apoiadas que desenvolvem projetos de produção cultural nos diferentes domínios podem assumir várias tipologias jurídicas, segundo a DGArtes:

- Pessoas Coletivas de direito privado;
- Pessoas Coletivas de direito público;
- Pessoas Singulares;

Às áreas artísticas e modelos de entidades, soma-se a subjetividade do conceito de Produção que agrega em si vários significados. Produção pode ser o espetáculo, a equipa que o torna possível ou até o financiador que o viabiliza, por exemplo.

O Produtor

“Falemos então desse exercício de poder e simultaneamente de dádiva. Sim, do paradoxo da produção nas artes, ou antes, dos produtores.”

(Ribeiro, 2011)

“A nossa primeira função é fazer com que as pessoas usufruam das artes.”

(Regina, 2011)

O Produtor é uma figura transversal às várias áreas artísticas dos diferentes domínios e entidades. Segundo a edição “O Setor das Atividades Artísticas, Culturais e de Espetáculo em Portugal” (IQF, 200), o Produtor tem como missão *“garantir a viabilização dos meios financeiros, humanos, materiais e logísticos necessários à realização de produções coreográficas, teatrais, musicais, cinematográficas ou televisivas, de exposições de artes plásticas ou outros eventos culturais, com vista à sua apresentação ou exibição pública de acordo com os parâmetros de qualidade técnica e artística, do orçamento e do prazo estabelecido.”*

O Produtor pode exercer a sua atividade em *“companhias e grupos de teatro, música, ópera, dança, salas de espetáculo, centros culturais e outros recintos culturais; organizações de Produção de eventos; organizações de Produção de Cinema; organizações de Produção de Televisão; organizações de Produção de Multimédia; Museus; espaço de Exposição / Galerias”*.

Cada uma destas áreas artísticas tem necessidades de produção específicas e cada projeto possui também, por seu lado, necessidades de produção específicos. *“É um facto que no universo da produção cultural há diferenças fulcrais entre quem produz cinema e quem produz – edita – livros, que por sua vez, muito se diferencia, nas estratégias e conteúdos, dos produtores musicais, etc. Também a tradição europeia de produtores se diferencia muito da tradição norte-americana. E finalmente cada produtor é singular no modo como a sua personalidade e a sua relação com as artes se manifesta”* (Ribeiro, 2011), escreveu António Pinto Ribeiro.

A complexidade da figura do Produtor é bastante visível na enumeração das atividades inerentes à função avançadas pelo Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) (Lameira, 2006). São elas:

- Pesquisar e analisar fontes a partir das quais pode retirar ideias para produções;

- Analisar a viabilidade artística e financeira dos projetos;
- Identificar objetivos e definir estratégias para a concretização do projeto;
- Angariar os meios financeiros, públicos e privados, necessários à sua concretização;
- Decidir ou colaborar na decisão sobre a organização e execução ou não, de determinado espetáculo;
- Construir uma base de dados de contactos de pessoal técnico e artístico;
- Investigar e selecionar o pessoal técnico e artístico adequado e disponível para colaborar no projeto (começando pela sua base de dados);
- Recrutar atores e figurantes, músicos, encenadores, realizadores ou mesmo autores ou ainda membros chave do *staff* de produção;
- Gerir os recursos técnicos, humanos e financeiros inerentes à produção;
- Acompanhar todo o processo de produção e resolver problemas que surgem no respetivo decurso;
- Elaborar e administrar orçamentos de produção;
- Entrar em contacto com companhias, artistas, sociedades gestoras de direitos de autor, fornecedores de catering, adereços e pessoal auxiliar;
- Discutir e redigir condições de contratos e propostas, custos, exigências técnicas, definindo e ajustando condições de outros prestadores de serviços;
- Obter vistos e licenças.

O Produtor pode ainda:

- Elaborar e apresentar dossier de candidatura e respetivo projeto (proposta) no caso de concurso público para adjudicação de uma produção teatral, musical, audiovisual ou outra;
- Organizar a documentação para a contabilidade;
- Definir e negociar os tempos de promoção, divulgação e exploração dos projetos;
- Elaborar o programa e todo o material publicitário e de divulgação do evento ou produção;
- Estabelecer os contactos com a comunicação social;
- Elaborar a tabela de ensaios, o organigrama, o calendário e os memorandos para as várias fases de produção;
- Acompanhar ensaios e *soundchecks*;
- Acompanhar os responsáveis pela frente da casa das salas de espetáculo para resolução de problemas que possam surgir enquanto o espetáculo decorre;
- Reencaminhar as propostas apresentadas para o diretor técnico;
- Assumir integral e exclusivamente os riscos financeiros e até artísticos do projeto.

Esta publicação enumera ainda as competências relacionadas com os saberes, saberes técnicos e saberes sociais.

Por seu lado, o Manual de Teatro de Antonino Solmer estabelece três tipos de Produtor, tendo em conta as suas responsabilidades e funções. São eles:

- Produtor: tem a iniciativa de produzir o espetáculo assumindo todos os riscos, financeiros e artísticos; para além disso, acresce a responsabilidade de gerir (planear, comercializar, implementar e controlar) preocupando-se em satisfazer o público. Podemos considerá-lo um empresário em nome individual ou coletivo (por exemplo no caso de uma companhia);
- Produtor delegado: realiza e gere as produções, sem, no entanto, as financiar, sendo remunerado por quem o contrata para a função. Tem uma autonomia relativa visto que responde perante o produtor;
- Produtor executivo: é responsável pela execução de todas as tarefas que são fruto do quotidiano de uma produção, com exceção das financeiras; muitas vezes é contratado para o cargo em regime de prestação de serviços; tem que se enquadrar numa organização previamente definida e tem como superior hierárquico o produtor. (Solmer, 2003)

Também no referencial de emprego do Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) (Lameira, 2006) aparecem outras designações para Produtor:

- Coordenador de Produção
- Diretor de Produção

E ainda outras profissões agregadas:

- Produtor Executivo
- Produtor Delegado
- Assistente de Produção
- Chefe de Produção

As funções do Produtor dependem muito da relação com o projeto, da relação com a instituição (no caso de existir) que os contrata e do tamanho da equipa.

Patrícia Pires refere na sua Dissertação de Mestrado que *“o produtor que faz parte de uma organização, tem uma visão mais objetiva do grupo de trabalho e da missão do mesmo, podendo mais facilmente alcançar as metas desejadas, nomeadamente ao nível artístico, visto que conhece com clareza a visão artística do grupo. Por outro lado, se o produtor for contratado com o objetivo específico de dirigir uma produção, não conhecendo a equipa, nem o funcionamento da mesma, terá*

apenas uma visão das suas possibilidades técnicas e financeiras, estabelecendo com mais dificuldade uma relação orgânica com o trabalho artístico do grupo. Paralelamente ao seu envolvimento no seio de uma organização, as suas tarefas e responsabilidades também podem variar, podendo estar presente em todo o processo produtivo (desde a ideia à pós-produção) ou entrar nesse processo apenas para colocar em prática um projeto já elaborado e bem definido” (Pires, 2016).

Finalmente, James Seabright, um dos maiores produtores independentes britânicos, defende que o produtor pode:

- estar envolvido em todas as atividades da produção: criativa, financeira, administrativa, técnica e promocional;
- e, no outro extremo, ser especializado, envolvido apenas numa das atividades específicas da produção.” (Seabright, 2006)

Da minha experiência profissional resulta que o Produtor é um elemento essencial à produção cultural e uma figura multifacetada que deve demonstrar uma grande capacidade de adaptação ao ambiente em que desenvolve a sua atividade. Se for o único elemento na área de produção, terá que assumir todas as tarefas inerentes à sua função, sobretudo em projetos de menor dimensão. Se estiver integrado numa equipa alargada de produção, terá de assegurar a tarefa que lhe é entregue ou aquela para que está mais habilitado.

Esta capacidade de adaptação também terá que ter em conta o tipo de produção. Se se tratar de uma produção desenvolvida com uma comunidade, a execução das tarefas terá de se aproximar das pessoas quase como um mediador. No caso de se tratar de uma produção mais formal, terá que assumir uma atitude mais protocolar.

A mediação de uma instituição, entre os seus conteúdos e o seu público — abarcando também o papel do produtor como mediador — poderá inscrever-se nas quatro tipologias de mediação, avançadas por Carmen Mörsch, no seu ensaio “Numa encruzilhada de quatro discursos de mediação e educação dos museus”: ela refere dois discursos dominantes, o afirmativo e o reprodutivo, e dois mais raros, o desconstrutivo e o transformativo.

Relativamente ao discurso afirmativo, o Produtor surge como mediador quando tem “a função de comunicação externa da missão do museu de acordo com os padrões do ICOM (International Council of Museums) – coleção, pesquisa, preservação, exposição e promoção do património cultural”. As atividades são normalmente palestras, seminários, visitas guiadas, sessões de cinema e publicações dirigidas a um público mais especializado. Os programas paralelos das exposições da Casa da Arquitectura são, a este título, exemplares.

O discurso reprodutivo, por seu lado, prende-se com as relações estabelecidas com um público mais amplo e fundamentalmente com “a função de educar o público de amanhã e, no caso de indivíduos que não vêm por vontade própria, de encontrar meios de introduzi-los à Arte”. (Mörsch, 2016) São exemplos de atividades destes discursos os programas para famílias e a organização de oficinas para grupos escolares. Na Casa da Arquitectura a organização destas atividades está a cargo do Serviço Educativo, cabendo ao Produtor assegurar a ligação com as exposições e restantes atividades.

No discurso desconstrutivo, “ *o objectivo da mediação e da educação em museus é examinar criticamente, junto aos seus públicos, o museu e a arte, bem como os processos educativos e canónicos que têm lugar dentro deste contexto.*” (Mörsch, 2016). Este discurso reconhece e usa o potencial desconstrutivo da arte e é concebido como “partindo da arte”, este tipo de mediação pode ter intervenção de artistas e educadores nas exposições, com a participação ou não do público.

O quarto discurso é o transformador em que a mediação assume o papel de expandir o museu, introduzindo-o ao meio local em seu redor, “*questiona, entre outras coisas, até que ponto a participação a longo prazo de diversas esferas públicas é necessária para sustentar a instituição*” no sentido de dar resposta a uma sociedade baseada no conhecimento. Um dos casos que descrevo neste trabalho, “O Lugar de Partilha”, é o único caso deste tipo de discurso na Casa da Arquitectura e por isso um projeto com forte impacto também no trabalho de produção.

Na prática, várias dimensões destes quatro discursos, são aplicados em simultâneo na mediação em instituições como esta e neste caso em particular, revelam-se, como foi exposto nos vários formatos e exemplos dados no contexto da programação da Casa da Arquitectura.

No caso concreto da Casa da Arquitectura, a Produção foi crescendo a par da instituição, começando com uma única pessoa que assegurava a globalidade do trabalho (áreas de comunicação e imagem incluídas), evoluindo depois para uma equipa residente dedicada à Produção, composta por cinco elementos.

O Projeto de Produção Cultural na Casa da Arquitectura

Sendo a Casa da Arquitectura uma instituição cultural, ficou claro muito cedo a necessidade de formar uma equipa que pensasse e trabalhasse o projeto.

A Equipa

O primeiro passo foi contratar o arquiteto Carlos Castanheira para estruturar a ideia do projeto. Nas palavras de José Manuel Dias da Fonseca “(...) *é tão importante que merece uma equipa. E é aí que*

*eu contrato o arquiteto Carlos Castanheira que vem trabalhar, não como funcionário da Câmara Municipal, mas como meu consultor, meu colega (...). Contratamos uma pessoa só para pensar nisto comigo.”*²³

Recorrendo ao pessoal da autarquia, foi destacada Paula Isabel Rodrigues da área do Turismo da autarquia matosinhense para trabalhar no Centro de Documentação Álvaro Siza, organizando também os primeiros roteiros e vistas às obras do arquiteto.

Com o retomar do projeto, em 2007, Carlos Castanheira regressa à ACA com outros dois arquitetos, Nuno Higinio e José Salgado, para aprofundarem a ideia, tendo sido destacada para o CDAS a arquiteta Carla Barros, também funcionária da autarquia, cuja formação na área permitia o acompanhamento à obra de reabilitação da casa de família de Álvaro Siza, na Rua de Roberto Ivens, em Matosinhos.

Com a Associação constituída, foi aberto concurso para a admissão de um novo elemento, tendo sido selecionada Natacha Mota para a Coordenação e Assessoria à Direção.

A arquiteta Carla Barros recorda: *“Depois eu apareço também para fazer o acompanhamento à obra da Roberto Ivens que aconteceu de 2008 até 2009. Portanto, a Casa foi inaugurada a 25 de junho, no dia de aniversário do arquiteto Álvaro Siza. Para fazer esse acompanhamento, a Paula Isabel ainda ficou durante algum tempo a dar apoio à entidade e em 2009, contratámos a Natacha para fazer o secretariado que era bem preciso.”*²⁴

No momento de inauguração da Casa em Roberto Ivens, em 2009, a equipa permanente da ACA era a seguinte, de acordo com a brochura alusiva ao momento:²⁵

Grupo De Trabalho

Arqtº Carlos Castanheira

Coordenação Geral

Arqtª Carla Barros – Centro de Documentação Álvaro Siza

Acompanhamento das obras de recuperação da Rua Roberto Ivens; Apoio às visitas a obras de arquitetura; Apoio a publicações com a recolha de material junto do Serviços da Câmara Municipal de Matosinhos e autores dos projetos.

Drª Paula Isabel Rodrigues - Centro de Documentação Álvaro Siza

Coordenação e apoio de visitas às obras de arquitetura; Coordenação com as

²³ José Manuel Dias da Fonseca, Entrevista em anexo na página 87

²⁴ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

²⁵ Brochura em anexo na página 117

atividades turísticas e com os Serviços da câmara Municipal de Matosinhos. Gestão documental do Centro de Documentação Álvaro Siza.

Dr. Nuno Higinio Teixeira da Cunha

Organização e coordenação de publicações. Organização e coordenação de conferências. Organização e coordenação do marketing da Casa da Arquitectura. Organização e coordenação da editora CASADAARQUITECTURA.

Arqtº José Salgado

Organização e coordenação do Guia de Arquitectura de Matosinhos. Coordenação da publicação do livro Álvaro Siza em Matosinhos em inglês e em castelhano.

Comissariado e coordenação da equipa responsável pela organização da exposição Arquitectura em Matosinhos.

Drª Natacha Mota

Apoio à direção. Apoio administrativo em geral.

Esta equipa assegurou, entre 2007 e 2009, algumas atividades essencialmente de divulgação, apresentação da Associação e promoção do projeto, para além da manutenção das visitas às obras emblemáticas do arquiteto Álvaro Siza.

Uma dessas ações implicou a produção de um caderninho com as apresentações da missão e objetivos da ACA que foi enviado, no âmbito de uma parceria com a Ordem dos Arquitectos (OA), a todos os 17 000 membros inscritos.

Deste envio maciço resultaram as primeiras inscrições de associados da ACA.

Ainda segundo Carla Barros, “as primeiras missões que tivemos foram ações de marketing, vamos chamar-lhe assim, em que foi produzido um bloquinho de notas com um texto da Casa, o primeiro esquiço que o Álvaro Siza fez do edifício que iria ser construído e onde se faz a apresentação da missão da Casa da Arquitectura, que tinha como objetivo chegar a todos os arquitetos inscritos na Ordem. Portanto, todos os arquitetos receberam esse bloco de notas que continha dentro uma ficha de inscrição para se associarem à ACA.”²⁶

Para além da equipa residente, foi contratada à tarefa uma pessoa, Carla Sousa que, com a abertura da primeira sede, acabou por ficar responsável pela dinamização e gestão da venda de peças de autor, o embrião do que viria mais tarde a ser a Loja da Casa.

A equipa da ACA ia-se definindo, mas mais ao sabor das necessidades de um projeto em crescimento do que obedecendo a uma estruturação racional de funções. O critério de seleção dos colaboradores visava responder a uma necessidade concreta e nem sempre se focava na adequação do perfil à função. Para isso contribui também o baixíssimo orçamento com que trabalhava.

²⁶ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

Carla Barros recorda que *“as pessoas que estiveram no início tinham uma grande afeição ao projeto, não havia ninguém para fazer, fazíamos nós. Fazíamos tudo, desde montar toda a exposição, a fazer um magnífico coffee-break ou porto de honra que era servido por nós com copos lavados por nós. Portanto, toda a gente dava o seu melhor, às vezes até dava o seu tempo pessoal e às vezes até emprestava a sua família, que ia lá dar uma mãozinha.”*²⁷

Entre 2009 e 2012, a composição da equipa não sofreu alterações. Sem departamentos definidos, toda a gente contribuía para a produção das atividades que consistiam, essencialmente, em visitas às obras de Siza, pequenas exposições ou, pontualmente, em eventos de maior fôlego.

Foi o caso da participação da ACA na iniciativa “Guimarães Capital da Cultura” com a exposição **“Fernando Távora – Modernidade Permanente”**. Nesta altura, a equipa foi reforçada com um novo elemento, Maria Filomena Rocha, para dar apoio à Produção, acumulando com funções na área da imagem e design. Em 2013, após a participação da ACA na conferência “Contentor e Conteúdo” organizada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto pela Susana Rosmaninho, um novo elemento da área de Museologia junta-se à equipa. Gilson Fernandes passou a integrar a área do Arquivo, garantindo também o registo fotográfico das atividades.

Em 2014, o atual diretor, Nuno Sampaio, toma posse e traz com ele dois dos seus colaboradores: Soraia Lebre da área financeira e José Pereira responsável pela Imagem e Design, também com formação em arquitetura. Ainda sem departamentos definidos, a equipa começa a refletir alguma especialização nas funções que lhe estão atribuídas, embora todos sejam chamados a trabalhar nas diversas funções em caso de necessidade.

Em 2015, a ACA assume a organização do Open House Porto em parceria com a Trienal de Arquitectura de Lisboa, abrindo portas ao recrutamento, em regime de voluntariado, de mais uma pessoa para apoio à produção, Ana Pinto, que acaba por integrar, no ano seguinte, a equipa de Produção.

Finalmente, entre 2016 e 2017, três novas pessoas são recrutadas, estas já com experiência relevante nas funções que iriam exercer: Margarida Portugal na Comunicação, Susana Gaudêncio no Serviço Educativo e eu própria para a Produção.

Antes da mudança para as instalações da Real Vinícola, entra Paulo Silva como responsável pela informática e depois pelas instalações.

Só em dezembro de 2017, um mês após a abertura das instalações na Real Vinícola, é que são criados formalmente departamentos com funções definidas, nascendo aqui o organigrama funcional da Casa da Arquitectura.

²⁷ Carla Barros, Entrevista em anexo na página 65

O Processo de Produção na Casa

Quando integrei a equipa da ACA em outubro de 2016, a instituição era uma associação sem fins lucrativos com uma pequena equipa e um orçamento financiado quase totalmente pelo município. Eu fui a sétima contratação para a equipa, justificada pela abertura iminente das novas instalações e consequentes necessidades de produção. A restante equipa foi-me apresentada pela coordenadora. Era constituída pelo Diretor-executivo, Nuno Sampaio e uma pessoa em cada uma das áreas funcionais: Imagem, Arquivo, Produção, Loja e Contabilidade (esta última a tempo parcial).

Sendo a equipa da ACA reduzida e sem a componente de Direção Artística, a opção foi a contratação de comissários externos para a criação das atividades e de designers externos à Casa para assegurar as imagens das exposições e respetivos programas paralelos. Esta opção ia ao encontro de um dos objetivos estratégicos da ACA: consolidar a relação com profissionais reconhecidos, assegurando maior credibilidade numa fase de afirmação institucional.

Constatei, num primeiro momento, que apesar das habilitações técnicas da equipa, na sua maioria com formação em arquitetura, possuíam pouca experiência na área da Produção Cultural e dos seus processos, designadamente nos domínios dos direitos de autor, na abordagem, convite e criação de parcerias, bem como na área da Contratação Pública, cujos procedimentos não tinham sido adotados até à data.

A minha estreia ocorreu com o evento “Outside Job – Reporting design process overseas / A diáspora da arquitetura portuguesa”, uma conferência que decorreu na Casa das Artes no Porto envolvendo dez arquitetos portugueses de grandes escritórios internacionais. Coube-me orientar os voluntários na receção aos participantes, uma experiência que tornou claro o quanto a formação em arquitetura representava uma mais-valia ao trabalho de produção nesta instituição. No acolhimento que fiz, tornou-se evidente a vantagem da linguagem entre pares e houve até ocasião para o reencontro com colegas da Faculdade.

Este foi o primeiro contacto na prática com a equipa da CA que, em 2016, era constituída por:

Coordenação Geral

Carla Barros

Produção

Ana Pinto e Alice Prata

Imagem

José Pereira

Comunicação

Margarida Portugal

Arquivo

Gilson Fernandes
Departamento Financeiro
Soraia Lebre
Loja da Casa
Carla Sousa

O modelo de trabalho em vigor na altura assumia que ao Produtor de uma atividade cabia fazer todas as tarefas, desde o contacto com os intervenientes, a contratação, a procura de parceiros e prestadores de serviços, sempre com a aprovação da Coordenação.

Estava instituída uma hierarquia vertical em que todas as decisões, das mais simples às mais complexas, tinham de ser validadas pela Coordenação, o que, por vezes, tornava o processo mais demorado e até incompatível com as exigências e pressões de tempo a que a equipa estava sujeita.

A opção de entregar a cada Produtor a responsabilidade de todas as dimensões de um evento, gerava por vezes redundâncias e duplicação de ações, nomeadamente nos aspetos comuns e transversais a todas as atividades, como por exemplo marcações de viagens e transportes de materiais, Seguros, Alojamentos, Contratação Pública, etc. Este formato de trabalho em equipa, herança de um tempo em que tudo estava na mão de uma ou duas pessoas, acabou por permanecer mesmo com o crescimento e especialização da equipa.

Identifiquei esta fragilidade no método de trabalho adotado logo no início da minha colaboração. A primeira exceção a este regime deu-se por minha iniciativa a propósito da obrigatoriedade de recorrer à Contratação Pública em todos os projetos. Sendo a única pessoa com experiência na matéria, ofereci-me para assegurar esta componente que era transversal a toda a atividade da Casa.

Deste modo, passou a existir uma só pessoa responsável por uma tarefa comum a todos os projetos, introduzindo o conceito de especialização numa equipa treinada para a polivalência e o *multi-tasking*.

3. O tempo da Produção

Integrei a equipa da Casa da Arquitectura em outubro de 2016, e nesse momento foram-me entregues duas das atividades previstas no Plano de Atividades para 2017²⁸: o programa paralelo que acompanhava a exposição inaugural “Poder Arquitectura” intitulado “Please Share!” e o evento inaugural da Casa. Este último pretendia ser multidisciplinar e envolvia ações no campo das artes performativas, uma área na qual possuía uma grande experiência.

Quer o programa paralelo “Please Share!”, quer a exposição encontravam-se em fase de pré-produção.²⁹ O contacto com os curadores estava iniciado: seriam curadores da exposição inaugural os arquitetos Jorge Carvalho, Pedro Bandeira e Ricardo Carvalho, ficando o arquiteto Roberto Cremascoli com o programa paralelo.

Pretendia-se abrir a Casa com uma grande exposição em torno de um tema transversal à arquitetura e com impacto internacional, tendo sido decidido organizar uma mostra em torno dos vários poderes que condicionam e são condicionados pela arquitetura: Poder Colectivo, Poder Regulador, Poder Tecnológico, Poder Económico, Poder Doméstico e Poder Mediático. Cada um destes domínios temáticos iria estar em debate com a presença dos autores dos projetos, designadamente Ádám Hatvani, Bruno Figueiredo, Camilo Rebelo, Chris Watson, Guilherme Wisnik, Inês Lobo, Inês Moreira, Ivo Poças Martins, João Belo Rodeia, João Luís Carrilho da Graça, João Mendes Ribeiro, João Pedro Serôdio, Joaquim Moreno, Jorge Carvalho, Luís Santiago Baptista, Manuel Aires Mateus, Manuel Correia Fernandes, Marina Tabassum, Miguel Judas, Nuno Brandão Costa, Nuno Grande, Paolo Tombesi, Pedro Appleton, Pedro Bandeira, Renato Rizzi, Ricardo Carvalho, Vijitha Basnayaka.

Segundo os curadores, *“o poder na arquitectura é um tema fundamental para questionar o modo como a sociedade contemporânea e a arquitectura trabalham em conjunto”*. E prosseguem: *“A Arquitectura não é apenas a expressão de um único poder. Reflecte e trabalha a partir de vários poderes. Decidimos por isso isolar aqueles que parecem clarificar esta cartografia complexa. Deste modo surge o poder colectivo, o regulador, tecnológico, económico, doméstico, cultural, mediático e o ritual. No lastro longo da relação entre homem e natureza, cultura e tecnologia, estes poderes*

²⁸ Plano de Atividades e Projetos 2017 em anexo na pág. 96

²⁹ O processo de Produção é caracterizado por diferentes fases que variam consoante diversos autores. Patrícia Pires no seu trabalho de mestrado Manual de Produção das Artes do Espectáculo, resultado da análise de diferentes autores, considera: “Em suma, considerando as opiniões proferidas pelos diferentes autores podemos contemplar no processo de produção de um espetáculo quatro fases, são elas: ideia, pré-produção, produção e pós-produção. (PIRES, 2018). Apesar de a proposta ser para a produção de espetáculos, estas fases são adaptáveis às diferentes produções culturais como exposições, conferências, seminários e até edição, sendo estas as atividades mais frequentes da ACA.

desempenharam forças de intensidade variável na produção de artefactos arquitectónicos e no desenho da cidade e do território. Hoje, face a uma impotência política que desculpa e valida decisões que lesam a coisa pública e o significado das comunidades, parece haver lugar para uma nova reflexão sobre o poder.” ³⁰

Para o programa paralelo, a proposta do curador foi a realização de várias atividades divididas em quatro atos:

- **Lugar de Partilha**, um projeto de autoconstrução;
- **Out There**, sair de Portugal e dar a conhecer arquitetura portuguesa construída na Europa;
- **Influence**, uma série de conversas com autores de áreas distintas que influenciam a arquitetura;
- **Indoor**, conjunto de conferências com os autores de obras presentes na exposição.

As minhas primeiras tarefas foram assegurar a continuidade dos contactos e agendar todas as atividades do programa. A primeira ação foi calendarizar as atividades com os convidados e planear as ações de maio a setembro de 2107, o período em que a mostra estaria aberta ao público. Os diferentes atos do Programa Paralelo foram numerados de acordo com a sua cronologia:

- ato 1 - Indoor – fim-de-semana em maio com a abertura da exposição
- ato 2 – Influence – durante o decurso da exposição, entre maio e setembro
- ato 3 – Lugar de Partilha - agosto/setembro (atividade concentrada em duas semanas)
- ato 4 - Out There – julho

A data de abertura da Casa sofreu várias alterações ao longo do tempo. Inicialmente marcada para maio de 2017, passou para o mês seguinte e acabou por ser adiada para novembro de 2017.

Estes adiamentos deveram-se a um conjunto de circunstâncias. Em janeiro de 2017, o presidente da autarquia, Guilherme Pinto, vem a falecer com doença prolongada, facto de abalou profundamente o município. A isto somaram-se alguns atrasos nos processos administrativos associados às obras que estavam a decorrer no Quarteirão da Real Vinícola.

Para a Produção, este processo gerou uma enorme instabilidade devido à impossibilidade de fixar a programação definitiva.

³⁰ Excerto retirado do catálogo da exposição “Poder Architectura”.

Quando finalmente ficou definida a data de novembro para a inauguração das novas instalações, foi necessário reformular e adaptar o programa que estava previsto e que já tinha sido anunciado publicamente encontrando-se, inclusivamente, em preparação.

Em reunião com o curador Roberto Cremascoli, apresentei uma proposta de reagendamento das atividades, sendo que uma delas, o **Lugar de Partilha**, teria sempre de acontecer no Verão por se tratar de uma atividade num espaço público e ao ar livre.

Todas estas alterações obrigaram a repensar a designação do Programa Paralelo, que passou a estar distanciado da exposição inaugural. Foi decidido que passaria a ser apresentado publicamente como Programa Inaugural da Casa da Arquitectura.

Todas estas mudanças implicaram alterações do Plano de Atividades de 2017 e também no de 2018.

As alterações ao Plano de Atividades foram uma constante durante o meu percurso na Casa da Arquitectura, sendo esta a principal dificuldade que identifiquei no trabalho de produção. Essas alterações levaram a adaptações e readaptações de cronogramas, do levantamento de necessidades e consequente previsão das ações necessárias à execução do processo.

A fase de pré-produção acabava condicionada por tempos tão apertados que se tornava impossível, por um lado prever todas as necessidades inerentes às atividades e por outro, o contacto atempado para estabelecer e definir parcerias e o estabelecimento de contacto para a contratação.

As atividades eram apresentadas com um formato fechado e sem margem para contributos por parte dos elementos da equipa.

Apresentação de Dois Casos em dois atos

Com a data de abertura da Casa finalmente fechada, ficaram à minha responsabilidade várias atividades de que destaco duas:

1. O programa inaugural “Please Share!” uma atividade complexa com vários desdobramentos de tipologias e perfis distintos desde conferências na Casa da Arquitectura e fora de portas, seminários, ciclo de cinema, visitas guiadas e, na minha perspetiva, um desafiante workshop de construção com intervenção em espaço real numa zona desfavorecida do Porto;
2. A exposição em regime de acolhimento “Os Universalistas – 50 anos de Arquitectura”, que viajava de Paris para Portugal.

Selecionei, para realizar uma reflexão e descrição mais detalhada as duas atividades devido, no caso do Please Share!, ao enorme desafio que representava a complexidade e quantidade de atividades

distintas a produzir, ao estilo de um festival com duração prolongada no tempo. Particularmente aliciante prometia ser o caso do workshop de autoconstrução que iria implicar trabalho de mediação com as comunidades locais, com alunos de arquitetura estrangeiros e com parceiros de áreas muito distintas.

No caso da exposição Os Universalistas, o desafio colocava-se pelo facto de ser um acolhimento e requerer uma intervenção muito assertiva da minha parte na articulação de todas as equipas (internas e externas), incluindo a delegação da Fundação Gulbenkian em Paris, de onde provinha.

No que toca às exposições patentes na Nave expositiva (galeria principal com cerca de 900 m2) da Casa da Arquitectura, a norma é serem produzidas com base nos materiais que estão ao cuidado do Arquivo ou que virão a integrá-lo. Os universalistas foram até hoje, uma exceção, por pressupor um acolhimento de uma mostra itinerante.

Please Share!

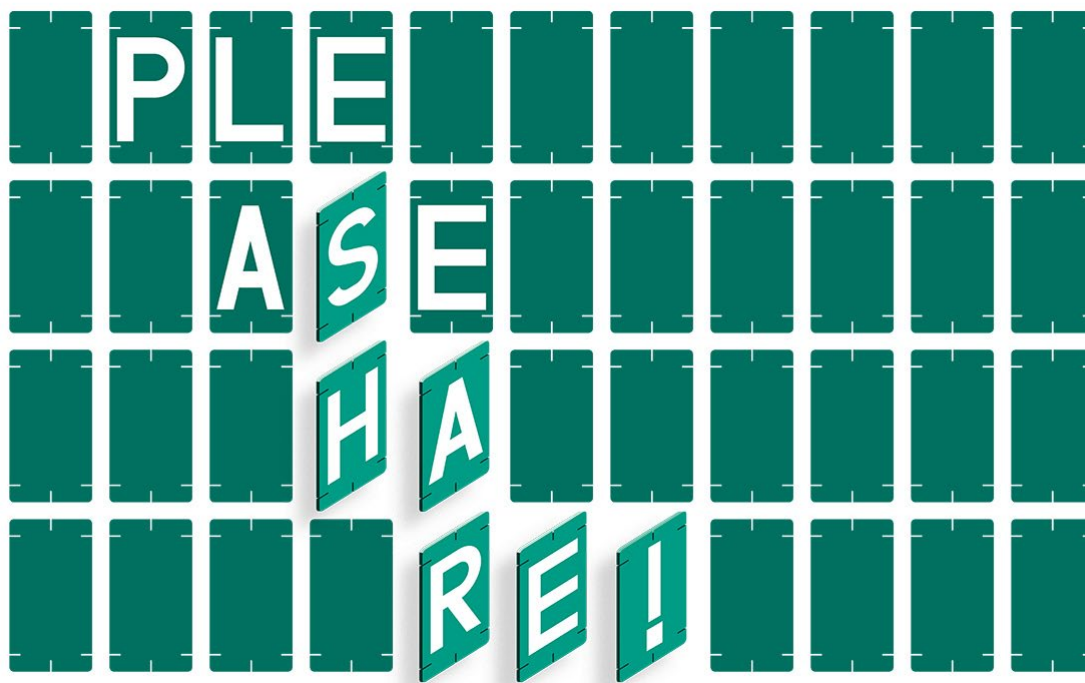


Figura 10 Cartaz Please Share, © Studio Dobra

Ato 1 Lugar de Partilha – 27 julho a 11 agosto 2017

O “Lugar de Partilha” começou por ser um projeto de autoconstrução, mas foi sendo reformulado até se assumir como um “*laboratório de construção destinado a criar uma estrutura de apoio à comunidade local.*” Contando com a participação de estudantes e arquitetos de todo o mundo, proponha durante duas semanas a construção de estruturas de uso público e usufruto da comunidade.

Para o comissário do “Please Share!”, Roberto Cremascoli, “*é preciso reconsiderar o papel profissional do arquitecto e considerar a arquitectura como uma ferramenta para enfrentar os problemas sociais ligados à cultura projectual contemporânea. Para procurar uma outra forma de conceber arquitecturalmente temos que estar disponíveis e dispostos a alargar o nosso saber sobre o papel da arquitectura e sobre as potencialidades do arquitecto. O alargamento do saber provoca uma inevitável abertura total, uma completa disponibilidade para aprender, para transmitir, para partilhar num único laboratório, o lugar de partilha.*”³¹

O Lugar de Partilha veio a revelar-se uma das mais abrangentes e desafiadoras experiências de todo o Programa Inaugural. Foi para mim um dos momentos mais complexos e enriquecedores de todo o tempo em que trabalhei na Casa da Arquitectura, por convocar a globalidade das ferramentas que a Produção Cultural abarca.

Inserido numa tradição de workshops e projetos que operam no contexto real, com compromisso social e participativo, o que o distingue.. A título de exemplo posso referir: o programa do **SAAL** (Serviço de Apoio Ambulatório Local),³² a **Casa do Vapor**³³ na Trafaria, ou **Cubas** de Santiago Ciruega.³⁴ Por isso mesmo, dedico-lhe um capítulo especial mais adiante.

³¹ Texto de Roberto Cremascoli retirado do sítio da Casa da Arquitectura.

³² Uma parte significativa da população vivia em condições miseráveis sem água canalizada, eletricidade ou saneamento. Com a revolução do 25 de Abril, a questão da habitação condigna foi uma das grandes batalhas da população. Na impossibilidade do estado assegurar a construção massiva de habitação social Nuno Portas, secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do 1º Governo Provisório defende “a regulamentação e apoio, técnico e económico, às iniciativas da população” (Portas, 1974). As brigadas do SAAL desenvolveram projetos fruto da interação entre as brigadas técnicas, arquitetos responsáveis pelo desenho e planeamento, as comissões de moradores, responsáveis pela gestão das diferentes fases do processo e os e os subsídios a fundo perdido concedidos pelo Fundo de Fomento à Habitação.

O morador passou a integrar de uma forma mais ativa todas as fases do processo: conceção, construção e manutenção. O arquiteto, a quem cabia transmitir aos moradores as suas ideias e objetivos, vê-se obrigado a saber comunicar de forma muito diferente daquela a que está acostumado os conceitos arquitetónicos necessários, e igualmente saber absorver e filtrar a diversidade de opiniões e contributos que recebia dos futuros moradores.

³³ “*Projeto de arquitetura efémera e auto-construção, a Casa do Vapor foi residência criativa e incubadora de projetos, cozinha comunitária e espaço público de lazer na praia da Cova do Vapor. Entre Abril e Outubro de 2013, mais de uma centena de pessoas juntou-se na sua construção, ativação e desmontagem – artistas, arquitectos, produtores culturais, moradores da Cova do Vapor e profissionais dos vários cantos do mundo. O ponto de partida foi a construção da cozinha comunitária, inserida no programa da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2013, e uma vontade comum de criar um espaço de experimentação e trabalho. À mesa reuniam-se crianças, pescadores, cozinheiros, pessoas de todas as idades. Com o desenrolar do tempo realizaram-se 17 projetos, tais como um skatepark, uma ciclo-oficina, a Biblioteca do Vapor, a recolha de Memórias Colectivas, e germinaram muitos outros como a Opereta A~Mar e o Transformar. Em residência estiveram 14 criativos, realizaram-se 29 atividades e 11 eventos.*” Texto extraído do sítio <https://e-da.pt/portfolio/casa-do-vapor/>

Ato 2 – Out There – 16 e 21 setembro e 12-13 de outubro 2017

Pretendia dar a conhecer a arquitetura de autoria portuguesa construída na Europa em três destinos distintos: França, Bélgica e Veneza.

As obras escolhidas foram:

- Teatro Auditório de Poitiers de Carrilho da Graça, em França;
- Faculdade de Arquitectura de Tournai de Manuel Aires Mateus, na Bélgica;
- Casa nel Parco, em Jasolo de Gonçalo Byrne e Pedro Sousa, em Itália.

O objetivo era abrir as portas da Casa ao exterior a partir de três lugares na Europa, projetados e construídos por três gabinetes nacionais. “*Vamos ser acompanhados pelos autores numa visita ao local, terminando numa conferência*”, explicou o comissário do “Please Share!”, Roberto Cremascoli.

Ato 3 – Influence – 20 janeiro a 17 março 2018

Série de conversas com autores de áreas distintas que influenciam a arquitetura: Curadoria, Edição, Fotografia, Cultura da Paisagem/Cultura da Cidade, Cinema, Comunicação, Economia e Plataformas online.

Ato 4 – Indoor – 9-10 março 2018

Os oito poderes representados na exposição - Poder Colectivo, Poder Regulador, Poder Tecnológico, Poder Económico, Poder Doméstico e Poder Mediático - iriam estar em debate com a presença dos autores dos projetos.

A preparação dos quatro atos foi feita como uma única atividade com várias apresentações. Imprimi um quadro cronológico que afixei no local de trabalho para poder controlar os calendários das ações. Toda a programação dos atos 3 e 4, teria que estar fechada no fim do mês de outubro para poder ser anunciada na abertura da Casa, em novembro.

³⁴ “Copiei a ideia do Playground na Ladeira da Montanha de um arquiteto espanhol que apropria as leis urbanas e os benefícios da profissão para promover ações diferenciadas dentro do padrão de execução das atividades públicas. Ele aprova um projeto de reforma de fachada, recebe caçambas para coleta de entulho como benefício municipal e, em vez de fazer a reforma, instala parques temporários na rua e para uso irrestrito.” CIRUEGA, 1997.

Cada um destes atos tinha características muito próprias e implicava uma lógica de trabalho específica.

O Ato 2, por decorrer integralmente fora de Portugal, pressupôs o desafio de organizar conferências e visitas às obras à distância implicando um aturado trabalho de articulação com as entidades de acolhimento de modo a produzir materiais de divulgação nos locais de destino. Neste caso concreto, a ligação entre a Produção e a Comunicação da Casa foi estratégica, uma vez que se optou por incluir um jornalista português na comitiva que se deslocou aos diferentes países.

No final, todas as conferências e visitas esgotaram a lotação, tendo a iniciativa sido um sucesso nos três locais selecionados: Teatro de Poitiers, Faculdade de Arquitectura de Tournai e Universidade de Veneza.

O ciclo de conferências do Ato 3 decorreu já com a Casa da Arquitectura aberta ao público e com a exposição inaugural patente. Tratou-se de um conjunto de conferências com intervenientes de diversas áreas que influenciaram ou eram influenciadas pela arquitetura. Para além da logística inerente – assegurar as deslocações, estadias e alimentação dos participantes -, a minha maior preocupação foi garantir a organização da sala e respetivos meios técnicos e contribuir para a divulgação atempada dos eventos de modo a garantir casa cheia.

O Ato 4 implicou uma apertada articulação interna com a produção da exposição “Poder Arquitectura”, uma vez que os intervenientes eram os arquitetos que integravam a mostra. Os contactos tinham sido feitos inicialmente pela produtora da exposição, Ana Pinto, com quem me articulei. O Ato 4 foi apresentado como anúncio do encerramento da exposição e decorreu em formato de seminário durante dois dias consecutivos, 9 e 10 de março de 2018.

Tratou-se de um evento complexo ao nível da produção devido ao grande número de pessoas que se deslocavam de diferentes países, desde Espanha ao Sri Lanka, com as respetivas necessidades de alojamento e alimentação. Fiquei responsável pela articulação e gestão de um conjunto de parcerias com unidades hoteleiras e restaurantes locais de Matosinhos, com quem a Casa acabou depois por celebrar protocolos de colaboração.

A proximidade gerada por este evento com os agentes locais de Matosinhos veio a revelar-se fundamental para o bom acolhimento dos convidados. Foram partilhadas listagens de voos e de dormidas com os parceiros, tendo sido eu a pessoa de contacto.

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

9 março
10:30 Poder Colectivo
moderador: Inês Moreira

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

9 março
11:45 Poder Doméstico
moderador: Jorge Carvalho

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

9 março
14:30 Poder Tecnológico
moderador: Paulo Tomé

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

9 março
16:30 Poder Económico
moderador: Miguel Judas

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

10 março
10:30 Poder Regulador
moderador: Manuel Correia Fernandes

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

10 março
11:45 Poder Cultural
moderador: Luis Santiago Baptista

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

10 março
11:45 Poder Cultural
moderador: Luis Santiago Baptista

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

SEMINÁRIO INDOOR
CASA DA ARQUITECTURA
PLEASE SHARE! 9 + 10 MARÇO

VICTIHA BASINAKKA - GUILHERME KESNIK - CAMILO REBELO
JOÃO MENDES RIBEIRO - ADAM HATVANI - BRUNO FIGUEIREDO
IVO POÇAS MARTINS - PEDRO APPLETON - JOÃO PEDRO SENÓDIO
JOÃO LUIS CARREIRO DA GRACA - JOÃO BELO ROCHA
RENATO RIZZI - CHRIS WATSON - MANUEL ADES MATEUS
NUNO GRANDE - INÉS LOBO - NUNO BRANDÃO COSTA
MARTINA TABASSUM - JOAQUIM MORENO

10 março
16:30 Poder Ritual
moderador: Pedro Bandeira

entrate pelo sítio e inscreve-te • info@www.casadearchitectura.pt

Figura 11 Programa final Seminário "Indoor" © Studio Dobra

Os Universalistas – 50 Anos de Arquitectura Portuguesa



Figura 12 Inauguração Exposição Os Universalistas, © Hélder Edgar

A exposição “Os Universalistas – 50 Anos de Arquitectura Portuguesa” teve curadoria do arquiteto Nuno Grande e foi realizada no âmbito dos 50 anos da Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian em coorganização com a Cité de L’architecture et du Patrimoine e o apoio da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto na cedência de imagens e materiais.

Esteve patente de 13 de abril e 29 de agosto de 2016 nas instalações da Cité de L’architecture em Paris. Versando 50 anos de arquitetura portuguesa, propõe uma leitura do percurso da disciplina enquadrando-a no contexto sociocultural e permitindo uma leitura global.

A sua apresentação na Casa da Arquitectura teve como objetivo criar sinergias na itinerância das exposições e no desenvolvimento de parcerias com entidades congéneres internacionais.

Segundo o curador *“deseja-se evidenciar o modo com a cultura arquitectónica portuguesa se inscreve na sua circunstância histórica, quer “heteronímica” (ser eu e o outro), quer “heterodoxa” (ser daqui e do mundo). São essas condições, de evocação pessoana, que melhor caracterizam, quanto a nós, a arquitectura dos autores “universalistas” aqui expostos.”*³⁵

A exposição tinha, portanto, a particularidade de já ter sido apresentada noutra parte e implicar um processo de adaptação ao espaço da Casa. As etapas iniciais passaram pela garantia de transporte da estrutura expositiva e de todos os seus conteúdos em segurança, sempre em articulação com a Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris. Foi ainda necessário adaptar o design expositivo à Nave

³⁵ Excerto retirado do catálogo da exposição “Os Universalistas”.

Expositiva da Casa e contratar equipas de montagem. Coube-me garantir a articulação entre todos os intervenientes da exposição.

Algumas maquetas usadas em Paris tinham já sido devolvidas aos respetivos proprietários. Foi o caso da Fundação de Serralves e da diocese do Marco de Canaveses com quem estabeleci contactos no sentido obter um novo empréstimo das peças.

O curador da exposição tinha já solicitado as respetivas adaptações ao designer da estrutura expositiva, o arquiteto Jean-Benoit Vétillard e ao autor do projeto gráfico expositivo e de comunicação, o designer José Albergaria. Ambos mostraram disponibilidade para o efeito, mas com custos não contemplados no orçamento. De modo a reduzir despesas, estabeleci uma parceria com a empresa OTIIMA que participou a montagem da exposição participando como marca associada.

A Produção foi estratégica nos contactos entre o curador, o arquiteto e a coordenação das equipas de montagem, bem como na mediação das reuniões de trabalho e na articulação com todas as equipas.

Acompanhei muito de perto o processo de montagem, nomeadamente na tradução do francês, língua que domino, e negocie parcerias com fornecedores de materiais oferecendo como contrapartida visibilidades na ficha técnica.

Todos os conteúdos de texto da exposição eram bilingues – francês e inglês – não estando prevista a tradução para português. Numa tentativa de tornar mais acessível a exposição, propus a produção, não de um catálogo, mas de um guia da exposição em português. A ideia foi aceite na condição de não onerar o orçamento. Negociei com uma gráfica uma versão *low cost* a preto e branco onde constavam os textos em português. Tive a ideia de propor a criação de um bilhete especial com um custo simbólico para os interessados no Guia da exposição. No final, os custos do Guia foram cobertos pela Bilheteira.



Figura 13 Poster Os universalistas, © José Albergaria

Lugar de Partilha: desenvolvimento

A Ideia



Figura 14 Bairro das Campinas, antes e depois da intervenção © Casa da Arquitectura

O Ato 1 de Programa Inaugural da Casa da Arquitectura foi um daqueles casos em que o resultado suplantou largamente as expectativas iniciais do projeto, considerando que ultrapassou os inúmeros obstáculos que foram surgindo ao longo do processo, desde o primeiro momento.

O Lugar de Partilha pretendia ser um laboratório prático de construção em linha com uma corrente existente em diferentes países, mas que em Portugal não possuía uma grande expressão. Refiro dois casos em Portugal: as brigadas SAAL, um exemplo de construção participativa, mas com o intuito de construir habitação permanente, já que os projetos iriam ser construídos com o apoio do Estado. A Casa do Vapor, um projeto de autoconstrução efémera aparece com um formato mais próximo do Lugar de Partilha que também tinha um carácter efémero pretendendo envolver arquitetos e estudantes de arquitetura nacionais e internacionais e uma comunidade específica no desenvolvimento de uma estrutura no espaço público que colmatasse carências identificadas no local.

Pré-produção

O curador identificou como potenciais parceiros a Porto Academy Summer School ³⁶ e a Domus Social ³⁷, empresa municipal responsável pelo Parque habitacional da Câmara do Porto, que elegeu o Bairro das Campinas, na zona de Ramalde, no Porto, como possibilidade para a intervenção no terreno.

No caso da Porto Academy Summer School, as negociações de parceria passaram por lançar o repto ao arquiteto Pedro Bandeira, um dos professores participantes, para que desenvolvesse com os seus

³⁶ Porto Academy Summer School é uma entidade exclusivamente dedicada à disciplina da arquitetura. Preocupa-se com autorias e propõe uma aprendizagem estruturada em arquitetos ambiciosos com grande valor intelectual. Porto Academy realiza-se anualmente, é complementar às escolas de arquitetura e não possui nenhuma ambição institucional.

³⁷ Domus Social - Empresa de Habitação e Manutenção do Município do Porto, EM. Esta empresa Municipal tem por objeto e como anuncia "a promoção da cidade do Porto na área da habitação, a gestão do parque de habitação pública municipal, a manutenção e conservação de todo o património imobiliário, equipamentos e infraestruturas municipais, bem como a elaboração, desenvolvimento e implementação de projetos na área social.

Para o desenvolvimento da cidade do Porto na área da habitação, a empresa tem como funções a aquisição, promoção, gestão, construção, reabilitação e renovação do parque habitacional do Município, a execução de programas de habitação a custos controlados e a implementação e concretização de programas de reabilitação, renovação ou reconstrução de habitações degradadas.

No âmbito da sua missão, a Domus Social assegura a gestão do parque de habitação pública municipal, nomeadamente as ações de aquisição, atribuição e transferência de habitações, a correta e legítima ocupação de fogos, o processo administrativo de fixação, atualização e cobrança de rendas e as obras de manutenção de edifícios e habitações.

Assegura, ainda, a manutenção e conservação de todos os edifícios, equipamentos, instalações e infraestruturas integrados no domínio público e privado cuja gestão seja do Município do Porto.

Na área do desenvolvimento social, a Empresa de Habitação e Manutenção do Município do Porto apoia projetos que tenham por fim a promoção social e a qualidade de vida dos inquilinos municipais procurando, também, garantir o desenvolvimento e manutenção de equipamentos com o mesmo fim."

alunos projetos de requalificação do espaço público. Os alunos teriam depois a possibilidade de participar na construção das propostas selecionadas.

Deste modo, a Casa da Arquitectura passou a ser a coorganizador da Porto Academy Summer School nesta edição.



Figura 15 Grupo de Trabalho, © Casa da Arquitectura

Relativamente à parceria da Domus Social realizou-se uma reunião onde se apresentou o projeto, que foi aceite com algumas reservas, já que se percebeu alguma dificuldade na sua relação com os bairros sociais. As primeiras propostas, que passavam por uma cozinha comunitária ou um equipamento que promovesse a relação entre a comunidade, foram descartadas pela Domus Social já que não era possível garantir a sua manutenção. Ficou clara uma relação tensa entre quem gere o parque habitacional social e quem o habita.

A Domus Social apresentou o Bairro das Campinas como local possível para a intervenção. Preparei uma visita ao local com os arquitetos responsáveis pelo projeto, Pedro Bandeira, Ivo Poças Martins, Roberto Cremascoli e Nicolò Galeazzi e um responsável da Domus Social, de onde resultou a escolha do local de intervenção.

Analisando a relação tensa entre moradores e a Domus Social identifiquei a necessidade de um interlocutor mais próximo dos moradores e que conseguisse viabilizar o diálogo. Na procura de outra solução, decidi apresentar o projeto à Junta de Freguesia de Ramalde, tendo o contacto corrido muito bem. O presidente, António Gouveia, abraçou a ideia incondicionalmente, disponibilizando os equipamentos locais e propondo uma parceria com os bombeiros para alojamento dos estudantes de arquitetura estrangeiros.

A participação da Junta de Freguesia de Ramalde neste projeto foi determinante para o seu sucesso. Logo no início ficou claro que a relação entre a Domus Social e os moradores não era pacífica e que a possibilidade de encontrar um local para estaleiro da obra era remota.

Com a parceria da Junta de Freguesia consolidada organizei duas reuniões de trabalho e sensibilização do projeto com os moradores do Bairro das Campinas nas instalações da Junta de Freguesia de Ramalde que abraçou o projeto com entusiasmo. Num primeiro momento o objetivo era auscultar os residentes sobre as necessidades do Bairro e informar a população da atividade que se iria desenvolver no bairro. As ideias dos moradores foram registadas e levadas para a aula do arquitecto Pedro Bandeira na Porto Academy que refletindo sobre o território, desenvolveram projetos mais ou menos exequíveis. Num segundo momento, o encontro serviu para partilhar as ideias que os estudantes envolvidos tinham projetado. Na altura, a população foi informada de que um grupo de estudantes iria construir equipamentos lúdicos, no espaço de duas semanas durante a primeira quinzena de agosto.

A Junta de Freguesia gere o centro comunitário Raíz ³⁸ que foi disponibilizado como espaço de estaleiro. Em tempo de férias escolares, o centro estava disponível para todas as necessidades e o empenho da Junta de Freguesia foi-se ampliando à medida que o tempo passava. No Centro Comunitário, a Junta de Freguesia acabou a disponibilizar refeições aos cerca de 30 participantes no projeto. Mas não só.

O espaço serviu também para que o Serviço Educativo da Casa da Arquitectura organizasse um programa especial intitulado “Visita à Obra” com as crianças do bairro que frequentavam o Centro Comunitário. O espaço transformou-se numa espécie de quartel-general do projeto.

O desafio seguinte foi encontrar parceiros, uma etapa tão fundamental quanto não havia orçamento atribuído ao Lugar de Partilha.

³⁸ O Projeto Raíz é um projeto de intervenção comunitária dirigido às crianças e jovens do bairro de Ramalde e bairro das Campinas. Tem vindo a ser financiado pelo programa governamental “Escolhas” desde 2004 e foi criado por um consórcio constituído pelas instituições mais importantes da freguesia de Ramalde.

Em setembro de 2013 foram requalificadas as instalações do antigo Jardim de Infância Vasco da Gama, onde o projeto se encontra atualmente instalado em conjunto com o Espaço de Convívio Sénior e “Ramalde Solidário”. Esta mudança inscreveu-se no quadro de um protocolo de cooperação para cedência de instalações celebrado entre a CMP, a Junta de Freguesia de Ramalde e a Obra Social do Sagrado Coração de Maria.

Identifiquei as empresas que poderiam ter interesse na aproximação aos arquitetos e podiam dar respostas às várias necessidades, designadamente a J. Pinto Leitão (fornecimento de madeiras), a R6 living (fornecimento de ferragens), a To Work For (calçado de segurança) e a CIN (primários e tintas). Fiz também contactos com empresas fornecedoras de ferramentas, embora sem sucesso.

Por sugestão do curador, Roberto Cremascoli, contactei Jorge Branco, docente na Universidade do Minho e especialista nos domínios das estruturas de madeira, para uma colaboração com o projeto, proposta que foi aceite. Foi destacada um aluno de doutoramento da Universidade do Minho para acompanhar os trabalhos de campo. Estavam assim reunidos os parceiros e as condições de base para a realização da atividade.

Produção



Figura 16 Estaleiro da obra no Espaço Raiz © Casa da Arquitectura

A fase de Produção deu início no dia 28 de julho com a adaptação dos dois projetos desenvolvidos pelos estudantes de arquitetura – o *Bicho* e o *Teatrinho*. *Bicho* era uma espécie de *playground*, um parque infantil que se desenvolvia no terreno ao longo de 27 metros e corria entre as árvores. Tomava a forma de um banco para sentar que a certa altura se transforma numa mesa de jogos, tornava-se um apoio para descansar ou simplesmente um ponto para observar a paisagem urbana envolvente. Foi construído em barrotes de madeira de 7x7cm e pontualmente revestidos com tábuas maciças de 2,5cm em madeira.

Teatrinho era um coreto que se elevava, destacando-se levemente do terreno. Tinha uma área de implantação de 5x5m e uma altura máxima de 6 metros. Também foi construída com estrutura em vigas e pilares de madeira 10x10cm.

A colaboração no local da intervenção do departamento de construção em madeira da Universidade do Minho, permitiu que os jovens estudantes de arquitetura acompanhassem os cálculos técnicos e participassem na escolha dos perfis de madeira, no tipo de ferragens e mesmo na necessidade de ter alicerces para garantir que os equipamentos eram usáveis pela comunidade. Foi um processo muito enriquecedor de parte a parte, de verdadeiro trabalho de colaboração e aprendizagem.

Montei um espaço de trabalho no Centro Comunitário que pudesse responder a todas as necessidades e solicitações que iam surgindo. Também aqui a minha experiência em atividades como o *Serralves em Festa* foi útil pela vantagem em trabalhar no terreno com a equipa. Para mim, o trabalho de produção neste tipo de projetos, em que há muito convívio diário e proximidade entre as pessoas, vive muito da disponibilidade demonstrada junto da equipa. Garantir água e mantimentos para os que estavam a trabalhar no terreno, por exemplo, faz toda a diferença.

Diariamente as ferramentas e madeiras eram levados para o local de intervenção, trabalhados de acordo com o projeto e no fim do dia regressavam ao “estaleiro”.

Apesar de uma certa reserva inicial, os moradores do Bairro das Campinas foram gradualmente aproximando-se do local onde decorria a construção, movidos pela curiosidade e o interesse. A certa altura os moradores tomavam conta das ferramentas e materiais nos momentos de pausa e na fase final do projeto, já todos se conheciam pelo nome próprio e o projeto contava com o apoio e o entusiasmo dos residentes participando na pintura e acabamentos dos equipamentos.

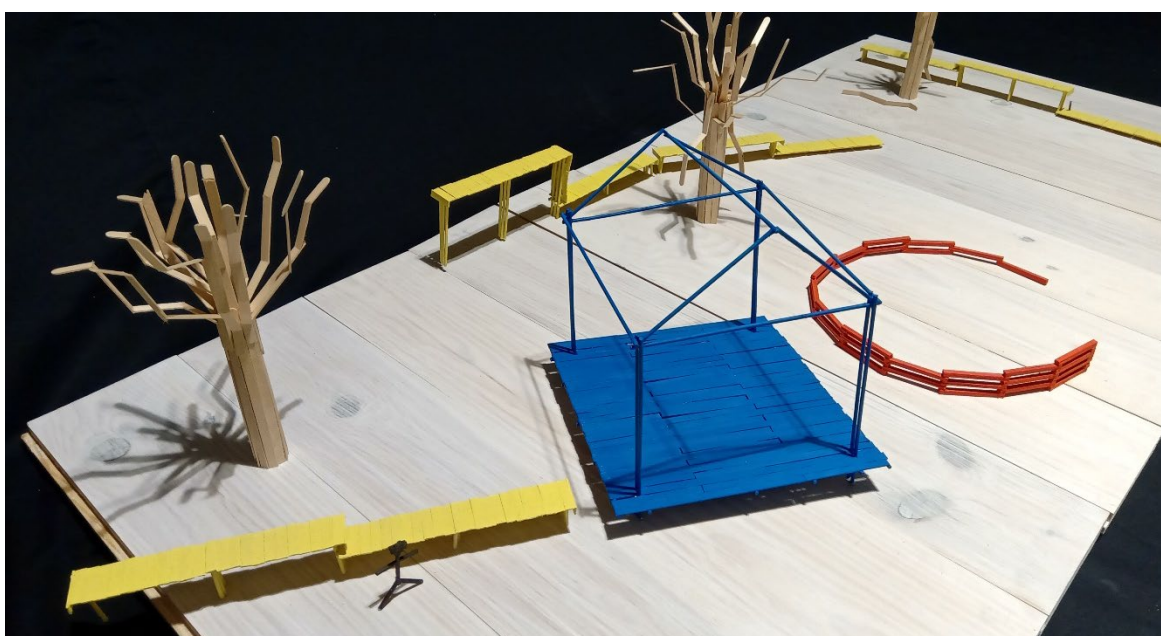


Figura 17 Projeto "O Bicho e o Teatrinho", © Casa da Arquitectura

No dia 11 de agosto foram inaugurados os equipamentos com uma grande festa. A Junta de Freguesia garantiu uma banda de música e a Produção da Casa os “comes e bebes”. O momento foi inesquecível para quem lá esteve, um verdadeiro “bailarico” de bairro.

Mais uma vez, a articulação entre a Produção e a Comunicação foi vital para a afirmação e o reconhecimento do projeto. A cobertura mediática despertou um interesse suplementar também junto dos moradores do bairro, que chegaram a ser entrevistados por jornais e televisões, tornando-se protagonistas do projeto e desenvolvendo um crescente respeito e empenho na sua construção.

Pós-Produção

Concluída a obra, foi o tempo de desmontar o estaleiro, recolher equipamentos e materiais e devolver os espaços ao seu uso inicial. Agradei formalmente a todos os envolvidos no Lugar de Partilha e, a título de fecho de atividade, organizei um jantar com os arquitetos e estudantes de arquitetura envolvidos a quem foi oferecido um *tote bag* da Casa da Arquitectura.

No balanço final da programação do Programa Inaugural, o Lugar de Partilha foi o que mais repercussão mediática teve e aquele que deixou uma marca social mais profunda. Os equipamentos construídos nos 15 dias de duração do projeto, continuaram ao serviço da comunidade durante os anos seguintes, para particular gozo e usufruto dos moradores mais pequenos do Bairro.

O balanço desta atividade é extremamente positivo, mas com a certeza de que este tipo de intervenções merecem um olhar mais demorado e uma preparação mais prolongada no tempo para que possa ter um carácter de fato transformador na população.



Figura 18 Entrevista com membros da comunidade de Campinas © Casa da Arquitectura



Figura 19 Atividade "Visita à Obra" com as crianças do Bairro de Campinas © Casa da Arquitectura



Figura 20 Construção do projeto no Bairro das Campinas © Casa da Arquitectura



Figura 21 Construção do projeto no Bairro das Campinas © Casa da Arquitectura

4. Conclusão

A arquitetura é uma das áreas artísticas portuguesas com mais notoriedade a nível nacional e internacional, que tem nos dois Pritzkers portugueses, Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, os seus nomes mais emblemáticos. A modernidade introduzida por Marques da Silva e continuada por Carlos Ramos, contribuiu também para a criação da reputada “Escola do Porto” que ainda hoje ressoa em todo o mundo.

A relação próxima da arquitetura com a cidade do Porto e com a sua população através de obras paradigmáticas, como o Comércio do Porto e o Coliseu, teve como ponto alto as Brigadas do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), um programa de habitação social nascido no pós-25 de Abril. *“Inseridas no clima social de ação popular que caracterizou o Período Revolucionário em Curso, tornaram-se uma referência internacional em termos de participação popular em processos de desenho habitacional e urbano.”* (Bandeirinha, 2007).

Contando com a participação de nomes como Álvaro Siza, Alcino Soutinho, Carlos Ramos e Fernando Távora, o SAAL mudou a perceção pública da função social da arquitetura, através do processo participativo que uniu moradores e arquitetos num diálogo em torno de objetivos comuns relacionados com a habitação.

Enquanto aluna da Faculdade de Arquitectura, tive o privilégio de ter como professor de Urbanismo o arquiteto Nuno Portas, um dos defensores da responsabilidade social e missão de serviço público que a arquitetura deve ter na organização e definição das cidades e da qualidade de vida dos que as habitam.

“A arquitetura não é um luxo, é um serviço que não se satisfaz para além do que lhe compete por formação com menos do que a beleza. É também uma forma de combater a desigualdade. Só pelo diálogo, pelo debate, se pode desmontar este e outros equívocos” (SIZA, 2021)

Pelo seu impacto, pela sua dimensão artística e pela excelência da arquitetura e dos arquitetos contemporâneos, nacionais e internacionais, a inexistência de uma instituição dedicada exclusivamente a esta disciplina parece agora incompreensível. Foi para colmatar esta lacuna que nasceu a Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura que chamou a si a responsabilidade de acolher, preservar e divulgar os acervos e espólios de um conjunto de arquitetos.

Como em todos os projetos sem precedentes, há invariavelmente um longo caminho a percorrer desde o nascimento da ideia até à sua execução. A Casa da Arquitectura não foi exceção. Sem o patrocínio inicial do Estado, o projeto ganhou vida pela determinação e financiamento exclusivos da

Câmara Municipal de Matosinhos. Esta aposta da autarquia, louvável a muitos títulos, acaba por ser definidora do perfil e da dinâmica da instituição.

Foi identificada, desde o primeiro momento, a necessidade de uma equipa que trabalhasse em permanência na concretização da missão da Casa, cuja dinâmica passa por uma programação intensiva feita de exposições de diferentes portes e inúmeras atividades relacionadas não só com a arquitetura, mas também cruzamentos artísticos com a música, performances, dança, etc.

Neste quadro, a figura do Produtor foi, e é, vital. A definição de uma equipa estável de Produção foi lenta e conheceu vários momentos ao longo dos anos com diferentes interlocutores e sem uma metodologia de trabalho sistematizada. O peso da autarquia no projeto fez-se por vezes sentir nas escolhas das atividades e dos colaboradores.

Enquanto Produtora na Casa da Arquitectura participei de inúmeros eventos e tive acesso privilegiado ao conhecimento e compreensão da dinâmica de uma instituição cultural muito jovem que cresceu muito rapidamente num curto espaço de tempo, colocando desafios complexos e inusitados quer do ponto de vista orçamental, quer do ponto de vista logístico, à equipa de Produção de que fiz parte.

A Produção é a arte de fazer acontecer. A imagem que uma instituição baseada na programação de eventos e exposições projeta, assenta em boa parte, na qualidade das produções que oferece ao público. Conhecer os bastidores destes processos e os desafios que levanta revelou-se uma experiência enriquecedora e um teste quotidiano à competência e capacidade de resposta do Produtor.

A “produção” desta dissertação foi um enorme desafio por abordar uma parte muito impactante do meu percurso profissional. As entrevistas realizadas a pessoas que se encontram em posições de chefia / decisores, abriram a possibilidade à discussão de ideias e à reflexão sobre decisões tomadas e o seu peso, na primeira pessoa, ajudando-me a perspetivar o percurso da Casa da Arquitectura e enriquecendo muito este trabalho.

5. Bibliografia

ABREU, Miguel, (1999). "Guia das Artes do Espectáculo – teatro dança música" Lisboa, Cassefaz

ASSOCIAÇÃO CASA DA ARQUITECTURA, (2011). "A CASA em Roberto Ivens", Porto, ACA

BANDEIRINHA, José António (2007). "O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974".
Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

BENJAMIM, Walter, (2006). "A Modernidade. Obras escolhidas de Walter Benjamin", Lisboa,
Assírio&Alvim

BORGES, Vera e COSTA, Pedro, (2012). "Criatividade e Instituições", Lisboa, Imprensa de Ciências
Sociais.

BORGES, Vera, (2007). "O Mundo do Teatro em Portugal", Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

CASTRO, Regina (2010). "Um Museu como palco de Cultura/Culturas nos seus diferentes papéis –
O Museu dos Transportes e Comunicações"

CIRUEGA, Santiago (2007). <http://www.recetasurbanas.net/>

CLOSETS, François de, (1996). "Le bonheur d'apprendre : et comment on l'assassine", Paris, Éditions
du Seuil.

COSTA, Pedro, (2015). "Políticas Culturais Para o desenvolvimento", Santarém, Artemrede.

CRANE, Diana (1992). "The Production of Culture. Media and the urban Arts", Newbary Park, Sage.

DEBORD, Guy, (2012). "A Sociedade do Espectáculo", Lisboa, Antígona Editores Refractários

DERRIDA, Jacques, (2001). "Mal de Arquivo: uma impressão freudiana". Rio de Janeiro,
Relume Dumará.

GOMES, Rui Telmo, Vanda Lourenço, e Teresa Duarte Martinho (2006). "Entidades Culturais e
Artísticas em Portugal", Lisboa, Observatório das Atividades Culturais (OAC).

GOMES, Rui Telmo e MARTINHO, Teresa Duarte, (2009). “Trabalho e Qualificação nas Atividades Laborais”, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais.

IQF — Instituto para a Qualidade na Formação (2006a). “O Sector de Atividades Artísticas, Culturais e de Espectáculo em Portugal”, Lisboa, Quaternaire Portugal.

IQF — Instituto para a Qualidade na Formação (2006b). “A Indústria de Conteúdos em Portugal”, Lisboa, Quaternaire Portugal.

LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean (2010). “A Cultura-Mundo resposta a uma sociedade desorientada”, Coimbra, Edições 70

LLOSA, Vargas, (2012). “A Civilização do Espectáculo”, Lisboa, Quetzal Editores

LOPES, João Teixeira, (2000). “Cidade e a Cultura”. Porto: Edições Afrontamento.

LOPES, João Teixeira, (1998). “Sociabilidade e Consumos Culturais: Contributos para uma sociologia da fruição cultural”, comunicação apresentada ao 1º Congresso Português de Sociologia Económica, Lisboa.

MADEIRA, Cláudia, (2002). “Novos Notáveis. Os programadores Culturais”. Oeiras: Celta Editora.

MATEUS, Augusto e Associados, (2010). “O Sector Cultural e Criativo e Portugal” – estudo para o Ministério da Cultura (Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais)

MENDES, C. (2007). “Manual de Produção Cultural – algumas reflexões sobre o tema”. Portugal. Lisboa: INATEL.

MENEAR, Pauline e HAWKINS, Terry, (2006). “Stage Management and Theatre Administration”, Londres, Phaidon Press.

MÖRSCH, Carmen (org.), (2009) Vol 2. “Documenta 12 education II. between Critical Practice and Visitor Services Results of a research Project”, Berlin, Institute of Arte Education / Diaphanes, Zurich.

NEVES, José Soares (2005a). “Despesas dos Municípios com Cultura (1986-2003)”, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais.

NEVES, José Soares (org.) (2005b). “O Panorama Museológico em Portugal (2000-2003). An Overview of Museums in Portugal (2000-2003)”, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais (OAC).

PAIS, José Machado, e Leila Blass (coords.) (2004). "Tribos Urbanas. Produção Artística de Identidades", Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

PALLIN, Gail (2000). "Stage Management The Essential Handbook", Londres, Nick Hern Books

PINTO, José Madureira, (1994). "Uma reflexão sobre políticas culturais. In Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local". Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.

PIRES, Patrícia, (2016). "Manual de Produção das Artes do Espectáculo", Lisboa: Chiado Books

PIRES, Paulo, (2020). "Para não acabar de vez com o tempo e a empatia" Jornal Público, 21 de Julho.

PORTAS, Nuno (Fevereiro de 1986). "O Processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local". Revista Crítica de Ciências Sociais

PORTO, Hector (2006). "La Cultura en las Ciudades. Un Quehacer Cívico-Social", Editorial Graó, Barcelona.

REGINA, Cláudia (2011). "A Produção é a parte do Teatro que ninguém quer", Jornal público.

RIBEIRO, António Pinto (2011). "Os produtores". Jornal Público.

RIBEIRO, António Pinto (2020). "O cultural no mundo que há-de vir". Jornal Público, 20 de Abril

RIOS, Francisco Oti, (2006). "Xestión de Proxectos e Produción de Espectáculos", Vigo, Xunta de Galicia e Editorial Galaxia

RODRIGUES, Maria de Lurdes (2010). "A Escola Pública Pode Fazer a Diferença", Coimbra, Edições Almedina.

RODRIGUES, Vânia, (2020). "As Produtoras – Produção e Gestão Cultural em Portugal", Lisboa, Caleidoscópico

RUIVO, Fernando (2000). "Um Estado Labiríntico. O Poder Relacional nas Relações entre Poderes Central e Local em Portugal", Porto, Edições Afrontamento.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (1998). "As Políticas Culturais em Portugal".

SILVA, Augusto Santos, LUVUMBA, Felícia. SANTOS, Helena e ABREU, Paula, (2000). Santa Maria da Feira, “Públicos Para a Cultura na Cidade do Porto”, Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto

SOLMER, António, (2003). “Manual de Teatro”. Lisboa: Temas e Debates - Actividades Editoriais.

«Entrevista a Nuno Portas». Lisboa: O Século. 12 de junho de 1974

Entrevista a Siza Vieira, Lusa, 18/07/2021

O site da DGArtes <https://www.dgartes.gov.pt/>

O site do parlamento português relativo à Constituição da República Portuguesa

<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

O site do Observatório das actividades culturais: <http://www.oac.pt>

O site da Casa da Arquitectura <http://casadaarquitectura.pt/>

O site da Câmara Municipal de Matosinhos <https://www.cm-matosinhos.pt/>

O site do Canadian centre for architecture <https://www.cca.qc.ca/en/>

O site do MAXXI, the National Museum of 21st Century Arts <https://www.maxxi.art/en/>

O site do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia <https://maat.pt/pt>

O site da Fundação Calouste Gulbenkian <https://gulbenkian.pt/>

O site da Fondation Calouste Gulbenkian France <https://gulbenkian.pt/paris/>

O site d Cité de L’architecture et du Patrimoine <https://www.citedelarchitecture.fr/fr>

O site da Trienal de Lisboa <https://www.trienaldelisboa.com/>

O site do Neatherlands Architecture Institut <https://nai.hetnieuweinstituut.nl/en>

O site do Politecnico di Milano POLO TERRITORIALE DI MANTOVA <https://www.polo-mantova.polimi.it/>

O site do Centre Georges Pompidou <https://www.centrepompidou.fr/en/>

O site do Deutshes Arkitekturemuseum <https://dam-online.de/>

O site do Sweden's National Centre for Architecture and Design <https://arkdes.se/en/>

O site do Museum of Modern Art <https://www.moma.org/>

6. Anexos

Entrevista à Coord. do Dep. de Atividades e Conteúdos da Casa da Arquitectura – Carla Barros

Efetuada em 19 de julho 2021 na Casa da Arquitectura

Carla Barros [CB]: Não chego tão longe, [1994] mas tenho consciência de que o Centro de Documentação Álvaro Siza [CDAS] já existia há vários anos, aliás havia muitos folhetos e informação relativa às obras do Siza e do Távora aqui em Matosinhos, que era produzido pelo CDAS. Vim a perceber mais tarde que ele [Dias da Fonseca] tinha tido a colaboração do arquiteto Carlos Castanheira e da Dr.^a Paula Isabel, que na verdade geria o CDAS.

Alice Prata [AP]: Conseguem-se encontrar esses folhetos? Onde?

CB: Alguns desses folhetos estão arquivados na Casa da Arquitectura [CA]. Na outra casa [Roberto Ivens] tinha algumas coisas dessas guardadas. Havia um folheto cinzento que tinha um esquiço da Casa de Chá à frente, porque a ideia era promover as obras de arquitetura em Matosinhos. Desde há muito que Matosinhos queria constituir-se como cidade capital da arquitetura. Era um folheto muito bonito, e faz sentido porque o Dr. Dias da Fonseca sempre foi muito cuidadoso com essas questões do design. Existia muito material desse. Aliás, o livro “Álvaro Siza em Matosinhos”, que é das primeiras coisas que eu tive contacto, é uma reedição ainda no âmbito do CDAS, por isso era uma estrutura ainda ativa.

AP: Esse livro ainda está disponível?

CB: Não sei, porque a CA a dado momento chegou a trabalhar na publicação deste livro para ter uma versão inglesa, e mais moderna do ponto de vista do design, que na verdade nunca saiu da gaveta. Foi das primeiras coisas que se fez quando a CA começou a trabalhar. Fazia parte da equipa inicial, que iria dar origem à CA, o Carlos Castanheira, que era o Diretor, o José Salgado, que é o autor deste livro e cunhado do Siza, e o Nuno Higinio. São as primeiras pessoas que eu conheço como sendo a equipa que vai intervir neste projeto. Na edição de 2005 já aparece o logotipo do CDAS, que seria um organismo inserido no Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Matosinhos [CMM], do qual não sei bem qual o ano da sua criação.

AP: Aqui já se agradece ao CDAS, a Paula Isabel Rodrigues...

CB: Exatamente, já terá sido ela a tratar desta reedição de 2005. Lembro-me que na altura foi dos primeiros livros que me chegaram às mãos. A ideia que tenho do CDAS é que promovia a arquitetura em Matosinhos e recebia muitas visitas de grupos, universidades e grupos de arquitetura. Quando havia uma marcação, ou um pedido de visita à Piscina das Marés, à Casa de Chá ou à Quinta da Conceição, era reencaminhado para o CDAS, que fazia essas visitas gratuitamente. A CMM sempre fez gratuitamente esse acompanhamento e a Dr.^a Paula Isabel era na altura a pessoa, penso que até seria a única pessoa a trabalhar no CDAS. Quando a CA foi criada, a gestão do CDAS ficou ao cuidado da CA.

A: E foi nessa altura que entraste na equipa?

CB: Eu entrei antes.

AP: Antes, para essa mudança?

CB: Sim, eu entrei em dezembro de 2008, no primeiro ano estava destacada para trabalhar no CDAS. Na verdade, era a sementinha que ia dar apoio, a nível operacional, para o lançamento da CA. Como o meu vínculo profissional é com a CMM, sou destacada para trabalhar no CDAS, que na altura era eu e a Dr.^a Paula Isabel. Ficamos sediados na Brito Capelo, no edifício da antiga Câmara. Foi alugado um espaço no 1º piso, e foi lá que começamos a funcionar, ainda com pouquíssimos meios, para não dizer quase nenhuns...

AP: Nessa altura, qual era o objetivo do CDAS?

CB: O CDAS era um organismo de promoção da arquitetura, com a pretensão de dar a conhecer aquilo que Matosinhos tinha nessa área e os seus autores. Daí que quase todas as publicações e folhetos que há do CDAS referiam sempre o Siza, o Távora, o Alcino Soutinho e o Souto Moura. Eram sempre os quatro arquitetos. O CDAS tinha também recolha de informação, com uma biblioteca sobre livros de arquitetura. Essa biblioteca transitou para a CA, ou seja, quando nós assinamos o contrato de comodato para ficar na casa Roberto Ivens, que a CMM, entretanto tinha comprado e ia reabilitar já com a supervisão da CA, foi também entregue à gestão da CA o CDAS, que na verdade permanece até hoje, apesar de não se falar muito sobre isso. Tudo o que fazia parte do acervo do CDAS foi entregue à gestão da CA. O que era isso? Uma série de publicações e alguns, poucos, desenhos originais. Há um da Quinta da Conceição, outro da piscina do Siza, há coisas também do Távora, serigrafias, mobiliário de autor, algumas peças que o Siza desenhou, como cadeiras, candeeiros. O CDAS foi arquivando esses elementos e tinha, também, uma ou duas capas com recortes de imprensa, que contavam um pouco essa história, que supostamente também ficou ao cuidado da CA. Ainda me lembro dessas capas em Roberto Ivens, e o José Salgado também nos entregou uma capa com uma série de recortes com referência à arquitetura em Matosinhos.

AP: Consigo ter acesso a essas coisas?

CB: Estava tudo em Roberto Ivens, e todo o material afeto a isso terá vindo para o arquivo da CA.

AP: Voltando atrás, tu és destacada para o CDAS, certo?

CB: Sim, dentro da CMM, onde já tinha vínculo, fui destacada para o CDAS. Conheço a Paula Isabel, que era a pessoa que sempre geriu o CDAS e conheço o Carlos Castanheira. Na verdade, conheci o arquiteto Carlos Castanheira antes, pois fiz o estágio de arquitetura com ele. Eu fiz mestrado em 2007/2008 e como a especialidade dele era madeira, e era uma área do meu interesse, durante mais de um ano e meio estive a acompanhar as suas obras. Aliás, a primeira vez que ouço falar sobre este projeto foi pela sua voz.

AP: E como aconteceu a CA?

CB: Começamos a trabalhar muito no sentido de promover o lançamento da ideia. Uma das primeiras tarefas que me pediram na altura, que nunca veio a dar em nada, foi a seriação de edifícios aqui em Matosinhos para estabelecer alguns roteiros, para se percorrer a pé. Penso que naquele momento o projeto que foi pedido ao arquiteto Siza para o grande edifício, que devia ser instalado junto ao Porto de Leixões, estava também já em desenvolvimento. Posso dizer que as primeiras missões que tivemos foram ações de marketing. Produziu-se um bloquinho de notas, ainda andam por aí alguns, com um texto e com o primeiro esquiço que o Siza fez do edifício, onde se apresentava a missão da Casa da Arquitectura. Tinha como principal objetivo chegar a todos os arquitetos inscritos na Ordem dos Arquitetos [OA] e, por isso, todos os arquitetos receberam esse bloco de notas que continha, dentro, uma ficha de inscrição para quem se quisesse associar à CA. Foram uns meses em que andamos a correr para os Correios para expedir 17 000 livros, com o objetivo de começarmos a receber as primeiras inscrições espontâneas. Muitos associados começaram a sentir vontade de fazer parte do projeto.

Uma das primeiras tarefas que tive foi o acompanhamento da obra de Roberto Ivens. Um dos objetivos era ter um arquiteto a acompanhar a obra, e como a Dr.^a Paula Isabel é da área do turismo, e o arquiteto Castanheira era coordenador, mas só estava connosco uma a duas vezes por semana, conforme a necessidade, coube-me a mim fazer esse acompanhamento. Iniciamos com o concurso de empreitada para a reabilitação da casa em Roberto Ivens, foi das primeiras coisas que também tive em mãos, a escolha do empreiteiro que faria o trabalho.

AP: Estavas a dizer que a casa de Roberto Ivens serviu para acolher o CDAS.

CB: Sim, a ideia que eu tenho é que a CMM adquiriu a casa à família com o objetivo de instalar o CDAS, sendo que nessa altura já estaria presente a ideia de que o CDAS ia ser um organismo

mente da CA, ou que se iriam unir os dois para trabalhar de forma conjunta. Daí que o contrato de comodato diz que, não só entrega a casa, como também passa a ter a gestão do CDAS e tudo o que o CDAS tiver reunido até essa altura.

AP: A ideia com que fiquei na entrevista com o Dias da Fonseca foi que iria ser o Museu da Arquitetura. Não sabes como passou a ser Casa da Arquitectura?

CB: Eu acho que o conceito do Museu de Arquitetura vinha de trás quando se pretendia, também, convidar o Siza a desenvolver um Museu, ainda no tempo da presidência do Narciso Miranda, em Matosinhos Sul. Penso que chegaram a surgir projetos para Matosinhos Sul. Esta ideia de Casa surge depois, penso que em 2007. Foi promovida uma reunião na CMM, em que se convidam uma série de entidades, não só da cultura, mas também empresas, como o Belmiro de Azevedo, entre outros, para uma grande conferência sobre o tema, para motivar outras pessoas a fazerem parte ou serem associados fundadores da CA. Pelo que eu sei o nome Casa em vez de Museu foi sugerido pelo Dr. Belmiro de Azevedo. Essa é a ideia que eu tenho. Sempre nos transmitiram que museu era um conceito muito fechado e que na altura ele terá dito que Museu tinha sempre um certo cheiro a bolor, de coisa que é ultrapassada pelo tempo, e que o conceito de casa seria mais agradável e terá sido essa sugestão que fez com que fosse Casa da Arquitectura. A ideia deste triângulo sediado no Porto que era a Casa de Serralves para a arte contemporânea, a Casa da Música para a música, e o terceiro vértice do triângulo com uma casa para a arquitetura, dava todo o sentido ao projeto.

AP: E então depois foi criada a Associação Casa da Arquitectura.

CB: Sim, penso que foi fundada em 2007.

AP: E depois o CDAS integrou a CA ou de alguma maneira como é que isso aconteceu? Foi naturalmente passada uma coisa para a outra?

CB: Quando integrei o projeto foi no sentido em que o CDAS ia transitar para a gestão da CA, sendo que foi o CDAS que deu apoio ao arranque da CA. A CA foi inaugurada a 25 de junho, no dia de aniversário do arquiteto Álvaro Siza. A Paula Isabel ainda ficou durante algum tempo a dar apoio à entidade, e em 2009 contratámos a Natacha para fazer o secretariado, que era bem preciso. Entretanto, a Paula Isabel começa a afastar-se do projeto e regressa à sua função base, na CMM. Eu continuei e depois, em 2010, faço um contrato direto com a CA, passo a estar em cedência de interesse público, que foi um formato que passou a estar disponível, em que qualquer entidade pública pode ceder a uma entidade privada um funcionário.

AP: Então nesse momento eram três pessoas na equipa? Tu, a Natacha e o Castanheira?

CB: O Castanheira, o Nuno Higinio e o José Salgado, só que eles eram todos avençados, ou seja, a relação deles com o projeto era de uma vez por semana. A dado momento tivemos também a Carla

Sousa, que esteve connosco a fazer uns trabalhos temporários, mas acabou por ficar a gerir a loja. Nós abrimos a casa em junho de 2009 e foi o primeiro momento em que tivemos contacto com o público. Fisicamente na Casa era eu, a Natacha e a Carla Sousa. A Casa da Roberto Ivens, para além de receber visitas, fazia visitas à Quinta da Conceição, à Piscina das Marés e à Casa de Chá, e começou também a ter peças de autor de arquitetos, inicialmente numa primeira venda de Natal, posteriormente na criação da loja.

AP: Quais foram as atividades que a CA começou a fazer, para além da venda de Natal com as peças de autor?

CB: A CA tinha um plano de atividades. Claro que temos que contextualizar aqui a dimensão que o edifício tinha na altura e o orçamento que tínhamos disponível. As primeiras coisas que fizemos foi uma exposição da obra da reabilitação da Casa de Roberto Ivens. O arquiteto Carlos Castanheira fez com o Siza uma exposição de todo o processo da obra, mesmo muito interessante. Fizemos também exposições temporárias. Uma das primeiras, que foi uma das exposições que mais gostei de fazer até hoje, foi um ciclo com jovens arquitetos premiados. Havia uma série de arquitetos que estavam a ser reconhecidos internacionalmente e nós lançamos uma espécie de call, convidando-os para que viessem expor na CA, dando um *plafond* relativamente reduzido. Eles expunham como quisessem e eram responsáveis pelo design e pela produção da exposição.

AP: Portanto o foco já não era ser o Museu do Siza Vieira, pois não?

CB: Pelo que fui percebendo da missão da CA, o objetivo sempre foi a promoção da Casa e da arquitetura portuguesa no seu todo. É evidente que a figura do arquiteto Siza, sobretudo em Matosinhos, é incontornável. Ele estava a desenvolver um projeto desde 2007 a convite da CA para o grande edifício de 17 000 m², para ser instalado num terreno que tinha sido doado pela APDL. Lembro-me de ter visto pela primeira vez o projeto na 1ª Trienal de Arquitectura. Comecei a ter contacto com o projeto em 2007, mas penso que o Siza esteve a desenvolver o projeto até 2009/2010. Formou-se uma comissão de acompanhamento com pessoas altamente habilitadas na área de arquivo, de história de arte, que reuniam aos sábados para avaliar a evolução do projeto e para fazer sugestões para o programa. Foi também nessa altura que o edifício cresceu mais um bocadinho, engordou. Havia a intenção de ser um PIP, um Projeto de Interesse Público, porque os edifícios a partir de 15 000m² teriam, a nível de licenciamento, um outro enquadramento e isso poderia facilitar. O edifício resumia, a título de programa, aquilo que a CA sempre quis ter como missão, que era dividir-se de forma igual entre arquivo e área expositiva, portanto o projeto tinha sensivelmente 50% de área pública para exposição e 50% de área reservada para arquivo, tendo a CA, um bocadinho como modelo, o Museu de Roterdão. Penso que o Castanheira tinha estudado o modelo do CCA [Canadian Centre for Architecture] no Canadá, o Museu de Roterdão, o Museu de Moscovo, e o Cité de L'architecture. Mas o modelo que mais lhe interessava era o do NAI [Netherlands Architecture Institute] porque era o que tinha no mesmo espaço físico, área de arquivo e

área expositiva. Nessa altura cheguei mesmo a ir à Holanda, coincidente com o meu mestrado, fui ver o projeto e realmente percebia-se o porquê da preferência por aquele modelo. Porque é muito fácil. Vai-se fazer uma pesquisa e pode-se ver o resultado dessa pesquisa, ou pode-se ver aquilo que está no arquivo apresentado ao público. Enquanto a maior parte dos arquivos guarda, guarda, mas não tem capacidade de exposição. Então aquele parecia ser o modelo perfeito para o que a CA ambicionava, que é semelhante ao que temos hoje na Real Vinícola [RV].

AP: E depois até chegar aqui à Real Vinícola?

CB: Até chegar aqui foram muitos anos de trabalho e dedicação da equipa pequenina, com o orçamento pequenino, que a CA tinha. Havia um reconhecimento muito grande por parte de quem nos visitava. Quem não esteve tão próximo com as pessoas que nos visitavam, pode não ter tido essa perceção, mas os primeiros que nos começaram a reconhecer enquanto entidade foram as pessoas que chegaram até nós para visitar arquitetura em Matosinhos, isso é inegável. Nós chegávamos a ter mais de duas mil pessoas todos os anos, organizadas em grupos, para visitar arquitetura portuguesa. E ninguém vem a Portugal, sobretudo os universitários, sem vir a Leça e a Matosinhos, portanto é incontornável. Havia universidades que vinham anualmente e que o *feedback* era tão positivo, quando voltavam, que os alunos das turmas do ano seguinte queriam vir a Portugal. Havia mesmo universidades que tinham esta visita como ponto de honra nos primeiros anos, para ver arquitetura que é feita de forma simples e contextualizada no seu espaço de implantação. Foram os primeiros a conhecer e a reconhecer esta casa da arquitetura, apaixonando-se pelo projeto e pela maquete do edifício gigantesco do Siza, que tínhamos em exposição na casa de Roberto Ivens.

AP: Essa maquete, onde é que está?

CB: Está guardada no arquivo da CMM. A dado momento optamos por deixar de a ter visível, porque com a integração da CA na RV achou-se que era melhor retirá-la, porque as pessoas continuavam a perguntar porque se abandonou o projeto.

AP: Na tua perspetiva, quais foram as razões que levaram ao abandono do projeto?

CB: Penso que o projeto estava bem encaminhado, até porque a comissão de acompanhamento lhe deu credibilidade. A questão é que os custos envolvidos eram muito elevados, estamos a falar de cerca de 40 milhões de euros. O projeto inicia-se em 2007 e, se não me engano, o licenciamento ficou pronto em 2010, sendo que eu acho que nunca chegou a ser entregue na CMM. Ou seja, o Siza faz a entrega formal à CA daquele que é o projeto de licenciamento, mas eu penso que nunca chegou a seguir o seu caminho para ser licenciado. Como estávamos em anos de crise, começou a ser absolutamente impossível investir 40 milhões. Eu sei que houve várias reuniões, várias pessoas que se juntaram para a promoção do projeto junto de entidades do Estado, mas nunca se conseguiu ter

apoio para o viabilizar. A CMM esteve sempre muito interessada e disponível para fazer um investimento financeiro muito elevado, mas faltava a componente do Estado nunca se conseguiu.

AP: Só um aparte, achas que essa falta de interesse que perdurou até este ano, só este ano é que o Estado começou a apoiar o projeto, pode ter a ver com o facto de a CA ser no Porto e não em Lisboa?

CB: Acho que também terá influenciado, mas a questão principal é apostar, ou dar apoio, a um projeto que se está a iniciar. Uma das estratégias que se usou para criar a ideia de uma entidade nacional e não uma entidade local foi realizar contratos com arquitetos de todo o país para doação do seu acervo. No dia em que inauguramos a casa em Roberto Ivens, assinamos cerca de 14 contratos, com o Carrilho da Graça, o Agostinho Rica, o Gonçalo Byrne, o Siza, o Souto Moura, o Aires Mateus, os ARX, entre outros. Nesse contrato foi celebrado um compromisso com a CA de, caso o grande edifício fosse construído em 5 anos, fariam o depósito ou entrega como doação, não me lembro bem agora, do seu acervo. Só que esses contratos deixavam de ser válidos se em 5 anos a casa não tivesse as condições que se previa. Mesmo o arquiteto Álvaro Siza tinha um contrato connosco, no caso dele era só para as obras em Matosinhos, mas nos outros era acervo genérico no seu todo.

AP: Não sabia disso! Então as doações que estão a acontecer do Carrilho da Graça e do Gonçalo Byrne, eram uma coisa que já estava perfeitamente prevista!

CB: Sim todos eles assinaram contratos. Esses contratos existem, embora não estando válidos hoje dia.

AP: Na abertura de Roberto Ivens ainda era o diretor, ou coordenador, o Carlos Castanheira?

CB: Sim, o Carlos Castanheira esteve connosco até 2014.

AP: Quando é que ficou decidido apostar numa alternativa ao projeto inicial do Museu? Como, ou quando, é que isso aconteceu?

CB: Eu acho que para além da dificuldade financeira, nunca foi completamente dito não se faz este projeto. Houve sempre uma tentativa, ao longo dos anos, de viabilizar o projeto desenhado pelo Siza, assim como houve uma altura em que se falou na possibilidade de o fazer por fases, dado o valor ser tão elevado. Penso até que isso terá sido falado com o arquiteto, embora ele não tenha aceitado da melhor forma fasear a obra, porque ela fazia sentido como um todo. A primeira vez que me falaram na RV, foi no final de 2013 ou de 2014, não tenho já certeza. Pediram-me que entrasse em contacto com o arquiteto Guilherme Vaz, que é o autor da obra e funcionário da CMM, porque estavam a planear candidatar o edifício ao Norte 2020, para a reabilitação das fachadas e do telhado. Penso que a CMM, ao ter esta oportunidade de financiamento, começa a ver a possibilidade a acolher na RV a

CA. É, a partir daí, que se começa a trabalhar nesse sentido, embora nunca tenha caído a possibilidade de fazer o outro edifício...

AP: É muito curioso porque o Dias da Fonseca também partilha dessa ideia, ele acha que “não, isto ainda vai acontecer”. De facto, a CA continua a ter um projeto do Siza Vieira para as suas incríveis instalações...

CB: Sim, exatamente. Eu só acho que tinha uma lacuna, eventualmente era um espaço num terreno muito exíguo e estreito, em termos de profundidade. Era necessário mover a linha de metro ligeiramente para poder ser implementado. Tinha dois pisos de estacionamento e a meu ver tinha pouca área de espaço público. Eu e o Nuno Higinio, penso que em 2004, fomos a Bilbao apresentar o projeto num encontro sobre arquivismo e a importância da era digital no arquivismo. Fizemos também uma apresentação na Faculdade de Letras no Porto, nuns debates organizados pela Susana Rosmaninho, que se chamavam Contentor e Conteúdo. Nós andamos a falar deste projeto até muito tarde. Estas conferências foram já em 2014 e ainda assim, quando fomos falar da Casa, falamos dela enquanto missão, mas para instalação no edifício do Siza. Só quando surge a oportunidade da RV é que se começa a olhar para ela como o passo a seguir. Eu sei que nem todos pensam assim, mas a RV foi muito importante, não como um fim, mas algo pelo qual temos que passar. Porque mudar de um edifício tão pequenino com uma equipa tão pequenina para o edifício do Siza com 17 000m², com uma estimativa de 60 colaboradores, é um passo muito grande. Não se pode passar de uma equipa de três ou quatro pessoas para uma equipa de 60 de um momento para o outro.

AP: Percebo perfeitamente. Já este crescimento faseado implicou algumas dores de crescimento, como o próprio Nuno Sampaio lhes chama.

CB: Sim. É um caminho, e continua durante muito tempo. Eu fiz muitas visitas e as pessoas faziam perguntas sobre a missão da Casa, como é que se financiava, como é que este organismo, apesar de ser pequeno, tinha uma ambição tão grande. Sobretudo os estrangeiros, achavam incrível aquilo que lhes estávamos a contar, mas claro que imediatamente vinha a pergunta: como é que se financia? e quando viam a maquete do edifício voltava a questão: Isto é espetacular, mas como? Eu acho que o como é agora este caminho que estamos a fazer. Eu acho que talvez o arquiteto Siza tenha ficado desiludido por o projeto não ter sido concretizado. Eu continuo a dizer não se concretizou ainda... não é?

AP: Achas que o Siza ficou mesmo zangado com a CA? Porque foi nessa altura que ele decidiu doar o acervo dele para o Canadá, para Serralves, para a Gulbenkian, para uma série de sítios. E se alguns tratam, de facto, de acervos de arquitetura outros como Serralves não tem capacidade de tratamento de arquivo.

CB: Acho que a opção portuguesa terá sido para não dizer que Portugal ficou sem nada! Parece-me que houve má informação e comunicação entre as partes. Penso que o Castanheira também sai por essa altura. O Siza precisava de ter percebido que não havia má vontade da Casa, nem nenhuma falta de vontade em concretizar o projeto, simplesmente em anos de crise não se conseguem 40 milhões de um momento para o outro, por muito que se tenha batalhado. Esta oportunidade da RV foi, por isso, uma oportunidade bem-vinda. Acho que não foi no sentido de desistir do objetivo principal.

AP: Quando houve a oportunidade da RV, juntou-se aqui a fome com a vontade de comer, ou seja, existia um edifício que podia ser candidatado a um financiamento europeu, havia a dificuldade em conseguir dinheiro do Estado para financiar o grande edifício do Siza Vieira e então foi decidido fazer a reabilitação da RV com o Guilherme que era um recurso interno da CMM, o que quer dizer que o investimento era mais pequeno também. O projeto manteve a missão de ter metade arquivo ou de centro de documentação e outra metade expositiva?

CB: Eu acho que sim. Na primeira fase, quando o Castanheira me pediu para falar com o Guilherme, a intenção era trabalhar paredes e cobertura para salvaguarda do património, aproveitando os apoios do Norte 2020. Não sei bem explicar porquê, mas houve uma ausência entre a CA e o Guilherme. Penso que foi na altura em que não se via com bons olhos esta transição. Essa parte eu não conheço bem. O Guilherme Vaz estava a fazer um esforço para cumprir este prazo e o que percebi é que ele faz os primeiros desenhos e a primeira proposta com base no programa do edifício do Siza, ou seja, ele tem por referência o mesmo programa, mas com áreas completamente diferentes, tentando adaptar o programa original a este edifício da RV. Depois houve outras fases do projeto em que nós já participamos ativamente, escrevendo uma série de textos, voltamos a chamar o engenheiro Vasques Martins, do Forte de Sacavém, para nos ajudar na definição das especificidades das áreas de arquivo. Nós tínhamos reuniões frequentes com a Câmara, e com todos os engenheiros e técnicos que estavam a acompanhar o projeto, e tudo foi sendo construído aos pouquinhos. Da ideia inicial do que se pensava implementar, até aquilo que nós vemos hoje, devem ter sido mais de dois anos de trabalho de evolução de projeto e depois de obra. A Casa acabou por conseguir ficar muito próxima das ambições que tinha a nível técnico, sobretudo.

AP: Relativamente a uma coisa mais prática, que tem a ver mais com a produção. A CA, primeiro o CDAS e depois a CA, era 100% financiada pelo município de Matosinhos, no princípio, ou houve outros intervenientes?

CB: Que eu tenha memória não. No início seria a CMM a dar algum financiamento. A Casa teria alguma coisa das quotas. No início as visitas eram completamente gratuitas, e foi numa fase em que começamos a ter um grande volume de vistas que propusemos fazer um regulamento em que as visitas fossem cobradas. Porque obviamente era fundamental a casa começar a ter alguma receita,

não só com as visitas, mas posteriormente, também com a loja. Mas claro que a Câmara foi sempre o principal financiador.

AP: E o crescimento da equipa? Como é que tu foste gerindo? Como foi passar de duas pessoas para uma equipa maior? Como é que vês esse percurso? Aquilo que já disseste há bocado que passar de dois para 60 tinha sido impossível, mas ainda assim tem entrado mais gente. Sentes que agora há algumas sobreposições de funções?

CB: Não sei se são sobreposições, mas é muito diferente nós entrarmos num projeto em que fazemos alguma diferença, porque está mesmo a começar, ou entrares num projeto que já vai em andamento. Eu costumo dizer à minha equipa que já fiz tudo dentro da Casa, já varri o chão, já montei exposições, aparei o jardim, e às vezes as pessoas chegam e já não percebem o que foi esse sofrimento de não ter condições. Quando chegam agora vêm com determinado grau de exigência do que querem ter, das condições que querem ter, das ferramentas que querem ter e essa nossa história parece-lhes uma coisa muito distante. Com a nossa experiência já sabemos o que vai ou não. Acho que nos deu uma bagagem boa no sentido de que, quando falas com alguém sobre alguma coisa, já fizeste, e isso ajuda a perceber um bocadinho mais o processo. Acho que as pessoas que estiveram no início tinham uma afeição ao projeto quase pessoal, não havia ninguém para fazer, fazíamos nós. Fazíamos tudo desde montar a exposição, a fazer um magnífico *coffee break* ou porto de honra, que era servido por nós, com copos lavados por nós, tudo por nós, portanto toda a gente dava o seu melhor. Por isso hoje em dia é outra realidade. Eu acho que foi bom a equipa ter crescido, não havia outra maneira. Nós fazíamos muitas coisas quase sem meios, o que por um lado é gratificante. Mas a verdade é que sem ovos não se fazem omeletes. Agora temos espaço físico, temos condições informáticas, temos email.

AP: Sim, quando eu entrei, foste tu que criaste o meu email, eras tu que gerias também essa parte.

CB: Sim, até haver o Paulo Silva. Na verdade, até virmos para aqui em 2017, depois em dezembro criaram-se os departamentos e equipas. Até ao Nuno Sampaio entrar em 2014, eu tinha uma função normal, como qualquer outro colaborador, mais na área da arquitetura e da programação, das visitas e de acompanhamento de obra. Depois o Nuno entra e convida-me para fazer coordenação de equipa. Como era uma equipa pequena, eu coordenava toda a gente. Depois fiz o acompanhamento da obra aqui da RV e depois de abrimos foram criados os departamentos. Eu fiquei com o Departamento a que o Nuno chama de Atividades e Conteúdos, mas que na verdade é o Departamento de Produção, que hoje em dia também tem a Internacionalização, e dividiu-se em arquivo, recursos humanos. O Serviço Educativo também estava na produção e aí entraram pessoas mais especializadas que começaram a gerir esses departamentos. Não havia outra forma, mesmo fisicamente não era possível porque isto é tudo tão grande...

AP: Então, de um micro-organismo que começou com uma vontade muito forte de pouca gente, e que passou por imensas fases até chegar a este momento, a receita principal até este ano foi da CMM e na pessoa do Dr. Guilherme Pinto, que era quem acreditava mesmo neste projeto. A CA era a menina dos olhos dele... foi o que sempre me disseram!

CB: Sim, foi fundamental. O Guilherme Pinto, de quem sentimos todos saudades, porque era uma pessoa muito carismática, tinha a sua forma de estar, mas acho que tanto ele como todas as pessoas que neste caminho se foram juntando, e que foram a mais-valia da Casa, foram pessoas que acreditaram sempre no projeto, mesmo quando os outros todos à volta diziam que não ia acontecer. Ou porque não havia dinheiro, ou porque não havia meios. Estes projetos começam normalmente com muita força, mas depois esmorecem e morrem. Acho que o que fez mesmo a diferença foi as pessoas que estiveram no projeto acreditarem sempre nele. Tivemos aqui uma vez uma senhora que nos visitou e que disse que conhecia muitas entidades culturais. Ela disse que a principal dificuldade é aguentá-las, porque criar é fácil. Manter só quando tens gente que acredita muito naquilo que tem em mãos, porque senão as pessoas esmorecem com as dificuldades, desistem e os projetos morrem. O Guilherme Pinto foi fundamental nesse sentido, sempre resistiu, mesmo à oposição que terá tido dentro da autarquia, sempre foi um bom mediador.

AP: Agora entra o Estado, este ano. Qual é o objetivo agora?

CB: A CA daqui para a frente... com o Estado... Não sei. Vai ter novos desafios. Vai ter outros compromissos. Nós já temos alguma dificuldade pelo facto de termos que lidar com o Código de Contratação Pública [CCP], que em termos de produção é uma máquina pesada, às vezes atrasa-nos um bocadinho... Com a entrada do Estado não sei que implicações teremos a esse nível, se bem que já estamos habituados a fazê-lo. Espero que o Estado possa trazer um reconhecimento nacional alargado, e que também possa ajudar a que os financiadores privados reconheçam que o projeto tem pernas para andar, porque muitas vezes os financiadores achavam que era um projeto muito jovem e tinham dúvidas se ia subsistir.

AP: Ainda é muito jovem... pelo menos neste sítio e com esta dimensão.

CB: Faz-me muita aflição quando as pessoas pensam que a Casa surge em 2017 e a CA tem quase 10 anos para trás.

AP: E eu fiquei a saber que tem outros 10 antes

CB: Estas ideias demoram muito tempo a crescer e espero que com a entrada do Estado as pessoas se juntem ao projeto, porque acreditam nele, e não porque a Casa tem um financiamento extra para poder financiar outros. Acho que é muito bom que a Casa faça coproduções, coorganizações, parcerias e tudo isso.

AP: Sim, também a participação do Estado não é assim tão grande.

CB: Não, são 750.000 euros por ano, durante três anos, com quatro ministérios diferentes. Com cada um deles temos responsabilidades e protocolos específicos, no sentido de desenvolver programação e atividades específicas. Tirando a FCT, que são bolsas de doutoramento e investigação, todos os outros são para desenvolver atividades conjuntas. Mas também acho que é esse o caminho. Faz sentido dar dinheiro para nascer algum fruto. Vamos desenvolver projetos a nível do turismo e ambiental, que são temas que estão muito em cima da mesa.

AP: A sustentabilidade é o que se debate agora na Europa, sim.

CB: Portanto, vamos ter algumas coisas nessa área. A exposição do próximo ano também se vai focar nesses temas, e trazer gente mais jovem, que também é importante. A Casa teve agora um período de consolidação. Acho que foi importante conquistar aqueles arquitetos reconhecidos e que o público reconhece mais facilmente, mas agora também é tempo de receber os mais jovens, para não sentirem que a Casa é só dos reconhecidos. É tempo de abrir portas aos mais novos para realizarem exposições na Galeria, que são mais curtas e com investimento menor, e também sejam porta de entrada para esses arquitetos, curadores, projetistas e designers mais jovens virem fazer programação conosco. Depois tenho assim um voto pessoal: espero que o Open House se continue a fazer. O Open House Porto, que fizemos antes de irmos para a RV em 2015, foi fundamental. Foi um evento de dimensão internacional, que foi muito importante para perceber como é que se trabalha com grandes equipas. Espero que o nosso aniversário também traga sempre à Casa outras artes, que isso também é importante. Se há coisa que a RV tem é espaço. Como eu costumo dizer, parece uma pequena cidade. Temos estas duas praças que são um espaço maravilhoso para receber outros artistas e outras artes, e o aniversário tem feito isso, tem apostado nos cruzamentos artísticos. Espero que se continue a não perder de vista o cruzar a arquitetura com outras artes, pois acho que muitas vezes estamos a olhar para uma janela, ou para uma parede, ou para uma praça, e precisamos de algo mais para nos despertar o nosso olhar para ver de outra forma, para sentir de outra forma. A arquitetura, claro que é ótima, mas se conseguir ter as outras artes consigo é bem melhor.

AP: Obrigada!

A

Entrevista ao arquiteto Carlos Castanheira

Efetuada a 30 de julho 2021 no seu atelier

A minha participação na conceção da estrutura da Casa da Arquitectura começa com o convite por parte do Vereador da Cultura da Câmara de Matosinhos da altura, o Dr. José Manuel Dias da Fonseca, para realizar uma exposição sobre a obra do arquiteto Álvaro Siza. Este convite foi-me dirigido, pois nesta altura já tinha realizado cerca de 100 exposições sobre a obra do arquiteto Álvaro Siza.

Uma das exposições foi realizada em Santiago de Compostela, coincidente com a inauguração do Centro Galelo de Arte Contemporânea. Foi uma exposição muito grande, com muitas fotografias de família, com a colaboração estreita dos familiares, onde se apresentou fotografias do Siza jovem, ainda bebé e até desenhos de juventude.

Numa entrevista em Santiago comentei que seria quase impossível acontecer uma exposição destas em Portugal e no dia seguinte recebo um telefonema do Dias da Fonseca, que era vizinho da irmã do Siza, a Teresa Siza, para marcarmos um encontro e falarmos da possibilidade de trazer a exposição para Matosinhos. Houve uma grande transformação da garagem da Câmara Municipal de Matosinhos, que deu origem a uma Nave expositiva e lá se conseguiu trazer para cá a exposição, que foi um grande sucesso e inaugurada pelo, na altura, presidente da República, Jorge Sampaio.

Devido ao grande sucesso da exposição, o Dias da Fonseca teve mais autonomia para avançar com o objetivo de criar o Museu Álvaro Siza, que o Siza nunca quis, surgindo então o Centro de Documentação Álvaro Siza. A quinta da Conceição tinha acabado de ser restaurada pelo arquiteto Fernando Távora e arranhou-se lá um sotãozinho, um espaço ainda provisório, começando a pensar-se em novos locais para o Museu. Fomos juntando material, livros e serigrafias que eu tinha e outros cedidos pelo próprio Siza. Tentamos, com algum *budget* do Município, dar continuidade ao Centro de Documentação, mas com a saída do Dias da Fonseca as verbas foram cada vez menos e tudo caiu num marasmo.

Só passados cerca de dois anos a autarquia voltou a disponibilizar um pequeno orçamento para o Centro de Documentação, verba que quase não dava para os selos. E voltamos a parar o projeto. Fez-se nesta fase uma grande paragem neste projeto, até à saída do Narciso de Miranda e a vinda do novo presidente da Câmara, o Guilherme Pinto, que resolveu pegar novamente no projeto.

Voltou-se a falar com o Siza sobre o Museu e começou-se a organizar o projeto de modo mais abrangente, envolvendo outros parceiros. A Câmara Municipal de Matosinhos organizou uma reunião convidando a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), o Reitor da Universidade do Porto (UP), a Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, SA (APDL), a Associação Empresarial do Porto (AEP), a Direção Geral da Cultura (DGC) e o Instituto de Gestão do

Património (IGESPAR) e os arquitetos premiados em Matosinhos, quase todos eles da zona Norte. Isso foi muito bem organizado e acabou por consolidar a ideia que não fazia sentido a FAUP e a UP ter uma Casa da Arquitectura, mas que estavam dispostos a reunir e ceder o espólio em depósito. Houve nessa altura um grande *brainstorming* e uma grande vontade de continuar à procura do terreno. Foi proposto um ou outro armazém, mas eram sítios pequenos. Para o Siza, o espaço escolhido teria de ser um espaço com envergadura, podendo albergar não só a sua obra, mas também a de outros arquitetos, pois ele sentia que não estava sozinho, não estava isolado, e muitos outros arquitetos teriam obra suficiente para estarem representados. E continuou-se à procura até que apareceu um terreno, por sugestão da APDL, no percurso que o Metro faz nos terrenos à volta do Porto de Leixões, que são da APDL. Fui ver o terreno com o Siza, que fez de imediato um esquiço para aquela zona, e ficou decidido fazer-se ali a Casa da Arquitectura.

Entretanto, criaram-se os estatutos da Casa da Arquitectura, que integrou o Centro de Documentação Álvaro Siza. Portanto, a Casa da Arquitectura albergou o CDAS e pretendia agregar outros Centros de Documentação representando os arquitetos de maior relevo, já tendo contactos realizados para o Centro de Documentação Fernando Távora, apesar de existirem opiniões diversas em relação ao modo de realizar esses arquivos. Quando foi para montar esses estatutos ficou na direcção a AEP, a APDL, a Ordem dos Arquitectos, a CMM e a FAUP, o presidente da Câmara de Matosinhos e eu como Diretor.

Com o falecimento da mãe do Siza, surgiu a possibilidade de a Câmara de Matosinhos adquirir a casa de família na Rua Roberto Ivens. Falei logo com o presidente da Câmara e eles ficaram muito entusiasmados. Acabou por se comprar a casa e fizemos as obras, foi mesmo um restauro, não se alterou nada. Após o restauro da casa, foi aí instalada a Casa da Arquitectura e então quando começamos a ter instalações surgiu a necessidade de ter uma equipa de trabalho. Nessa equipa inicial trabalhava a Carla Barros, a Natacha Mota e a Carla Sousa.

Na inauguração da casa de Roberto Ivens, com a presença do Ministro da Cultura, o jardim estava cheio de gente. Convidamos uma lista de arquitetos que assinaram um protocolo de cedência de material, nesta onda veio o Gonçalo Byrne, os dois Mateus, os ARX e os Aires Mateus, uma data de gente. O único que disse que sim, mas com reserva, foi a família do Fernando Távora. Veio o Paulo Mendes da Rocha por influência do Nuno Sampaio, que além da cedência do espólio fez uma conferência fantástica numa Exponor lotada. O Nuno Sampaio criou muitas relações com o Brasil e com o Paulo Mendes da Rocha, possivelmente por estar ligado às relações internacionais na Ordem dos Arquitectos.

Nós começamos por fazer exposições, algumas atividades e reuniões, sobretudo as mensais em que reuníamos toda a gente. Por facilidade de deslocação, o presidente da Ordem dos Arquitectos, o João Rodeia, pediu para ser representado por um colega, o Nuno Sampaio, e é deste modo que ele entra na Direcção. Nesta altura, fomos fazendo exposições em que tentei mostrar os desconhecidos e

outras áreas de pensamento. Realizamos uma série de exposições com os jovens que tinham ganho prémios, e fizemos vários ciclos de conferências como, por exemplo, o Júlio Machado Vaz e a Laura Castro, tentando não convidar só arquitetos, abrindo o leque de convites. Entretanto, a Casa da Arquitectura, via município, encomenda o projeto ao arq. Álvaro Siza que depois é apresentado oficialmente e aprovado, chegando-se a fazer estudos para as candidaturas [fundos europeus].

Passado algum tempo, o Nuno Sampaio cria, com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, um novo projeto, a Estratégia Urbana, que no meu entender tinha os mesmos pressupostos da Casa da Arquitectura. Este espaço tinha sede no gabinete pessoal do Nuno Sampaio, com uma grande diferença da Casa da Arquitectura, a Estratégia Urbana passou a ter muito mais apoio monetário por parte da Câmara de Matosinhos do que a Casa da Arquitectura.

Com a falta de apoio por parte da Câmara de Matosinhos, a Casa da Arquitectura foi-se esvaziando. A concentração nas conferências que se faziam na Estratégia Urbana e a falta de *budget* foi preponderante nessa fase. Chegamos a ter problemas graves de pagamento às funcionárias, eu deixei de receber, o que era um pagamento simbólico, e perante a situação manifestei o meu desagrado.

Estava tudo muito encarreirado e a certa altura volta tudo para trás. Um dia sou chamado ao gabinete do Vereador e informam-me que já estava a acontecer um novo projeto para a Casa da Arquitectura, encomendado a uma arquiteta, para a renovação da Real Vinícola. Foi-me apresentado esta mudança de estratégia sem mais nenhuma explicação, e nesse mesmo dia apresentei a minha carta de renúncia ao cargo. Mal eu saí, o Nuno Sampaio tomou posse da Casa da Arquitectura. É agora a casa do Nuno Sampaio e não a Casa da Arquitectura, como sempre a pensamos. O Siza ficou muito magoado com a forma como foi tratado pela Câmara de Matosinhos e não quis manter a relação com a Câmara, com toda a mágoa inerente. Passado não muito tempo falece o Guilherme Pinto e a presidência seguinte manteve a estrutura que foi criada e que existiu durante muito tempo na casa da rua Roberto Ivens. O Nuno Sampaio pegou na estrutura que tinha na Estratégia Urbana e levou-os para lá, mantendo as pessoas que tinham contrato.

Entrevista ao vice-presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Fernando Rocha

Efetuada nos Paços do Concelho de Matosinhos em 1 de setembro 2021

Alice Prata [AP]: Estou a fazer a dissertação da tese de mestrado sobre a Casa da Arquitectura, no fundo o que gostava de aprofundar consigo é parte da história, a criação e os caminhos que a Casa da Arquitectura foi tendo. E perceber as condições que vão influenciando as mudanças e os percursos da entidade na perspetiva da produção porque, na verdade, o meu mestrado é no ESMAE, na vertente de Produção e Direção de Cena.

Já falei com algumas pessoas, nomeadamente o Dr. Dias da Fonseca, que obviamente eu conheço da Casa da Arquitectura, porque trabalhei lá. O município é um parceiro fundamental para a existência da entidade, senão o parceiro responsável pela criação da Casa da Arquitectura. Neste sentido gostaria de perceber a sua perspetiva enquanto representante do município, e eu sei que acompanhou este processo quase desde o início.

Fernando Rocha [FR]: Não, acompanhei mesmo desde o início, aliás devo ser a única pessoa que acompanhou o processo integralmente. Eu presumo que o Dias da Fonseca lhe deve ter dito isso.

AP: Exatamente.

FR: Aquilo não nasceu como Casa da Arquitectura, nasceu como um Centro de Documentação sobre arquitetura aqui na Câmara. Primeiro até no Museu da Quinta de Santiago, porque era o espaço que havia. Havia um espaço, havia algum (muito pouco e incipiente) espólio, era a tentativa de começar a criar uma espécie de um arquivo. Na altura foi chamado Centro de Documentação Álvaro Siza. Entretanto começaram-se a juntar outros arquitetos, e depois começou a crescer, foi preciso dedicar um bocadinho mais de espaço, mais tempo, mais pessoas, e depois até alugamos um espaço na Câmara Antiga.

Constituiu-se, entretanto, a Associação Casa da Arquitectura, e o espaço da Câmara Antiga também já era reduzido. A Câmara tinha acabado de comprar a Casa da família do arquiteto Siza Vieira.

Restaurámos a Casa e passámos para lá a Casa da Arquitectura, já com a associação constituída. Aí voltou a crescer bastante.

Entretanto, a Casa de Roberto Ivens passou também a ser pequena, e encomendámos um projeto ao arquiteto Siza Vieira para fazer a Casa da Arquitectura de raiz, num terreno cedido por um dos fundadores, que era a APDL, junto ao Porto de Leixões. Projeto feito, em que tinha as componentes que hoje tem, espaço expositivo, auditório, e essencialmente, arquivo. O projeto foi apresentado ao Governo da época, que era o governo Sócrates, nomeadamente ao ministro da economia Manuel Pinho, que achou muito interessante, mas o valor era na verdade bastante elevado, e queimar ali 40 milhões de euros, por aí, o Governo não alinhou nessa perspetiva.

Depois, isto é um processo muito longo, com algumas peripécias pelo meio, veio o Governo Passos Coelho, e voltámos a apresentar o projeto. Nós tivemos uma reunião com um membro do Governo que antes de abrir as plantas perguntou quanto é que custava. E quando dissemos mais ou menos quanto era ele disse “nem quero ver.”

AP: Pois.

FR: E morreu outra vez ali. Entretanto, a Câmara tinha um ativo que era a Real Vinícola, um edifício que estava em avançado estado de degradação. E nós decidimos recuperar o edifício. Não tinha um destino. Entretanto, como começamos a perceber que o outro projeto não havia maneira de descolar, nós tentámos propor ainda ao Governo do PSD do Passos Coelho, fazer o projeto por fases. Também não aceitaram. Não aceitaram, porque nós precisávamos de financiamento para o projeto. Porque a Câmara de Matosinhos assumiu, e fez, o pagamento do projeto todo com as especialidades, etc. Estávamos no desenvolvimento da ideia da recuperação da Real Vinícola, o que é que vamos fazer, o que é que não vamos fazer, o que é que vamos lá colocar. Havia muitas ideias, mais do ponto de vista de espaço cultural, até algumas do ponto de vista comercial meramente. Chegou a haver propostas externas para um hotel, chegou a haver propostas para um misto de hotel e habitação, e nós também entendemos que não, que era um espaço público e não podia levar esse destino.

A Casa da Arquitectura tinha que ter um espaço, o outro projeto não andava. Foi quando decidimos instalar lá a Casa da Arquitectura, e pedimos à Casa da Arquitectura para coordenar o projeto da Casa e os arquivos com a equipa projetista. Nesse momento também decidimos instalar lá a Orquestra Jazz de Matosinhos, e depois havia uma das alas do edifício que seria explorado do ponto de vista mais comercial, para dar ali alguma sustentabilidade. Pronto, a partir daí o processo é mais público e conhecido.

Os propósitos da Casa da Arquitectura eram os que estavam definidos na associação. Eu próprio fui fundador da Associação Casa da Arquitectura, sou um dos fundadores. Fui da Direção, das sucessivas Direções da Casa da Arquitectura até ao penúltimo mandato, em que saí naturalmente. Porque era esse o nosso propósito. O propósito que estava definido na Câmara, é que os elementos da Câmara iriam saindo da Associação para ela ter a sua vida normal, e não com aquele aspeto tutelar da Câmara. Pelo meio disto tudo, e logo no início da construção das atuais instalações, um pouco antes, o Director executivo mudou do Carlos Castanheira para o Arq. Nuno Sampaio, que foi o responsável por tudo o que lá está hoje. De resto, o objetivo era promover a arquitetura. Arquivar, estudar, disponibilizar arquivos de arquitetura, que é o que a Casa da Arquitectura está a fazer neste momento.

AP: Uma das perguntas que eu tinha para fazer, mas já me respondeu mais ou menos, era que a ideia do município foi criar esta associação não como empresa municipal.

FR: Sim. Isso foi muito claro desde a primeira hora, porque senão nós tínhamos criado a empresa municipal na altura. Hoje não seria tão fácil.

Nós criávamos uma empresa municipal, que foi uma coisa que chegou a ser equacionada, uma empresa municipal da cultura. Mas entendemos que não, porquê? Porque tínhamos como objetivo que a Casa da Arquitectura, apesar de estar em Matosinhos, tivesse uma perspetiva nacional e internacional e, portanto, achámos que era um bocadinho redutor ser a Câmara Municipal a promover isso. Foi uma coisa que estava muito clara desde o início. Se calhar não foi muito bem explicada, mas isso não importa, porque tínhamos a certeza do que queríamos fazer. Aliás, seguindo um modelo muito parecido do que fizemos com a Orquestra Jazz de Matosinhos. A Orquestra também nasceu aqui, passo a expressão, aqui dentro, e depois seguiu o seu caminho e hoje tem total autonomia.

AP: No fundo, a política do município é lançar estas entidades, mas depois dar-lhes independência.

FR: Exatamente.

AP: Apoiam a génese e depois vão libertando...

FR: Claro! Para não estar sujeita à tutela municipal que tem sempre muitos constrangimentos, depois para não estar presa a períodos eleitorais, para não estar presa a um conjunto de regras que nós aqui dentro temos que estar, que fazem parte da democracia. Quando se criou a Casa da Arquitectura ponderou-se se devia ser uma associação, se deveria ser uma fundação, etc, mas entendeu-se que este modelo não seria mau, até porque essa discussão já tinha sido travada quando foi da Orquestra. Portanto nós já tínhamos ali alguma experiência e o caminho foi assim que se fez.

AP: Uma das coisas que o Dr. Dias da Fonseca me disse foi que organizaram aqui na Câmara uma exposição de obras e projetos do Siza Vieira.

FR: Organizámos duas exposições. A primeira foi com obras e projetos do arquiteto Siza Vieira, que foi a maior exposição que se tinha feito até à época sobre a obra do arquiteto Siza, e mais tarde, estamos a falar mais tarde dois a três anos, organizámos uma sobre o Eduardo Souto Moura. Que também à época foi a maior exposição que se fez sobre o arquiteto Eduardo.

A exposição do Siza fez um grande caminho internacional e a exposição do Eduardo também, nomeadamente em Itália, onde a exposição se deslocou numa versão mais pequena, e foram as duas feitas na atual Casa do Design, que na altura era a garagem da Câmara Municipal, dos automóveis.

AP: Pus-me a fazer pesquisa e não consigo encontrar informação nenhuma, nem no site da Câmara nem na internet, a não ser uma pequena notícia, de um jornal que eu acho que até é daqui de Matosinhos, a dizer que a exposição do Siza Vieira animou as festas da cidade.

FR: Sim. Quer uma quer outra...

AP: Como é que eu consigo ter, vocês têm em arquivo?

FR: Nós temos o livro.

AP: E fotografias?

FR: Fotografias não sei, mas posso perguntar. Porque na época não se ligava muito a isso. Nós estamos a falar para aí de 1996.

A exposição do Eduardo coincidiu porque durante a exposição o Eduardo ganha o prémio Pessoa ou Camões, já não me lembro. Ganhou um desses grandes prémios quando a exposição curiosamente estava aqui patente. A exposição do Siza até tem um fenómeno muito interessante, e podia pesquisar isso, mas eu não sei como. O problema é que na altura não havia internet.

AP: Pois é! É mesmo difícil.

FR: O que é que acontece, a exposição do Siza está aqui, tem um grande sucesso, mas não tem um grande sucesso mediático à época, porque era uma coisa em Matosinhos. A exposição dá uma volta muito grande, esteve em muitos sítios do mundo, e depois vai ao Centro Cultural de Belém.

AP: E aí é que aparece noticiado.

FR: Aí é que aparecem as grandes notícias, nomeadamente no Expresso, como sendo uma coisa nunca vista. E isso só mostra quanto o país é centralizado.

E a exposição do Eduardo, que foi um bocadinho mais tarde, já teve mais enfoque, mas ganha também dinâmica quando vai para Itália. Porque, entretanto, isto coincide com a fase em que o Eduardo começa a ganhar muitos prémios e começa a haver uma maior curiosidade em saber. Nós da exposição do Siza temos um catálogo que se chama obras e projetos, esgotadíssimo, e do Eduardo também. Esgotaram os catálogos.

AP: Mas vocês não têm para consulta, sequer?

FR: Sim temos. Temos de certeza absoluta na nossa biblioteca. Eu até posso ver, não sei se terei aí. Foi muito interessante a história do Siza, porque as notícias da exposição do Siza são tipo dois anos depois de ela ter estado aqui. Que é quando vai ao CCB.

AP: Isso eu encontrei.

FR: Pois. Aliás o Expresso, se eu não estou enganado, faz um artigo para aí de quatro páginas na revista.

AP: Essa parte toda encontrei, inclusive notícias sobre a exposição no CCB. Mas isto é anos a seguir.

FR: Era sobre a versão mais reduzida da exposição que estive aqui. Só que ela antes de ir ao CCB deu uma volta imensa, até à China foi! O problema é que na altura era diferente.

AP: Foi a única referência que eu consegui encontrar numa pesquisa já filtrada e refinada. A única referência que eu consegui encontrar da exposição aqui de Matosinhos foi uma noticiuzinha, que até nem sequer tem fotografia nenhuma da exposição. Tem a fotografia da igreja do Nosso Senhor de Matosinhos com o título: exposição do arquiteto Siza Vieira anima as festas da cidade. Até achei muita piada: isto é surreal!

FR: Sim, mas isso é uma prática que nós temos já há muitos anos, de pontuar as festas do Senhor de Matosinhos com uma grande exposição. Se eu lhe disser, por exemplo, que em 2001, fizemos a maior exposição de sempre sobre o mestre Júlio Resende, e foi nas festas do Senhor de Matosinhos. No mesmo sítio. Depois fizemos também uma grande exposição, até hoje a maior de sempre, sobre Augusto Gomes, que é um dos precursores do neorrealismo em Portugal. Que também foi uma exposição que depois fez um grande caminho. Também foi por altura das festas do Senhor de Matosinhos.

Nós temos uma perspetiva das festas do Senhor de Matosinhos, que são características, tradicionais, religiosas, tudo o que a festa tem, mantém-se. E depois temos-lhe introduzido alguns fatores de modernidade. E temos feito isso, por exemplo, a Casa do Design no ano que abriu foi durante as festas do Senhor de Matosinhos.

AP: Eu como sou frequentadora das festas do Senhor de Matosinhos vou acompanhando as coisas e tenho essa noção, sim.

FR: Essas duas exposições, quer a do Siza quer a do Eduardo, foram um bocado o rastilho para o que se fez a seguir, por isso é que elas já têm tantos anos.

AP: Uma questão que eu queria perceber era se conseguia ter acesso a algum do material, como fotografias ou cartazes dessas exposições.

FR: Sim, isso deve haver. Mas eu não sei onde, isso é de uma área que não é minha. Eu vou tentar ver e depois digo-lhe.

AP: Pronto, não lhe tomo mais tempo, sei que está toda a gente com as vidas ocupadas politicamente nesta altura. Mas a ideia do início, quando me falou do Centro de Documentação Álvaro Siza, era com a perspetiva de ter um museu mais específico, só para o Siza, ou a ideia já era ser mais abrangente, da arquitetura?

FR: Sabe que eu tenho uma perspetiva e essa perspetiva foi sendo a da Câmara ao longo de muitos anos. Nós começámos a fazer um caminho, e não traçámos no primeiro dia todos os grandes objetivos, fomos explorando o caminho para perceber em que direção devíamos ir. Eu devo dizer-lhe que em Matosinhos não havia o teatro municipal, mas nós fazíamos teatro nem que fosse no armazém. E a dada altura houve a necessidade de se construir um teatro. E aqui foi igual. Vamos começar a pensar nisto à volta da arquitetura. À volta da arquitetura em Matosinhos, obrigatoriamente tem de se pensar no Siza, e foi por aí que começámos. Claro que a ideia não era ter aquilo focado só num arquiteto, mas sabíamos que atrás do Siza, do Távora, que também era muito ligado a Matosinhos, viriam outros. Ou não. Nós achávamos que sim. E a prova é que vieram. E depois começou a alargar-se. Agora se me diz assim: no dia que fizemos, no sótão do Museu da Quinta de Santiago, o Centro de Documentação Álvaro Siza, se pensávamos que íamos chegar à Casa da Arquitectura tal como ela está, eu acho que não é verdadeiro se lhe disser que sim. Até porque nós temos consciência, hoje felizmente menos que na época, que as pessoas viam com muita desconfiança aquilo que ia de terras mais pequenas. Tudo que não fosse Lisboa e um bocadinho o Porto, que já não era a mesma coisa, tinha que mostrar muito, muito, muito trabalho para se afirmar. Eu vou-lhe só dar um pormenor para perceber isto. Sem citar nomes. Numa reunião de um ministro, com um ministro, para apresentar o projeto do arquiteto Álvaro Siza para a Casa da Arquitectura esse ministro teceu os mais rasgados elogios ao projeto, ao programa, a tudo. Claro que sempre dizendo que havia muitas dificuldades, mas que era magnífico, que era extraordinário, ao ponto de ao lado do ministro estar uma pessoa do seu gabinete e dizer: Senhor ministro, nós temos que trazer isto é para Lisboa! Portanto aquilo era bom demais naquela perspetiva para ficar em Matosinhos. Agora em Lisboa já seria fantástico. E também são estas coisas que matam os grandes projetos.

AP: Isso será, na verdade, o grande entrave para construção do projeto...

FR: Sim, claramente.

FR: Aliás eu digo-lhe uma coisa, o projeto não se fez porque ninguém dos Governos se empenhou verdadeiramente naquilo. Ninguém entendeu que aquilo podia ser um eixo estruturante para a arquitetura e para a cultura portuguesa. Porquê? Porque durante anos, falava-se de um museu da Arquitectura em Lisboa. Que foi anunciado várias vezes. Nunca houve capacidade para o fazer. E nós tivemos o arrojo, vamos assim dizer, de pôr pés ao caminho. E vamos fazer. E primeiro começámos no sótão, depois alugámos um espaço, depois fomos para uma casa pequenina e agora estamos numa maior, fazendo assim. Tínhamos o projeto, e temos o projeto, num edifício completamente novo dedicado à arquitetura que até agora não conseguiu fazer caminho, mas que

hoje em dia é inevitável que a Casa da Arquitectura e o Centro Português de Arquitectura são em Matosinhos. Mas para isso foi preciso correr riscos. Foi preciso investir muito dinheiro, e nem todos os municípios se disponibilizam para isso, mas nós entendemos que era uma forma de seguir, de fazer, e está aí o resultado. Nós não estamos a falar de ideias, não estamos a falar de projetos, estamos a falar de obra feita. E, portanto, há quem continue a sonhar com outras coisas, mas isso não produz efeito. Pronto e chegamos aqui.

AP: Só para finalizar, em termos de financiamento, o objetivo é mesmo que seja independente e que siga o seu caminho.

FR: Neste momento o Estado já garante um conjunto de apoios. Aliás um dos nossos objetivos é não deixarmos cair as instituições. Dando um exemplo que é muito paralelo, embora a escala e dimensão não seja tão grande. A necessidade do financiamento municipal à Orquestra Jazz de Matosinhos tem vindo a diminuir. Porquê? Porque a orquestra foi ganhando autonomia e a Casa da Arquitectura, claro que parte com 15 anos de atraso em relação à Orquestra, também. A Casa da Arquitectura tem vindo a ganhar dois tipos de apoios que são os privados e agora, a partir deste ano, do Estado. Admitimos que com o trabalho que vá ser feito vão aparecer mais privados e que o estado há-de reforçar a sua participação e, portanto, é um caminho que se está a fazer.

AP: Não o ocupo mais. Obrigada.

Entrevista ao Presidente da Casa da Arquitectura, José Manuel Dias da Fonseca

Efetuada nas instalações da MDS Portugal em 13 julho 2021

Eu fui para a Câmara Municipal de Matosinhos em 1994 como Vereador da Cultura, Vice-presidente e assumindo ainda outras vereações. O meu ponto de partida foi o Alvar Aalto na Finlândia. Quando em 1973 fui à Finlândia com o meu irmão, que era estudante de arquitetura e amigo do Siza, chegamos a Helsínquia e havia roteiros das obras do Alvar Aalto, e isso impressionou-me, inclusive visitamos o Alvar Aalto pessoalmente.

Fazendo uma transposição de pensamento, nós aqui em Portugal e em Matosinhos temos o arquiteto Álvaro Siza Vieira. O que poderíamos então fazer para engrandecer a sua obra? Teríamos que valorizar o arq. Siza Vieira, por um lado, na sua dimensão mundial e, por outro, na sua dimensão local, em Matosinhos. Afinal um dos grandes nomes do mundo é de Matosinhos! E assim começamos a pensar como dar visibilidade às suas obras, criando roteiros que permitissem às pessoas visitar de forma organizada e instruída as suas obras principais, nascendo também a ideia de criar um Centro de Documentação Álvaro Siza Vieira, onde se pudesse colecionar ou organizar elementos à volta do Siza. Pensando nele como marca, como grande expoente da cidade de Matosinhos. Para isso decidi criar uma equipa para levar a bom porto esta empreitada. Nessa altura, em 1994/1995, convidei o arquiteto Carlos Castanheira para trabalhar como meu consultor, para trabalhar sobre este projeto específico.

Nasce assim a primeira proposta que é entregue na Câmara Municipal de Matosinhos sobre a criação do Museu de Arquitetura. Iniciamos com a constituição do Centro de Documentação Álvaro Siza (CDAS) no último piso do Museu da Quinta de Santiago e começa-se a colecionar coisas à volta do Siza que a própria Câmara tinha, etc... lembro-me na altura que comprei uma coleção fabulosa de cerca de trinta fotografias originais do arq. Siza Vieira na Holanda, ao fotógrafo José Manuel Rodrigues, para dar corpo ao projeto.

Sempre com a ajuda do arq. Carlos Castanheira fomos avançando e decidimos trazer para Portugal, para Matosinhos, a primeira grande exposição sobre a obra do Arq. Siza Vieira que estava a ser realizada no Centro Galego de Arte Contemporânea. Conseguimos alugar a exposição e trazê-la para Matosinhos. Para o fazer, transformamos a cave da Câmara Municipal de Matosinhos, que era uma garagem para automóveis, numa zona de exposições. O arquiteto Alcino Soutinho fez a transformação do que se passou a chamar Galeria Nave, albergando a exposição do Arq. Siza Vieira em Matosinhos, a primeira grande exposição do arq. Siza Vieira em Portugal. Nós melhoramos a exposição, com o apoio do arq. Carlos Castanheira, fizemos o catálogo em português, readaptando o espanhol, e mandámos vir obras do Centro Georges Pompidou, da coleção do Georges Pompidou. Encontramos maquetes que não estavam na exposição de Espanha e fizemos uma encomenda de

maquetes, ao Álvaro Negrello [maquetista] de obras não feitas do Siza Vieira, como a Caixa Geral de Depósitos em Matosinhos e um posto da Sacor de combustíveis. Fez-se, deste modo, uma grande exposição, toda produzida com operários da Câmara Municipal de Matosinhos e com a presença do Presidente da República Jorge Sampaio na inauguração. Fizemos merchandising, t-shirts, cartões de telefones, tudo isso com o grande objetivo de fazer o Museu Álvaro Siza, como há o Museu do Alvar Aalto em Jivaskyla.

O que tentamos valorizar desde o início foi o arquiteto Siza Vieira e a arquitetura portuguesa. Afinal tínhamos e temos um dos melhores arquitetos do mundo, com obra em Matosinhos. Arquitetura e Poesia, são a meu ver, as artes em que Portugal se coloca ao nível dos melhores do mundo. E pensamos que era importante criar uma relação entre o Álvaro Siza e a cidade, que desde a realização da piscina das Marés, da Casa de Chá e da piscina da Quinta da Conceição, que a fez por indicação do arquiteto Fernando Távora, e mais algumas casas privadas, não fez mais arquitetura em Matosinhos. A Câmara Municipal de Matosinhos podia ter sido a grande obra do arquiteto Siza, mas como se fez um concurso não foi ele a fazer o projeto. Podia ter-se feito um ajuste direto como na Finlândia, quando foi para projetar o Concert Hall chamaram o Alvar Aalto. Posteriormente, para disfarçar, encomenda-se Matosinhos Sul ao arquiteto Siza e depois a marginal, que também ninguém vê pois é demasiado subtil. Mesmo no Porto a grande obra do arquiteto Siza foi mais tardia.

Quando se falou com ele sobre a ideia de criar o Museu Álvaro Siza ele não quis e mudamos para Museu de Arquitetura. Na altura chamávamos Museu por uma questão de facilidade, não sabíamos bem o que ia ser. Mas a ideia era criar um grande espaço dedicado à arquitetura e que tinha um núcleo central, o Centro de Documentação Álvaro Siza (CDAS) que já tínhamos implementado, estava a crescer e iria integrar o Museu da Arquitetura. Portanto, não é exatamente o mesmo que a Casa da Arquitetura atual. Pretendíamos criar um Museu de Arquitetura, dedicado à arquitetura. Começamos logo a falar com alguns arquitetos mundiais, no sentido de termos obras para comparar com as nossas, mas a parte documental e de arquivo era de Matosinhos, dedicada ao arquiteto Siza. Foi assim que começou. A Câmara Municipal de Matosinhos aprovou a grande exposição, começamos a fazer roteiros, desdobráveis, contratámos jovens para ajudar nas visitas guiadas, sempre com a ajuda e superorganização do Carlos Castanheira.

Em 1996 peço a demissão. Saio da Câmara Municipal de Matosinhos e o projeto desmorona-se. O arquiteto Castanheira também se desliga. A Laura Castro, que era minha assessora e diretora da Quinta de Santiago também sai, e as coisas morrem um pouco. Anos depois o Dr. Guilherme Pinto assume a presidência e recupera este projeto, lançando a ideia da grande Casa da Arquitetura. Na altura eu estava na SONAE, e em conversa com o Engenheiro Belmiro de Azevedo criamos a ideia do triângulo virtuoso. Entretanto, o Dr. Guilherme Pinto lança esta ideia de fazer a Casa da Arquitetura, cria a Associação e vai buscar o arquiteto Carlos Castanheira para Diretor.

O Guilherme Pinto organiza uma grande missa no salão nobre e chama muitos empresários, o Belmiro, o Valente de Oliveira, a Bial, etc. Nesse dia faço uma intervenção e falo da ideia do triângulo virtuoso que era juntar a música, as artes plásticas e a arquitetura. A ideia era a grande instituição das artes plásticas que é Serralves, com uma componente de arquitetura que era o Museu do arquiteto Álvaro Siza, a grande instituição da música com a componente da arquitetura com o arquiteto Rem Koolhaas, a Casa da Música e depois o Museu da Arquitetura, que para mim é o mais importante do ponto de vista internacional, com uma grande componente de arquitetura que era o museu do Siza. Os empresários ficaram muito entusiasmados com a possibilidade de apoiar este projeto que era o orgulho do Norte. E a arquitetura tinha que ser mesmo aqui por razões óbvias. No meio de todo este entusiasmo, o Dr. Guilherme Pinto negocia com a APDL a doação de um terreno fabuloso no fim da linha do metro, em frente ao Porto de Leixões. E passamos a ter o terreno disponível. Um terreno muito difícil como o arquiteto Siza gosta, mas que tinha uma visibilidade brutal. O arquiteto Siza aceita fazer o projeto.

Eu não tenho detalhes, mas sei que este é o primeiro projeto com financiamento sem apoio do Governo, ao contrário de Serralves e da Casa da Música, etc. O projeto arrancaria com uma componente nacional garantida pela Câmara Municipal de Matosinhos, pois havia dinheiro das gasolinhas, e o resto seria financiado pelos fundos europeus que aprovariam com certeza o projeto. Era neste ponto que estávamos em 2007 ainda com o engenheiro Sócrates como primeiro-ministro, portanto antes da crise financeira.

Estava tudo a correr bem, mas depois instala-se a crise financeira e entra o governo de Passos Coelho. A Câmara Municipal de Matosinhos mantém o projeto, faz a encomenda deste ao arquiteto Siza, mas, entretanto, o Governo proíbe ou faz com que não aconteça em nome da redução de custos. Tudo se complica nesta fase. O Dr. Guilherme Pinto fica revoltadíssimo porque não iam agravar a dívida e o resto eram fundos comunitários. Toda esta situação criou um problema grave, até com o próprio arquiteto Siza que não percebeu bem quem estava a pôr entraves ao projeto e ficou zangado com a Câmara Municipal de Matosinhos. O Dr. Guilherme Pinto não desistiu, e pensou na Real Vinícola que estava abandonada e em risco de se deteriorar para criar ali a Casa da Arquitectura, não abandonando a ideia do Museu, mas como o grande centro de arquivo e tratamento, que é uma ideia fabulosa.

A Real Vinícola é uma história com muita piada. Quando eu ainda estava na Câmara Municipal de Matosinhos havia o problema da Real Vinícola. Era um espaço que tinha donos, estava abandonado e existia muito interesse em construir nessa área hipermercados, edifícios e prédios. Eu, como vereador, crio um conceito para aquela área, que era o Centro de Ciências e Técnicas do Mar. Estávamos em 1995, a fazer os preparativos da Expo 98, e os temas sobre o mar e os oceanos estavam no seu expoente máximo. Matosinhos tem oceano e por isso criou-se a ideia. Fizemos um acordo com o Governo francês e fomos visitar vários aquários em França. A ideia não era propriamente fazer um aquário, era criar um complexo que passava por instalar o departamento das

biomédicas ligado aos mares e aos oceanos, criando um aquário com uma componente também de rio. Havia um modelo em que a água vinha diretamente da praia e tinha uma ligação às conservas, simulando uma fábrica de conservas. Trouxemos a ideia dos EUA, em que as crianças podiam participar e recebiam no fim um ordenado, que eram moedas de plástico, que trocavam por produtos na loja. Ao mesmo tempo tínhamos a fábrica online, onde se podia assistir ao quotidiano da fábrica, e um centro de talassoterapia. A SONAE estava interessada. A cidade Boulogne-Sur-Mer era nossa parceira, ajudou-nos a fazer um projeto fabuloso e depois fez-se um concurso para a arquitetura. Isso é que deu cabo de tudo. Quando se faz o concurso eu já não estou na Câmara Municipal de Matosinhos e é o presidente Narciso que faz o concurso em duas fases, uma fase mais de projeto e outra mais qualitativa de currículos. Na primeira fase ganha o arquiteto Cremascoli, que trabalhava com o arquiteto Siza, em 2º lugar fica a arquiteta Teresa Fonseca, que era minha cunhada e eu conhecia bem, e o arquiteto Alcino Soutinho fica em 7º lugar. Na 2ª fase o arquiteto Soutinho fica em primeiro com uma vantagem de tal ordem que ultrapassa o 1º candidato e ganha o concurso. Foi um escândalo monumental. Houve recursos e a Câmara Municipal de Matosinhos acaba por anular o concurso. Entretanto, adquire-se a o edifício da Real Vinícola, classificámo-lo como património de modo que se impediu de estar lá um supermercado, ou outro edifício qualquer. Neste decorrer acontece todo o escândalo ligado ao concurso do projeto de arquitetura e depois não se aprovou o projeto do Museu, nem dava para fazer outra atividade qualquer no espaço, pois estava classificado.

Estavam lançados, em 1995, dois grandes projetos com âmbitos diferentes. O Centro de Documentação Álvaro Siza e a aquisição da Real Vinícola para a concretização do Centro de Ciências e Técnicas do Mar. Eram dois projetos que podiam ter sido fabulosos se tivessem sido feitos nessa altura. O presidente Guilherme Pinto faz a síntese, que foi juntar dois projetos muito importantes da década de 90, por colocar na prática, ligando os dois. Esse foi o grande impulso para a história da Casa da Arquitectura. Que depois acabou por dar problema com o arquiteto Siza por causa do projeto. O presidente Guilherme Pinto teve que decidir entre pedir o projeto ao arquiteto Siza, e ter que esperar dois ou três anos pela sua concretização, ou tentar adjudicar o projeto a um arquiteto da própria Câmara, processo que não necessitava de concurso e se tornaria mais célere. Não sei se foi a melhor decisão, mas respeito a decisão que ele tomou, que foi garantir que durante o seu mandato o projeto seria realizado.

Sobre o projeto do que é atualmente a Casa da Arquitectura, penso que podia ter ficado melhor, há muitas coisas que falham, talvez pela rapidez com que foi projetado, talvez por alguma pressão para cumprir prazos. Não quero atirar pedras a ninguém, mas penso que o projeto tem problemas, apesar de ter ficado bem. Acaba por ter muitas limitações. Historicamente o edifício era uma coisa fechada, era uma fábrica, uma empresa. Desde que a Casa da Arquitectura se fundou que se pretendia que fosse totalmente aberta e continua fechadíssima. Mas apesar de ser uma fábrica de raiz, o projeto deveria alterar coisas, respeitar a história do edificado, mas conseguir abrir-se para o exterior. A genialidade do arquiteto está em ao lado do antigo fazer o contemporâneo, fazendo arquitetura atual que conviva com o existente. Admito que a falta de tempo acabou por criar limitações. Mas a verdade

é que cumpriu o objetivo e se tivéssemos na altura continuado a discutir ainda não havia Casa da Arquitectura.

Estatutos Casa da Arquitectura

419 J26

1/3
h
B.

ESTATUTOS ACTUALIZADOS DA "ACA - ASSOCIAÇÃO CASA DA ARQUITECTURA"

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÃO, NATUREZA, DURAÇÃO, SEDE, ÂMBITO E FINS

Artigo 1º: Denominação, Natureza e Duração

A Associação que adopta a denominação "ACA - Associação CASA DA ARQUITECTURA", é uma instituição sem fins lucrativos, de carácter cultural, que se regerá pelo disposto na legislação aplicável e nos presentes Estatutos.

Artigo 2º: Sede e Âmbito

2.1. A Associação terá a sua sede na Rua Roberto Ivens, n.º 582, 4450-254 Matosinhos, freguesia de Matosinhos, concelho de Matosinhos.

2.2. A sede pode ser deslocada ou transferida para outro local, mediante deliberação da Direção, devendo, contudo, manter-se sempre em Matosinhos.

2.3. A Associação exerce a sua atividade em todo o território nacional, podendo alarga-la ao estrangeiro.


2.4. A Associação pode, mediante deliberação da Direção, constituir delegações ou formas de representação equivalentes em qualquer ponto do país ou do estrangeiro.

2.5. A Associação pode filiar-se, associar-se ou aderir a outras organizações nacionais, estrangeiras ou internacionais que tenham objetivos afins.

Artigo 3º: Fins

3.1. São fins da Associação a promoção e divulgação da arquitetura a nível nacional e internacional; a conservação, o tratamento, promoção e divulgação do espólio da Associação; a gestão do "CDAS – Centro de Documentação Álvaro Siza"; a gestão do "Centro de Estudos e Documentação da CASA DA ARQUITECTURA"; a gestão do "Arquivo da CASA DA ARQUITECTURA".

3.2. Na prossecução dos seus fins e no âmbito dos mesmos, a Associação poderá:

- 
- a) Organizar todo o tipo de eventos para promoção e divulgação da arquitetura a nível nacional e internacional;
 - b) Apoiar iniciativas de promoção e divulgação da arquitetura a nível nacional e internacional;
 - c) Promover o conhecimento e a divulgação do espólio da Associação, nomeadamente através da organização de cursos, palestras e colóquios, publicações e edições de design;
 - d) Promover e desenvolver atividades lúdicas, culturais, turísticas e sociais que contribuam para um melhor conhecimento e defesa do património arquitetónico municipal, nacional e internacional;
 - e) Desenvolver atividades de formação que contribuam para a realização dos objetivos da Associação;
 - f) Proceder ao tratamento de projetos, maquetes e demais materiais de arquitetura, e, em geral, espólios e acervos de arquitetura, propriedade da Associação ou ao cuidado da Associação;
 - g) Receber, tratar e divulgar espólios e acervos de arquitetura doados ou entregues ao cuidado da Associação;
 - h) Desenvolver ações de cooperação com outras entidades que possam contribuir para a realização dos objectivos da Associação;
 - i) Gerir espaços e património de interesse arquitetónico de forma a dinamizar, rentabilizar, conservar e promover o património construído;
 - j) Promover e divulgar a arquitetura como um produto cultural, educacional, social, comercial e industrial;
 - k) Promover e divulgar a arquitetura junto de novos e diversificados públicos, maximizando e diversificando o "cliente de arquitetura".

3.3. Mediante deliberação da Direção, a Associação poderá participar no capital social de sociedades comerciais, seja qual for o seu objecto social, bem como em agrupamentos complementares de empresas, consórcios e outras entidades.

3.4. Os serviços prestados pela Associação poderão ser remunerados, sendo os proveitos inteiramente aplicados na prossecução dos fins da Associação.

CAPÍTULO III ASSOCIADOS

2 4
3 1
B.

Artigo 4º: Categorias de Associados

4.1. A Associação é formada por um número ilimitado de Associados, nacionais ou estrangeiros, pessoas singulares e pessoas coletivas públicas ou privadas.

4.2. Poderá haver quatro categorias de associados:

- a) Associados Fundadores: aqueles que figuram como criadores da Associação na escritura de constituição da Associação;
- b) Associados Agregados: todos aqueles que sejam admitidos como Associados após a constituição da Associação, mediante deliberação da Direção nos termos dos Estatutos;
- c) Associados Mecenass: aqueles a quem a Direção atribua o estatuto de Mecenass, tendo em conta o seu contributo financeiro ou de outra natureza para a Associação;
- d) Associados Honorários: aqueles que tenham atividade pública relevante no âmbito dos fins da Associação.

4.3. Não são Associados os "Amigos", sendo estas pessoas nacionais ou estrangeiros, pessoas singulares e pessoas coletivas públicas ou privadas, que, em contrapartida de uma quota anual, têm acesso a determinadas vantagens fixadas pela Direção em cada momento.

Artigo 5º: Admissão


5.1. A admissão de novos Associados compete à Direção, sob proposta do candidato a Associado ou de um ou mais Associados.

5.2. Mediante deliberação da Direção, poderá ser exigida aos Associados, à exceção dos Associados Honorários e Mecenass, o pagamento de uma joia de inscrição e de uma quota anual.

5.3. Recepcionado o pedido ou proposta de admissão, a Direção deverá deliberar no prazo de quarenta e cinco dias, sendo que, não o fazendo nesse prazo, se considera haver indeferimento.

Artigo 6º: Direitos dos Associados

6.1. Constituem direitos de todos os Associados:

- 
- a) Assistir a todos os eventos organizados pela Associação;
 - b) Ser informado de todas as atividades da Associação;
 - c) Beneficiar de quaisquer atividades ou vantagens especiais a criar pela Associação.
 - d) Direito de voto em Assembleia Geral nos termos destes Estatutos.
- 6.2. A participação e voto na Assembleia Geral rege-se pelo seguinte:

- a) Associados Fundadores, Agregados e Mecenaz: cada um dos Associados tem direito a um voto;
- b) Associados Honorários: não podem constituir representantes; não têm direito de voto; podem ser observadores nas Assembleias Gerais.

Artigo 7º: Deveres dos Associados

São deveres dos Associados os previstos na lei e os seguintes:

- a) Concorrer para o prestígio e a prossecução dos fins da Associação;
- b) Cumprir os Estatutos e as decisões da Assembleia Geral e da Direção;
- c) Efetuar os pagamentos que lhe sejam exigidos ao abrigo da lei e dos Estatutos.


Artigo 8º: Exoneração

Todo o Associado tem o direito de se exonerar da Associação, mediante comunicação escrita à Direção.

Artigo 9º: Exclusão

9.1. Mediante deliberação da Direção aprovada por maioria de dois terços dos presentes, a Associação pode excluir um Associado nos casos previstos na lei e nos casos seguintes:

- a) Violação por parte do Associado de qualquer dos deveres previstos nos Estatutos;
- b) Prática por parte do Associado de qualquer ato que seja susceptível de causar prejuízo à Associação;
- c) Prática de qualquer ato que perturbe o funcionamento da Associação ou de qualquer dos seus órgãos;

- 
- d) Interdição, inabilitação ou declaração de insolvência do Associado;
 - e) Falta de idoneidade do Associado, quer do ponto de vista profissional quer resultante da prática ou indicição pela prática de qualquer crime;
 - f) Incumprimento da obrigação de pagamento de quotas após interpelação pela Associação para regularização no prazo dado nessa interpelação.

9.2. A exclusão deve ser comunicada por escrito ao Associado no prazo de dez dias a contar da deliberação e produz efeitos no terceiro dia útil seguinte ao da data da expedição da comunicação.

Artigo 10.º: Efeitos da exoneração e exclusão

O Associado que por qualquer forma deixar de pertencer à Associação não tem o direito de ser reembolsado das quotas que haja pago e perde o direito ao património social, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi associado.

CAPÍTULO III ÓRGÃOS DA ASSOCIAÇÃO


Artigo 11.º: Disposições Gerais

11.1. São órgãos da Associação:

- a) A Assembleia Geral;
- b) A Direção;
- c) O Conselho Fiscal;
- d) O Conselho de Mecenias;
- e) O Conselho Consultivo.

11.2. O mandato dos titulares da Mesa da Assembleia Geral, da Direção e do Conselho Fiscal terá a duração de três anos, sendo permitido o exercício de mandatos sucessivos, devendo a sua eleição ou designação ocorrer até ao final do mês de Março do ano seguinte ao termo do mandato anterior; sendo ainda que:

- a) Embora designados por prazo certo, os titulares designados mantêm-se em funções até nova eleição ou designação, exceto nos casos de renúncia ou destituição, as quais produzem efeitos na data estipulada no Artigo 12.º;



b) No caso de a eleição ou designação de algum titular ocorrer no decurso do triénio, o mandato desses titulares será para completar esse triénio em curso, aplicando-se o disposto na al. a) anterior.

11.4. O mandato dos titulares do Conselho Consultivo terá a duração de três anos, sendo permitido o exercício de mandatos sucessivos, exceto nos casos de renúncia ou destituição, as quais produzem efeitos na data estipulada no Artigo 12º.

11.5. O mandato dos titulares do Conselho de Mecenias é por tempo indeterminado, exceto nos casos de renúncia ou destituição, as quais produzem efeitos na data estipulada no Artigo 12º.

11.6. Os titulares da Mesa da Assembleia Geral, da Direção e, pelo menos, dois titulares do Conselho Fiscal têm que ser associados.

11.7. Apenas serão remunerados os titulares dos órgãos da Associação cuja remuneração esteja expressamente prevista nestes Estatutos.

11.8. Todos os órgãos sociais da Associação possuirão o respectivo livro de atas e será lavrada ata de todas as reuniões.

11.9. Sendo eleitas ou designadas pessoas colectivas para titulares dos órgãos da Associação, no prazo de cinco dias a contar da sua eleição ou designação, devem as mesmas, por escrito dirigido à Direção, nomear uma pessoa singular para exercer o cargo em sua representação; a todo o momento podem as mesmas também pela mesma forma comunicar à Direção a substituição da pessoa singular que exercerá o cargo em sua representação, devendo tal substituição constar de ata da Direção.

Artigo 12º: Extinção do Mandato

12.1. São causa da extinção do mandato dos titulares da Mesa da Assembleia Geral, da Direção e do Conselho Fiscal:

- a) A morte do titular ou, no caso de pessoas coletivas, a sua extinção;
- b) O final do prazo para que foram eleitos ou designados, sem prejuízo do estipulado na al. a) do ponto 11.2. dos Estatutos;
- c) A renúncia, mediante comunicação escrita dirigida ao Presidente da Direção ou, caso seja este a renunciar, à Direção, a qual produz efeitos no terceiro dia útil seguinte ao da expedição da comunicação;
- d) A destituição, a qualquer momento, com ou sem justa causa, mediante deliberação da Assembleia Geral, a qual produz efeitos na data da deliberação.

5/16
e

12.2. São causa da extinção do mandato dos titulares do Conselho Consultivo:

- a) A morte do titular ou, no caso de pessoas coletivas, a sua extinção;
- b) O final do prazo para que foram designados;
- c) A renúncia, mediante comunicação escrita dirigida ao Presidente da Direção ou, caso seja este a renunciar, à Direção, a qual produz efeitos no terceiro dia útil seguinte ao da expedição da comunicação;
- d) A destituição, a qualquer momento, com ou sem justa causa, mediante deliberação da Direção, a qual produz efeitos na data da deliberação.

12.3. São causa da extinção do mandato dos titulares do Conselho de Mecenias:

- a) A morte do titular ou, no caso de pessoas coletivas, a sua extinção;
- b) A renúncia, mediante comunicação escrita dirigida ao Presidente da Direção ou, caso seja este a renunciar, à Direção, a qual produz efeitos no terceiro dia útil seguinte ao da expedição da comunicação;
- c) A destituição, a qualquer momento, com ou sem justa causa, mediante deliberação da Direção, a qual produz efeitos na data da deliberação.

Artigo 13º: Assembleia Geral

13.1. A Assembleia Geral é constituída pelos Associados com as condicionantes resultantes do ponto 6.2. destes Estatutos.

13.2. A Mesa da Assembleia Geral é composta pelo Presidente, pelo Vice-Presidente e um Secretário.

13.3. O Presidente da Mesa da Assembleia Geral é designado pelo Município de Matosinhos através do Presidente da Câmara e o Vice-Presidente e o Secretário da Mesa da Assembleia Geral são eleitos pela Assembleia Geral, sendo que:

- a) Na ausência de designação ou eleição nesses termos no prazo de três meses a contar da data do final do prazo de cada mandato ou no caso de morte, destituição ou renúncia de um titular, a Direção pode proceder à eleição ou substituição dos titulares em falta, sem necessidade de ratificação por qualquer outro órgão da Associação;
- b) A identificação do Presidente da Mesa da Assembleia Geral deverá ser comunicada à Direção até cinco dias antes da reunião da Assembleia Geral convocada para eleição dos titulares dos órgãos da Associação.



13.4. Competem à Assembleia Geral apenas as deliberações que lhe são imperativamente atribuídas por lei e as que resultem expressamente destes Estatutos, a saber:

- a) Destituição dos titulares dos órgãos da Associação;
- b) Aprovação das contas;
- c) Alteração dos Estatutos;
- d) Extinção da Associação;
- e) Autorização para a Associação demandar os Diretores por factos praticados no exercício do cargo;
- f) Eleger o Vice-Presidente e o Secretário da Mesa da Assembleia Geral;
- g) Eleger parte dos titulares da Direção (Presidente e cinco Vogais);
- h) Eleger os titulares do Conselho Fiscal.

13.5. A Assembleia Geral reunirá ordinariamente uma vez por ano para aprovar as contas e extraordinariamente sempre que convocada pela Direção.

13.6. A Assembleia Geral é convocada por carta registada ou por correio electrónico com pedido de recibo de leitura, dirigido a cada um dos Associados, com a antecedência mínima de dez dias em relação à data da reunião, devendo na convocatória constar o dia, hora e local da reunião e a respectiva ordem do dia, podendo, contudo, em alternativa, a convocação ser feita mediante publicação do respectivo aviso nos termos legalmente previstos para os atos das sociedades comerciais ou em alternativa por qualquer meio legal que seja aprovado em Assembleia Geral.

13.7. A Assembleia Geral pode reunir sem observância de formalidades prévias, desde que todos os Associados estejam presentes e todos manifestem a vontade de que a assembleia se constitua e delibere sobre determinado assunto.

13.8. O Presidente da Direção estará presente ou representado pelo Diretor Executivo nas reuniões da Assembleia Geral.

13.9. Em primeira convocação, a Assembleia Geral não pode deliberar sem a presença de metade, pelo menos, dos seus Associados; em segunda convocação, salvo disposição legal imperativa que estipule diversamente, a Assembleia Geral pode deliberar seja qual o número de Associados presentes; na convocatória de uma Assembleia Geral pode logo ser fixada uma segunda data de reunião para o caso de a Assembleia não poder reunir-se na primeira data marcada, por falta de número de Associados exigido pela lei ou pelos Estatutos, sendo que a segunda data poderá ser

na mesma data da primeira contanto que entre as duas datas medeie um intervalo de quinze minutos.

13.10. As deliberações da Assembleia Geral são tomadas por maioria absoluta dos votos dos Associados presentes, salvo quando por lei seja exigida maioria superior.

13.11. As atas da Assembleia Geral serão assinadas pelo Presidente e pelo Secretário da Mesa da Assembleia Geral.

Artigo 14º: Direção


14.1. A Direção é composta por um número ímpar de titulares, entre cinco e sete.

14.2. Os titulares da Direção são eleitos ou designados nos termos seguintes:

- a) Presidente e cinco Vogais: eleitos pela Assembleia Geral;
- b) Um Vogal: eleito pelo Conselho de Mecenias;
- c) Na ausência de designação ou eleição nos termos das alíneas anteriores no prazo de três meses a contar da data do final do prazo de cada mandato ou no caso de morte, destituição ou renúncia de um titular, os titulares da Direção designados ou eleitos podem proceder à eleição ou substituição dos titulares em falta, sem necessidade de ratificação por qualquer outro órgão da Associação;
- d) A identificação da pessoa designada nos termos da al. b) deverá ser comunicada à Direção até cinco dias antes da reunião da Assembleia Geral convocada para eleição dos titulares dos órgãos da Associação.

14.3. Competem à Direção todas as deliberações, apenas se exceptuando aquelas que por lei são imperativamente atribuídas à Assembleia Geral e as que por lei e nestes Estatutos são atribuídas aos demais órgãos da Associação, pelo que, entre outras, são da sua competência as deliberações sobre as seguintes matérias:

- a) Elaborar e propor à Assembleia Geral o relatório e contas anuais, bem como o orçamento e o plano de atividades;
- b) Decidir sobre a admissão e exclusão de Associados;
- c) Administrar os bens da Associação;
- d) Decidir sobre os meios de financiamento;
- e) Deliberar sobre a aceitação de quaisquer bens atribuídos gratuitamente à Associação;
- f) Deliberar sobre coleções, espólios e acervos a integrar na Associação;

- 
- g) Elaborar a programação das atividades;
 - h) Elaborar regulamentos;
 - i) Representar a Associação interna e externamente;
 - j) Celebrar contratos e quaisquer tipos de atos necessários à realização dos fins da Associação;
 - k) Contratar colaboradores;
 - l) Estabelecer o valor anual das quotas dos Associados;
 - m) Gerir a Associação.

14.4. A Direção deverá reunir periodicamente uma vez por trimestre e sempre que o Presidente a convoque.

14.5. A Direção só pode reunir com a presença de pelo menos metade dos seus titulares.

14.6. As deliberações da Direção serão tomadas por maioria dos votos dos titulares presentes, tendo o Presidente direito a voto de qualidade em caso de empate.

14.7. Os titulares da Direção podem fazer-se representar numa reunião por outro titular da Direção mediante carta dirigida à Direção, mas cada instrumento de representação não pode ser utilizado mais de uma vez.

14.8. As reuniões da Direção podem realizar-se por meios telemáticos.

Artigo 15º: Comissão Executiva

15.1. A Direção delegará a gestão corrente da Associação numa Comissão Executiva composta por três titulares da Direção, considerando-se incluída na gestão corrente a admissão de Associados.

15.2. A Comissão Executiva é composta por três titulares: o Presidente, o Diretor Executivo e o Tesoureiro.

15.3. O Presidente da Comissão Executiva é o Presidente da Direção.

15.4. O Diretor Executivo e o Tesoureiro são eleitos pela Direção.

15.5. Os titulares da Comissão Executiva poderão ser remunerados por deliberação da Direção, estando o beneficiário impedido de votar sobre a sua própria remuneração.

15.6. Compete, em especial, ao Presidente da Direção:

- a) Representar a Direção em juízo ou fora dele;
- b) Superintender em todos os atos sociais;

- c) Convocar e presidir às reuniões de Direção, estabelecendo a respectiva agenda de trabalhos;
- d) Exercer os poderes e competências que a Direção lhe delegar.

15.7. Compete, em especial, ao Diretor Executivo:

- a) Assegurar a gestão corrente da Associação;
- b) Superintender nos serviços administrativos da Associação;
- c) Coadjuvar o Presidente da Direção no exercício das suas funções e substituí-lo nos seus impedimentos;
- d) Assegurar o comissariado geral da Associação, designadamente, elaborar as propostas de programação de atividades e de acervos da Associação, e fazer a gestão e programação do "Centro de Estudos e Documentação da CASA DA ARQUITECTURA" e do "Arquivo da CASA DA ARQUITECTURA";
- e) Elaborar a proposta do plano de Atividades;
- f) Representar a Associação nos atos de gestão correntes, bem como em quaisquer outros atos de atividade corrente;
- g) Todas as outras competências que lhe sejam atribuídas pela Comissão Executiva e/ou pela Direção.

15.8. Compete, em especial, ao Tesoureiro:

- a) Dar execução à política de administração financeira determinada pela Direção;
- b) Promover a cobrança de quotas e arrecadação de outras receitas, pagar as despesas autorizadas pela Direção e fornecer a esta os elementos sobre o estado financeiro da Associação;
- c) Elaborar a proposta anual do orçamento, as contas e o relatório sobre a situação financeira da Associação.

Artigo 16º: Forma de Obrigar

A Associação obriga-se:

- a) Pelas assinaturas de dois titulares da Comissão Executiva;
- b) Pela assinatura de qualquer titular da Comissão Executiva, no exercício dos poderes que nele tenham sido delegados pela Comissão Executiva;
- a) Pela assinatura de um procurador, tratando-se de mandato para a prática de ato certo e determinado.

Artigo 17º: Conselho Fiscal

17.1. O Conselho Fiscal é composto por um Presidente e dois Vogais eleitos pela Assembleia Geral.

17.2. Os titulares do Conselho Fiscal poderão ser remunerados por deliberação da Direção.

17.3. Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Fiscalizar o cumprimento da Lei e dos Estatutos;
- b) Fiscalizar a administração e o funcionamento da Associação;
- c) Emitir Relatório e Parecer sobre o Relatório de Atividades e Contas do exercício, até quinze dias antes da realização da correspondente Assembleia Geral, devendo aqueles documentos ser apresentados com vinte dias de antecedência da data das Assembleias Gerais;
- d) Solicitar a convocação da Assembleia Geral e dar conhecimento por escrito à Direção sempre que no exercício das suas funções tome conhecimento de factos ou ocorrências que, constituindo irregularidades graves, ponham em perigo a idoneidade, o prestígio ou a existência da Associação.

17.4. Sempre que o considerem conveniente para o desempenho das suas funções, podem os titulares do Conselho Fiscal assistir às reuniões da Assembleia Geral ou da Direção, neste último caso desde que previamente apresentem pedido devidamente justificado.

17.5. O Conselho Fiscal deverá reunir anualmente e sempre que convocado pelo seu Presidente.

17.6. O Conselho Fiscal só pode reunir com a presença de pelo menos dois dos seus titulares.

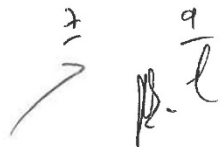
17.7. As deliberações do Conselho Fiscal serão tomadas por maioria dos votos dos titulares presentes, tendo o Presidente direito a voto de qualidade em caso de empate.

Artigo 18º: Conselho de Mecenias

18.1. O Conselho de Mecenias é composto por todos os Associados Mecenias.

18.2. Os titulares do Conselho de Mecenias são designados automaticamente com a sua admissão como Associado Mecenias.

18.3. Compete ao Conselho de Mecenias:

- 
- a) Eleger os titulares dos órgãos da Associação nos termos destes Estatutos;
 - b) Acompanhar a atividade da Associação;
 - c) Emitir parecer não vinculativo sobre todos os assuntos que lhe sejam submetidos pela Direção.

18.4. Os titulares do Conselho de Mecenias não são remunerados.

18.5. O Conselho de Mecenias reúne anualmente ou sempre que for convocado pelo seu Presidente ou pela Direção.

18.6. A convocatória deverá ser feita com antecedência mínima de dez dias, por meio de correio electrónico, devendo ser indicados no aviso o dia, a hora e o local da reunião e respetiva Ordem de Trabalhos.

18.7. As deliberações do Conselho de Mecenias serão tomadas por maioria dos votos dos titulares presentes.

Artigo 19º: Conselho Consultivo

19.1. O Conselho Consultivo é composto pelo Presidente da Direção e por individualidades de reconhecido mérito cultural, científico ou técnico, nas várias vertentes da cultura, até ao máximo de setenta titulares.

19.2. Os titulares do Conselho Consultivo são designados pela Direção.

19.3. O Conselho Consultivo terá um Presidente, que é o Presidente da Direção.


19.4. Os titulares do Conselho Consultivo não são remunerados, mas poderão auferir senhas de presença mediante prévia deliberação da Direção.

19.5. Compete ao Conselho Consultivo:

- a) Apresentar propostas e recomendações relativamente às estratégias, atividades e projetos da Associação;
- b) Pronunciar-se sobre quaisquer questões específicas de carácter científico, técnico, artístico, ou de programação, que lhe sejam submetidas pelo Presidente da Direção, por iniciativa própria deste ou a pedido da Direção.

19.6. Os Pareceres dados pelo Conselho Consultivo não têm carácter vinculativo, devendo ser tidos em conta pela Direção e/ou Assembleia Geral nas suas tomadas de decisão.

19.7. O Conselho Consultivo reúne anualmente ou sempre que for convocado pelo seu Presidente.



19.8. A convocatória deverá ser feita com antecedência mínima de dez dias, por meio de correio electrónico, devendo ser indicados no aviso o dia, a hora e o local da reunião e respetiva Ordem de Trabalhos.

19.9. As suas deliberações são adoptadas por maioria simples dos votos expressos.

19.10. Sempre que, por força dos presentes Estatutos, for solicitado um parecer ao Conselho Consultivo, este deverá emití-lo no prazo máximo de trinta dias, contados da recepção do respetivo pedido.

CAPÍTULO IV GESTÃO FINANCEIRA E PATRIMONIAL

Artigo 20º: Receitas

Constituem receitas e/ou ativos da Associação todos os bens e valores, recebidos e possuídos, a título gratuito ou oneroso, e ainda os subsídios ou donativos de entidades públicas ou privadas, entre outros, joias, quotas, donativos ou legados, os resultantes de ações de formação e realização de eventos ou venda de bens e prestação de serviço, cedência de espaços a qualquer título e quaisquer outros que legalmente lhe venham a ser atribuídos.

Artigo 21º: Património

Constituem património da Associação todas as contribuições, donativos ou legados feitos por Associados ou terceiras pessoas e quaisquer outras receitas provenientes de atividades desenvolvidas pela Associação.

Artigo 22º: Despesas

Constituem despesas da Associação as de funcionamento e as necessárias à concretização dos fins da Associação.

CAPÍTULO V DISSOLUÇÃO

8
10
11

Artigo 23º: Dissolução

23.1. A dissolução voluntária só poderá ser deliberada em Assembleia Geral expressamente convocada para esse fim, necessitando a deliberação da dissolução de ser aprovada pela maioria de três quartos de todos os Associados.

23.2. Em caso de dissolução da Associação todos os bens que não tiverem sido especialmente afectos a outro fim reverterão para os seus Associados à data da dissolução, na proporção das suas contribuições para o património social.

**CAPÍTULO VI
DISPOSIÇÕES GERAIS**

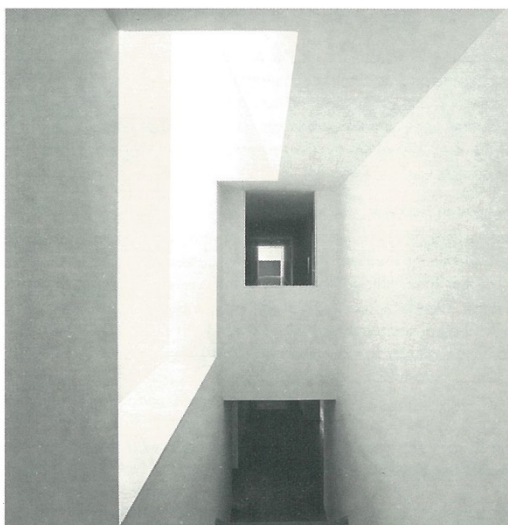
Artigo 24º: Casos Omissos

Compete à Direção resolver os casos omissos de acordo com o disposto no Código Civil e demais legislação aplicável às associações sem fins lucrativos.

Ampliação Cabral Almeida Sampaio
Deputada, Adm. Nacional

Folheto Exposición Álvaro Siza

ÁLVARO SIZA
OBRAS E PROXECTOS



24 abril / 2 xullo 1995

Horario:
Martes a domingo, de 11 h. a 20 h.
Luns pechado.

CGAC CENTRO GALEGO
DE ARTE
CONTEMPORÁNEA

Difícilmente podería ter atopado o CGAC unha exposición coa que iniciara a súa programación estable máis insinuante que a elixida. O coñecemento da obra de Álvaro Siza Vieira –sen dúbida un dos piares básicos da arquitectura contemporánea– resulta indispensable para todo aquel que pretenda achegarse con curiosidade á arquitectura dos nosos días nun momento en que esta parece querer recupera-lo seu papel como protagonista do noso acontecer cultural.

Cunhas fortes raíces nucleadas na súa aceptación da herdanza teórica dos grandes mestres da arquitectura moderna como base para unha evolución creativa na que a súa visión crítica da tradición habería de dar lugar a unha coherente poética persoal directamente ligada ó seu propio acervo cultural, Álvaro Siza é hoxe un dos máis suxestivos referentes para a inmediata evolución da arquitectura europea.

Nacido en Matosíños no ano 1933, e despois de estudar na Escola de Arquitectura de Porto, Siza construírá as súas iniciais obras a partir de 1954 se ben aqueles que poderíamos considerar como os seus primeiros e esenciais fitos creativos, como o Restaurante Boa Nova non serán rematados ata unha década despois, constituíndo o seu proxecto para a piscina de mar de Leça de Palmeira (1966) o comenzo dun rico período de dez anos no que se verificará o desenvolvemento da súa persoal linguaxe a través de novas propostas que, como o Banco Pinto e Sottomayor, as súas vivendas para a Quinta da Malagueira de Évora ou o Banco Borges & Irmão de Vila do Conde propiciarían un decisivo cambio na súa actividade creativa do que haberían de xurdir-las elegantes e limpas solucións xeométricas directamente ligadas ás peculiaridades do seu medio contidas na presente exposición.

A mostra agora inaugurada nos magníficos ámbitos por el deseñados, abrangue un importante número dos seus máis recentes proxectos (1980-95) comunicándoos por medio dunha completa documentación composta por debuxos orixinais, maquetas e fotografías que reflicten con precisión a singular visión do seu creador.

Proxectos como a súa primeira experiencia europea, un edificio de vivendas cunha solución marcadamente organicista deseñado para o barrio do Kreuzberg berlinés (1984); as vivendas sociais para A Haia (1988) onde o arquitecto asumindo un rico e aínda recente legado arquitectónico combinará a súa sensibilidade constructiva cunha grande intuición para a integración da súa obra nun determinado contexto; a Escola de Arquitectura de Porto (1994), fragmentario

conxunto de edificacións ordenadas, sobre a ribeira do Douro, arredor dun espacio central como unha libre interpretación das tipoloxías alí existentes; a porticada Escola de Educación de Seiúbal (1993); a Biblioteca Universitaria de Aveiro (1994), o propio Centro Galego de Arte Contemporánea cos seus sobrios e pechados paralelepípedos maclados que metamorfosean un degradado tecido urbano mentres dan lugar a un luminoso e sorprendente espacio interior, ou as aínda non construídas propostas para o museo de Helsinki, a Fundación Cargaleiro ou a Facultade de Xornalismo de Santiago de Compostela.

Son, todas elas, propostas que parecen aspirar á creación dunha nova arquitectura orgánica estruturada por medio de ideais formas xeométricas definidoras de máxicos espazos case escultóricos. Propostas que permitirán ós seus visitantes profundizar na obra dun creador coa sensibilidade de Álvaro Siza desentrañando o seu pensamento; observar detidamente a personalidade dunhas singulares obras, alleas a calquera moda ou estridencia e seguila súa evolución a través dunha espléndida recopilación de fascinantes e característicos debuxos tratando de adentrarse na sutil elegancia dun orixinal mundo creativo que, con seguridade, chegará a entusiasmalos.

No momento en que o Centro Galego de Arte Contemporánea se dispón a abrir definitivamente as súas portas coa ambición de converterse nun sinalado enclave para a futura divulgación e investigación sobre toda aquela actividade directamente ligada ó mundo das Artes Plásticas, esta exposición —reivindicando para a arquitectura un esencial e ás veces cuestionado protagonismo no corazón dese mundo— pretende, non só difundir-lo trascendental papel que a obra de Álvaro Siza xoga e deberá xogar no futuro da nosa cultura, senón ademáis contribuir ó desenvolvemento dun necesario e continuo debate a través do cal os cidadáns poidan intervir nunha fructífera reflexión sobre o futuro dos seus escenarios vitais.

Ciclo de conferencias

ÁLVARO SIZA

Martes 25 de abril
20.30 h.

William Curtis, crítico de arquitectura.
Paisaxes Urbáns

Venres 19 de maio
20.30 h.

Peter Testa, Universidade de
Columbia, New York.
Álvaro Siza: Arquitecto da sensación.

Xoves 22 xuño
20.30 h.

Wilfred Wong, Director do Museo de
Arquitectura de Frankfurt.
*O CGAC en relación con outros
museos recentes.*

ÁLVARO SIZA

Biografía

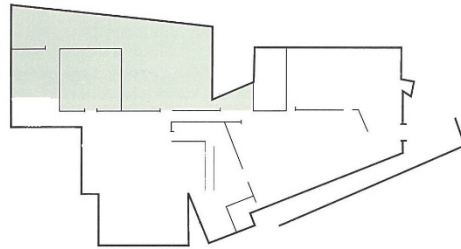
1933	Noce en Matosinhos, Portugal.	1976	É nomeado catedrático de Construcción, materia que segue impartindo na actualidade.
1949/55	Estudios na Facultade de Arquitectura da Universidade de Porto.		Foi profesor invitado na Ecole Polytechnique de Lausana, a Universidade de Pensilvania, a Universidade de Los Andes de Bogotá e na Graduate School of Design na Universidade de Harvard.
1955/58	Imparte clases na Facultade de Arquitectura da Universidade de Porto.		

Exposicións

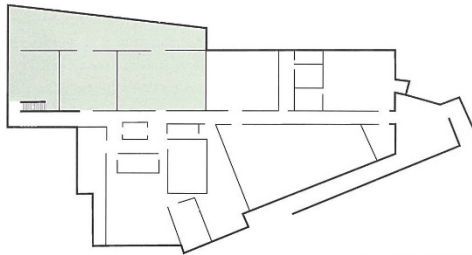
1975	Copenhague, Dinamarca.	1986	Galería 9H, Londres, Inglaterra.
1976	Barcelona, España.	1987	IBA, Berlín, Alemania.
1978	Bienal de Venecia, Italia.		Universidade de Columbia, Nova York, EE.UU.
1979	Milán, Italia.	1988	Graduate School of Design, Universidade de Harvard, EE.UU.
1982	Museo de Arquitectura de Helsinki, Finlandia. Museo de Alvar Aalto, Finlandia. Centre Georges Pompidou, París, Francia.	1990	Centre Georges Pompidou, París, Francia. Galería do Ministerio de Obras Públicas, Madrid, España.
1983	Institute of Contemporary Art, Londres, Inglaterra. Stichting Wonen, Amsterdam, Holanda.	1991	RIBA, Londres, Inglaterra. Colexio de Arquitectos, Sevilla, España.
1984	Technische Hogenschool, Delft, Holanda. ESBAP e Galería Almada, Negreiros, Lisboa, Portugal IBA, Berlín, Alemania.	1992	Galería de singel, Antwerpe, Bélxica.
1985	Bienal de París, Francia Instituto Tecnolóxico de Massachusetts, Cambridge, EE.UU.	1993	Galería Rui Alberto, Oporto, Portugal. MOPÚ, Madrid, España.
		1994	Colexio de Arquitectos de Granada, España. Sala do Risco, Lisboa, Portugal.

Concursos

1980	Schlesisches Tor, Berlín, Alemania, 1º Premio.	1988	Un progetto per Siena, Italia.
1985	Recuperación do Campo di Marte, Venecia, Italia, 1º Premio.	1988/89	Centro Cultural da Defensa, Madrid, España, 1º Premio.
1986	Remodelación do Casino e o Café Winkler, Salzburgo, Austria, 1º Premio. Expo 92, Sevilla, España.	1989/90	Bibliothèque de France, París, Francia.
		1993	Museo de Helsinki, Finlandia.



PLANTA BAIXA



PLANTA SOTO

■ Zona de exposición

Fotografias de recortes de imprensa da Exposição de Matosinhos

MATOSINHOS DIVULGA ÁLVARO SIZA

A Câmara de Matosinhos vai lançar, no próximo mês, um conjunto de iniciativas de divulgação da obra de Álvaro Siza Vieira, entre as quais uma exposição internacional, o lançamento de um livro e um ciclo de debates.

A exposição **Álvaro Siza - Obras e Projectos**, a inaugurar a 12 de Maio, na cave do edifício dos Paços do Concelho, chegará a Matosinhos depois de um circuito internacional que incluiu as cidades de Santiago de Compostela, San Marino e Copenhaga.

A mostra, que ficará patente até Julho, incluirá peças executadas expressamente para o efeito, situação que se deve ao facto de Matosinhos ser a terra natal de Siza e naquele concelho se encontrarem se encontrarem os primeiros trabalhos do arquitecto.

Esta iniciativa, comissariada pelo arquitecto Carlos Castanheira, foi já

considerada por Siza Vieira como a mais completa e correcta feita até hoje sobre a sua obra.

Quanto ao espaço onde a mostra vai decorrer, o mesmo teve de ser adaptado em termos de iluminação e climatização, já que muitas das peças originais são de grande fragilidade, nomeadamente maquetes, desenhos e estudos, na sua maioria pertencentes ao espólio do Centro Georges Pompidou, em Paris.

Parte dos trabalhos da mostra pertencerão, futuramente, ao **Centro de Documentação Álvaro Siza**, que a Câmara de Matosinhos pretende inaugurar ainda este ano.

A autarquia vai ainda reeditar o livro **Álvaro Siza em Matosinhos**, da autoria de José Salgado, bem como promover um ciclo de debates – ainda sem programa definido –, onde está em foco a arquitectura em geral e a obra de Álvaro Siza em particular.

Sampaio presente na inauguração

Exposição de nível mundial sobre Siza Vieira em Matosinhos

O Presidente da República, Jorge Sampaio, inaugura a 17 de Maio, em Matosinhos, a exposição «Siza Vieira – Obras e Projectos», a maior alguma vez dedicada no mundo ao arquitecto.

A exposição, que esteve já patente em várias cidades europeias, nomeadamente Copenhaga, Santiago de Compostela e San Marino, estará patente em Matosinhos até ao fim do mês, seguindo posteriormente para o Congresso Mundial de Arquitectura, em Barcelona.

A mostra matosinhense incluirá, além do espólio já exposto naquelas cidades, várias peças inéditas de Siza Vieira. A exposição estará pa-

tente na cave dos paços do concelho, um espaço que teve de ser adaptado em termos de luzes e ambiente, de modo a adequar o nível de humidade do ar aos trabalhos expostos, devido a fragilidade de alguns deles, particularmente as maquetas. Siza Vieira é natural de Matosinhos, onde se encontram as suas primeiras obras, nomeadamente a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina das Marés, assim como algumas casas particulares.

O concelho vai dedicar ao arquitecto um centro de documentação, onde estarão patentes projectos inéditos ou nunca concretizados, assim como trabalhos de investigação sobre a obra de Siza Vieira.

EXPOSIÇÃO DE SIZA VIEIRA ANIMA FESTAS DE MATOSINHOS

Uma exposição de obras e projectos do arquitecto Siza Vieira vai ser inaugurada, no próximo dia 17, em Matosinhos, depois de um circuito internacional, que incluiu as

cidades de Santiago de Compostela, San Marino e Copenhaga.

A mostra patente, até Julho, na Galeria da cave dos Paços do Concelho, é um dos

pontos altos do programa das Festas da Cidade e Romaria do Senhor de Matosinhos (entre 18 de Maio e 10 de Junho) e contará com peças executadas propositalmente para o efeito, pelo facto de esta ser a terra natal do arquitecto.

Segundo fonte da autarquia, a iniciativa comissariada pelo arquitecto Carlos Castanheira é considerada pelo próprio Siza Vieira como "a mais completa e correcta feita até hoje sobre a sua obra".

O espaço, onde a exposição vai ser instalada, teve de ser adaptado em termos de temperatura, humidade e iluminação, já que muitas das peças originais são de grande fragilidade, nomeadamente maquetes, desenhos e estudos, grande parte das quais pertencentes ao espólio do Centro Georges Pompidou, em Paris.

Parte dos trabalhos expostos ficará posteriormente propriedade do futuro Centro de Documentação Álvaro Siza Vieira, que a Câmara de Matosinhos pretende inaugurar ainda este ano.

A autarquia vai ainda reeditar o livro "Álvaro Siza em Matosinhos", da autoria de José Salgado, e promover um ciclo de debates (ainda sem programa definido), que visa debater a arquitectura em geral e a obra de Siza Vieira em particular.

Um dos grandes atractivos das Festas da Cidade é uma exposição sem paralelo sobre a obra de Siza Vieira, nascido em Matosinhos



OBRAS E PROJECTOS DE SIZA SÃO ATRACÇÃO EM MATOSINHOS

"Obras e Projectos". Uma grande exposição sobre o arquitecto Álvaro Siza que, depois de passar por algumas cidades europeias, chega finalmente a Portugal. A exposição vai ser inaugurada, amanhã, pelo presidente da República, Jorge Sampaio, nos Paços do Concelho de Matosinhos, onde vai estar patente até 28 de Julho.

"Um dos maiores arquitectos do país e do Mundo", Narciso Miranda não poupou adjetivos para elogiar este "ilustre cidadão de Matosinhos", durante a visita em que, ontem à tarde, a Autarquia apresentou a exposição aos jornalistas. Uma exposição que vai ocupar toda a cave dos Paços do Concelho que, para o efeito, sofreu profundas obras de remodelação e passará, a partir de agora, a funcionar como galeria permanente.

A exposição foi organizada pelo Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela. Um edifício projectado por Álvaro Siza, que abriu as suas portas precisamente com a retrospectiva do seu trabalho. Depois disso, a exposição passou pela Dinamarca, pela Suíça e por São Marino, sempre com grande adesão de público.

Um êxito que o seu comissário,



Uma grande exposição sobre a obra do mais conhecido arquitecto português. Um "ilustre cidadão de Matosinhos".
Foto: Fernando Távora

Carlos Castanheira, espera que se venha a repetir em Matosinhos. "Seria uma injustiça se assim não fosse", disse. Narciso Miranda também não duvida da adesão da população, até porque, como salientou, coincide, em parte, com as Festas do Bom Jesus de Matosinhos. Um "factor determinante para a consagração po-

pular de Siza", disse, esperando que por ali passem cerca de 150 mil pessoas.

O que se vai poder ver, como explicou Carlos Castanheira, é um conjunto de mais de meia centena de maquetas, outras tantas peças de mobiliário e centenas de desenhos. "Pretende-se mostrar o arquitecto,

mas também o homem", acrescentou, notando que, nas primeiras salas, vão ser expostas várias fotografias de Álvaro Siza.

Uma exposição, ainda, que chega a Matosinhos numa altura em que a Autarquia promove a instalação do Centro de Documentação Álvaro Siza que, como diz José Manuel Dias da Fonseca, vereador da Cultura, "pretende responder à intensa procura, nacional e internacional, de informação e documentação sobre a vida do arquitecto".

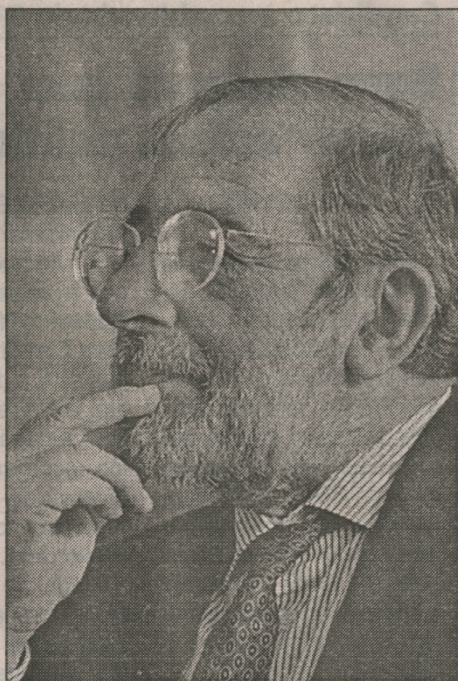
"Obras e Projectos" tem como fronteira inicial os anos 80, o que deixa de fora algumas das suas obras mais conhecidas e, nomeadamente, as que foram construídas em Matosinhos. Uma lacuna que será preenchida de outra forma. Durante o período em que decorre a exposição, vão ter lugar cinco conferências, sobre outras tantas obras de Siza, proferidas por diferentes arquitectos, explicou Dias da Fonseca. O Salão Paroquial de Matosinhos fica a cargo de Pedro Brandão; a conferência sobre a piscina da Quinta da Conceição será proferida por Fernando Távora; sobre a Piscina das Marés falará Nuno Portas; sobre o Salão de Chá da Boa Nova, António Meneres; e, finalmente, o próprio Siza se encarregará de apresentar dois projectos para o futuro, o restaurante da Piscina das Marés, para a Câmara de Matosinhos, e a Alfândega, para a APDL.

Festa de Matosinhos arrancam sábado

Exposição sobre Siza Vieira é a grande atracção

As Festas do Senhor de Matosinhos, que se iniciam depois de amanhã, incluem este ano, para além de música, actos religiosos e festivais gastronómicos, a maior exposição mundial sobre Siza Vieira.

Durante o período das festas, que se prolonga até 10 de Junho, estará patente a mostra «Siza: Obras e Projectos», já exposta, entre outras cidades europeias, nomeadamente Copenhaga, San Marino e Santia-



Siza Vieira

go de Compostela. A exposição – que posteriormente segue para Barcelona, onde vai integrar o Congresso Mundial de Arquitectura – inclui projectos inéditos do arquitecto, maquetas e desenhos. Para além desta iniciativa, as festividades incluirão a procissão do Senhor de Matosinhos e o lançamento de um livro sobre cascatas, de Helder Pacheco, numa cerimónia a realizar no domingo. No âmbito das festas, terá ainda lugar um festival rock, a 24

de Maio, na Praça Guilhermina Suggia e um festival gastronómico, que se realizará ao longo dos dias de romaria.

A 25 de Maio, realiza-se um espectáculo de fogo de artifício, na mesma data em que os altares da Igreja do Senhor de Matosinhos são enfeitados de flores, numa cerimónia quase única nas romarias portuguesas. As festividades incluem ainda o II Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos.

Em Matosinhos

Mostra de Siza Vieira inaugurada por Sampaio

O Presidente da República, Jorge Sampaio, inaugura hoje, na cave dos Paços do Concelho de Matosinhos, a exposição "Siza Vieira - Obras e Projectos", a maior alguma vez dedicada ao arquitecto, em Portugal e no mundo.

A exposição inclui várias peças inéditas -- para além do espólio anteriormente exibido em Copenhaga, Santiago de Compostela e San Marino -- e estará patente até ao final do mês, seguindo posteriormente para o Congresso Mundial de Arquitectura, em Barcelona.

Assim, a par do material oriundo do Centro Georges Pompidou, em Paris, o destaque vai ainda para peças decorativas desenhadas pelo arquitecto, nomeadamente mobiliário. De sublinhar também a disponibilização de um CD-Rom com todas as informações relativas à obra do arquitecto e com documentação sobre ele existente.

Siza Vieira é natural de Matosinhos, onde se encontram as suas primeiras obras, nomeadamente a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina das Marés, assim como algumas casas particulares.

O concelho vai dedicar ao arquitecto um centro de documentação, onde estarão patentes projectos inéditos ou nunca concretizados, assim como trabalhos de investigação sobre a obra de Siza Vieira.

EXPOSIÇÃO DE ÁLVARO SIZA ENCANTOU O PRESIDENTE

Rafael Barbosa

Jorge Sampaio inaugurou, ontem, em Matosinhos, a exposição "Álvaro Siza - Obras e Projectos". Uma cerimónia que acabou por se transformar numa homenagem a um "cidadão de Matosinhos, que se tornou arquitecto universal". O arquitecto agradeceu, emocionado, por ver o "trabalho de tantos anos" exposto na cidade onde nasceu e onde primeiro construiu. E Narciso Miranda, o anfitrião, aproveitou a oportunidade para lhe lançar mais um desafio: a elaboração de um novo plano para Matosinhos-Sul.

"Hoje é um dia grande para Matosinhos", notou Narciso Miranda. Não era caso para menos. De um lado, o autarca tinha o mais conceituado arquitecto português, Álvaro Siza, do outro, o mais alto magistrado da Nação, Jorge Sampaio. Juntaram-se os três na cave dos Paços do Concelho de Matosinhos, para inaugurar uma notável exposição sobre as "Obras e Projectos" do primeiro.

Uma inauguração a que se associaram algumas centenas de pessoas e que acabou por ser, sobretudo, uma cerimónia de homenagem a Álvaro Siza, "um homem de Matosinhos, que se tornou um arquitecto universal", disse Narciso Miranda. O presidente da Câmara, reconheça-se, não poupou adjectivos para elogiar o homem e a sua obra. Até porque, "foi aqui que o arquitecto Siza iniciou o seu trajecto. Aqui, tem algumas das suas obras

mais marcantes", como a Piscina das Marés ou o Salão de Chá, "peças de beleza rara, talvez inspiradas pelo poema de António Nobre", gravado nas rochas da Boa Nova.

"Aqui, continua a realizar obras", como a reconversão do Palacete do Godinho, que será a futura Casa da Juventude, ou o restaurante da Piscina das Marés. Fez obras no passado, faz no presente e fará no futuro. É que, Narciso Miranda não perdeu a oportunidade de lhe lançar novo e público desafio. A melhor forma de o homenagear, entende o autarca, é entregar-lhe a tarefa de conceber um novo plano para a antiga zona industrial de Matosinhos-Sul. O arquitecto pôs as mãos à cabeça e prometeu, apenas, que vai "reflectir".

O presidente da República, que enquanto presidente da Câmara de Lisboa chamou Álvaro Siza para reconstruir o Chiado, "associou-se" a Narciso e formulou votos para que a proposta seja aceite. Jorge Sampaio que, aliás, quebrou o protocolo: "hoje deve ser Álvaro Siza a falar em último lugar".

E o arquitecto falou. Em voz baixa, modesto, quase envergonhado com tanto elogio. Emocionado, também, "ao ver o trabalho de tantos anos, quase 40, exposto na cidade onde nasci e onde primeiro construí".

"Álvaro Siza - Obras e Projectos" é, recorde-se, uma exposição montada pelo Centro Galego de Arte Contemporânea, um edifício projectado pelo arquitecto português e inaugurado, precisamente, com a exposição que agora chega a Matosinhos, depois de passar pela Dinamarca, São



Jorge Sampaio, Álvaro Siza, Narciso Miranda e Soares de Oliveira. Uma pausa na visita, para a "fotografia".
Fotos: Pereira de Sousa

Marino e Suíça. Seguirá depois para Lisboa, Canárias, Sardenha, Bruxelas, Brasil e Estados Unidos.

Uma exposição que inclui meia centena de maquetas, outras tantas peças de mobiliário, centenas de desenhos, esboços e plantas, cortes e alçados, e até fotografias da juventude de um arquitecto que já venceu o "Nobel" da Arquitectura, o Prémio Pritzker, em 1992.

Uma exposição que estará patente até 28 de Julho nos Paços do Concelho de Matosinhos, edifício projectado por outro grande arquitecto português, Alcino Soutinho, responsável também pela transfor-

mação da cave do edifício, para que pudesse acolher, com dignidade, tão importante exposição.

Depois das "Obras e Projectos" de Álvaro Siza, a comitiva deslocou-se ao recém-baptizado Parque 25 de Abril; desta vez para inaugurar um painel de azulejos de José Emídio.

Uma referência final para José Manuel Dias da Fonseca. O vereador da Cultura da Câmara de Matosinhos passou discretamente por todas estas cerimónias, mas convirá recordar que lhe cabe uma grande quota-parte de responsabilidade na concretização de qualquer delas.

Folheto Casa da Arquitectura – Roberto Ivens

Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira nasceu em Matosinhos em 1933.

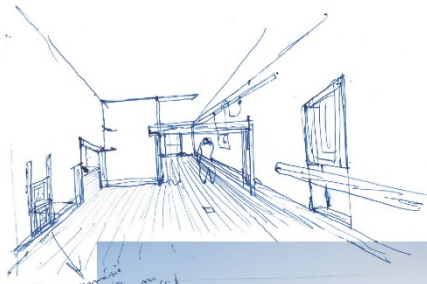
Estudou arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto entre 1949 e 1953, sendo o seu primeiro ano de construção em 1954.

Entrou na EBAAP entre 1956 e 1959; regressou em 1974 como Professor Adjunto de "Construção". Foi Professor-Morante na Escola Politécnica de Lourenço, na Universidade de Paris XI, na Escola de Las Ardois em Rogat, na Graduate School of Design of Harvard University como "Harold Tangie Vining Professor" e lecionou na Faculdade de Arquitectura da Porto.

Exerce a profissão na cidade do Porto.

É membro da American Academy of Arts and Sciences e "Honorary Fellow" do Royal Institute of British Architects, do AIA American Institute of Architects, da Académie d'Architecture de France e da European Academy of Sciences and Arts.

Foi premiado e distinguido por diversas vezes: Medalha de Ouro do Colégio de Arquitectos de Madrid (1988); Prémio Europeu de Arquitectura pela fundação Vries van der Rhee (1989); Alcaidinho de Ouro da Fundação Alvarinho (1989); Prémio Prince of Wales da Universidade Harvard (1986); Prémio Prítzer da Fundação Hyatt (1992); Prémio Nacional de Arquitectura (1993); Prémio Sica de Arquitectura (1996, 2000 e 2008); Prémio pelo Wolf Foundation em Israel (2001); Urbanism Special Grand Prix of France (2002); Royal Gold Medal of the Institute Real de Arquitectos Brítanicos (2009); Prémio Luis Espinosa de Arte e Cultura (2010), entre outros.



A CASA em Roberto Ivens
CASADARQUITECTURA / CDAS
Matosinhos, Portugal



CASADARQUITECTURA
associação

CENTRO DOCUMENTAÇÃO
ÁLVARO SIZA

missão

Constituir um arquivo internacional de arquitetura para o CDAS - Centro de Documentação Álvaro Siza e o património que, por qualquer forma, lhe for entregue; promover e divulgar o seu trabalho desenvolvendo atividades educativas, culturais, técnicas e sociais que contribuam para um maior conhecimento e defesa do património arquitetónico nacional e internacional.

instalações atuais e futuras

A funcionar na CASA em Roberto Ivens, irá instalar-se futuramente, e ainda sem data marcada, num edifício projetado pelo arquiteto Álvaro Siza que será construído em Matosinhos, em terreno contíguo com o terreno formado pelo Av. O Comércio de Leixões e Av. do Eng. Duarte Pacheco. Está prevista a execução de dois volumes: o primeiro, para espaços sociais e exposições; o segundo, para espaços técnicos de tratamento e arquivo de espólio. A intervenção total rondará os 20.000 m².

associados

A CASA DA ARQUITECTURA conta com a colaboração de todos aqueles que apreciam a arquitetura e que através da sua inscrição como associados apoiam os seus objectivos.

LOJA DA CASA

No loja pode encontrar mobiliário, cerâmicas e objetos concebidos por arquitetos e designers vivos no área da arquitetura e artes.

horários de abertura ao público

Inverno: terça a sábado, 9h30 - 12h30, 14h30 - 18h00
Verão: terça a sábado, 9h30 - 12h30, 14h30 - 19h00
Encerramos às segundas, domingos e feriados.

morada

Rua Roberto Ivens, nº 502
4450-240 Matosinhos Portugal

como chegar

41°10'56.50"N, 8°41'28.22"W

Metro (linha Azul, St. de Matosinhos), Estação "Brito Capelo"

contactos gerais

T +351 22 240 46 63, M +351 93 330 16 22
info@casoadarquitectura.pt

marcação de visitas

T +351 22 240 46 64, M +351 93 330 16 23
visitas@casoadarquitectura.pt

web

www.casadarquitectura.pt
www.facebook.com/casadarquitectura.pt



CASADARQUITECTURA

ROBUSTOS

Ter uma casa, uma coisa própria, alimento o sonho e a motivação de muitos. (...)

Também a arquitetura quer ter uma casa, uma casa própria, uma casa para habitar e receber as suas histórias.

A arquitetura quer casa e bateu o porta-cerco. Álvaro Siza dá a CASA a arquitetura, com vista para o porto de Leixões.

A CASA DA ARQUITECTURA irá começar de amanhã, irá negociar com elas, expô-las, interrogá-las. Escreverá as suas memórias. E quanto mais estiver na sua presença, quanto mais tiver consciência delas, tanto mais será capaz de se colocar como o ponto de partida para uma arquitetura que está por vir... Vivá amanhã, depois de amanhã, no próximo século, no próximo século. Vivá quando viver que vir.

Vivá porque está por vir como a democracia ou a justiça. Vivá porque tem memória, Vivá porque está prometida na memória.

A CASA DA ARQUITECTURA promove.

N.H.



Edifício habitacional do séc. XIX, pertenceu à família Siza Vieira entre 1949 e 2007, data em que foi adquirida pela Câmara Municipal de Matosinhos. Remodelado em 1961 pelo arquiteto Álvaro Siza, foi reestruturado em 2008-2009 para abrigar novas funções: receber e acolher a CASA DA ARQUITECTURA e o Centro de Documentação Álvaro Siza.

Distribuído em 3 pisos, ocupando uma área de implantação de 84 m² num lote que possui 423. No jardim da casa, encontram-se uma pequena e altaresca intervenção do adolescente Álvaro Siza: O Pavilhão (1948).

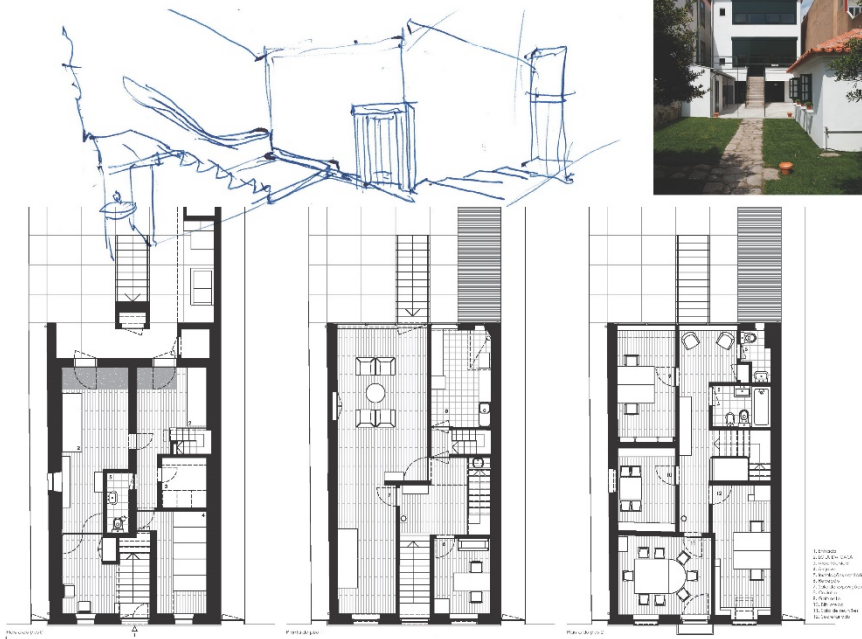
O primeiro piso, altura destinada aos espaços de serviço, dá agora lugar à LOJA DA CASA e ao Arquivo. O segundo, o mais social da casa, mantém a sua função acolhendo a cozinha, a recepção e a sala de exposições. Por último, o terceiro, o mais privado, é ocupado pelos gabinetes de trabalho, biblioteca e sala de reuniões.

A remodelação de 1961 foi subtil, sem grandes alterações estruturais. Baseou-se na reabilitação dos espaços, no desenho das cozinhas, na execução dos detalhes, no desenho da mobília, no jogo das cores. Criou toda uma nova realidade, mais moderna, equilibrando a fusão de elementos e princípios da arquitetura moderna numa estrutura tradicional.

"As portas verdes, cegas ou emolduradas, os amplos e avantajados rodapés que espalham a verde por toda a casa ao mesmo tempo que lhe dão unidade e caráter, os corredores azuis, oclusivos e graciosos e integrando luto de fibrocimento, tudo é desenhado "à medida" e convive perfeitamente com o granito dos degraus ou a alvenaria rebocada em tons de castanho ou ainda como pregam na presença da Sujeição no mobiliário precocemente minimalista." J.S.

Com a reestruturação de 2008-2009 e com a instalação da associação CASA DA ARQUITECTURA/CDAS, pela primeira vez, torna-se possível visitar o edifício que não sendo público, abre as portas a todos aqueles que se interessam pela arquitetura e pela obra de Álvaro Siza.

Entrada livre. Para grupos superiores a 10 pessoas é requerida marcação prévia.



Álvaro Siza
1933-1961
1961-1964
1964-1968
1968-1972
1972-1976
1976-1980
1980-1984
1984-1988
1988-1992
1992-1996
1996-2000
2000-2004
2004-2008
2008-2012
2012-2016
2016-2020

Projeto Original de Arquitectura
ÁLVARO SIZA (1960-1964)

Reforma Actualizada
ÁLVARO SIZA e Carlos Castanheira (2008-2009)

Poster Ciclo de Conferências FLUP “Contentor e Conteúdo”

CONTENTOR E

CONTEÚDO:

INTERSEÇÕES ENTRE MUSEOLOGIA E ARQUITETURA

ciclo de conferências organizado no âmbito do Doutoramento e Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2012/13

10 MAIO 2013 centros e museus de arquitetura

ANFITEATRO NOBRE, FLUP

14h30 **SESSÃO DE ABERTURA**

14h45 **REFLEXÕES SOBRE A HIPÓTESE DO MUSEU DE ARQUITETURA**,
MANUEL GRAÇA DIAS

15h15 **CASA DA ARQUITECTURA**, REPRESENTANTE DA ACA

15h45 **A FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA E A CULTURA ARQUITETÓNICA:**
OPORTUNIDADES, CONSTRANGIMENTOS E PERSPETIVAS, RUI J. G. RAMOS

16h15 **NORTE 41º – CENTRO DE ARQUITECTURA, CRIATIVIDADE E**
SUSTENTABILIDADE, JOSÉ FERNANDO GONÇALVES

16h45 **PAUSA PARA CAFÉ**

17h **CAAA CENTRO PARA OS ASSUNTOS DA ARTE E ARQUITECTURA**,
MARIA LUÍS NEIVA

17h30 **CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA FAUP**, MANUEL MENDES

18h **HAVERÁ CULTURA ARQUITETÓNICA?**, ANDRÉ TAVARES

* para efeitos de admissão na DA, a participação neste ciclo de conferências equivale a 2 créditos de “formação opcional em matérias de arquitetura”.

24 MAIO 2013 programação cultural de arquitetura

ANFITEATRO NOBRE, FLUP

14h30 **SESSÃO DE ABERTURA**

14h45 **PROGRAMA DE INTERVENÇÃO URBANA – A SÉTIMA COLINA – DE LISBOA 94 CAPITAL**
EUROPEIA DA CULTURA, GONÇALO COUCEIRO

15h15 **PROGRAMA DE ARQUITETURA E CIDADE DO PORTO 2001**
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA, NUNO GRANDE

15h45 **PROGRAMA DE ARTE E ARQUITETURA DE GUIMARÃES 2012**
CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA, GABRIELA VAZ PINHEIRO

16h15 **EXPERIMENTADESIGN: DE 99 AO FUTURO**, GUTA M. GUEDES

16h45 **PAUSA PARA CAFÉ**

17h **TRIENAL DE ARQUITETURA DE LISBOA – CLOSE, CLOSER**,
MANUEL HENRIQUES E BEATRICE GALILEE

18h **O FUTURO DOS GRANDES EVENTOS**, JORGE FIGUEIRA

* para efeitos de admissão na DA, a participação neste ciclo de conferências equivale a 2 créditos de “formação opcional em matérias de arquitetura”.

07 JUNHO 2013 curadoria em arquitetura

AUDITÓRIO 2, FLUP

14h30 **SESSÃO DE ABERTURA**

14h45 **INFLUX/ METAFLEX – DO SHOPPING À BIENAL DE VENEZA**,
LUIS TAVARES PEREIRA

15h15 **DEVIR MENOR – ARQUITETURAS E PRÁTICAS ESPACIAIS CRÍTICAS**
NA IBERO-AMÉRICA. DA CURADORIA EM REDE À MONTAGEM DA
EXPOSIÇÃO, INÉS MOREIRA

15h45 **ARCHIGRAM – EXPERIMENTAL ARCHITECTURE 1961-1974.**
UM FUTURO PERMANENTE, PEDRO JORDÃO

16h15 **FERNANDO TÁVORA – MODERNIDADE PERMANENTE**,
JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

16h45 **PAUSA PARA CAFÉ**

17h **CURADORIA EM ARQUITETURA FEITA POR NÃO ARQUITETOS**,
DELFIN SARDO

17h30 **CURADORIA COMO PROCESSO: 3 EXEMPLOS**, LUIS S. BAPTISTA

18h **ESPÉCIES DE ESPAÇOS**, DIOGO SEIXAS LOPES

* para efeitos de admissão na OA, a participação neste ciclo de conferências equivale a 2 créditos de “formação opcional em matérias de arquitetura”.

coordenação:

Rui Centeno e Alice Semedo
DIRETORES DOS CURSOS DE DOUTORAMENTO E DE MESTRADO EM MUSEOLOGIA

organização:

Susana Rosmaninho e Miguel Tomé

apoio institucional:

Trienal de Arquitectura de Lisboa
Lisbon Architecture Triennale

CASADARQUITECTURA

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

OA SFOP

CAA Centro para os Assuntos de Arte e Arquitectura

(experimentadesign)

Capa Jornal Casa da Arquitectura
“Apresentação Veneza 2016”



CASA DA ARQUITECTURA FUTURA

CASA DA ARQUITECTURA
CENTRO PORTUGUÊS DE ARQUITECTURA
INAUGURA **16 JUNHO 2017**
PORTUGUESE CENTRE OF ARCHITECTURE
OPENS **16TH JUNE 2017**

Plano de Atividades e Projetos 2017 Casa da Arquitectura



CASA DA
ARQUITECTURA
**PLANO DE
ATIVIDADES
E PROJETOS**

'17

ÍNDICE

	PONTO ORÇAMENTO	PÁGINA
LOJA DA CASA	4	4
VISITAS	5	6
VISITAS ACOMPANHADAS CA SERVIÇO REGULAR	5.1	6
PERCURSOS PELA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA PARCERIA COM A CULTOUR	5.2	7
SERVIÇO EDUCATIVO	6	8
SERVIÇO EDUCATIVO REGULAR	6.1	8
SERVIÇO EDUCATIVO EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS	6.2	8
PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL	7	10
OPEN HOUSE PORTO 2017	7.1	10
PROCESSO E ARQUITETURA PUBLICAÇÃO	7.2	11
ABERTURA REAL VINÍCOLA PROGRAMA INAUGURAL	7.3	11
PODER ARQUITETURA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO	7.4	12
PLEASE SHARE PROGRAMA PARALELO À EXPOSIÇÃO "PODER ARQUITETURA"	7.5	12
ARQUITETURA, PODER E FUTURO ENCONTRO	7.6	13
ESCOLA DO PORTO EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO	7.7	13
ESCOLA DO PORTO PROGRAMA PARALELO	7.8	13
OS UNIVERSALISTAS EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO	7.9	14
OS UNIVERSALISTAS PROGRAMA PARALELO	7.10	14
MONOGRÁFICA 2018 EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO	7.11	15
MONOGRÁFICA 2018 PROGRAMA PARALELO	7.12	15
GALERIA DA CASA	7.13	15
ARQUITETURA E JAZZ	7.14	16
CONFERÊNCIAS DA CASA IV	7.15	16
PRÉMIO FERNANDO TÁVORA	7.16	17
EVENTOS NA CASA ACOLHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU EM PARCERIA	7.17	17
ESPÓLIOS	8	18
COLEÇÃO ARQUITETURA PORTUGUESA "25 ANOS DE DEMOCRACIA 1974-1999"	8.2	18
COLEÇÃO PRIVADA	8.3	18
COLEÇÃO ARQUITETURA BRASILEIRA	8.4	19
COLEÇÃO PROJETOS METRO DO PORTO	8.5	19
COLEÇÃO C.M. MATOSINHOS	8.6	19

PLANO DE ATIVIDADES E PROJETOS 2017

O plano de ação anual 2017 – Plano de Atividades – é um instrumento fundamental de suporte à ação da CASA DA ARQUITECTURA elaborado em estreita relação com o Orçamento 2017 que o sustenta. Plano e orçamento refletem através das suas ações, as estratégias a desenvolver em 2017 para atingir os objetivos que a CASA DA ARQUITECTURA se propõe a realizar.

LOJA DA CASA

PONTO 4 ORÇAMENTO

LOJA DA CASA: AUTONOMIZAÇÃO E CRESCIMENTO, SITE DEDICADO, NOVAS LINHAS DE AUTOR, DESENVOLVIMENTO DE MERCHANDISING (CONTINUAÇÃO)

Em 2017 a LOJA DA CASA dará continuidade à sua atividade regular com especial atenção à sua transição para o espaço Real Vinícola. Dentro da sua linha de ação destacamos os seguintes pontos:

- Gestão da mudança da LOJA para a Real Vinícola;
- Exposições/venda de mobiliário;
- Atualização do funcionamento interno da LOJA para responder às necessidades logísticas e comerciais do novo espaço;
- Promoção do novo espaço como centro da atividade da LOJA DA CASA;
- Colocação de artigos em colaboração com o Departamento de Turismo da CMM no novo Terminal de Cruzeiros de Leixões, potenciando a venda na nova porta de entrada da área Metropolitana do Porto, local de grande circulação de estrangeiros (continuação);
- Manutenção do pequeno ponto de venda na Casa de Chá da Boa Nova (continuação);
- Gestão e manutenção da LOJA ON-LINE – Stocks, envios e promoção online;
- Dinamização digital da imagem da LOJA DA CASA (redes sociais próprias e newsletter dedicada);
- Criação de uma Livraria especializada de arquitetura em parceria com a A+A, com promoção e divulgação de autores;
- Desenvolvimento de novas linhas de autor (continuação);
- Desenvolvimento do merchandising da CA (continuação);
- Serviço de Mesa da CASA - Linha exclusiva Casa da Arquitectura da autoria do Arq. Álvaro Siza com dois pontos de venda: LOJA DA CASA e Casa de Chá da Boa Nova;
- CDA - Concurso Design de Autor - Lançamento de candidatura.

OBJETIVOS:

- Garantir uma tranquila transição entre o modelo comercial instaurado nas instalações atuais e o modelo a implementar no novo espaço;
- Assegurar que a implementação da LOJA na Real Vinícola marca um crescimento de atividade e promoção proporcional ao investimento da mudança;
- Aumentar e qualificar a divulgação do produto nacional produzido pelos arquitetos portugueses (continuação);
- Divulgar a marca CA contribuindo para a notoriedade e reconhecimento da associação

(continuação);

- Chegar a novos públicos permitindo a rentabilização da visibilidade conseguida junto do fluxo turístico do Terminal de Leixões, Posto de Turismo de Matosinhos e Casa de Chá da Boa Nova (continuação);
- Aumentar as vendas, tanto em número como em tipologia de produto, permitindo ampliar o alcance já conseguido (continuação);
- Aumentar as receitas para futuro apoio ao financiamento da CA (continuação);
- Criar um atendimento personalizado e especializado na Livraria da CASA.

VISITAS

PONTO 5 ORÇAMENTO

VISITAS ACOMPANHADAS CA “ÁLVARO SIZA EM MATOSINHOS”

(CONTINUAÇÃO)

PONTO 5.1 ORÇAMENTO

DATA: janeiro a dezembro 2017

LOCAIS: CASA ROBERTO IVENS/CASA DA ARQUITECTURA, PISCINA MARÉS, CASA CHÁ DA BOA NOVA E QUINTA DA CONCEIÇÃO, outros

Dar continuidade ao programa de visitas organizado pela CA desde 2009, otimizando as visitas acompanhadas aos edifícios acima referidos, em grupo ou individualmente, dinamizando a oferta a outros públicos e diversificando o modelo de visita.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer o património arquitetónico ao cuidado da CA e da CMM;
- Divulgar a obra em Matosinhos do mais reconhecido arquiteto português, Álvaro Siza e as suas ligações a Fernando Távora e Eduardo Souto Moura;
- Promover a CA a novos públicos, nacionais internacionais, com interesse na arquitetura e nas artes em geral;
- Ampliar o número de visitas organizadas;
- Fomentar a incorporação de novos visitantes no universo da CA, promovendo participação ativa nas atividades e compras na LOJA DA CASA;
- Criação de receitas/financiamento para a CA.

PERCURSOS PELA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

PROGRAMA EM PARCERIA COM CULTOUR

(CONTINUAÇÃO)

PONTO 5.2 ORÇAMENTO

DATA: abril e outubro

LOCAIS: a definir

Dar continuidade à cooperação com a CULTOUR na programação e organização das novas edições dos "Percurso pela Arquitetura Contemporânea", projeto iniciado em 2012. Este programa de visitas pretende com a cooperação de autores, especialistas e proprietários, proporcionando experiências únicas e irrepetíveis. De registar a elevada participação de "não arquitetos".

OBJETIVOS:

- Mostrar arquitetura de qualidade com recurso a visitas guiadas pelos autores dos projetos, especialistas e/ou guias qualificados;
- Aumentar a visibilidade pública das obras que não se encontram facilmente abertas ao conhecimento público;
- Promover o reconhecimento da arquitetura, dos seus autores e da CA a novos públicos, nomeadamente, aos que não se relacionam diretamente, por via profissional ou académica, com a área da arquitetura;
- Disponibilizar um programa que permite a inscrição/participação individual e que fomenta a criação de laços entre os participantes.

SERVIÇO EDUCATIVO

PONTO 6 ORÇAMENTO

SERVIÇO EDUCATIVO REGULAR

PONTO 6.1 ORÇAMENTO

A CA irá dispor de um serviço regular interno, programado e coordenado pela equipa da CASA. Para a execução deste serviço irá recorrer a uma bolsa de monitores externos formados pela CA com prestação de serviços "à chamada", avaliados caso a caso. O serviço educativo da CASA terá uma programação anual própria e independente dos conteúdos expositivos.

OBJETIVOS:

- Formação de novos públicos para a arquitetura e para as artes em geral;
- Promoção de um estreito relacionamento com o público, desenvolvendo novas práticas no reforço da integração e inclusão social;
- Oferta de uma programação anual original e exclusiva da CASA com uma periodicidade regular;
- Resposta permanente na mediação de públicos;
- Flexibilidade e capacidade de ajuste do programa mediante a procura do público;
- Criação de receitas/financiamento para a CA.

SERVIÇO EDUCATIVO EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS

PONTO 6.2 ORÇAMENTO

O serviço educativo dedicado às exposições estará integrado numa estratégia global definida não só para o acompanhamento programático das exposições mas para toda a programação definida para os próximos anos. O seu perfil será traçado em conjunto com as equipas de comissariado das exposições e programas paralelos; no entanto, está já definido que deverá apresentar um carácter inovador, criativo e experimental. O serviço educativo dedicado às exposições será coordenado pela CA com programação e produção a executar em regime de outsourcing.

OBJETIVOS:

- Otimizar não só a experiência da visita à exposição como também a participação em todas as atividades paralelas numa lógica de fruição multidimensional e experimentação artística;
- Criação de receitas/financiamento para a CA.

PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL

PONTO 7 ORÇAMENTO

OPEN HOUSE PORTO 2017

CONTINUAÇÃO
PONTO 7.1 ORÇAMENTO

DATA: 17 e 18 junho ou 1 e 2 julho 2017

A CA dará continuidade ao compromisso assumido com a Trienal de Arquitectura de Lisboa (TAL) e com as Câmaras do Porto, Gaia e Matosinhos em 2015 para a organização, do OPEN HOUSE PORTO. De salientar que nesta edição a CA assumirá em exclusivo a produção da edição 2017, em consequência do afastamento da TAL enquanto co-produtora da iniciativa. A TAL manter-se-á na iniciativa enquanto parceira. A edição desde 2016, registou mais de 30 000 visitas.

Para 2017, pretende-se ampliar o número de espaços em visita e enriquecer o Programa Paralelo ao roteiro com um maior número de ações, nomeadamente, na oferta de experiências inclusivas.

Acolhida por cidades como Londres, Nova Iorque ou Buenos Aires, a iniciativa OPEN HOUSE foi criada em 1992 por Victoria Thornton com o objetivo de dar a conhecer espaços de valor arquitetónico e cultural de referência a um público alargado. O Open House Worldwide conta com um crescente número de cidades por todo o mundo sempre com a mesma premissa, abrir portas ao cidadão durante um fim de semana, repetindo-se anualmente.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer ao grande público, nacional e internacional, o património arquitetónico do Grande Porto;
- Participar numa iniciativa de âmbito internacional com elevado reconhecimento cultural;
- Entrar numa rede de cidades que através da OPEN HOUSE estabelecem um circuito internacional de arquitetura;
- Proporcionar uma oportunidade única de visita e descoberta de espaços com um papel decisivo da arquitetura e na vida dos cidadãos que exemplificam o valor do património edificado, antigo e contemporâneo, privado ou público;
- Promover o contacto com os proprietários das obras para futuras iniciativas e colaborações;
- Conquista de novas relações de parcerias e consolidação das existentes;
- Angariação de patrocinadores.

PROCESSO E ARQUITETURA

PUBLICAÇÃO

PONTO 7.2 ORÇAMENTO

DATA: 1º semestre 2017

No âmbito da conferência OUTSIDE JOB - Reporting design process overseas / A diáspora da arquitectura portuguesa, realizada a 29 de outubro de 2016, será editado um livro que pretende perpetuar e difundir todos os conteúdos expostos e apresentados pelos oradores numa apreciação crítica e transversal sobre os mesmos. A edição será bilingue.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer e perpetuar a troca de experiências promovida através da conferência OUTSIDE JOB;
- Criação de um toolbook com o intuito de ajudar jovens arquitetos a encontrarem caminhos, soluções e abordagens que atualmente não vislumbram ou conhecem;
- Apresentar diferentes metodologias para resolver problemas semelhantes, enfatizando sobretudo o processo e não tanto o resultado.
- Criação de receitas/financiamento para a CA.

ABERTURA REAL VINÍCOLA

PROGRAMA INAUGURAL

PONTO 7.3 ORÇAMENTO

DATA: maio 2017 (data sujeita a alteração)

LOCAL: Real Vinícola

A abertura da Real Vinícola será materializada em três momentos distintos: apresentação à imprensa nacional e internacional, apresentação a um grupo de convidados e personalidades institucionais da área de intervenção da CA, e abertura ao público.

Para o primeiro momento serão convidados 30 jornalistas das publicações mais significativas nacionais e internacionais a quem será dada a oportunidade de visita à Real Vinícola sem público e com a disponibilização de local para trabalharem de modo a terem todas as condições técnicas necessárias.

Num segundo momento pretende-se privilegiar todas as instituições envolvidas no processo de abertura do novo espaço num momento de troca de conhecimentos, enriquecido pela presença de individualidades com reconhecimento nacional e internacional, nomeadamente o Exmo. Sr. Presidente da República e o Exmo. Sr. Primeiro Ministro. A este grupo de convidados será ainda oferecido um jantar pela CA num ambiente descontraído e restrito que será pontuado por momentos de animação em cruzamento e parceria com projetos de artes performativas.

O terceiro momento será a abertura ao público, onde se pretende total envolvimento da sociedade neste momento tão especial para a CA. O momento de abertura ao público será enriquecido com o enquadramento das artes performativas, criando e dinamizando momentos e acontecimentos inesperados durante o fim-de-semana de abertura.

OBJETIVOS:

- Criação de grande impacto nacional e internacional a nível dos órgãos de comunicação social, especialistas e público;
- Afirmação da marca e da programação CASA DA ARQUITECTURA;
- Produção de um momento diferenciado e único;
- Abertura da CA ao grande público;
- Aposta na internacionalização da instituição.

PODER ARQUITETURA

EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 7.4 ORÇAMENTO

DATA: junho a setembro 2017 (datas sujeitas a alteração)

LOCAL: Sala de Exposições da CA na Real Vinícola

A presente exposição tem como tema fundamental questionar como a sociedade contemporânea e a arquitetura trabalham em conjunto. Serão apresentados cerca de 40 projetos nacionais e internacionais, sínteses de visões abrangentes e complexas do mundo, que mapeiam uma rede de oito poderes que se alinham, infletam e divergem entre si: poder coletivo, poder ordenador, poder económico, poder tecnológico, poder ritual, poder cultural, poder mediático e poder doméstico. A exposição e catálogo serão comissariadas pelos arquitetos Jorge Carvalho (coordenação geral), Pedro Bandeira e Ricardo Carvalho.

OBJETIVOS:

- Marcar o momento inaugural da CA na Real Vinícola;
- Captação de especialistas e do grande público;
- Dar ao público o entendimento de um projeto inovador e de contornos únicos em Portugal;
- Destaque nos meios de comunicação generalistas e especializados, tanto no contexto nacional como internacional;
- Afirmar a CA como importante ponto de visita internacional.

PLEASE SHARE

PROGRAMA PARALELO À

EXPOSIÇÃO "PODER ARQUITETURA"

PONTO 7.5 ORÇAMENTO

DATA: maio a setembro 2017 (datas sujeitas a alteração)

LOCAL: Instalações da CA na Real Vinícola e outros externos, em Portugal e no Estrangeiro

Partindo da ideia de que a arquitetura é representação dos tempos que vive e de que estamos a assistir ao fim da função única dos edifícios, o programa paralelo Please Share foca-se no repensar do papel profissional do arquiteto e da arquitetura como ferramenta para enfrentar os problemas sociais ligados à cultura projetual contemporânea. Serão convidados aqueles que hoje em dia contribuem cada vez mais para o programa de espetacularização da iconografia arquitetónica, Haverá debates, conferências, visitas a obras e workshops; em diferentes sítios, cenários, lugares; em Portugal e no estrangeiro; a CASA DA ARQUITECTURA é o lugar de todos, o lugar de debate. O programa paralelo é Comissariado pelo arquiteto Roberto Cremascoli.

OBJETIVOS:

- Amplificar e diversificar área de ação da exposição;
- Capacidade de atrair novos públicos em Portugal e no estrangeiro;
- Deverá ser inovador, audaz e capaz de gerar novas dinâmicas com impacto social não só nos espaços físicos da sua ação mas também no espaço virtual, cada vez mais abrangente e inclusivo;
- Afirmar a CA como importante ponto de visita internacional.

ARQUITETURA, PODER E FUTURO

ENCONTRO

PONTO 7.6 ORÇAMENTO

DATA: Momento inaugural da Real Vinícola ou outro a definir

LOCAL: Sala Exposições da CA, Real Vinícola

A pretexto do tema da exposição inaugural, pretende-se desenvolver um espaço privilegiado de discussão restrito, com a presença de 15 individualidades estrangeiras e 15 portuguesas, num total de 30 participantes. As conclusões desta reunião serão disseminadas, por sua vez, por cada um dos intervenientes na discussão nas suas diferentes áreas de atuação, tornando a CA numa referência na área da arquitetura atual.

OBJETIVOS:

- Trazer a Portugal e à CA especialistas de referência internacional, ajudando a conhecer a CA;
- Promover o encontro entre especialistas nacionais e internacionais;
- Criação de conteúdos para a CA;
- Dar a conhecer aos convidados e ao público as potencialidades de uma entidade como a CA;
- Ampliação dos canais de divulgação a nível nacional e internacional;
- Assegurar a capacidade de marcar a agenda internacional e a produção de pensamento sobre o presente e futuro da arquitetura.

ESCOLA DO PORTO

EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 7.7 ORÇAMENTO

DATA: 2018 (com preparação em 2017)

LOCAL: Sala Exposições da CA, Real Vinícola

Entre abril e agosto de 2018, será exibida ao público a 2ª exposição original e com produção exclusiva CA. Para esta produção foi escolhido o tema "ESCOLA DO PORTO" com contornos e formato ainda a definir. A sua produção terá início ainda em 2016 com a seleção dos comissários que terão a cargo o desenvolvimento do tema proposto. A exposição dará ainda origem a um catálogo sobre o tema.

OBJETIVOS:

- Viabilizar a investigação do tema provendo novas abordagens;
- Criação de novos conteúdos para a coleção da CASA;
- Dar a conhecer ao público geral uma temática de interesse cultural;
- Desenvolvimento de parcerias e sinergias com outras entidades culturais;
- Perpetuar os conteúdos da exposição através da edição do catálogo.

ESCOLA DO PORTO

PROGRAMA PARALELO

PONTO 7.8 ORÇAMENTO

DATA: 2018 (com preparação em 2017)

LOCAL: Real Vinícola e outros a definir

Em simultâneo com a exposição, decorrerá um programa de atividades paralelas em torno do tema "Escola do Porto". O Comissário deste programa e o seu formato estão ainda por definir.

OBJETIVOS:

- Ampliar a ação do tema;
- Diversificar o âmbito e o suporte das atividades paralelas atraindo novos públicos;
- Promover novas parcerias e o trabalho em rede;
- Levar o tema a outros espaços;
- Criar reflexão partilhada com vários agentes sobre o ensino.

OS UNIVERSALISTAS

EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 7.9 ORÇAMENTO

DATA: setembro a dezembro de 2017

LOCAL: Sala Exposições da CA, Real Vinícola

A segunda exposição da CA será feita em co-produção com a Fundação Calouste Gulbenkian, instituição reconhecida pelo seu trabalho na área artística. A exposição esteve patente em Paris entre abril e agosto de 2016 e será pela segunda vez exibida na CA. O layout expositivo e o seu conteúdo serão adaptados para ajuste ao espaço expositivo da CA. Foi também negociada uma parceria com a editora Lars Muller que se mostrou desde logo disponível para a edição do catálogo da exposição.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer ao público geral a temática do universalismo na arquitetura portuguesa;
- Desenvolvimento de parcerias e sinergias com outras entidades culturais de relevo;
- Acolher iniciativas externas com relevo de contexto.

OS UNIVERSALISTAS

PROGRAMA PARALELO

PONTO 7.10 ORÇAMENTO

DATA: setembro a dezembro de 2017

LOCAL: Real Vinícola e outros a definir

Em simultâneo com a exposição, decorrerá um programa de atividades paralelas em torno do tema "Universalistas". O Comissário deste programa e o seu formato estão ainda por definir.

OBJETIVOS:

- Ampliar a ação do tema;
- Diversificar o âmbito e o suporte das atividades paralelas, atraindo novos públicos;
- Promover novas parcerias e o trabalho em rede;
- Levar o tema a outros espaços.

MONOGRÁFICA 2018

EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO
PONTO 7.11 ORÇAMENTO

DATA: setembro a dezembro 2018

LOCAL: Sala Exposições da CA, Real Vinícola

Entre setembro e dezembro de 2018, será exibida ao público a 3ª exposição original e com produção exclusiva CA. Para esta produção foi escolhido um tema monográfico com contornos e formato ainda a definir. A sua produção terá início ainda em 2016 com a seleção dos comissários que terão a cargo o desenvolvimento do tema proposto. Esta exposição visa dar visibilidade e reconhecimento público às coleções em depósito na CA. A exposição dará ainda origem a um catálogo sobre o tema.

OBJETIVOS:

- Dar ao conhecimento do público eventuais coleções em depósito na CA;
- Viabilizar a investigação do tema provendo novas abordagens;
- Dar a conhecer ao público geral uma temática de interesse cultural;
- Desenvolvimento de parcerias e sinergias com outras entidades culturais;
- Perpetuar os conteúdos da exposição através da edição do catálogo.

MONOGRÁFICA 2018

PROGRAMA PARALELO
PONTO 7.12 ORÇAMENTO

DATA: setembro a dezembro 2018

LOCAL: Real Vinícola e outros a definir

Em simultâneo com a exposição, decorrerá um programa de atividades paralelas em torno do tema. O Comissário deste programa e o seu formato estão ainda por definir.

OBJETIVOS:

- Ampliar a ação do tema;
- Diversificar o âmbito e o suporte das atividades paralelas atraindo novos públicos;
- Promover novas parcerias e o trabalho em rede;
- Levar o tema a outros espaços.

GALERIA DA CASA

PONTO 7.13 ORÇAMENTO

DATA: maio a dezembro 2017

LOCAL: Espaço Galeria da CASA, Real Vinícola

Para maior rotatividade das sua programação e ação cultural, a CA acolherá na Galeria da CASA (150 m2) iniciativas de pequena escala com periodicidade mensal. Estas iniciativas deverão ser diversas na sua tipologia, tema e suporte de apresentação. A programação deste espaço será aberto a candidaturas externas. Às propostas selecionadas será dado apoio financeiro e logístico pela CA.

OBJETIVOS:

- Maior rotatividade e dinâmica da Programação da CASA;
- Acolhimento de projetos de entidades e comissários externos dando a conhecer a CA enquanto entidade aberta e agregadora;
- Envolvimento de um maior número de intervenientes culturais;
- Maior oferta e diversidade na programação da CA.

ARQUITETURA E JAZZ

PONTO 7.14 ORÇAMENTO

DATA: setembro 2017 (ainda a confirmar)

LOCAL: Quarteirão Real Vinícola

Com o objetivo de dinamizar o Quarteirão Real Vinícola e de criar sinergias entre a CA e os outros "moradores", a CA desafiou a Orquestra de Jazz de Matosinhos para a criação de uma programação conjunta que alie a arquitetura e o jazz. A primeira iniciativa deste programa, uma co-produção entre a CA e a OJM, disponibilizará ao público um grande concerto ao ar livre no Quarteirão Real Vinícola sobre o tema "arquitetura e jazz". A este concerto poderão somar-se ainda outras ações complementares com o envolvimento de outros parceiros. Este será o primeiro de vários que se sucederão anualmente, marcando a agenda de cultura musical e arquitetónica.

OBJETIVOS:

- Promover e fomentar sinergias entre os "moradores" Real Vinícola;
- Disponibilizar ao público uma programação que investe nos cruzamentos disciplinares;
- Conquista e cruzamento de novos públicos;
- Desenvolvimento de novas temáticas culturais.

CONFERÊNCIAS DA CASA IV

CONTINUAÇÃO

PONTO 7.15 ORÇAMENTO

DATA: julho ou outubro 2017 (datas a confirmar)

LOCAL: Quarteirão Real Vinícola ou outro local a definir

Dando continuidade ao ciclo de conferências iniciado em 2009, a CA realizará a sua IV conferência em 2017. O tema, local e formato da conferência serão ainda definidos.

OBJETIVOS:

- Dar continuidade ao ciclo iniciado em 2009;
- Diversificar a programação e a oferta ao público de diversos suportes;
- Trazer ao público a apresentação e o debate de novas temáticas;
- Promover a CA je a sua programação junto do público.

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA EDIÇÃO 2017 CONTINUAÇÃO PONTO 7.16 ORÇAMENTO

DATA: abril e outubro 2017

LOCAL: Galeria da CA

A OASRN com a parceria da CMM e da CA, organiza anualmente o Prémio Fernando Távora através da atribuição de uma bolsa de viagem à melhor proposta de viagem de investigação, a selecionar por um júri nomeado todos os anos para o efeito. O Prémio acontece em 2 sessões distintas: abril (Anúncio do Vencedor e Conferência por um dos elementos do Júri) e outubro (Conferência do Vencedor e Lançamento do Regulamento da próxima edição). A CA irá propor à restante organização novo modelo do prémio de forma a cativar mais público, mais participantes, invertendo o sentido descendente que o prémio tem tido nos últimos anos.

OBJETIVOS:

- Homenagear e divulgar a figura do arquiteto Fernando Távora;
- Promover a viagem de investigação como instrumento de aprendizagem e formação do arquiteto;
- Divulgar a arquitetura a públicos diversos.
- Manutenção da presença da CA na organização do Prémio e relação de parceria com a OASRN e CMM.

EVENTOS NA CASA ACOLHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU EM PARCERIA PONTO 7.17 ORÇAMENTO

DATA: janeiro a dezembro de 2017

LOCAIS: Casa Roberto Ivens ou Real Vinícola

Organização e receção de atividades diversas nas instalações da CASA DA ARQUITECTURA (exposições, debates, lançamentos de artigos de autor, lançamentos de livros, outros) por iniciativa e produção própria, em parceria, ou apenas em acolhimento.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer os espaços da CASA à sociedade, estabelecendo um ritmo de atividades que a promova no meio cultural;
- Dar resposta aos pedidos externos, entidades, empresas e particulares que nos chegam para a receção de iniciativas diversas;
- Promover a CASA como um espaço de características ímpares para a produção ou acolhimento de iniciativas culturais ou outras, função que no futuro poderá vir a constituir um apoio no suporte financeiro da CA;
- Aproximar a CA do público, estreitando laços de participação e cooperação com os seus associados e público em geral;
- Manter a CA aberta a propostas espontâneas.

ESPÓLIOS

PONTO 8 ORÇAMENTO

COLEÇÃO ARQUITETURA PORTUGUESA “25 ANOS DE DEMOCRACIA 1974-1999”

PONTO 8.2 ORÇAMENTO

DATA: abril 2016 a julho de 2018

Constituição de uma coleção com sensivelmente 200 projetos de 100 arquitetos portugueses do Século XX, representativa, diversificada e transversal, quer quanto ao número de arquitetos, quer quanto à tipologia das obras, sendo que tais projetos virão a integrar o acervo da CA. O acervo será complementado com uma Coleção de Periódicos e Catálogos de Arquitetura Portuguesa, correspondentes ao período 1974-1999”. A seleção da coleção é Comissariada pelos arquitetos João Belo Rodeia (coordenação), Ricardo Carvalho e Graça Correia.

OBJETIVOS:

- Criação e constituição de uma coleção original própria com valor único;
- Envolvimento de um número alargado de arquitetos;
- Valorização da arquitetura e dos arquitetos portugueses;
- Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso;
- Juntar vários projetos de muitos e diversos arquitetos que assim ficam também associados À CA.

COLEÇÃO PRIVADA

PONTO 8.3 ORÇAMENTO

A par do acolhimento de outras coleções temáticas a CA pretende também disponibilizar-se para o acolhimento de coleções privadas. A aceitação e seleção dos documentos a receber será alvo de critérios curatoriais.

OBJETIVOS:

- Criação e constituição de coleções monográficas com valor único permitindo a sua correta salvaguarda, tratamento e catalogação;
- Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso.

COLEÇÃO ARQUITETURA BRASILEIRA

PONTO 8.4 ORÇAMENTO

DATA: janeiro a dezembro de 2017

Constituição de uma coleção constituída por 70 projetos de arquitetos brasileiros que, por sua vez, será complementada com uma coleção de livros e revistas representativos da arquitetura brasileira, relativo ao período moderno e contemporâneo. O processo de seleção e inventariação da coleção terá início em janeiro de 2017. A seleção dos projetos estará a cargo dos Comissários Guilherme Wisnik e Fernando Serapião.

OBJETIVOS:

- Criação e constituição de uma coleção original própria com valor único;
- Envolvimento de um número alargado de arquitetos internacionais;
- Valorização da arquitetura e dos arquitetos brasileiros;
- Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso;
- Aumentar o valor patrimonial da CA, com aposta na internacionalização.

COLEÇÃO PROJETOS METRO DO PORTO

PONTO 8.5 ORÇAMENTO

DATA: abril a dezembro de 2017

Entrega do acervo documental da Metro do Porto, constituído por 81 projetos com a autoria dos 6 arquitetos envolvidos na construção da rede e estações do Metro do Porto. Os moldes da entrega serão ainda definidos. (Ainda em negociação com a administração do Metro do Porto)

OBJETIVOS:

Criação e constituição de uma coleção original com valor único;
Envolvimento de arquitetos de referência em Portugal;
Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso.

COLEÇÃO C.M. DE MATOSINHOS

PONTO 8.6 ORÇAMENTO

DATA: fevereiro a agosto de 2017

Entrega à CA do acervo documental e mobiliário de autor, bem como projetos de arquitetura e todo o tipo de documentos relevantes com eles relacionados relativos a obras de referência, de valor arquitetónico e/ou premiadas, realizadas no Município de Matosinhos e dos quais a C.M. Matosinhos é a proprietária. A esta coleção poderão ser adicionados novos projetos sempre que as partes assim o acordem.

OBJETIVOS:

- Criação e constituição de uma coleção original com valor único;
- Envolvimento de arquitetos de referência em Portugal cujos projetos em causa têm grande proximidade à área geográfica onde a CA se insere;
- Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso.

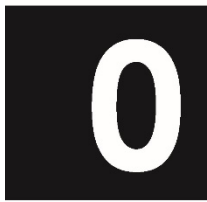






2

PÁG	CÁP
4	0.
6	1.
10	2.
10	2.1
14	2.2
16	3.
18	3.1
18	3.2
30	4
32	4.1
38	4.2
38	4.3
42	4.4
44	4.5
50	4.6
50	4.7
50	4.8
51	4.9
51	4.10
52	4.11
52	4.12
52	4.13
54	4.14
54	4.15
54	4.16
56	4.17
58	4.18
62	5.
64	5.1
66	5.2
66	5.3
68	5.4
70	5.5
70	5.6
74	6



CASA DA ARQUITECTURA CENTRO PORTUGUÊS DE ARQUITECTURA 2017 EM REVISTA

4 2017 foi um ano rico, começando pela Casa da Arquitectura (CA) que inaugurou os seus novos instalações no Quartelão da Rua Vinhosa, em Matosinhos, mas em que também aconteceu: 11 anos de existência. Com a sua inauguração na Rua Vinhosa a CA consolidou-se como a única instituição portuguesa exclusivamente dedicada à arquitetura que congrega, num mesmo espaço, 1750 m², áreas de trabalho e áreas expositivas.

Desde que abriu as portas, no dia 17 de novembro, a CA, em parceria com vários colégios, realizou as conferências e lançamentos de livros de Fernando Távora de Aguiar, José Carlos Nunes Oliveira e Manuel Aires Mateus, esta última no dia em que foi inaugurado o Palácio Resina 2017.

Contribuíram para o crescimento da instituição em termos de visitas e exibições expositivas, realizando também um significativo número de crianças através dos atividades do Serviço Educativo. Concluídas as atividades expositivas, um dos acontecimentos culturais do ano, a CA teve participação no programa Caminhos do Habitat, de José Cinto e de muitos outros projetos e exposições.

Em 2017 foram analisados os membros e áreas de trabalho e a CA teve a cabeceira de 50.000 visitas por dia, totalizando o dobro da programação do ano anterior. Devido ao crescimento tecnológico e a falta de espaço de armazenamento para o público de visitantes, agendamos duas novas marcantes:

NOVEMBRO

Com o início da programação, a CA realizou dois lançamentos de livros: o primeiro, o livro de Fernando Távora de Aguiar, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo; e o segundo, o livro de Manuel Aires Mateus, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo.

Com o início do Palácio Resina 2017, o público da arquitetura passou a ser acompanhado no Arquivo da CA, o Conselho de Bero e o Conselho de Arquitetura "Diálogos do Alentejo" composto por membros do coletivo de 20 autores de 14 países, sob a direção e supervisão, da autoria de vários

CASA DA ARQUITECTURA CENTRO PORTUGUÊS DE ARQUITECTURA 2017 EM REVISTA	
LOJA DA CASA	
VISITAS VISITAS ACOMPANHADAS CA SERVIÇO REGULAR PERCURSOS PELA ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA PARCERIA	
SERVIÇO EDUCATIVO SERVIÇO EDUCATIVO REGULAR SERVIÇO EDUCATIVO EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS	
PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL OPEN HOUSE PORTO 2017 PROCESSO E ARQUITECTURA PUBLICAÇÃO ABERTURA REAL VINHOSA PROGRAMA INAUGURAL PODER ARQUITECTURA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO PLEASE SHARE PROGRAMA PARALELO À EXPOSIÇÃO "PODER ARQUITECTURA" ARQUITECTURA, PODER E FUTURO ENCONTRO ESCOLA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO ESCOLA PROGRAMA PARALELO OS UNIVERSALISTAS EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO OS UNIVERSALISTAS PROGRAMA PARALELO MONOGRAFIA 2018 EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO MONOGRAFIA 2018 PROGRAMA PARALELO GALERIA DA CASA ARQUITECTURA E JAZZ CONFERÊNCIAS DA CASA IV PRÉMIO FERNANDO TÁVORA EVENTOS NA CASA ACOLHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU EM PARCERIA OUTRAS ATIVIDADES	
ESPÓLIOS COLEÇÃO ARQUITECTURA PORTUGUESA "25 ANOS DE DEMOCRACIA 1974-1999" COLEÇÃO PRIVADA COLEÇÃO ARQUITECTURA BRASILEIRA COLEÇÃO PROJETOS MEIRO DO PORTO COLEÇÃO C.M. MATOSINHOS OUTRAS AÇÕES DESENVOLVIDAS	
COMUNICAÇÃO	

3

MARÇO

A CA iniciou no dia 29 de março, no Hotel Alentejo, em Matosinhos, a exposição "Arquitetura Brasileira" - um vasto e fascinante universo de projetos, espaços, materiais e técnicas contada a partir da experiência recente e contemporânea brasileira desde "1901" até "2018". A exposição foi curada por Amélia Almeida, com a colaboração de Guilherme Vilari e Fernando Távora de Aguiar. A CA, sendo composta por um conjunto de espaços expositivos de 70 projetos selecionados, em diversos formatos para a contemplação da arquitetura brasileira, com 20 salas individuais do período moderno e 50 salas coletivas contemporâneas.

MAIO

"Tudo o que é possível" o melhor exemplo de arquitetura contemporânea do arquiteto brasileiro Paulo Mendes da Rocha, realizado no Porto, na Casa das Artes, em Matosinhos, da CA com a ajuda da Fundação de Arte e Cultura do Porto (FAC) e da Direcção Regional do Porto (DRP). A exposição foi curada por Amélia Almeida e Fernando Távora de Aguiar. A CA, sendo composta por um conjunto de espaços expositivos de 70 projetos selecionados, em diversos formatos para a contemplação da arquitetura brasileira, com 20 salas individuais do período moderno e 50 salas coletivas contemporâneas.

JULHO

No fim de semana de 1 e 2 de julho, Paulo Mendes da Rocha, em Matosinhos, da CA com a ajuda da Fundação de Arte e Cultura do Porto (FAC) e da Direcção Regional do Porto (DRP). A exposição foi curada por Amélia Almeida e Fernando Távora de Aguiar. A CA, sendo composta por um conjunto de espaços expositivos de 70 projetos selecionados, em diversos formatos para a contemplação da arquitetura brasileira, com 20 salas individuais do período moderno e 50 salas coletivas contemporâneas.

AGOSTO

No dia 11 de agosto inauguramos no Palácio da Cidadela, no Porto, com muita música e dança, o Lugar de Porto, laboratório de urbanização do futuro a que vem colheita de todos os intervenientes locais. Participaram mais de 20 estudantes e equipas de todo o mundo, que durante dois dias se dedicaram a criar ideias para a comunidade de Porto, o futuro da cidade.

SETEMBRO

Edição do livro "Vilanova Arizosa - o Arquivo e o Livro", editado em 2015, com dois comentários do arquiteto de Vila Nova Arizosa, no Porto, Vitorino, na galeria "Luzifer" da 3ª edição do Arquivo da CA. A exposição foi curada por Amélia Almeida e Fernando Távora de Aguiar. A CA, sendo composta por um conjunto de espaços expositivos de 70 projetos selecionados, em diversos formatos para a contemplação da arquitetura brasileira, com 20 salas individuais do período moderno e 50 salas coletivas contemporâneas.

OUTUBRO

Com o início da programação, a CA realizou dois lançamentos de livros: o primeiro, o livro de Fernando Távora de Aguiar, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo; e o segundo, o livro de Manuel Aires Mateus, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo.

NOVEMBRO

Com o início da programação, a CA realizou dois lançamentos de livros: o primeiro, o livro de Fernando Távora de Aguiar, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo; e o segundo, o livro de Manuel Aires Mateus, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo.

DEZEMBRO

Com o início da programação, a CA realizou dois lançamentos de livros: o primeiro, o livro de Fernando Távora de Aguiar, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo; e o segundo, o livro de Manuel Aires Mateus, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo.

DEZEMBRO

Com o início da programação, a CA realizou dois lançamentos de livros: o primeiro, o livro de Fernando Távora de Aguiar, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo; e o segundo, o livro de Manuel Aires Mateus, "Diálogos do Alentejo" com a colaboração de todos os autores e membros do coletivo.

1

LOJA DA CASA PONTO 4 ORÇAMENTO 2017

6 LOJA DA CASA: AUTONOMIZAÇÃO E CRESCIMENTO. 110 DISENHO. NOVAS LINHAS DE AUTOR. DESENVOLVIMENTO DE MERCHANDISING (TENDÊNCIA CA).

DATA ANUAL E CONTINÚO LOCAL: CASA ROBERTO IVENS. AT. AGUIAR. RUA VINÍCOLA A. 105. 1. NOVA J.

Em 2017, a LOJA DA CASA monitora o crescimento, a cada ano de 20% em relação a 2016.

MEBANDA DO ESPAÇO FÍSICO DE ROBERTO IVENS PARA O QUARTEIRO REAL VINÍCOLA. EM NOVEMBRO 2017

A LOJA DA CASA inaugura o seu espaço no bairro Real Vinícola, num espaço que tem 250 m², subdividido em 4 níveis: terraço;

- Espaço design do autor e merchandising
- Livraria contemporânea
- Livraria permanente
- Espaço especializado em mobiliário

A Loja da Casa apresenta os seus mais diversos espaços em espaços dedicados ao design de autor, mobiliário e livros especializados de qualidade. Aqui, desde o jantar com o cliente desde as classes práticas de invenção, mobiliário e livros da nova linha de merchandising e produtos de autor exclusivos da Casa. Um espaço que

promove o design e arquitetura e design nas formas e objetos estéticos, na cor e na funcionalidade, no tipo de materiais utilizados. A Loja da Casa "vende" cultura e não apenas produtos em casa peça a peça. Com o também com um livro especializado de arquitetura e artes se apresentam edições nacionais e internacionais de autores e temas selecionados da literatura crítica.

No espaço especializado em livros, a Loja da Casa dá continuidade a projetos especiais de promoção de mobilidade, ilustração, design gráfico e outras formas, que contribuem de forma significativa para a implementação de projetos que se faz necessário na aquisição de um livro, de uma assinatura ou de um curso que seja oferecido na CASA.

Além disso, que em 2017, a Loja da Casa apresenta o espaço como uma galeria de arte.

LUCRO

2015/2016/2017

2015

27.686 €

2016

34.582 €

+25%

2017

44.421 €

+29%

CUSTOS

2015/2016/2017

2015

16.009 €

2016

15.399 €

2017

14.405 €



Loja da Casa - Inauguração - Nov 17

NOVOS ARTIGOS

A LOJA DA CASA investe em 2017 na criação de artigos de sua autoria e de produtos exclusivos, foram desenvolvidas novas linhas de produções;

Uma merchandising da CASA, desenvolvimento de produtos e implementação da nova linha de produtos CA (Cafés, xícaras, totes, cadernos, crochês);

Uma merchandising ANDRÉ FERRETE, desenvolvimento de novos produtos exclusivos da implementação de uma nova linha de produtos exclusivos do arquiteto André Chaves sobre o bairro Real Vinícola;

Uma linha de AUTOR, produção de uma linha de produtos exclusivos CA dos autores Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura;

IMAGEM GRÁFICA

LOJA DA CASA CONTI. 2017

Desenvolvimento e implementação de uma imagem de marca LOJA DA CASA, com uma linguagem simples e direta, capaz de comunicar toda a potência e identidade da marca no mercado. A sua identidade gráfica e visual é objetiva, clara, da mesma forma contemporânea, moderna e impactante;

Produção de produtos de embalagem exclusivos LOJA DA CASA;

SITE LOJA DA CASA

CONTI. 2017

Esta plataforma potencia o crescimento e divulgação de conteúdos para uma comunicação mais eficaz e personalizada com clientes;

PONTOS DE VENDA

CONTI. 2017

Em 2017, a LOJA DA CASA mantém a sua rede de distribuição com a coleção dos seus produtos em Casa de Chaves Real Novo Top Interativa Taboão de Moura, Livraria ANA, Casa de Inovação, Livraria ANA, Livraria Formosa e a representação dos seus produtos para mais de 10 municípios, entre outros pontos de venda do espaço robustos com a arte e a arquitetura;

Estas ações de promoção são importantes para divulgar a marca LOJA DA CASA, que dá a oportunidade de pensar, do arquiteto e das artes em geral;

AÇÕES DE PROMOÇÃO

CONTI. 2017

Venda de Pascoa 2017;

Inauguração Loja da Casa no Real Vinícola em Novembro 2017;

Venda de Natal 2017; aumento do oferta artigos de autor design, livros, obras gráficas, jogos e games, 25 meses de tempo de apresentação;

Venda produto durante o OPEN HOUSE PORTO;

Exposição Mobilário Faulstich;

Packs exclusivos para empresas: presentes, obras gráficas, cadernos e peças design;



Loja da Casa - Inauguração - Nov 17

2

2.1

VISITAS PONTO 5 ORÇAMENTO 2017

JAN > DEZ 17
PÚBLICO Atingido:
2.749 PARTICIPANTES

VISITAS ACOMPANHADAS CA "ÁLVARO SIZA EM MATOSINHOS"

PONTO 5.1 ORÇAMENTO 2017

10

DATA: ANUAL
E CONTÍNUO

PÚBLICO
atingido:
2.684
VISITAS

LOCAL: CASA
ROBERTO IVENS, CASA
DA ARQUITECTURA,
PISCINA MARES, CASA
DE CHÁ DA BOA NOVA E
QUINTA DA CONCICÇÃO, QUIRÓS

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

ACESSO VISITAS: POR MARCAÇÃO
ANTECIPADA; CUSTO VARIÁVEL
CONTINUA; O ESPAÇO.

RESULTADOS E ESTATÍSTICAS:

Em 2017 foi dada continuidade ao programa de visitas acompanhadas na CA, sendo sido criados 5 grupos, num total de 2.684 visitas, sendo 87% estrangeiros, oriundos de mais de 70 países, estabelecendo-se um novo recorde de visitas verificando-se um crescimento de 4,3% face a 2016. Este baixo crescimento deve-se em grande medida ao número de visitas realizadas à Casa de Chá da Boa Nova, devido à falta de espaço físico disponível após a utilização da Escola Municipal, bem como devido ao aumento das despesas na Piscina da Quinta da Concicção e à consequente falta de interesse dos visitantes.

Do total de visitantes, mais de 50% estão em média 2 operações, sendo que a Piscina das Mares e a Casa de Chá da Boa Nova continuam a ser as mais visitadas, com mais de 1.000 visitas, 70% das visitas foram em visita à Piscina da Quinta da Concicção e 40% à Casa de Chá da Boa Nova.

O acompanhamento de visitas continui a ser essencialmente apoiado por grupos operacionais, na sua grande maioria estrangeiros.

RECEITAS

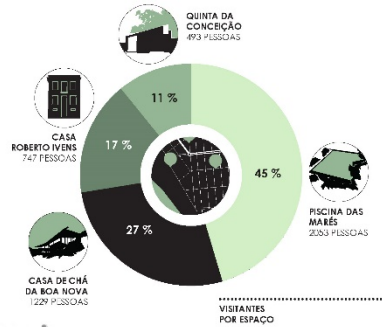
A receita obtida em 2017 ronda os 212.000€, apresentando um crescimento de 27% face a 2016. Os resultados são positivos.

APOIO A TERCEIROS

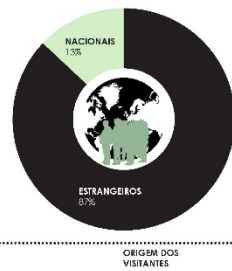
A falta de parceria, a CA apoiou, mais uma vez, o projecto de requalificação do complexo da escola abandonada e cargo da FALP e a Summer School Porto Accedemy através de apoio técnico e financeiro, com os quais colabora de forma benéfica para melhorar o ensino, na organização das visitas que integram estes programas. Beneficiaram deste apoio mais de 300 participantes.



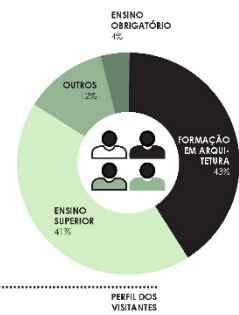
Casa de Chá da Boa Nova, 17



VISITANTES POR ESPAÇO



ORIGEM DOS VISITANTES



PERFIL DOS VISITANTES



Piscina das Mares, 17

2.2

PERCursos PLA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA PROGRAMA EM PARCERIA COM A CULTOUR

PONTO 5.2 ORÇAMENTO 2017

14

DATA: ABRIL
OUT.17

LOCAL: EXATINA-A-VELHA E FORTO

PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO: CAF-CULTOUR

ACESSO VISITAR: POR INSCRIÇÃO; CURSO VARIÁVEL | CONTEÚMO MODULO DE VILLA

PÚBLICO ALVO: 65 PAÍSES; FANTES

Em 2017 foi dada continuidade ao programa de visitas iniciado em 2016 em parceria com o CULTOUR. Em 2017, esse programa teve dois novos destinos: a Vila da Exatina-A-Velha e o Forto. O programa de visitas ao módulo 20 foi desenvolvido em parceria com o programa de visitas à arquitetura contemporânea, com a participação de mais de 250 pessoas de mais de 60 países. As visitas deste programa são orientadas, sempre que possível, pelos autores dos projetos em visita ou por especialistas que se relacionam como temas ou espaços sustentáveis.

22 ABRIL
EXATINA-A-VELHA:
RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Esta visita teve como destino Exatina-A-Velha, cidade romana que se localiza a 8 km de Vila da Exatina, no município de Araruama, no Rio de Janeiro. O local foi reconstruído em 1991 e 2010 pelo Ateliê 15 sob a orientação do arquiteto brasileiro Álvaro Siza. A visita contou com o acompanhamento dos arquitetos Álvaro Siza e Sérgio Ferro, além de outros especialistas.

22 OUTUBRO
CONES DE QUITONO: JARDIM BOTÂNICO E CASAS ANDRESEN E SALABERT

O Italoalo tentou estabelecer o contato para sua visita de investigação, visitando o mundo de Sognin da Mello Soares com a orientação dos arquitetos responsáveis pelas intervenções e gestão dos espaços: arquiteto português Aires Mateus, no jardim botânico e o arquiteto Hans Vahlbruch nas casas de moradia. A visita foi realizada em parceria com o arquiteto português Aires Mateus, tendo registrado em painéis de



Jardim Botânico - Out 17

3

SERVIÇO EDUCATIVO PONTO 6 ORÇAMENTO 2017

DATA: 18 a 22 DEZ 2017

PÚBLICO ALVO: 3.747 PAÍSES; FANTES

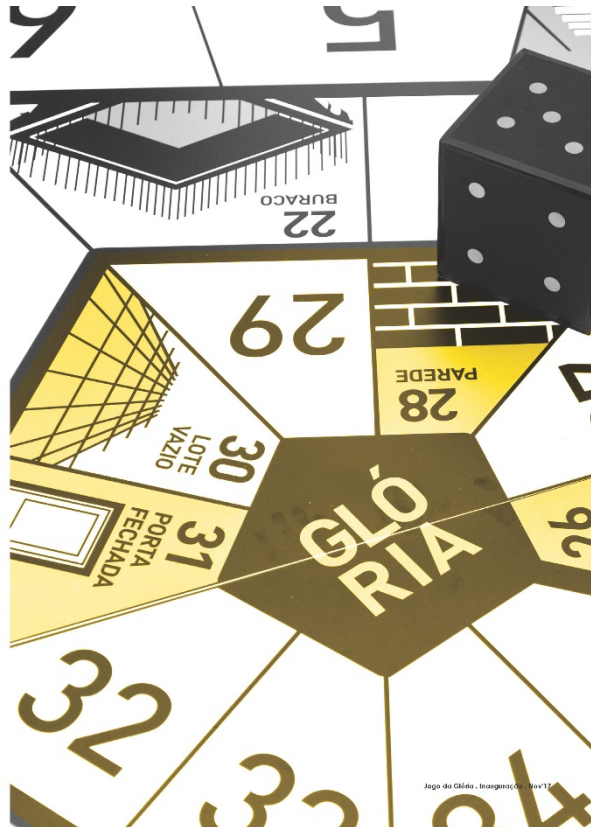
16

Com o objetivo de novas instalações do CA, no Real Vazão, foram realizadas pesquisas para a implementação de um Serviço Educativo e Atividade de Fomento Intero que se encaixa em uma programação de uma nova construção para a criação de sua programação. O Programa Educativo não tem caráter de lucro, sendo desenvolvido em parceria com o CA e seus programas paralelos.

• Serviço Educativo: Realizar com conteúdos que orientem ao módulo do CA, do espaço e o contexto do espaço e, neste, não tem caráter de lucro e é gratuito ao grande público.

• Serviço Educativo: Realizar com conteúdos que orientem ao módulo do CA, do espaço e o contexto do espaço e, neste, não tem caráter de lucro e é gratuito ao grande público.

Neste relatório o dado o qual o espaço de tempo para o módulo, os dois pontos são apresentados de forma conjunta.



Jogo da Glória - Investigação - Out 17

3.1

3.2

SERVIÇO EDUCATIVO REGULAR + SERVIÇO EDUCATIVO EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS

PONTO 6.1 + 6.2 ORÇAMENTO 2017

18 DATA: JUL+DEZ/17

LOCAL: CA - IFPACIO CALDEASCÓPIO, OUTRO LOCOS

PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

ACESSO À PROGRAMAÇÃO: POR MARCAÇÃO, LENDAS VARIAVEM CONFORME TEMA DA ATIVIDADE

ACESSO GRATUITO ÀS ATIVIDADES DE DOMÍNIO DE ANIMAIS E PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS ESPECÍFICOS.

Estabelecer relações com os visitantes públicos para fazer do Catálogo de uma exposição uma experiência de aprendizagem durante de uma visita guiada como a CA. Neste sentido, a existência de um serviço educativo tornou-se indispensável. Com o objetivo de CA no espaço de Inovação, podemos oferecer um programa de atividades educativas disponíveis para todos os públicos e todos os idiomas, experiências e conteúdos que contem com o conhecimento de várias especialidades de diferentes áreas: arquitetura, antropologia, biologia, tecnologia, arte, literatura, educação, etc. Neste sentido, criamos o Programa Caldeascópio.

OBJETIVOS:

O programa Caldeascópio foi criado para a promoção de uma experiência diferente, uma abordagem para o espaço para a participação do público: espaço de reflexão, cultura, social e pedagógico, espaço de mediação, importante manter energia e procurar pessoas com outras iniciativas, condições das salas, escolas, locais, associações e clubes de bairro, grupos de trabalho, câmaras municipais para a criação de parcerias para o futuro, que nos ajuda, ao ambiente, ao programa, no sentido, no espaço físico e do código, entre disciplinas, mas também emocionais, artísticas e empresariais, resultados em colaborar e apoiar na construção, partilha de ideias e experiências. As atividades deste programa são desenvolvidas e integradas nos conteúdos e, dos pontos de programação mensal da CA, no momento de exposições. Ocasionalmente, há outros programas paralelos ou dedicados – o Dia Mundial da Arquitetura, o Aniversário da Criação de sensibilização para o trabalho ou para capacitação, reuniões com a comunidade local, e outros, em diferentes circunstâncias.

Destinado a jovens, adultos, idosos, famílias e crianças, do ensino primário ao ensino universitário, o programa adaptado ao currículo e programado de atividades para dois conteúdos em acesso, em locais e coleções, de programa

de exposições temporárias, do próximo organizativo de Associação em Maio/ano passado pela CA, de eventos que relacionam arquitetura e cidadania.

O objetivo é um vasto programa de visitas, debates, workshops, cursos, oficinas, literárias e de aulas no idioma, etc. Estas atividades permitem cumprir o programa educativo e cultural do museu, transmitindo conhecimentos, inclusão e continuidade.

De acordo com que foi desenvolvido por ocasião do Open House Porto, o Programa Caldeascópio pretende contribuir e criar condições para que todos, sendo, sejam os pessoas com motivação educativa, possam beneficiar dos nossos programas, nesse sentido, incluímos a participação de visitas e outras atividades e atividades nos locais da unidade.

Todas as atividades desenvolvidas são de conteúdo original, elaboradas a um nível colaborativo do conteúdo, com o conhecimento do serviço educativo, a seguir de design e meios da CA, e o apoio de membros especializados, técnicos e técnicos locais.

Há uma estreita relação de atividades que obedecem a um programa de trabalho, por parte do participante e outras que elaboramos gratuitamente, baseado na a interação com os conteúdos de educação.

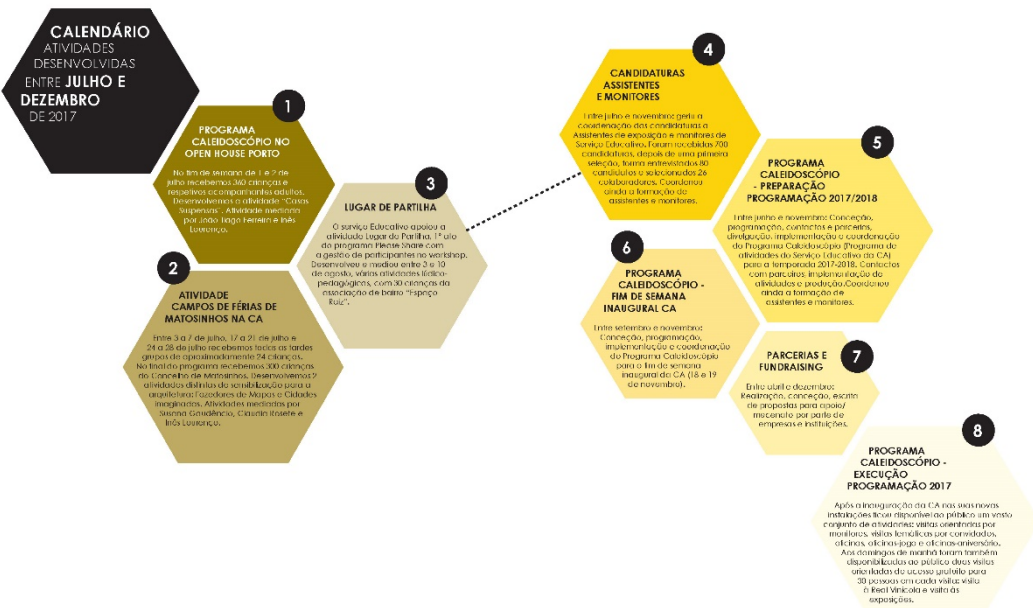
Continuar com uma etapa de membros diversificados e especializados nos temas de Arquitetura, História e Património, Arte, História e Literatura, e de diferentes temas relacionados de uma base de 100 candidatos. Há um nível elevado de qualidade na formação, sobre temas, sobre os conteúdos educativos, através de um acompanhamento próximo da evolução das várias exposições, bem como no que diz respeito à sua avaliação, através de várias ações de formação com percursos tais como a ACPPO, o Associação de Sordos do Porto ou a União de Discapacitados, e ainda, monitorizada a seguir, com formação em momentos de suporte básico de vida.

Na CA, em Vila Real, temos um espaço exclusivamente dedicado ao Serviço Educativo – o Espaço Caldeascópio. Há dois conteúdos mais importantes deste espaço e a sua programação, proporcionando várias possibilidades de usar espaços, onde há de diferentes unidades, visitas a diferentes disciplinas, mas grupos que o visitam.

Assim como uma diversidade de comunicações das atividades (workshops, debates, mesas, histórias dedicadas) no área multidisciplinar da Arte, mas também em áreas como: tecnologia, música, literatura, teatro, artes plásticas, etc. Há uma variedade de conteúdos, que são muito difíceis de serem desenvolvidos, mas a interação com os conteúdos de educação.



Ob: Ina Cidade Fortes, Casa - D2/17



20

21

TOTAL PÚBLICO Atingido 3.747 PARTICIPANTES



JULHO

22



PROGRAMA
CALEIDOSCOPIO
OPEN HOUSE PORTO
"CASAS SUSPENSAS"
360
PARTICIPANTES



CAMPOS DE FÉRIAS
"FAZEDORES DE
MAPAS E CIDADES
IMAGINADAS"
300
PARTICIPANTES



Oficina Casas Suspensas - Urban House Porto - Jul 17



TOTAL PÚBLICO Atingido 3.747 PARTICIPANTES



AGOSTO

24



LUGAR DE
PARTILHA
30
PARTICIPANTES

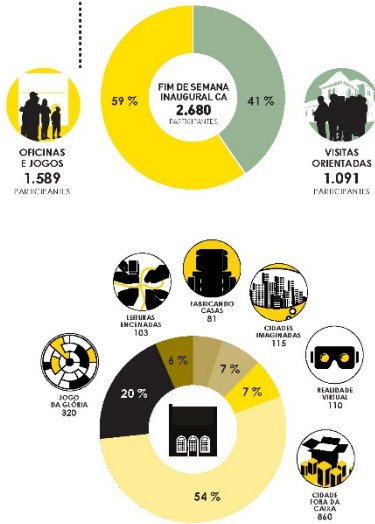


baixo das Complexo - Lugar de Partilha - Jul 17

TOTAL PÚBLICO Atingido 3.747 PARTICIPANTES

17 E 18 NOVEMBRO
FIM DE SEMANA INAUGURAL
CASA DA ARQUITECTURA

26

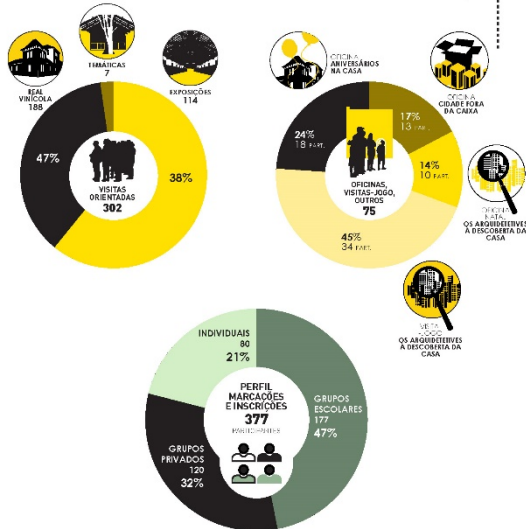


Ob: Ivo Gábele Foto da Casa - Da-17

TOTAL PÚBLICO Atingido 3.747 PARTICIPANTES

20 NOVEMBRO A 30 DEZEMBRO
PROGRAMA CALEDOSCÓPIO
POS INAUGURAÇÃO

28



Ob: Ivo Gábele com os Arquitectos do Minha Casa - Da-17

4

PROGRAMAÇÃO CULTURAL PONTO 7 ORÇAMENTO 2017

DATA: 18 a 20 DEZ 2017

PÚBLICO ALVO: +45.000 PÁRQUEES

30

Em 2017, a CA apresenta um vasto programa de atividades gratuitas e abertas ao público, incluindo a realização de festivais de música, teatro, dança e artes visuais, e também um ciclo de exposições e performances em espaços públicos, nomeadamente, em áreas de intervenção urbana, promovendo a interação entre os cidadãos e a programação cultural por meio de um ciclo de exposições e performances em espaços públicos e de intervenção urbana.



Nave Expositiva - Interactivo - Nov 17

4.1

OPEN HOUSE PORTO 2017

PONTO 7.1 ORÇAMENTO 2017

32

DATA: 1 E 2 DE JULHO

LOCAL: PORTO, VAL DA CAIA E MATOSINHOS

COMISSÁRIOS: PAULA SANTOS E INOÇÊNCIO MARTINS

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

PARCERIA ESTRATÉGICA: C.A.M. PORTO DE GAIA E C.A.M. MATOSINHOS

ACESSO À PROGRAMAÇÃO: ENTRADE LIVRE/GRATUITO

PÚBLICO ALVO: 25.377 VISITAS

A 1.ª e 2.ª de julho decorrerá a 3.ª edição do OPEN HOUSE PORTO, organizada e produzida em conjunto pela CA, com a parceria das Câmaras Municipais do Porto, V. G. Gaia e Matosinhos. A 3.ª edição, centrada nos espaços públicos, terá como protagonistas os arquitetos Paulo Santos e Inocêncio Martins, apresentando um ciclo de exposições e performances em espaços públicos, nomeadamente, em áreas de intervenção urbana, promovendo a interação entre os cidadãos e a programação cultural por meio de um ciclo de exposições e performances em espaços públicos e de intervenção urbana.

Em Matosinhos, dando continuidade ao ciclo de exposições e performances em espaços públicos, a 1.ª edição do Open House Porto 2017, organizada e produzida em conjunto pela CA, com a parceria das Câmaras Municipais do Porto, V. G. Gaia e Matosinhos, terá como protagonistas os arquitetos Paulo Santos e Inocêncio Martins, apresentando um ciclo de exposições e performances em espaços públicos, nomeadamente, em áreas de intervenção urbana, promovendo a interação entre os cidadãos e a programação cultural por meio de um ciclo de exposições e performances em espaços públicos e de intervenção urbana.

Em 1.ª edição e em paralelo com o ciclo de exposições e performances em espaços públicos, a 1.ª edição do Open House Porto 2017, organizada e produzida em conjunto pela CA, com a parceria das Câmaras Municipais do Porto, V. G. Gaia e Matosinhos, terá como protagonistas os arquitetos Paulo Santos e Inocêncio Martins, apresentando um ciclo de exposições e performances em espaços públicos, nomeadamente, em áreas de intervenção urbana, promovendo a interação entre os cidadãos e a programação cultural por meio de um ciclo de exposições e performances em espaços públicos e de intervenção urbana.

Conhecido como o Programa Plus, contempla um conjunto de ações complementares organizadas por entidades externas à CA, cujo perfil e conteúdo encontram-se no Open House Porto. Já o Programa CA Interactivo propõe oferecer um conjunto de ações pedagógicas em espaços públicos, CA, ou em parceria com outras entidades que tenham a vontade de proporcionar experiências de aprendizagem e ocupação dos espaços, privilegiando a interação, as leituras e os cruzamentos criativos. Estes programas proporcionarão ao público novas experiências e novas aprendizagens, o desenho, a música, a dança, a teatro, ou as artes plásticas são exemplos para descobrir de arquitetura e do espaço.

A comissão do Open House Porto, organizada e produzida em conjunto pela CA, com a parceria das Câmaras Municipais do Porto, V. G. Gaia e Matosinhos, terá como protagonistas os arquitetos Paulo Santos e Inocêncio Martins, apresentando um ciclo de exposições e performances em espaços públicos, nomeadamente, em áreas de intervenção urbana, promovendo a interação entre os cidadãos e a programação cultural por meio de um ciclo de exposições e performances em espaços públicos e de intervenção urbana.



Modelo do Sítio do Pilar - Open House Porto - Jul 17

EDIÇÕES OPEN HOUSE PORTO OS NÚMEROS

1ª EDIÇÃO 2015	2ª EDIÇÃO 2016	3ª EDIÇÃO 2017	
	2	2	DIAS
	3	3	CIDADES: PORTO, GAIA E MATOSINHOS
42	+21% 51	+28% 65	ESPAÇOS
18	+26% 23	+9% 25	PARCEIROS
10.870	30.645	25.377	VISITAS
95	+89% 180	+26% 230	VOLUNTÁRIOS
143	+251% 502	+207% 604	VISITAS REGULARES
45	+40% 63	+17% 74	ESPECIALISTAS
128	-5% 121	+32% 160	VISITAS COMENTADAS

34

NÚMEROS DE ESPAÇOS

NÚMERO DE ESPAÇOS			
2015	2016	2017	
42	51	65	PORTO
26	26	42,65%	V.N.GAIA
8	8	11,38%	MATOSINHOS

NÚMEROS DE VISITAS

NÚMERO DE VISITAS			
2015	2016	2017	
10.870	30.645	25.377	PORTO
5.531	8.735	9.687	V.N.GAIA
2.293	3.426	4.088	MATOSINHOS

ESPAÇOS MAIS VISITADOS



36

MATERIAIS DIVULGAÇÃO/ COMUNICAÇÃO

- 1 DECORAÇÃO DE AUTOCARRO
- 1 SPOT TV
- 72 VINIS METRO
- 120 SINALÉTICAS EXTERIORES
- 150 MUPIS
- 450 CARTAZES A8
- 10.000 MARRAS DESDOBRÁVEIS
- 15.000 GUIAS

Os resultados obtidos, mas sobretudo o entusiasmo e o envolvimento do público, tornam este evento um dos mais relevantes em programação cultural e lazer nacional. A equipa espera voltar a estar do ponto a ponto em 2018!



Ilustração: Open House Porto, Jul 17



Terminal de Cruzeiros de Lisboa - Open House Porto, Jul 17

4.2

PROCESSO E ARQUITECTURA

PONTO 7.2 ORÇAMENTO 2017

Fase e o local as actividades a decorar em 2017 e não estando ainda realizadas as obras, foi dada prioridade para a edição desta publicação, baseada no seu andamento.

4.3

ABERTURA CA NA REAL VINÍCOLA PROGRAMA INAUGURAL

PONTO 7.3 ORÇAMENTO 2017

38

DATA: 15 > 19 NOV. 17

LOCAL: CA E REAL VINÍCOLA

ACESSO PROGRAMAÇÃO: ENERGIA LIVRE/CRAJURO

PERÍODO ATIV. SÓC.: 12.173 PESSOAS

A abertura da CA na Real Vinícola motivou-se em quatro momentos distintos:

- centralidade do objetivo do programa inaugural para os membros do Conselho de Administração, António Castro;
- especialidade da imprensa nacional e internacional;
- integração reservada a um grupo de convidados e personalidades internacionais;
- abertura ao público.

O primeiro momento ocorreu quando da visita de S. Paulo e Maldo Di António Costa para assistir o seminário de abertura do programa inaugural em CA.

Para o segundo momento foram convidadas personalidades das parcerias para apoiar a abertura e a inauguração e a abertura da CA na Real Vinícola sem público e com o acompanhamento de local para a abertura do modo a serem todos as condições técnicas necessárias.

Neste primeiro momento pretendia-se privilegiar todos os visitantes envolvidos no processo de abertura do novo espaço em momentos de facto de contactos pessoais, permitindo para presença de individualidades com reconhecimento nacional e internacional. A este grupo de convidados foi atribuído o acesso ao espaço através da CA num momento de abertura ao público.

O quarto e último momento consistiu na abertura ao público, onde se pretendia fazer o envolvimento da sociedade. O momento de abertura ao público foi acompanhado com animação musical e apresentação de peças. Para este e outros momentos da programação foram criadas e elaboradas bilheterias em formatos variados com múltiplas áreas contempladas.

Um total de 12.173 pessoas alocaram-se no espaço da Real Vinícola no fim de semana inaugural da Casa da Arquitectura - Centro Português de Arquitectura, entre os 21:00 do dia 17 e as 22:00 do dia 19 de novembro.

O número de visitantes foi elevado ao longo dos dias. No total de visitantes de pessoas no público, no dia 17, foram registados mais de 2.300 visitantes no período da tarde, no dia 18, no dia seguinte, foi de 4.015, mais de 4.000. No domingo, 19 de novembro, o programa Inaugural da CA atraiu mais de 5.857 pessoas que se deslocaram para participar actividades do embudo Beto

disponíveis todo o fim de semana. Considerando as actividades abertas ao público, foi elevado o número de que participaram em visitas guiadas, em dois momentos de visitas guiadas, na área de contactos pessoais em Novembro, sendo a abertura e o lançamento da CA. De mesmo modo, a segunda exposição, realizada no Espaço da Casa da Real Vinícola, com o apoio de António Castro e o apoio de António Castro, foi de abertura ao público e o lançamento da CA. De mesmo modo, a segunda exposição, realizada no Espaço da Casa da Real Vinícola, com o apoio de António Castro e o apoio de António Castro, foi de abertura ao público e o lançamento da CA.

Com as visitas guiadas aos diferentes espaços que se foram organizadas 11 000 participações, o Seminário de abertura da CA na Real Vinícola, os membros do Conselho de Administração, António Castro, para assistir o seminário de abertura do programa inaugural em CA.



Inauguração - Nov 17

OS NÚMEROS DA INAUGURAÇÃO CASA DA ARQUITECTURA NA REAL VINÍCOLA

12.173	PESSOAS 1 NOITE+2DIAS
2.301	SEXTA
4.015	SÁBADO
5.857	DOMINGO
1	FILME
2	EXPOSIÇÕES
2	CONCERTOS
2	LANÇAMENTOS DE LIVROS
2	LANÇAMENTOS DE LIVROS
5	CONFERÊNCIAS
31	ORADORES
13	OFICINAS PARA CRIANÇAS
23	PERFORMANCES
30	VISTAS ORIENTADAS

PROGRAMAÇÃO: COMPLETA DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.ABSTA.CA](http://WWW.ABSTA.CA) CASADAARQUITECTURA.PT



Inauguração - Nov 17

4.6

ARQUITETURA, PODER E FUTURO ENCONTRO

PONTO 7.6 ORÇAMENTO 2017

Faz e a todas as atividades a decorrer em 2017, foi dada a não realização do ato em si.

4.7

ESCOLA EXPOSIÇÃO, CATÁLOGO E PROGRAMA PARALELO

PONTO 7.7 E 7.8 ORÇAMENTO 2017

A temática desta exposição abrangia noutro momento da programação.

4.8

4.9

OS UNIVERSALISTAS EXPOSIÇÃO, CATÁLOGO E PROGRAMA PARALELO

PONTO 7.9 E 7.10 ORÇAMENTO 2017

4.10

"Os Universalistas - 30 anos de arquitetura portuguesa" é uma exposição que visa do CIO do U- Architecture, em 2016, através de uma organização da Fundação Calisto Tanzi...

Em 2017 tiveram início os procedimentos de preparação do usufruário da exposição em CA, tendo sido, como resultado os seguintes procedimentos: Wala, técnica de...

DATA: 13 ABR.18 > 07 SET.18 LOCAL: CA, NAVE EXPOSITIVA CURADOR: NUNO CRANDE ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA COORGANIZAÇÃO: I (INDAÇÃO) CALOUSTE GULBENKIAN E CITE DE L'ARCHITECTURE

51

4.11

MONOGRÁFICA 2018 EXPOSIÇÃO, CATÁLOGO E PROGRAMA PARALELO

PONTO 7.11 E 7.12 ORÇAMENTO 2017

De todas as atividades a decorrer em 2017, foi dada a não realização do ato em si.

4.12

4.13

GALERIA DA CASA BIENAL IBEROAMERICANA DE ARQUITETURA E URBANISMO EXPOSIÇÃO E AÇÃO PARALELA

PONTO 7.13 ORÇAMENTO 2017

52 DATA: 18 NOV > 4 FEV.18 LOCAL: CA, GALERIA DA CASA COMISSARIADO: ANCHA GARCIA DE PAERDES E RENATO G. FIDELIS INICIATIVA: MINISTERIO DE TOMENHO DO GOVERNO ESPANHOL PRODUÇÃO EM PORTUGAL: CA ACESSO À EXPOSIÇÃO: VISITAS GRATUITAS ATE 30 DEZ.18 PÚBLICO ALVO: 14.224 VISANTES

Foi a maior solubilidade da sua programação e após a abertura da CA, a edição passou a ser feita na Galeria da Casa, com 100 m2 de área...

A primeira exposição a decorrer na Galeria da Casa foi a BIAL, em 2017, organizada em parceria com o Ministério de Tomenho do Governo Espanhol...

Com o tema "Desplacamentos, Deslocamentos, Displacements" e coordenado pelo diretor de atividades da Fundação Calisto Tanzi...

Muito marcada pela presença portuguesa, a exposição que agora chega à CA, apresenta o trabalho de Fernando Souto de Moura...

Com o contributo de 180 artistas entre o período pré e pós-guerra a 30 de dezembro, período de grande importância nas exposições da CA...

19 NOV.17 A CONVERSA COM EDUARDO SOTO MOURA Angela Mendes, Fernando Souto Moura e Jorge Queiroz



4.14

4.15

4.16

54

DATA: 03 ABR
E 02 OUT/17
LOCAL: CMM
ORGANIZAÇÃO: OASRN
PARCERIA: CA E CMM
ACESSO CERAMÓTIPO:
INSCRIÇÃO GRATUITA

PÚBLICO ALVO:
150
PARTICIPANTES

ARQUITETURA E JAZZ
PONTO 7.14 ORÇAMENTO 2017

Não estando reunidas as condições necessárias para a realização desta atividade no âmbito do atual momento para os próximos anos.

CONFERÊNCIAS DA CASA
PONTO 7.15 ORÇAMENTO 2017

Faz e a todas as atividades a decorrer em 2017, foi devido a não realização dos planos e a não concretização do projeto pensado, tendo sido as mesmas integradas no programa de abertura da CA no apartamento Real Vitoria.

PRÊMIO FERNANDO TÁVORA
PONTO 7.16 ORÇAMENTO 2017

Devido a contradição à parceria com a OASRN e a CA, não foram realizadas as duas sessões habituais do Prémio, uma em abril (edição do Vinte e cinco anos) e outra em maio (edição do Tricénio) e a realização por um dos meses do ano 2017 e outro em setembro (edição do Vinte e cinco anos) do Regulamento do Prémio Fernando Távora, tendo sido a edição de 2017 a 13ª edição regular. O Prémio Fernando Távora atribui um bônus de viagem a cada um dos viajantes do Prémio de Investigação e Seleção por um (ou) nomeado (s) no ano para o efeito, sendo que o vencedor é selecionado e designado pela CA.

A arquiteta Filiana Sousa Santos venceu a 13ª edição do Prémio Fernando Távora, com o projeto "Residência em Vila Rica, Vila Rica, Vila Rica". O Prémio Fernando Távora lançou em outubro de 2017 a sua 13ª edição.

tem-se vindo a registar gradualmente um decréscimo no número de candidaturas e inscrições, assim como em maior procura por parte do público que assiste às sessões.



Prémio Távora - Abr 17

4.17

EVENTOS NA CASA, ACOLHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU PARCERIA
PONTO 7.17 ORÇAMENTO 2017

56

DATA: JUN
> 2017
LOCAL: CASA
ROBERTO VENS,
REAL VINÍCIOLA
CASA DE CHÁ DA BOA NOVA
ACESSO PROGRAMAÇÃO: ENTRADA
LIVRE, OU POR MARCAÇÃO GRATUITA

PÚBLICO ALVO:
640
PARTICIPANTES

Em 2017, assistiu a ocupação do Instituto Social, sobretudo na instalação da CA na Real Vinícola e na programação de eventos e atividades em torno da sua abertura ao público, nomeadamente a edição do primeiro número da revista de arquitetura e design da Real Vinícola, a instalação da Casa Roberto Vens, para além do regular encontro de Matemática e observação em época de férias, a CA organizou o seguinte calendário de atividades:

- CASA ROBERTO VENS:** 10 > 24 MAR 17 VENDA DA PASCOA
- CASA DE CHÁ DA BOA NOVA:** 01 OUT 17 LANÇAMENTO DO LIVRO "MATEMÁTICA PARA A ARQUITECTURA COMO ARQUITECTURA POR MARCELO TERZAN"
- REAL VINÍCIOLA:** 02 NOV 17 ASSEMBLEIA DE PROTEÇÃO DO PARQUE LIVRE, A CRIAR DO PATRIMÓNIO CULTURAL E CA
- 10 NOV 17 ASSEMBLEIA CONTRA O CENÁRIO DE ARQUITECTURA "ESTÁGIO DO MEIO" MEIO DE PORTO E CA**
- 30 NOV 17 LANÇAMENTO DO LIVRO "HABITADO SÓCIO-MEIO 1980-2015 PELA SIBA"**
- 14 DEZ 17 LANÇAMENTO DO LIVRO "FACILIDADES DE ARQUITECTURA DE JOURNALS DE MANUEL ARIÉS MATEUS PELA AMAD"**
- 18 DEZ 17 LANÇAMENTO DO LIVRO "JOSE CARLOS DE MENEZES PELA SIBA"**



Lançamento do Livro "Marcelo Terzano", Casa de Chá da Boa Nova - Out 17

4.18

OUTRAS ATIVIDADES NÃO REFERIDAS NO PLANO DE 2017

58 Para além das atividades referidas em Plano de projetos 2017 e que aqui temos visto a nível da criação, foram ainda realizadas outras ações e participações mediadas e enquadradas no mesmo e objetivo de promoção CA.

DOCUMENTÁRIOS

LOCAL: CASA DAS ARTES

ACESSO PROGRAMAÇÃO: GRATUITO, POR MARCAÇÃO

PRÉLUDIO ABRIGADO: 410 PARTICIPANTES

22 JUL 17 ANTE ESTREIA FILME: PAULO MENDES DA ROCHA - TODO É PROJETO

A Casa das Artes, no Porto, acolheu no 22 de maio para mostrar a estreia exclusiva em Portugal do filme "Todo é Projeto" sobre a vida e obra do arquiteto brasileiro Paulo Mendes da Rocha. Realizado por Joana Mendes da Rocha e Paulo Kublinski, o documentário estreia numa sessão organizada pela CA com o apoio da Direção Regional do Centro do Norte (DRCN) e da Direcção Geral do Património Cultural (DGPC) em colaboração com a associação de arquitetura local e de restauração, Joana Mendes da Rocha, sob a sua direção, no âmbito de um convénio entre Joana Mendes da Rocha e Ana Rosolen, coordenadora do Plano "A Construção da Vila Abel" (2017). A sessão termina com uma conversa entre o arquiteto Paulo Mendes da Rocha e o jornalista Carlos Magalhães. A sessão organizada com o apoio da DRGN e da DGPC.

07 SET 17 Sessão Exclusiva Filme: VILANOVA ABRIGAS - O ARQUITETO E A VIDA

Edição do filme "Vilanova Abridges - O Arquiteto e a Vida", realizado em 2015, para das comemorações no centésimo de Vila Nova Abridges no qual se aprofunda do trabalho do arquiteto brasileiro, entre outras coisas, os trabalhos, projetos, obras, processos de criação e vida, e das suas participações. Vencedor no categoria "Documentário" do Festival de Arquitetura e Urbanismo de 2015, a sessão cinematográfica foi seguida de um encontro com o Diretor Executivo da CA e os dois filhos do arquiteto brasileiro - Laura Abridges, arquiteta do espaço, e André Abridges, também arquiteto. A sessão teve o apoio da Casa das Artes e da Direção Regional do Centro do Norte. A sessão esteve perto de regular com o apoio da DRGN e da DGPC.



... sessão filme "Paulo Mendes da Rocha: Todo é Projeto" - Casa das Artes - Mai 17

60

SUMMER SCHOOL

LOCAL: CASA DAS ARTES

ACESSO ÀS ATIVIDADES PROMOVIDAS PELA CA: VISTAS GRATUITAS, POR ABRIGADO ÀS ATIVIDADES

20 > 27 JUL 18 PORTO ACADEMY

A 5ª edição do Porto Academy decorreu entre os dias 20 e 27 de julho, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, sendo organizada pela parceria com a CA. A organização da Summer School foi coordenada pela arquiteta Ana Rosolen.

O tema desta 5ª edição do Porto Academy foi dedicado à edição de livros pela obra de Álvaro Siza em Portugal e nos países lusófonos de João Paulo Vilhote. A CA acolheu ainda a sessão de lançamento dos livros e três produções pela CA e pela CA, com o apoio da DRGN e da DGPC.

PRÉLUDIO ABRIGADO: 300 PARTICIPANTES



Visita Porto Academy Real Vilhote - Jul 17

5

ARQUIVO PONTO 8 ORÇAMENTO 2017

62

O arquivamento e tratamento de acervos pessoais de arquitetos, assim como a sua atribuição a disciplinas, do ponto de vista técnico, é um dos trabalhos essenciais que devem ser feitos em CA. Assim, neste âmbito o CA tem vindo a desenvolver um conjunto de ações que visam a seleção e recatamento de arquivos, a incorporação nos registos, o reordenamento e catalogação do conjunto, a colocação e a colocação dos materiais de acesso público. A criação de emendas de documentos para a publicação online, assim como a realização de estudos de caso da CA.



Inauguração - Nov 17

5.1

COLEÇÃO ARQUITETURA PORTUGUESA 25 ANOS DE DEMOCRACIA 1974-1999

PONTO 8.2 ORÇAMENTO 2017

64

O objetivo central da comissão desta coleção é reunir 200 projetos de referência de 100 arquitetos portugueses do século XX (1974-1999). Tendo em conta a importância da coleção de arquitetura representativa, classificada e inventariada, quer quanto ao número de arquitetos, quer quanto à tipologia das obras, almeja-se, nos 25 anos de democracia portuguesa.

Em 2017 os curadores procederão à definição tipológica e cronológica da coleção, enquadramento e seleção de um grupo conjunto de projetos.

O projeto será complementado com uma coleção de fichas e catálogos de Arquitetura Portuguesa, correspondentes ao período 1974-1999, já selecionada.



Inauguração - Nov 17

5.5

COLEÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

PONTO 8.4 ORÇAMENTO 2017

Transferiu para 2019.

5.6

OUTRAS AÇÕES DESENVOLVIDAS PROTOCOLOS, CONTRATOS DEPÓSITO, DOAÇÃO E EMPRÉSTIMOS

70





**CASA
D'ARQ
UITEC
TURA**
casadaarquitectura.pl





ARQUIVO E BIBLIOTECA PONTO 10 ORÇAMENTO



ARQUIVO, COLEÇÕES, ACERVOS E ESPÓLIOS

PONTO 5.1 ORÇAMENTO

6) Continuar uma das maiores da CA a criação de um arquivo nacional de arquitetura que reúna coleções de documentos normalmente de desenho, e não de projeto, maquetes, fotografias, livros e outras obras emblemáticas de arquitetura e arquitetura.

A CA pretende fazer uma coleção da arquitetura através de:

- Recolha de acervo e espólios individuais, obras completas de autores nacionais e estrangeiros que a curadoria da CA considere como relevantes. Terão prioridade no seleção espólios e acervos que estejam em risco de perda, mas também acervos que se apresentem como oportunidade para a valorização da coleção da instituição.
- Contribuição de coleções transversais e coletivas sobre um tema ou período determinado e período de tempo. A seleção dos projetos caberá aos curadores e não aos autores e a CA, conhecedora da realidade arquitetónica e documental de cada país.

A Casa da Arquitetura poderá, também, pontualmente, aceitar depósitos a título de acervo, desde que esteja sempre garantida a possibilidade de dar conhecimento público do material depositado.

Para além de guardar e conservar o material arquivado, a Casa da Arquitetura tem como objetivo dar conhecimento público e promover a investigação do referido material através da criação de uma base digital de consulta bilíngue e interoperativa ao arquivo físico.

A incorporação, conservação e tratamento arquivístico são atividades:

- 1) Seleção dos arquitetos a arquivar ou dos autores que terão a seleção dos projetos no caso das coleções;
- 2) Seleção dos projetos a arquivar;
- 3) Definição dos termos de entrega com os autores;
- 4) Inventário do material a adquirir do contrato;
- 5) Formação dos procedimentos legais nacionais ou internacionais;
- 6) Receção do material na Casa, organização e tratamento preventivo;
- 7) Conservação e restauro se necessário;
- 8) Digitalização e descrição arquivística;
- 9) Acondicionamento e arquivo físico e digital;
- 10) Disponibilização on-line.

Atualmente, o arquivo e área de tratamento arquivístico e espólios, estando apenas a espera da instalação dos equipamentos, encontra-se a decorrer. Há a decorrer brevemente a formação específica para a conservação dos materiais procedente de políticas de cedência adotada pela instituição CA em articulação a DPC.

A CA programou para 2018 a recolha de vários acervos e coleções.



1.1.1
COLEÇÃO ARQUITETURA PORTUGUESA "25 ANOS DE DEMOCRACIA 1974-1999" (CONTINUAÇÃO)
PONTO 4.2 ORÇAMENTO
DATA: SET. - JUL. 2019
CURADORIA: João Belo Rodas (coordenação), Ricardo Cordeiro e Olga Correia

Pretende-se criar uma coleção com aproximadamente 200 projetos de 100 arquitetos portugueses do século XX, representando a diversidade e transversal, quer quanto à tipologia das obras sendo que há projetos vão a integrar o acervo da CA. O acervo será complementado com uma coleção de Períodos e Coleções de Arquitetura Portuguesa, correspondentes ao período 1974-1999, foi executado pelos acervos e entregue à CA a lista das obras selecionadas:

1ª FASE - ATE DEZ 2018
Está prevista até ao a seleção da equipa de 4 técnicos de inventário e da equipa jurídica para realização dos contratos de doação. Contactos com autores, arquitetos ou familiares, dos autores dos projetos selecionados, acordos, posteriormente se proceder à inventariação para realização de contratos. Proceder-se-á ao acondicionamento, recolha nos vários pontos do país e transporte para a CA.

2ª FASE - PRÓXIMO ANO 2019
Depois de reunido todo o documentação na CA, dar-se-á início ao tratamento arquivístico, normalização, higienização, conservação preventiva, digitalização, descrição arquivística, acondicionamento e divulgação on-line. Para a digitalização desta e dos restantes coleções/acervos, a CA irá de contratar um técnico para integrar o quadro de pessoal da CA.

- OBJETIVOS:**
- Criação e constituição de uma coleção original própria com valor único;
 - Envolvimento de um número alargado de arquitetos;
 - Valorização da arquitetura e dos

arquitetos portugueses
• Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso;
• Junção vários projetos de múltiplos e diversos arquitetos que assim ficam também associados à CA.

1.1.3
COLEÇÃO ARQUITETURA BRASILEIRA "DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE" (CONTINUAÇÃO)
ATIVIDADE PROGRAMADA PARA 2017 E QUE CONTINUA EM 2018
PONTO 4.2 ORÇAMENTO
DATA: 2018 - MAR. 2019
CURADORIA: Guilherme Wink e Fernando Torgato

1.1.2
3 ACERVOS / ESPÓLIOS INDIVIDUAIS
PONTO 5.3 ORÇAMENTO
DATA: JAN. - DEZ. 2019

A par da acolhimento de outras coleções temáticas a CA pretende também disponibilizar para o acolhimento de coleções privadas de arquitetura e coleção de fotografias complementares aos projetos de arquitetura. Assim em 2018, pretende-se receber para integrar o arquivo da CA o acervo do arquiteto João Romão e de um outro arquiteto nacional. Pretende-se ainda receber uma coleção de fotografias de um conhecido fotógrafo de arquitetura nacional. O tratamento arquivístico dos referidos acervos será desenvolvido pelo técnico da CA.

- OBJETIVOS:**
- Criação e constituição de coleções monográficas, fotográficas e de projetos de arquitetura com valor único, permitindo a sua consulta, inventariação, tratamento e acondicionamento;
 - Disponibilização ao público dos acervos em boas condições de acesso.

fico dos documentos, pretende-se que fique concluído e disponível on-line até ao término da exposição.

OBJETIVOS:

- Criação e constituição de uma coleção original própria com valor único;
- Envolvimento de um número alargado de arquitetos/internacionais;
- Valorização da arquitetura e dos arquitetos brasileiros;
- Disponibilização ao público do acervo em boas condições de acesso;
- Aumento o valor patrimonial da CA, com apoio na internacionalização.

1.1.4
COLEÇÃO METRO DO PORTO
PONTO 5.5 ORÇAMENTO
DATA: JAN. - DEZ. 2019

Durante o ano de 2018 dar-se-á início ao tratamento arquivístico da coleção.

OBJETIVOS:

- Valorização e constituição de uma coleção original com valor único;
- Disponibilização e divulgação ao público do acervo em boas condições de acesso.

1.1.5
COLEÇÃO ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
PONTO 5.6 ORÇAMENTO
DATA: JAN. - DEZ. 2019

Protocolo celebrado entre a Assembleia da República Portuguesa e a CA que visa o arquivamento temporário dos "documentos de arquitetura dos edifícios da AR", com a finalidade de a CA proceder à digitalização integral dos mesmos, e a sua posterior divulgação, entre outros meios, através de base de dados digital da CA e da realização de exposições.

OBJETIVOS:

- Valorização e constituição de uma coleção original com valor único;
- Disponibilização e divulgação ao público do acervo em boas condições de acesso.



1.2

VALORIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS COLEÇÕES / ESPÓLIOS

DATA: ANUAL E CONTÍNUO

10

Tendo a divulgação como forma de promoção do conhecimento, a CA pretende que os espaços condicionados ao acervo se transformem em espaços abertos, propondo um conjunto de iniciativas como a divulgação online e visitas temporárias que saiam a parilha da informação e o acesso aos conteúdos. Neste sentido serão desenvolvidas as seguintes atividades:



1.2.1

ARQUIVO EM EXPOSIÇÃO (CONTINUAÇÃO)

PONTO S ORÇAMENTO

DATA: 16, 17 E 18 NOV

LOCAL: CA, ARQUIVO DE DESENHO E ANOTAÇÕES

A presente exposição surge no seguimento da mostra apresentada na abertura da nova instalação da CA, que dará continuidade e ao tema "Arquivo em Exposição". Pretende-se que esta mostra ocorra no âmbito de projetos, com um número limitado entre 15 a 20 visitantes em simultâneo.

OBJETIVOS

- Dar a conhecer novos documentos e coleções incorporados na CA;
- Validação e divulgação das coleções da CA;
- Afirmação da CA como importante ponto de visita e promoção da arquitetura.

12

1.2.2

CEDÊNCIA DE DOCUMENTOS PARA EXPOSIÇÕES (CONTINUAÇÃO)

PONTO S ORÇAMENTO

DATA: ANUAL E CONTÍNUO

LOCAL: Cedência em território nacional e internacional

No prosseguimento do que já tem vindo a ser realizado desde a sua fundação, a CA pretende contribuir como espaço físico de documentos para exposições externas e colaborar como coadjuvante no planeamento, organização e montagem de exposições em diversos espaços culturais a nível nacional e internacional.

OBJETIVOS

- Validar e divulgar as coleções da CA;
- Afirmação da CA como referência nacional na promoção da arquitetura.



2

2.1

PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL PUNTO 6 ORÇAMENTO

NAVE EXPOSITIVA EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS

ANUAL E CONTÍNUO

14

A CA apresentou em 2018 três exposições de caráter original de sua produção exclusiva e uma de iniciativa externa que acolheu em parceria com as suas entidades parceiras. Em simultâneo, serão também organizadas as atividades do programa paralelo de visitas e visitas.



15

2.1.1

PODER ARQUITECTURA EXPOSIÇÃO E CATALÓGO (CONTINUAÇÃO)

PUNTO 6.16 ORÇAMENTO

DATA: 19 NOV. 17 - 19 MAR. 19

LOCAL: Nave Expositiva
COMISSARIADO: Jorge Carvalho, Pedro Passos e Ricardo Soares
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
ACESSO: LIVRE
ORIENTAÇÃO: COMISSÁRIOS: 34 pessoas

Na segunda de novembro de 2017, a exposição Poder Arquitectura terá continuidade até março de 2019, reforçando o seu objetivo de dar visibilidade a um conjunto de entidades, comissões, intervenientes e meios envolvidos na criação da arquitetura.

Durante o seu período de exibição, estão ainda programadas visitas orientadas pelos Comissários Jorge Carvalho e Pedro Passos.

16

2.1.2

PLEASE SHARE PROGRAMA INAUGURAL DA CASA DA ARQUITECTURA

PUNTO 6.16 ORÇAMENTO

DATA: JUL. 17 - 19 MAR. 19

LOCAL: CA, Sala de Conferências Nave Expositiva
COMISSARIADO: Roberto Orensato
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
ACESSO À PROGRAMAÇÃO: LIVRE
Livre/Gratuito

Não sendo diretamente programação paralela da exposição Poder Arquitectura, o programa por integrar este ponto é essencialmente, uma vez que em 2018 o seu programa acompanhou o período de exibição da exposição e um dos seus eixos temáticos dedicados (to 4 - Indoor).

Em 2018 decorreram os 3 e 4 deste programa Influence e Indoor. Uma série de debates, conferências que procuram trazer à CA outras áreas disciplinares em conjunto com a arquitetura.

"A confirmação entre o saber e a arte no âmbito das novas realidades culturais, trata uma crescente necessidade de diálogo entre as diversas disciplinas que contribuem para a construção da sociedade. É este diálogo reconstrutor o papel profissional do arquiteto e encorajar a arquitetura como um instrumento para enfrentar os problemas sociais ligados à cultura projetada contemporânea. Para encontrar outras formas de construir uma organização de espaços de qualidade, temos de estar dispostos a dialogar e a dar o nosso saber sobre o papel da arquitetura e sobre a possibilidade de ser do arquiteto. O alargamento do saber prático a uma nível universal obteve total, um completo dispêndio de para aprender, para transmitir, para partilhar num único laboratório de debate. Feito nacional e internacionalmente chamado a atenção sobre a importância da própria área específica no âmbito da arquitetura." Roberto Orensato

PROGRAMAÇÃO:

ATOS

DEBATES INFLUENCE

4 DIAS / 1 DEBATE

ATOS

CONFERÊNCIAS INDOOR

2 DIAS / 8 SESSÕES

OBJETIVOS:

- Promover a relação e o debate entre a arquitetura e outras áreas disciplinares; Cultura e estar no público;

- Promover a relação institucional com outras entidades, meios de comunicação, arquitetos e especialistas de outras áreas disciplinares;

- Divulgar a missão da CA, suas áreas de ação e programação;

- Afirmar a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura.

2.1.3

OS UNIVERSALISTAS 50 ANOS DE ARQUITECTURA PORTUGUESA EXPOSIÇÃO E GUIA (CONTINUAÇÃO)

PUNTO 6.1 ORÇAMENTO

DATA: 13 ABR. - 17 SET. 2019

LOCAL: CA, Nave Expositiva
CURADOR: Nuno Grande
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
COORDENAÇÃO: Nuno Grande e Catarina Cabral
COMISSARIADO: CA de L'Architecture et du Patrimoine

"Os Universalistas - 50 anos de arquitetura portuguesa" é uma exposição que vai do "Gênesis da L'Architecture, em Paris, onde esteve por primeira vez em 2014. Trata-se de uma homenagem à Fundação Calisto Tanzi e à CA de L'Architecture et du Patrimoine, em Paris, com curadoria de Nuno Grande. Já se apresentou pela primeira vez em Portugal na CA, seguindo também para a sua itinerância.

"Os Universalistas - 50 anos de arquitetura portuguesa" é uma exposição que vai do "Gênesis da L'Architecture, em Paris, onde esteve por primeira vez em 2014. Trata-se de uma homenagem à Fundação Calisto Tanzi e à CA de L'Architecture et du Patrimoine, em Paris, com curadoria de Nuno Grande. Já se apresentou pela primeira vez em Portugal na CA, seguindo também para a sua itinerância.

Esta exposição multimédia propõe um olhar sobre mais século de pensamento e produção arquitetónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitetos de referência como Fernando Távora, Alberto Pessoa, Rui d'Albuquerque, Manuel Távora, Fanchão Guedes, Nuno Teófilo Faria, Nuno Portas, Álvaro Siza, Nuno Coutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Matos, Manuel Grego Tasso, e foram de alguns dos 2 mais premiados arquitetos portugueses de todos os tempos, como Manuel Francisco Aires Mateus, A22 Portugal, Paulo Boavista, Paulo Santos, João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes e Francisco Melo de Campelo.

Na exposição interviram-se materiais digitais e 3D por parte de técnicos, maquetes, de senhores técnicos e técnicos de arquitetura e arquitetura por de arquitetos - com fotografias, textos e catálogos que se foram transformando e evoluindo em Portugal, no último 50 anos.

OBJETIVOS:

- Promover a relação institucional e desenvolvimento de parcerias com outras entidades das comissões nacionais e internacionais;

- Promover a itinerância e intercâmbio de exposições entre entidades;
- Trazer ao conhecimento público conteúdos de reconhecido interesse e qualidade;
- Divulgar a missão da CA, suas áreas de ação e programação;
- Afirmar a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura.

2.1.4

OS UNIVERSALISTAS 50 ANOS DE ARQUITECTURA PORTUGUESA PROGRAMA PARALELO

PUNTO 6.2 ORÇAMENTO

DATA: 13 ABR. - 17 SET. 2019

LOCAL: CA, Sala de Conferências Nave Expositiva
CURADOR: Nuno Grande
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
ACESSO À PROGRAMAÇÃO: LIVRE
Início: 16h / 18h / 20h / 22h / 24h / 26h / 28h / 30h / 32h / 34h / 36h / 38h / 40h / 42h / 44h / 46h / 48h / 50h / 52h / 54h / 56h / 58h / 60h / 62h / 64h / 66h / 68h / 70h / 72h / 74h / 76h / 78h / 80h / 82h / 84h / 86h / 88h / 90h / 92h / 94h / 96h / 98h / 100h

A acompanhar a itinerância da exposição "Os Universalistas" apresentada na Casa da Arquitectura, um programa paralelo que inclui sobre alguns dos conteúdos da mostra: uma conversa sobre este universalismo "buro" que caracteriza a cultura portuguesa, a parte do pensamento do século e o século. Eduardo Lourenço, um debate envolvendo diferentes arquitetos portugueses sobre o legado metodológico transmitido e reinventado a partir da experiência da última a última crítica interna sobre a produção arquitetónica em Portugal no contexto europeu.

Esta programação terá um total de 10 sessões, envolvendo mais de 10 convidados. Inclui ainda a visita guiada à exposição promovida pelo Serviço Educativo da CA, orientadas pelo Conselho de visitas guiadas. Todas as sessões terão um tema em mente, com a visita orientada sendo por iniciativa e terão um custo de 1€ por pessoa.

PROGRAMAÇÃO UNIVERSALISTAS:

PORTUGAL UM OUTRO UNIVERSALISMO 1 DIA / 1 CONFERÊNCIA

DE MAIO DE 68 A ABRIL DE 74: OS ANOS QUE AGITARAM A POLIS 1 DIA / 1 CONFERÊNCIA

HERDEIROS OU HERÉTICOS? A RELEVÂNCIA DOS ATELIERS E COLETTIVOS NA ARQUITECTURA PORTUGUESA 6 DIAS / 6 CONFERÊNCIAS

SUD-EXPRESS: OLHARES INTERNACIONAIS SOBRE ARQUITECTURA PORTUGUESA 2 DIAS / 2 CONFERÊNCIAS

VISITAS GUIADAS 4 DIAS / 2 VISITAS

OBJETIVOS:

- Promover o debate sobre diferentes temas que se relacionam com a exposição, despertando o interesse e a participação grande público;

- Promover a relação e o debate entre a arquitetura e outras áreas disciplinares;

- Cultura e estar no público;

- Divulgar a missão da CA, suas áreas de ação e programação.



17

2.1.5

"INFINITO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 6.3 ORÇAMENTO

DATA: 29 SET. 2019 - 10 MAR. 2019

LOCAL: CA, Nave, Exposição
COMISSARIADO: Nuno Kampito /
Casa da Arquitetura
CURADORIA: Fernando Serapão
& Guilherme Viana
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

A constituição do Coleção Arquite-
tura Brasileira ocorreu de projetos
representativos realizados no arco do
noventa anos entre 1928 e 2018, vel-
desdobrando-se numa exposição aberta ao
público, centrada no seu essencial por
uma seleção e organização conceitual
do material já recolhido e presente na
Coleção.

18

A exposição, que tem como curadores
Fernando Serapão e Guilherme Viana,
propôs diálogos transversais entre
os projetos e obras apresentados,
colocando em relevo programas
funcionais diversos, tais como residências
e edifícios industriais, edifícios culturais,
edifícios públicos, edifícios de poder
político, além, também, de projetos na
esfera do mobiliário, da arquitetura
cênica e do urbanismo.

O ponto fulcral (e intermédio) da
exposição é o projeto e construção de
Brasília, no final dos anos 1950 e início
dos 60, que revela uma grande energia
da arquitetura com muito impacto nos
projetos e edifícios do passado, como
a busca nova, no campo da música
popular, formando o ideal do papel de
de um país tropical e moderno que
salta no espaço e surge do passado
colonial e escravista, a um crime de sua
condição de país "subdesenvolvido",
ocupando uma posição de protagonismo
no campo cultural.

Tematicamente, a exposição será
compilada por seis núcleos, segundo uma
organização cronológica. Cada núcleo
será introduzido por uma câmara, que
ficará no espaço separado, dando o
tem interpretativo de cada momento
histórico.

1. Do Guarani aoguarani
1928 a 1942
2. A busca de uma id
1943 a 1947
3. Contra os chapadões meu nariz
1947 a 1949
4. Quilómetros na tv
1949 a 1954
5. Brasília, então para metade
1954 a 1961
6. Sant'anna nascida do pé
1961 a 2018

OBJETIVOS:

- Mostrar a primeira coleção de acervo da Casa da Arquitetura;
- Levar ao conhecimento da grande pública a excelência da arquitetura e cultura brasileiras nos seus variados e para além dos limites da disciplina;
- Criação de diálogos transversais entre várias artes para melhor enquadramento dos 90 anos da produção arquitetónica;
- Criação de um intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil;
- Divulgar o mapa da CA, suas áreas de ação e programação;
- Afimar a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura.

2.1.6

"INFINITO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA PROGRAMA PARALELO

PONTO 6.4 ORÇAMENTO

DATA: JAN. - DEZ. 2019

LOCAL: Portugal e Brasil
COMISSARIADO: Nuno Kampito /
Casa da Arquitetura
CURADORIA: Fernando Serapão
& Guilherme Viana
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

A exposição faz-se acompanhar de
uma ampla Programação Paralela,
que procura aproximar o público em
geral - não apenas arquitetos - do
contexto das artes e letras. Há uma
programação de conceitos,
conferências, edição de filmes
(documentários e ficcionais), e eventos
livres, tendo como núcleo temático o
referência espacial e urbana. O público

conceitual dessa programação é a ideia
de "diálogo das artes" proposta ao
grande público Mário Pedrosa por ocasião
da constituição de Brasília.

Como se vê, os diversos produções
artísticas. Brasília nasceu por
diálogo e cruzamentos entre as
disciplinas, criando um campo fértil
de comunicação cruzado, que tem a
arquitetura como uma de suas espinhas
duras.

PROGRAMAÇÃO INFINITO VÃO:

- SETEMBRO
2 DIAS / VÁRIAS INICIATIVAS
- OCTUBRO
11 DIAS / 2 CICLOS DE FILMES / 1
CONFERÊNCIA
- NOVEMBRO
4 DIAS / VÁRIAS INICIATIVAS
- DEZEMBRO
2 DIAS / 2 CONVERSAS
- JANEIRO
2 DIAS / 2 CONFERÊNCIAS
- FEBREIRO
2 DIAS / 1 SEMINÁRIO / 5 SESSÕES

OBJETIVOS:

- Promover o conhecimento do a
arquitetura e cultura brasileiras dos
últimos 90 anos, período de diferentes
e variados contextos culturais, sociais,
políticos e económicos;
- Criação de momentos de intercâmbio
entre diferentes figuras portuguesas e
brasileiras;
- Criação e fortalecimento de
parcerias estratégicas entre a Casa
da Arquitetura e outras entidades
culturais do Porto e Portugal;
- Divulgar o mapa da CA, suas áreas de
ação e programação;
- Afimar a CA como referência nacional
e internacional na promoção da
arquitetura.

2.1.7

EXPOSIÇÕES 2019 TRABALHOS DE PREPARAÇÃO

PONTO 6.17 ORÇAMENTO

DATA: JAN. - DEZ. 2019

LOCAL: CA, Nave, Exposição

Em 2018, a CA já em preparação as
2 exposições a produzir em 2019 para a
Nave Exposição. Desta forma a primeira
a ser produzida.

MONOGRAFIA 2019 EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

DATA: ABR 2019 - data a definir

LOCAL: CA, Nave Exposição

Em abril de 2019, será exibida ao
público a primeira exposição original
e catálogo da CA. A CA na
este trabalho foi escolhido um tema
monográfico, com conteúdo e formato,
ainda a definir. A sua produção terá
início ainda em 2018, com a seleção
dos conteúdos que terão a cargo o
desenvolvimento do tema proposto.
Esta exposição visa dar visibilidade e
reconhecimento público à coleção e ao
projeto da CA. A exposição terá ainda
origem um catálogo sobre o tema.

OBJETIVOS:

- Dar ao conhecimento do público das
coleções em depósito na CA;
- Visibilizar a investigação do tema
prevendo nova abordagem;
- Dar a conhecer ao público geral uma
temática de interesse cultural;
- Desenvolvimento de parcerias e
anúncios com outras entidades
culturais;
- Preparar os conteúdos da exposição
através da edição do catálogo.



19

2.2

GALERIA DA CASA EXPOSIÇÕES E AÇÕES PARALELAS

ANUAL E CONTÍNUO

Para maior rotatividade da sua
programação e ação cultural, a CA
procurou ao aproximar o público em
geral - não apenas arquitetos - do
contexto das artes e letras. Há uma
programação de conceitos,
conferências, edição de filmes
(documentários e ficcionais), e eventos
livres, tendo como núcleo temático o
referência espacial e urbana. O público

OBJETIVOS:

- Maior rotatividade e dinâmica da
programação da CA;
- Acolhimento de projetos de entidades
e comissões e vícios dando a
conhecer a CA enquanto entidade
aberta e agregadora;
- Desenvolvimento de um maior número de
inter-relações culturais;
- Maior variedade e diversidade na
programação da CA.



20

2.2.1

EXPOSIÇÃO X BIAU BIENAL IBEROAMERICANA DE ARQUITETURA E URBANISMO (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.16 ORÇAMENTO

DATA: 17 NOV. 2017 a 04 FEV. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa COMISSARIADO: Angela Garcia de Fátima e Inácio G. Pedrosa INCUBIRIA: Arquiteto de Fomento do Governo Espanhol FEDORAÇÃO: BIAU/PORTUGAL, CA

Depois de uma itinerância que começou no Parque Bioparc em São Paulo, passou pela Telenel de MIB e mais recentemente por Sevilla, a Exposição de 199 edição da Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo - IBIU - chega a Portugal para a abertura das novas instalações da Casa da Arquitetura, onde esteve a programação da Galeria da Casa. A IBIU tem a particularidade de 4 de fevereiro de 2018.

Com o tema "Desplacamentos, Reajustes, Diásporas e Migrações" comissariado pelo duplo de arquiteto espanhol Angela Garcia de Fátima e Inácio G. Pedrosa, em conjunto com Alvaro Paredes, comissário adjunto em São Paulo, a Bienal se abriu, nesta edição, um total de 1111 projetos, dos quais foram premiados 2 projetos, seis livros, duas publicações e uma coleção de vídeos.

Muito marcada pela presença portuguesa, a exposição que agora chega à CA galardoou o arquiteto espanhol Ismael de Alzola como o primeiro americano que distingue, em cada edição, um modo de pensar consolidado no tempo. Nesta edição há mais portugueses premiados e os organizadores em várias exposições. O atelier Aires Mateus, pela rede da EDP e pelo Casos no Tempo, do atelier atelier SAARJ, um coletivo de três irmãos da Silva e Miguel Vieira, com o caso D'Ávila, Rico, Aguiar, João Mendes Ribeiro, Castro Guedes e Francisco Vieira de Campos pelo Arquitecto, Centro de Arte Contemporânea, na Ribeira Grande, São Miguel, também nos últimos. Outros autores nacionais foram distinguidos na categoria Publicações: "Uma Antologia do Livro de Arquitetura" de André

Tavares, do Patro Editora e Condição; "Genius Architecture" de João Aires Mateus; "Cultura e Tecnologia na Arquitetura Iberoamericana" de Ana Tomé da BUI Pública, etc.

A Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo é uma iniciativa do Ministério de Fomento do Governo Espanhol, que promove o intercâmbio de experiências entre os arquitetos e urbanistas dos países ibero-americanos assim como o debate sobre os grandes problemas que a tem a arquitetura e urbanismo. Consiste em 22 países ibero-americanos Portugal e Espanha, cobrindo um total de 20 milhões de quilómetros quadrados onde vivem cerca de 700 milhões de pessoas.

2.2.2

A CASA DA DEMOCRACIA: ENTRE ESPAÇO E PODER EXPOSIÇÃO E BOOKLET

PONTO 6.5 ORÇAMENTO

DATA: 17 FEV. a 13 ABR. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa COMISSARIADO: Nuno Lempais / Casa da Arquitetura CURADORIA: Susana Ventura ORGANIZAÇÃO: Assembleia da República COORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

Exposição sobre a evolução do edifício desde a adaptação do convento à Assembleia, a intervenção do arquiteto Ventura Tavares, o novo fachado e o escudo do Estado Novo, até ao projeto de ampliação do Parlamento pelo arquiteto Fernando Távora, também moções que causam a história de Portugal nomeadamente as complexas negociações políticas e sociais. Partindo da ideia de que o termo equívoco a Ideologia (John Hall), apresenta-se os vários projetos de arquitetura para o Palácio de São Bento, questionando, simultaneamente, sob que aspetos o espaço pode ser a implementação de um sistema democrático. Acompanhará a exposição um booklet produzido com o apoio da Assembleia da República.

2.2.3

REMADE IN PORTUGAL X EDIÇÃO NÃO COBIÇAR AS COISAS ALHEIAS EXPOSIÇÃO E AÇÃO PARALELA

PONTO 6.6 ORÇAMENTO

DATA: 29 ABR. a 1 JUL. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa CURADORIA: Robert Gramscoll COORGANIZAÇÃO: Remade in Portugal e CA

O ano de 2017 assinala os dez anos do projeto Remade in Portugal que conta já com cerca de 120 projetos de design, realizados por mais de 30 criadores e 80 empresas. Com a participação, tanto em de artistas plásticos e visuais.

A 2.ª edição, "Não cobijar as coisas alheias", quer ser um momento de reflexão e de reflexão sobre a primeira década do projeto, com uma seleção não só de projetos, mas também de todo o material informativo e nível de imprensa, audiovisual, teórico, para contar a história da qual que foi o primeiro projeto de design ecológico em Portugal, considerando as suas entidades institucionais públicas e privadas, que contribuíram para o crescimento do projeto.

Aspas que compõem a exposição são da autoria de Adalberto Dias, Alda Tomás, Alvaro Siza, Ana Deaño, Ana Pinó, Ana Rita, Angela Garcia, Carmelo Pinheiro, Constança Bogaça, Eduardo Lourenço de Sousa, Francisco Providência, Galia Nóbrega, João Mendes Ribeiro, Júlio Botelho, Lúcia Ferreira, Luís Buchinho, Manuel Aires Mateus, Manuel Grego Pires e Egas José Vieira, Maria Gabriela, Nuno Romarinho, Paulo Costa, Paulo Teco, Pedro Silva Dias, Pedro Romarinho, Ricardo Lourenço, Rita Castro, Rui Coimbra, S.O.M.A., Sónia Abreu.

A CA será também anfitriã da conversa "Tudo é desenho" que decorrerá no dia 11 de maio, às 18h30, na Galeria da Casa.

2.2.4

STILL CABANON EXPOSIÇÃO E AÇÕES PARALELAS

PONTO 6.7 ORÇAMENTO

DATA: 14 JUL. a 30 SET. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa ORGANIZAÇÃO: EPIDUÇÃO: Orama Antárctica, CA

A exposição **STILL Cabanon** resulta de um deste longo trabalho da Orlana Antárctica e o Atelier de Orama e autores de diferentes disciplinas, arquitetura, arte ou design, propondo um diálogo sobre o habitat do século XXI e que tem como pano de fundo a casa-abrigo de Le Coubeur, na Cabanon.

Participam nesta mostra:

ARQUITETOS, ARTISTAS E DESIGNERS: Aires Mateus, Angela Ferreira, Alister do Carmo, Carolina Araújo, Didier Haas Fauriol, Eduardo Lourenço, Fernando Pacheco, Fernando Pinó, Filipa Marçal, João Luís Cordeiro da Graça, João Mendes Ribeiro, José Pedro Corti, Nuno Sousa Vieira, Patricia Ramos Lopes, Paulo Santos e Pedro Régua

ENSABITAS: Amândio Raboga, Gabriela Vaz Pinheiro, Patrícia Mendes, José António, José Miguel Pinho, Magda Teófilo, Pedro Figueiredo e Sara Castelo Branco.

2.2.5

PAULO MENDES DA ROCHA: 2 CASAS EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 6.8 ORÇAMENTO

DATA: 13 OUT. a 30 DEZ. 2018

LOCAL: Galeria da Casa DIMENSÃO: Nuno Tomé COORGANIZAÇÃO: PRODUÇÃO: CA

Esta exposição irá exibir duas casas do arquiteto Paulo Mendes da Rocha no âmbito do seu 70.º aniversário. Traçamos assim ao público uma parte menos conhecida de seu trabalho, dois projetos de habitação: um familiar: Casa Geral (Brasil) e Casa da Rua da Lavagem (Portugal).

Dois países, duas casas, dois projetos do acervo CA. As fotografias são de Leonardo Pinho.

Associada à exposição será ainda editado pela CA um catálogo sobre os projetos em exibição.

2.2.6

EXPOSIÇÕES 2019 TRABALHOS DE PREPARAÇÃO

PONTO 6.17 ORÇAMENTO

DATA: JAN. a DEZ. 2019

LOCAL: Galeria da Casa

Em 2019 a CA irá já empregar-se às exposições a preparar em 2019 para o início da CA.

Está prevista a realização de 6 exposições de curta duração durante o ano 2019.



23

23

OUTROS EVENTOS



25

24

2.3.1

PRÊMIO FERNANDO TÁVORA (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.9 ORÇAMENTO

DATA: 5 ABR. E 11 MAI. 2018

LOCAL: CIMA
ORGANIZAÇÃO: OASIN
PARCERIA: CA e CIMA

A OASIN com o patrocínio da CIMA e da CA, organizou anualmente a Prêmio Fernando Távora através do oferecimento de uma bolsa de viagem à melhor proposta de trabalho investigativo, de autoria de um profissional de arquitetura ou de paisagem, para o estado de Pernambuco em 2 sessões anuais: abril e outubro. O vencedor do Prêmio recebe um diploma e o valor de R\$ 10 mil e o segundo colocado recebe R\$ 5 mil.

26

- OBJETIVOS:**
- Investigar e divulgar o lugar do sistema Fernando Távora;
 - Promover o trabalho investigativo como forma de aprendizagem e formação do arquiteto;
 - Desenvolver e completar o público-alvo;
 - Administração da atividade da CA na organização do tema e recepção do prêmio com a OASIN e CIMA.

2.3.2

OPEN HOUSE PORTO 2018 (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.10 ORÇAMENTO

DATA: 20 JUN. E 1 JUL. 2018

LOCAL: Malhotra, Porto e Galo
COMISSÁRIOS: Inês Moreira e João Paulo Rodrigues
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
PARCÍTIOS ESTRATÉGICOS: CIMA, Interiores, Porto e N. Com. ACESSO A PROGRAMAÇÃO: Inês Moreira e Inês Moreira

A CA dará continuidade ao compromisso assumido com o Open House Worldwide e com a OASIN do Porto, Galo e Malhotra para a organização do Open House Porto 2018. A atividade promoverá um encontro, a ser realizado no dia 20 de junho, com o objetivo de apresentar o trabalho realizado em 2017 e discutir o planejamento para 2018.

Em 2018, pretende-se convidar o máximo de arquitetos em visita, cerca de 45, a participar da programação paralela ao evento, nomeadamente, no âmbito de um maior número de experiências, técnicas e materiais, de projetos e técnicas e seus processos criativos. Para a 4ª edição, o evento terá o seu foco nos aspectos identitários, estéticos e de funcionamento, conforme definido pelo seu comitê. O programa utilizará uma abordagem crítica para se analisar e discutir os projetos, novas ou antigas, produzidos no tempo, recuperados ou esquecidos.

A edição de 2018 ocorrerá no dia 27 de julho com visitas às obras de Álvaro Siza em Malhotra, uma sessão de apresentação dos trabalhos finais produzidos pelos participantes e um jantar seguido de festa que decorrerá na CA - Espaço exterior do Real Vinícola.

- OBJETIVOS:**
- Promover a relação com outros arquitetos e organizações;
 - Investigar o estado da CA, seus projetos e programação aos profissionais, comissões e participantes estrangeiros;
 - Dar a conhecer a instalações da CA a sua totalidade;
 - Dar a conhecer a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura;

2.3.6.1

AAICO

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: 03 > 09 SET. 18

LOCAL: Casa da Arquitetura e Real Vinícola

A CA dará início aos trabalhos e procedimentos relativos à edição, projeto gráfico, de um documentário sobre Eduardo Souto de Moura. A edição será a cargo de João Mendes da Rocha. O envolvimento da CA neste documento é de maior importância, uma vez que Eduardo Souto de Moura tem parte do seu acervo arquitetónico sob a gestão da CA e uma das suas residências.

Em 2018, pretende-se convidar o máximo de arquitetos em visita, cerca de 45, a participar da programação paralela ao evento, nomeadamente, no âmbito de um maior número de experiências, técnicas e materiais, de projetos e técnicas e seus processos criativos. Para a 4ª edição, o evento terá o seu foco nos aspectos identitários, estéticos e de funcionamento, conforme definido pelo seu comitê. O programa utilizará uma abordagem crítica para se analisar e discutir os projetos, novas ou antigas, produzidos no tempo, recuperados ou esquecidos.

2.3.6.2

OUTROS À ACOLHER E PROGRAMAR

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: ANUAL

LOCALS: Casa Roberto Leves, Casa da Arquitetura ou Real Vinícola

Langamentos de Lúcio Costa, Condições, Prêmios, Fines, Formas e outros com enquadramento no mesmo e agenda da CA.

28

através do OPEN HOUSE, estabelecem um circuito internacional de arquitetura.

- Proporcionar uma oportunidade física de visita e descoberta de espaços com um papel decisivo em arquitetura e no modo de vida das cidades que exemplificam o valor do património edificado, antigo e contemporâneo, recente ou público;
- Promover a cultura dos espaços arquitetónicos dos outros para fazerem análises e comparações;
- Conquistar de novos espaços de procura e consolidação dos edifícios;
- Atuar como patrocinadores.

2.3.3

PORTO ACADEMY 2018 (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.11 ORÇAMENTO

DATA: 20 > 27 JUL. 2018

LOCAL: FAIP ou CA

Do 20 a 27 de julho decorrerá o 4º edição do Summer School Porto Academy, pelo segundo ano consecutivo, organizado pela Casa da Arquitetura e a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. A edição do Porto Academy tem como objetivo a criação de um espaço privilegiado de convívio e mais de 250 participantes de todo o mundo arquitetónico de mais de 45 nacionalidades. O programa do Porto Academy propõe uma semana de trabalhos, workshops e visitas.

A edição de 2018 ocorrerá no dia 27 de julho com visitas às obras de Álvaro Siza em Malhotra, uma sessão de apresentação dos trabalhos finais produzidos pelos participantes e um jantar seguido de festa que decorrerá na CA - Espaço exterior do Real Vinícola.

- OBJETIVOS:**
- Promover a relação com outros arquitetos e organizações;
 - Investigar o estado da CA, seus projetos e programação aos profissionais, comissões e participantes estrangeiros;
 - Dar a conhecer a instalações da CA a sua totalidade;
 - Dar a conhecer a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura;

2.3.4

LABORATÓRIO DE AUTOCONSTRUÇÃO LUGAR DE PARTILHA 2 (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.12 ORÇAMENTO

DATA: 28 JUL. - 10 AGO. 18

LOCAL: Espaço de Casado, Porto
COORDENAÇÃO: Roberto Clementino
COMISSÁRIOS: Roberto Clementino, Natália Schmitt, Inês Moreira e Inês Moreira
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
PARCÍTIOS ESTRATÉGICOS: CIMA, Malhotra, Galo, Porto e Malhotra, Porto

O Lugar de Partilha teve a sua 1ª edição em 2017 integrada no Programa Interdisciplinar da CA, apresentando-se ao público como o 1º do Programa Interdisciplinar. O sucesso da sua realização, após o sucesso do valor do seu processo, permitiu que o laboratório de Autoconstrução ganhasse uma nova dimensão. O Lugar de Partilha 2 tem como objetivo de realizar um interdisciplinar no âmbito da comunidade. A intervenção decorrerá novamente num bairro social (na direção de dois blocos). O projeto envolveu vários estudantes, pessoas locais, participantes nacionais e estrangeiros e, também, a população residente.

"O projeto interdisciplinar e a sua realização em arquitetura e construção, decorrerá com o apoio da comunidade local e a participação dos estudantes da CA. O projeto será desenvolvido em parceria com a comunidade local e a população residente. O projeto será desenvolvido em parceria com a comunidade local e a população residente. O projeto será desenvolvido em parceria com a comunidade local e a população residente."

Roberto Clementino

- OBJETIVOS:**
- Promover a relação com entidades e organizações locais;
 - Promover o conhecimento da arquitetura e incentivar a seu

entendimento;

- Evoluir as condições e a programação local;
- Incentivar o espírito de partilha do conhecimento entre arquitetos;
- Buscar uma maior identificação e participação na sociedade, motivando a sua participação ativa;
- Divulgar o modo da CA, suas áreas de ação e programação a nível nacional e internacional;
- Dar a conhecer a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura;

2.3.5

1º ANIVERSÁRIO ABERTURA DA NA REAL VINÍCULO

PONTO 6.13 ORÇAMENTO

DATA: 16, 17 E 18 NOV. 18

LOCAL: Casa Roberto Leves, Espaço de Casado, Estrada Lúcio Costa

Com o objetivo de se fazer um momento único na programação cultural nacional e internacional, a CA passou a desenvolver atividades em data da abertura das suas instalações no espaço Real Vinícola.

A programação será iniciada a decorrer durante o fim de semana do 17 e 18 de novembro, com abertura prevista para o meio de sexta-feira, 16 de novembro. A programação do programa Interdisciplinar de 2018, apresentando na abertura de visitas antes num espaço novo à participação do grande público. O programa será desenvolvido na sua ligação e de sucesso gráfico. Será desenvolvido um novo programa itinerário da atividade e das visitas. Nomeadamente: "Festa do Real Vinícola".

- OBJETIVOS:**
- Realizar o 1º aniversário da CA na RV com um grande programa de atividades abertas ao público;
 - Abair o grande público da CA, apresentando os seus objetivos;
 - Renovar o conteúdo a participação cultural;
 - Divulgar o modo da CA, suas áreas de ação e programação ao grande público;
 - Reforçar a CA como referência nacional e internacional na promoção da arquitetura;

2.3.6

EVENTOS NA CASA - ACOILHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU EM PARCERIA

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: ANUAL

LOCALS: Casa Roberto Leves, Casa da Arquitetura ou Real Vinícola

Organização e recepção de atividades diversas na instalação da CASA DA ARQUITETURA, exposições, congressos, debates, lançamentos de livros, visitas aos locais de intervenção (de livros, visitas) por iniciativa e produção própria, em parceria, de outros em colaboração.

- OBJETIVOS:**
- Dar a conhecer as atividades da CASA da sociedade, estabelecendo um nível de atividades que a promovam no meio cultural;
 - Ser mediador nos pontos de encontro, críticos, organizados e participativos que nos chamam para a recepção do indivíduo visitante;
 - Promover a CA como um espaço de conhecimentos próprios para a produção arquitetónica do trabalho cultural ao público, tendo como objetivo promover a cultura da arquitetura;
 - Apresentar a CA ao público, estabelecendo níveis de participação e envolvimento com os seus associados e público em geral;
 - Melhorar a CA através de propostas experimentais.

27



29

3

LOJA DA CASA PONTO 9 ORÇAMENTO

3.1

EXPOSIÇÕES PERIÓDICAS E REGULARES

ANUAL E CONTÍNUO

30

Mostra com peças por diferentes artistas e autores a propósito das atividades paralelas, como debates e concursos a como forma de promover a arquitetura e seu intervenientes assim como acrescentar novos produtos à loja.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer novos produtores e autores de design contemporâneo;
- Angariar novos fornecedores e aumentar o stock;
- Diversificar os artigos à venda na loja de forma a abranger diferentes públicos.



3.1.1

1ª EXPOSIÇÃO PROJETO MARTINS

DATA: 17 NOV. 2017 a 26 MAR. 2018

LOCAL: Loja da Casa

Exposição de mobiliário de autor desenvolvido pelo Projecto Martins da Favela. Nuno Miguel Borges criou o projeto em 2017 e desenvolveu arquitetura para que seu filho adoçado convidado do para desenvolver mobiliário. Nesta exposição apresentamos peças distintas de arquitetos portugueses e de uma artista plástica, Pedro Romão, Maria Manuel, Miguel Albuquerque, Camilo Araújo, Lúcia Ferreira, João Karamelo e Silva Navegante.

A acompanhar estes registos encontraremos alguns objetos de autor destinados a iluminar e a acrescentar valor ao espaço.

3.1.3

3ª EXPOSIÇÃO MOBILIÁRIO DE AUTOR

DATA: 6 JUN. a 2 SET. 2018

LOCAL: Loja da Casa

Exposição dedicada às obras de conceção dos arquitetos portugueses onde se destacam peças de mobiliário e decoração para a Casa e Escritório.

3.1.2

2ª EXPOSIÇÃO OBRA GRÁFICA / STILL CABANOS / ILUMINAÇÃO

DATA: 4 ABR. a 3 JUN. 2019

LOCAL: Loja da Casa

A segunda exposição na loja da Casa propõe três momentos diferentes: uma sala ao mundo, faculdade de desenho que, como prática corrente no ofício de arquitetos e artistas, ultrapassa o exercício quotidiano do registo e eleva as suas obras ao uma relação pública entre o papel e o seu autor. De Álvaro Ripa a João Mendes, é possível reconhecer a firmeza do traço num gesto que se imagina natural e encontra a forma idealizada sem esforço. Age como meio de comunicação visualizado, é no mesmo tempo um ato presente.

Num outro momento e a pensar o espaço mínimo para habitar, tendo por base o pequeno edifício projetado por Le Corbusier em 1932, reutiliza-se o espaço lançado pelo Álvaro de Conde e a OTMKA Arquitetos a um conjunto diverso de autores, com diferentes experiências e conhecimentos. O Still Cabanos reutiliza assim numa reflexão sobre o habitar do século XXI.

3.1.4

4ª EXPOSIÇÃO CONCURSO LOJA DA CASA

DATA: 6 SET. a 4 NOV. 2019

LOCAL: Loja da Casa

Esta exposição pretende fazer uma mostra com o propósito de mais a destacar no concurso de design de autor e cultura novo público e novo interesse pelo espaço, que terá também de apoio à criatividade e desenvolvimento de novas ideias e novas formas de ser e de estar.

A LOJA DA CASA dá assim início a uma nova história de exposições que pretende repetir nos seguintes.



32

33

3.2

ATIVIDADE COMERCIAL DA LOJA

ANUAL E CONTÍNUO

Oati é a unidade comercial de marketing da loja criando um espaço de referência, seja através da venda/ desenvolvimento de objetos de autor renomados, seja pela implementação de novos produtos no ponto de venda principal (Real Minicols), no ponto de venda Casa de Chá da Boa Nova ou Point de Impacto de Alentejo; dar continuidade à linha de merchandising da OAK e fazer o marketing da OCA - Concurso Design de Autor; gerir a manutenção da loja online; dinamizar a imagem digital da LOJA DA CASA (redes sociais próprias e newsletter dedicada); dinamizar o evento especializado de arquitetura assim como manter a representação das suas edições em feiras nacionais e internacionais.

OBJETIVOS:

- Divulgar a marca OCA contribuindo para a notoriedade e reconhecimento da organização;
- Chegar a novos públicos permitindo a rentabilização da unidade comercial junto do fluxo turístico do Terminal de Lajes, Point de Impacto de Alentejo e Casa de Chá da Boa Nova;
- Incrementar o aumento das receitas para futuro apoio financeiro da OCA.

34



35

3.2.1

VENDA DE PÁSCOA

DATA: 20 MAR. > 28 MAR. 2018

LOCAL: Loja da Casa

Especial desta que para o joalheiro de autor. São vários os autores que têm muita notoriedade internacional e que apresentam formas e materiais diversos para a criação de peças únicas e diferentes, quase todas executadas à mão. Como joalheiro de autor que tenho prazer e gosto de produzir, enriquecendo a mostra no espaço da LOJA DA CASA.

3.2.4

APRESENTAÇÃO DO VENCEDOR DO CONCURSO DE DESIGN

DATA: 21 SET. 2019

LOCAL: Loja da Casa

O vencedor terá a oportunidade de ter o seu trabalho disponível para venda na loja da Casa, sendo que a produção da mesma ficará a cargo da Casa de Arquitectura. A Casa não reservou o direito exclusivo da venda durante um ano.

3.2.2

PRODUÇÃO PEÇA EXCLUSIVA DE MÓBILIÁRIO LOJA DA CASA / PAULARTE

DATA: JUN. 2019

LOCAL: Loja da Casa

Uma Estante desenhada pelo arquiteto Barão de Costa Cabral em exclusividade para a Casa da Arquitectura. Está realizada em homenagem ao arquiteto com o objetivo de apresentar à sociedade o melhor percurso do autor do Bloco das Águas Vivas.

3.2.5

VENDA DE NATAL

DATA: 20 NOV. > 29 DEZ. 2019

LOCAL: Loja da Casa

A Venda de Natal na LOJA DA CASA conta com a apresentação de novas peças de autor e autores já conhecidos dos anos anteriores. Por norma esta é a altura com mais procura e movimento do ano, pelo que a exigência de respeito, captação e identificação de cliente é o nosso principal objetivo.

Durante a venda promovemos a mostra de novos produtos exclusivos OAK DA ARQUITECTURA que permitem um maior retorno a uma oferta diferenciadora.

36

3.2.3

LANÇAMENTO DO CONCURSO DESIGN DE AUTOR

DATA: 12 JUN. 2019

LOCAL: Loja da Casa

Divulgação e lançamento do concurso de autor. Regulamento e ficha de inscrição.



37

4

4.1

VISITAS PONTO 7 ORÇAMENTO

VISITAS ACOMPANHADAS CA "ÁLVARO SIZA EM MATOSINHOS" CONTINUAÇÃO

PONTO 7.1 ORÇAMENTO
ANUAL E CONTÍNUO

LOCAL: CASA ROBERTO MENI, PR-CINA
DOS ANJOS, CASA CIBR DA BOA NOVA E
QUINTA DA CONCEIÇÃO, outros

PÚBLICO ESTIMADO/Nº PARTICIPANTES:
3000 pessoas

Dar continuidade ao programa de visitas organizado pela CA desde 2010, visando as visitas acompanhadas aos edifícios como referência e exemplo ou individualmente, discriminando a oferta a outros públicos e diversificando o modelo de visita. O ano 2011 será também de transição e integração deste programa de visitas no recente departamento de Serviço Educativo da CA.

OBJETIVOS:

- Dar a conhecer ao público o património arquitectónico ao cidadão da CA e da CMVM;
- Divulgar a obra em Matosinhos do mais reconhecido arquitecto português, Álvaro Siza e as suas ligações a Fernando Távora e Eduardo Souto de Moura;
- Promover a CA a nível público, nacional e internacional, com ênfase na arquitectura e nas artes em geral;
- Ampliar o número de visitas organizadas, diversificando o perfil e o modo das visitas;
- Fomentar a incorporação de novos visitantes no universo da CA, promovendo a participação ativa nos seus trabalhos;
- Colação de receitas/financiamento para a CA.



38

4.2

PERCURSOS PELA ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA PROGRAMA EM PARCERIA COM CULTOUR CONTINUAÇÃO

PONTO 7.2 ORÇAMENTO

DATA: MAIO E OUTUBRO

LOCAL: a definir

Dar continuidade à co-organização com o CULTOUR na programação e organização das novas edições dos Percursos pela Arquitectura Contemporânea "projeto iniciado em 2010. Este programa de visitas pretende, com a cooperação de outros, especialistas e proprietários, proporcionar experiências únicas e interessantes. Os Percursos são organizados tendo em conta uma temática ou área geográfica. Este programa, conforme é seu objetivo, regista uma elevada participação de "não arquitectos".

OBJETIVOS:

- Melhorar a qualidade de qualidade com recurso a visitas guiadas por autores do projeto, especialistas e outros qualificados;
- Aumentar a visibilidade pública das obras que não se encontram facilmente abertas ao conhecimento público;
- Promover o conhecimento da arquitectura, dos seus autores e da CA a nível público, nomeadamente, por via profissional ou académica, com o apoio da arquitectura;
- Disponibilizar um programa que permita a inscrição/participação individual e que fomente a criação de laços entre os participantes.

40



4.3

ITINERÁRIOS TEMÁTICOS MUNICIPAIS PROGRAMA EM PARCERIA COM CÂMARAS MUNICIPAIS

PONTO 7.3 ORÇAMENTO
DATA: QUADRIMESTRAL

42

LOCAL: a definir

Este programa de visitas afeta às esquadras que implicam maior de reconhecida os artistas portugueses pretende ter a sua cooperação bem como a de especialistas e professores. Procura-se aproximar o obra do público geral, curioso e especialista.

OBJETIVOS:

- Para conhecer o património arquitectónico local Português
- Divulgar obras de reconhecidos arquitetos portugueses, Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Remundo Teófilo, Nuno Portas, Nuno Teófilo, Pedro, Rui Vilhote, Manuel Grego Dias, Aires Mateus, João Luís Gonçalo da Graça, etc.
- Promover a CA a no vos públicos, nacionais e internacionais, com ênfase na arquitetura e nas artes em geral
- Fomentar a incorporação de novos visitantes no universo da CA, promovendo a participação ativa nos suas atividades.
- Criação de receita/financiamento para a CA.



5

SERVIÇO EDUCATIVO PONTO 8 ORÇAMENTO

44

Com o objetivo da Casa da Arquitectura no espaço da Real Vila do Porto, passamos a oferecer um programa de atividades educativas de desenho do para os alunos de todos os idades e turmas, especializadas e curiosas, que contará com a colaboração de vários especialistas de diferentes áreas, arquitetura, ambiente, ciência, tecnologia, arte, literatura, educação, etc.

Terá-se de Programa Galiléio e as suas atividades são o desenvolvimento e integração de conteúdos e a sua participação de programação anual da Casa da Arquitectura, nomeadamente a exposição "Up in House" e outros programas paralelos. Esta a tudo da sua com o programa educativo oficial anual de modo transversal, pluridisciplinar e inclusivo.

No Real Vila do Porto, temos um espaço exclusivamente dedicado ao Serviço Educativo - o Espaço Galiléio. Um dos conceitos mais importantes deste espaço é a sua pluralidade, proporcionando várias possibilidades de organização, adaptando às inúmeras atividades futuras e diferentes tipologias dos grupos que o visitam.



5.1

Serviço Educativo Regular Programa Caleidoscópio Continuação

Ponto B.1 Orçamento Anual e Contínuo

46 **LOCAS:** Espaço Caleidoscópio, Casa da Arquitectura, Real Vila Rica e outros exteros a definir.

Programa de atividades didáticas de prática e campo por visitas, debates, oficinas, dinâmicas e circuitos na cidade, às pedagógicas, aulas temáticas, dinâmicas de grupo, debates, famílias e crianças do ensino primário ao ensino universitário, a um público geral. Este programa tem como principal objetivo de um público abrangido para:

- O projeto de transformação, recuperação, e preservação do espaço do Casa da Arquitectura no Real Vila Rica;
- No conteúdo em a censo, a gestão e coleção do Arquivo da Casa da Arquitectura;
- A inclusão;
- A importância da arquitetura na construção da cidade e da cidade atual;

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para a arquitetura;
- Disponibilizar ferramentas para a apreciação autónoma da disciplina;
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem lúbrica e consequentes;
- Criar ligações com um público diversificado, integracional e de forma inclusiva;
- Colaborar na intermediação do trabalho do Casa da Arquitectura;
- Aproximar o público;
- Gestão de recursos/financiamento para a CA.

Nº DE ATIVIDADES ORIGINAIS DISPONÍVEIS AO PÚBLICO:		PÚBLICO ESTIMADO / Nº PARTICIPANTES:	
VISITAS ORIENTADAS	4	PÚBLICO ADULTO E ENSINO UNIVERSITÁRIO	200
ATIVIDADES SHARPE DE PROMOVE POR FINANCIAMENTO	2	VISITAS ORIENTADAS AGRUPADAS	1.100
LEITURAS ENCENADAS	2	VISITAS TEMÁTICAS COM ENLACES	1.500
VISITAS TEMÁTICAS	2	OFICINAS DE VISITAS E VISITAS-JOGO	1.700
CONFERÊNCIAS	8	OFICINAS DE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NA ÁREA DA ARQUITECTURA	200
OFICINAS	6	OFICINAS DE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NA ÁREA DA ARQUITECTURA	200
ATIVIDADES SHARPE DE PROMOVE POR FINANCIAMENTO	4	FAMÍLIAS E CRIANÇAS	500
		OFICINAS E VISITAS-JOGO	



5.2

Atividades Gratuitas Programa Caleidoscópio Continuação

Ponto B.2 Orçamento Anual e Contínuo

48 **LOCAS:** Espaço Caleidoscópio, Casa da Arquitectura, Real Vila Rica.

Atividades gratuitas que se oferecem à comunidade. Programa de sensibilização para a disciplina, para o público e para a celebração da arquitetura, cidadania ativa, inclusão e acessibilidade.

PROGRAMA "DOMÍNGOS NA CASA"
Tempo de visitas orientadas pelo monitor do tempo Educativo às exposições gratuitas e ao Espaço do Real Vila Rica / Casa da Arquitectura, Oficinas didáticas pedagógicas para famílias todos os domingos do ano. Ação de sensibilização para o programa expositivo e Casa da Arquitectura.

LUGAR DE PARTILHA
Programa de atividades didáticas pedagógicas para crianças e jovens, a desenvolver em parceria com instituições locais de formação e tempo livre e que decorrem simultaneamente com a ação principal do programa Lugar de Partilha.

ATIVIDADES INCLUIVAS
Programa de atividades de sensibilização para que o arquiteto e o património possam ser usufruídos o maior democratizadamente possível, criando condições para que todos, idosos e jovens, pessoas com mobilidade reduzida possam beneficiar das atividades culturais e formativas que oferecemos.

OPEN HOUSE PORTO
O Programa Caleidoscópio desenvolve atividades didáticas pedagógicas e inclusivas no âmbito do evento Open House Porto. Oficinas, visitas, jogos, leituras encenadas, etc.

1º ANIVERSÁRIO DA CASA
Programa de celebração. Visitas orientadas, leituras, oficinas, visitas-jogos, leituras encenadas, etc.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para a arquitetura como agente cultural e educativo;
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem lúbrica e consequentes;
- Criar ligações com um público diversificado, integracional e de forma inclusiva;
- Aproximar o público.

PÚBLICO ESTIMADO / Nº PARTICIPANTES:	6.000
PROGRAMA "DOMÍNGOS NA CASA"	2.500
LUGAR DE PARTILHA	100
ATIVIDADES INCLUIVAS	200
OPEN HOUSE PORTO	500
1º ANIVERSÁRIO CASA	2.700



5.3

SERVIÇO DE EXPOSIÇÕES E OUTRAS ATIVIDADES DA CA PROGRAMA CALEIDOSCÓPIO CONTINUAÇÃO

PONTO B.3 ORÇAMENTO ANUAL E CONTÍNUO

50 LOCAL: Espaço Calidoscópio, Casa da Arquitectura, Real Vilaçela e outros externos de feir

Programa de atividades lúdico-pedagógicas composto por visitas, debates, oficinas, literárias e circulares no âmbito de áreas de intervenção social e pedagógica, e espaço de mediação. Criação de receita/financiamento para a CA.

- O programa de exposições anual apresentado no livro: Espaço e no Galeria da Casa (Espaço Sem Poder Arquitectural, INULIA, Casa da Democracia, Os Universitários, Paulo Mendonça Rocha "O Casa", "Instituto VSO, Remede Portugal" (Cabannon)
- A importância da arquitetura na construção da cidade e da cidadania;
- A Inclusão.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para o programagão educativo da Casa da Arquitectura;
- Disponibilizar momentos para a aprendizagem autónoma da disciplina;
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem em áreas conexas e
- Criar trabalho com um público diversificado, intergeracional e de forma inclusiva;

• Promover a diversidade cultural e uma abordagem plural, espaço para a participação dos pais: espaço de intervenção cultural social e pedagógica, e espaço de mediação. Criação de receita/financiamento para a CA.

N.º DE ATIVIDADES ORIGINAIS DISPONÍVEIS AO PÚBLICO:		PÚBLICO ESTIMADO / N.º PARTICIPANTES: 2.300	
VISITAS ORIENTADAS	VISITAS-JOGO	PÚBLICO ADULTO E ENSINO UNIVERSITÁRIO	PÚBLICO ESCOLAR (N.º DE ESCOLAS E N.º DE ALUNOS)
4	2	600	500
ATIVIDADES EMPE DEFORMAÇÃO	ATIVIDADES EMPE DEFORMAÇÃO	VISITAS TEMÁTICAS COM ENFASIS	OFICINAS E VISITAS-JOGO
8	2	200	500
OFICINAS	OFICINAS DE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NA ÁREA DA ARQUITECTURA	OFICINAS DE FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NA ÁREA DA ARQUITECTURA	FAMÍLIAS E CRIANÇAS
4	4	200	300
ATIVIDADES EMPE DEFORMAÇÃO	ATIVIDADES EMPE DEFORMAÇÃO		



5.4

ANIVERSÁRIOS NA CASA DA ARQUITECTURA

PONTO B.4 ORÇAMENTO ANUAL E CONTÍNUO

52

LOCAL: Espaço Calidoscópio, Casa da Arquitectura, Real Vilaçela

As atividades de Aniversário na Casa da Arquitectura são destinadas a pequenos grupos que podem ocorrer de várias modalidades: oficinas, jogos e técnicas encenadas, sob orientação dos nossos monitores e colaboradores.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para o programagão educativo da Casa da Arquitectura;
- Disponibilizar momentos para a aprendizagem autónoma da disciplina;
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem em áreas conexas e
- Criar trabalho com um público diversificado, intergeracional e de forma inclusiva;

PÚBLICO ESTIMADO / N.º PARTICIPANTES ANIVERSÁRIOS
550

NOTA: Para informação de todos sobre cada uma das atividades ter brochura do Projeto Educativo, ou consultar menu específico no website da Casa da Arquitectura, onde se apresentam sempre, coladas para o interesse sobre o projeto e mais informações de atividades para o programa entre Novembro de 2017 e Agosto de 2018.



6

UTILIZAÇÃO DE ESPAÇOS EXTERNOS EVENTOS EXTERNOS PONTO 10 ORÇAMENTO

54

DATA: ANUAL E CONTÍNUO

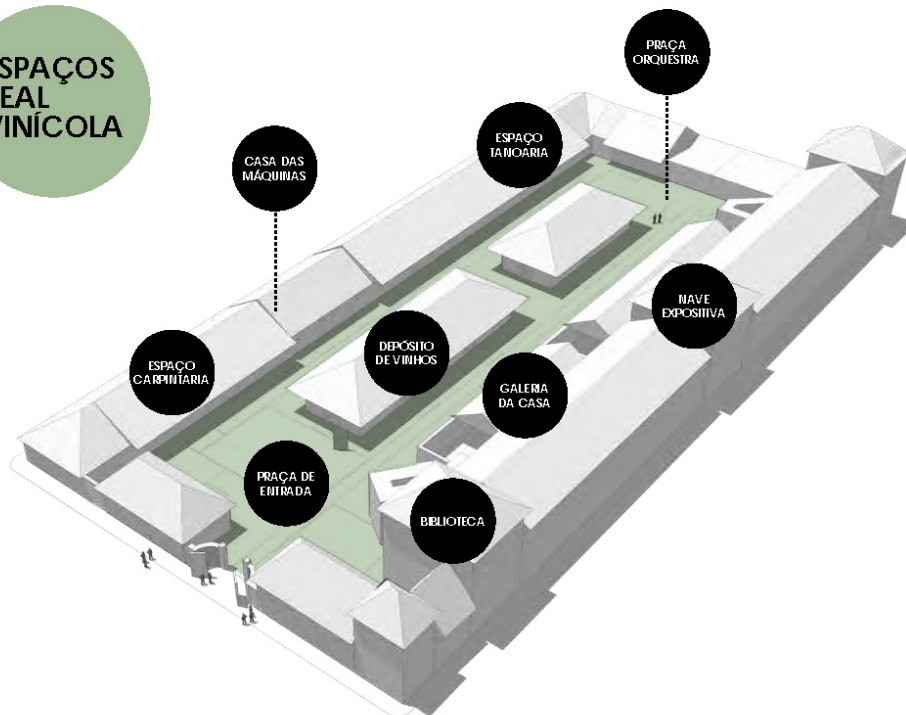
LOCAL: Casa da Arquitectura, Real Vinícola, oitros

A Casa da Arquitectura dispõe de vários espaços versáteis que se adaptam às condições necessárias para cada tipo de evento - empresariais ou privados. Contando com a qualidade da arquitetura, ambientes únicos, proporcionados pela sua antiguidade e pela sua envolvente como história, os cinco espaços disponíveis apresentam flexibilidade temporal, de média e grande dimensão, desde apresentações, seminários, conferências, debates, congressos, reuniões de empresa, entre outros.

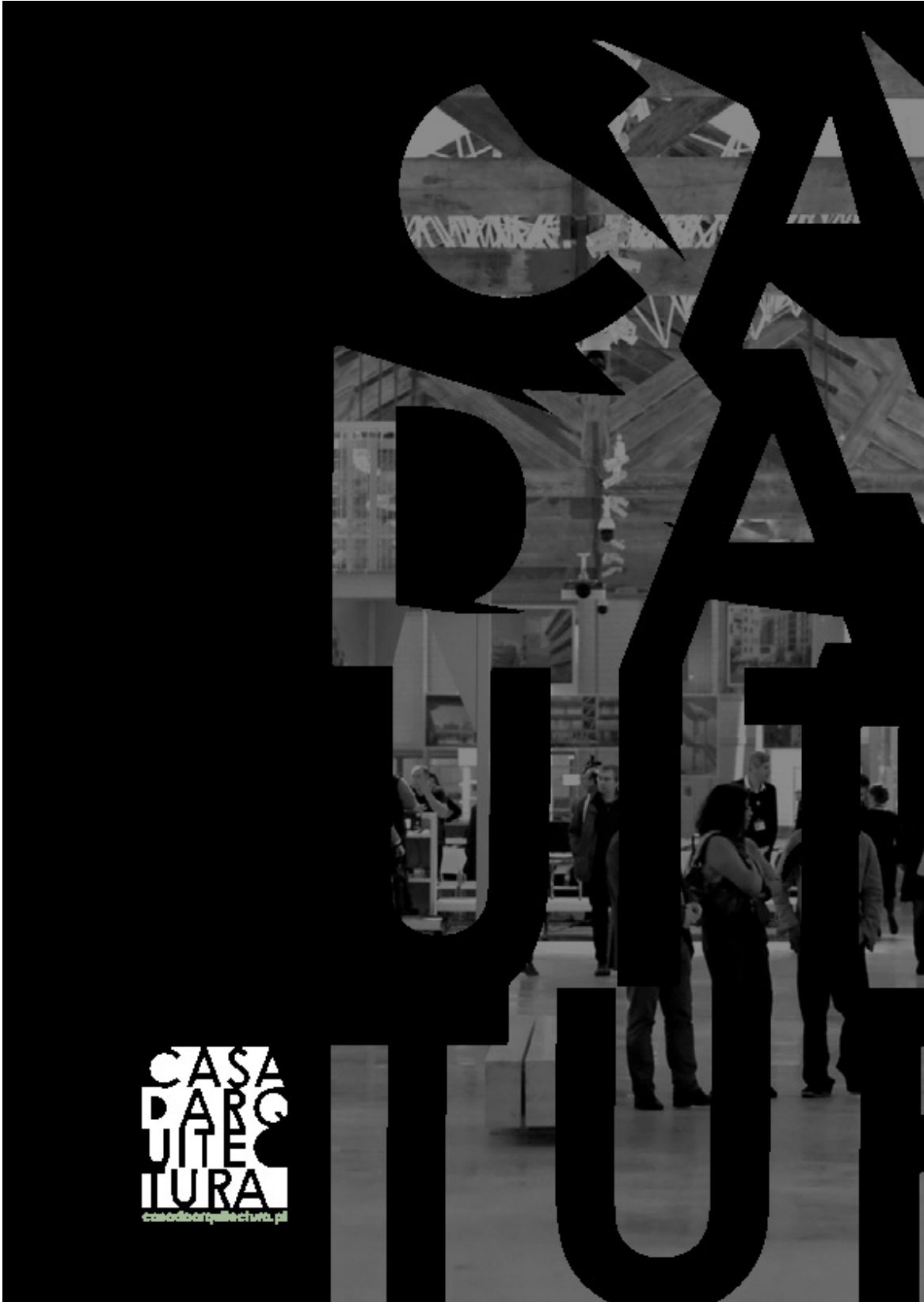


ESPAÇOS REAL VINÍCOLA

56



57





intro

índice

2 O ano de 2018 foi o primeiro ano completo de ocupação da Casa da Arquitetura no quarteirão da fiscal Vinte e cinco de Abril e 4.700 exclusivamente afetos à arquitetura. As novas instalações permitiram nos cumprir o método indicativo, ocupando os promovedores o espaço do arquiteto. O método, ainda, tem uma atividade mais ampla e continuada. Hoje sendo, em muitos casos, foram realizados o planejamento e o crescimento da atividade - resultado do incremento das equipes e serviços que acompanham o crescimento da atividade, mas também da manutenção das infraestruturas.

Posteriormente ao início da atividade no ano de 2018, entidades e Órgãos Municipais de Mato Grosso entregaram a Casa da Arquitetura a gestão do quarteirão da Real Veneza. Esta transição em regime de comodato teve inicialmente missões estritamente de manutenção, mas também permitiu à Casa da Arquitetura a oportunidade de explorar os diversos espaços para atividades e para reabilitação por meio de atividades comerciais, que para amenizá-las como para o crescimento pessoal.

Na Hava Expositiva tiveram em 2018 três grandes exposições ("Poder Arquitetura", "Universidade - 50 anos de arquitetura portuguesa" e "Itínrio Vão - 90 anos de arquitetura brasileira"). No caso do Itínrio Vão, foi a maior produção da Casa da Arquitetura e os seus espaços foram no mundo sobre arquitetura brasileira.

Na Galeria da Casa colaram painéis como exposições: "O Baur - Brasil Internacional da Arquitetura e Urbanismo", "Casa da Democracia: entre espaço e poder", "Tomada em Portugal - Mão cobrir as colinas alijas", "Sul Catarinense" e "Trazes Casa de Paulo Mendes da Rocha".

Paralelamente às exposições, a Casa continuou a realizar um extenso programa de atividades. O programa pontual do "Itínrio Vão - 90 anos de arquitetura brasileira", que aconteceu em dois países (Portugal e Brasil) e incluiu ações tão diversas como exposições, reuniões, ciclos de cinema, concertos, lançamentos, aulas, palestras e debates, marcou o sucesso da exposição e da programação da Casa enquanto grande evento internacional do distrito e divulgação da arquitetura.

Entre outras atividades destacamos no ano de 2018 a realização de dois momentos de grande significado: o aniversário da Casa da Arquitetura, um momento único, da festa e celebração da arquitetura - aberto a todos, e o Open House Porto, onde foi possível observar em 40 espaços uma diversidade de atividades e experiências de pontos de vista. Estes dois eventos tiveram grande impacto e reconhecimento público. Foram exposições para abstrair da arquitetura ao grande público.

A Loja da Casa afirmou-se um grande instrumento de comunicação da marca Casa da Arquitetura, e um lugar de referência comercial especializada. Procurando ser mediador e criar as experiências possíveis, assim como lojas de outros mercados de um esforço de investimento significativo.

Um ponto de destaque da Comunicação continuou sendo uma articulação estratégica voltada para a criação de marca em diversos formatos e para diversos públicos.

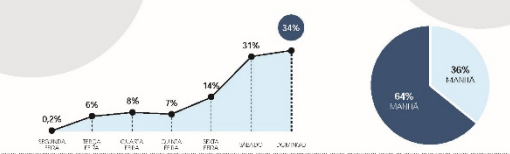
CAP PÁG

1	6	GRÁFICOS DE ATIVIDADE	3
1.1	8	ACERVOS, ESPÓLIOS E COLEÇÕES	
1.2	12	COLEÇÃO DE ARQUITETURA BRASILEIRA	
1.3	14	JOÃO ALVARO ROCHA	
1.4	16	PEDRO EÇA RAMALHO	
1.5	18	COLEÇÃO METRO DO PORTO	
1.6	20	ACERVO EDUARDO SOUZA DE MOURA	
1.7	22	VALORIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS COLEÇÕES E ACERVOS	
1.8	22	URBESIMOS	
2	22	PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL	
2.1	24	NAVE EXPOSITIVA: EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS	
2.1.1	26	PODER ARQUITETURA	
2.1.2	26	ITINERÁRIO PROGRAMAS PARALELOS DA CASA DA ARQUITETURA	
2.1.3	30	OS 100 ANOS DE 1918-2018: ARQUITETURA PORTUGUESA	
2.1.4	30	OS 100 ANOS DE 1918-2018: ARQUITETURA PORTUGUESA: PROGRAMA PARALELO	
2.1.5	32	"ITINERÁRIO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA	
2.1.6	33	"ITINERÁRIO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA: PROGRAMA PARALELO	
2.1.7	35	EXPOSIÇÕES E VÍDEO	
2.2	38	GALERIA DA CASA: EXPOSIÇÕES E AÇÕES PARALELAS	
2.2.1	38	EXPOSIÇÃO "SUL CATARINENSE: BICENTENÁRIO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
2.2.2	39	A CASA DA DEMOCRACIA: ENTRE ESPAÇO E PODER	
2.2.3	40	RETRATOS DO NOROESTE: A FUGADA PARA O NOROESTE DAS CRIANÇAS ALEMÃS	
2.2.4	41	STILL CARS/CHI	
2.2.5	42	2 CASAS: PAULO MENDES DA ROCHA	
2.2.6	43	ITINERÁRIO VÃO	
2.3	44	CURSOS E EVENTOS: PROG. ANUAL, GA, ATIV. EM PARCERIA E ACOMODAMENTO	
2.3.1	45	FÓRUM FERREIRO E VIZOR	
2.3.2	46	OPEN HOUSE PORTO 2018	
2.3.3	46	PORTO ACAM 1918-2018	
2.3.4	46	ITINERÁRIO PORTUGUESA: BICENTENÁRIO DE ARQUITETURA	
2.3.5	50	1º ANIVERSÁRIO ABERTURA CASA REAL VENEZA	
2.4	72	EVENTOS NA CASA - ACOMODAMENTO, INDUSTRIA PRÓPRIA OU EM PARCERIA	
3	54	LOJA DA CASA	
4	58	VISITAS E SERVIÇO EDUCATIVO	
4.1	60	VISITA INERÁRIO ALVARO SIZA	
4.2	62	ATIVIDADES ESCOLARES	
4.3	70	ATIVIDADES EM EXPOSIÇÕES	
4.4	72	ATIVIDADES GRATUITAS	
4.5	74	ANIVERSÁRIOS	
5	76	COMUNICAÇÃO E MARKETING	

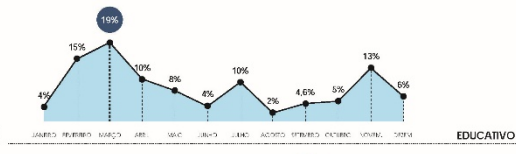
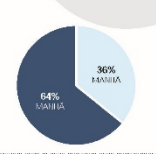
GRÁFICOS DE ATIVIDADE



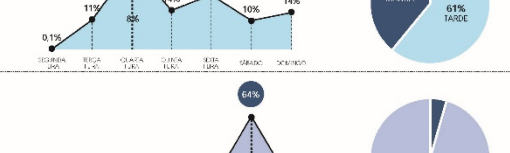
FLUÊNCIA PÚBLICA SEMANAL



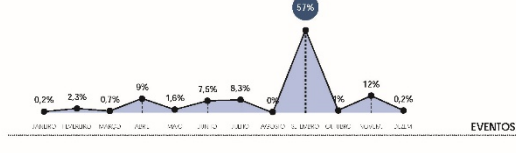
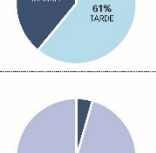
FLUÊNCIA PÚBLICA DIÁRIA



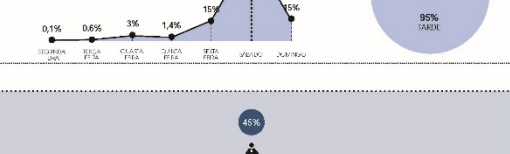
FLUÊNCIA PÚBLICA SEMANAL



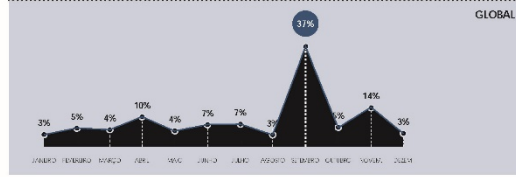
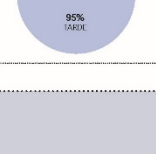
FLUÊNCIA PÚBLICA DIÁRIA



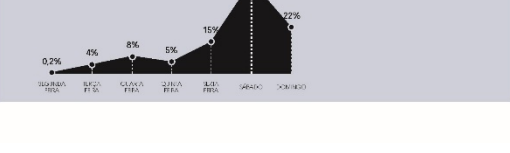
FLUÊNCIA PÚBLICA SEMANAL



FLUÊNCIA PÚBLICA DIÁRIA



FLUÊNCIA PÚBLICA SEMANAL



FLUÊNCIA PÚBLICA DIÁRIA



1.3

PEDRO EÇA RAMALHO

DATA:
MARÇO 2018

14 No início do fevereiro foram estabelecidos os primeiros contatos com o arquiteto Pedro Ramalho, para doação do acervo à CA, tendo o mesmo sido recolhido na primeira semana do mês de março.

O acervo é constituído por 177 projetos, incluindo projetos académicos e reúne 13 maquetes, 4.115 metros lineares de documentos locais e cerca de 2.600 peças desenhadas.

5.3.1 TRATAMENTO ARQUIVÍSTICO

O acervo encontrava-se instalado na área cedida, localizada na cave do edifício, um espaço sem aquecimento e com presença para acumulação de humidade, fátigas visíveis em parte dos documentos como desleixo e principalmente nas maquetes.

MAQUETES

Durante o mês de maio foram tratadas as 13 maquetes, sendo utilizada a mesma metodologia usada no tratamento arquivístico da Coleção dos Maquetes da Arquitetura Brasileira, nomeadamente, higienização, registo fotográfico, descrição e acondicionamento.

PEÇAS DESENHADAS

As peças desenhadas encontravam-se arquivadas em ancaixas metálicas verticais, suspensas por cadeiras de castorina coladas ou agarradas ao desleixo. De um modo geral apresentam rasgos, lacunas, amarelamento, manchas de humidade, fitas adesivas, dígrafos e dígrafos.

Alguns desleixos encontraram-se soltos e entocados/dobrados na base dos arquivadores.

Entre março e junho registou-se uma atividade igualar permanente no tratamento das peças desenhadas do acervo, que consistiu, para além das ações descritas no ponto 2.3.2 da Coleção de Arquitetura Brasileira, na remoção de dígrafos para a peça.

Das cerca de 2.600 peças foram, até final de 2018, tratadas 1.220 e digitalizadas 733.

5.3.2 DIVULGAÇÃO

No dia 17 de novembro, aproveitando o aniversário da CA, foi formalizada a assinatura pública do contrato de Doação entre a CA e o Arquiteto Pedro Eça Ramalho, numa cerimónia que contou com a presença do doador e do arquiteto Eduardo Souto de Moura.

No âmbito desta iniciativa e aproveitando a presença do arquiteto Pedro Ramalho, o arquivo preparou uma pequena mostra de originais de desenho e maquete que expôs na área de depósito, e promoveu uma visita guiada pelo arquivo.

Esta iniciativa teve como objetivo a promoção e valorização do acervo, mostrar as práticas arquivísticas adotadas e aproximar o público em geral do arquivo, alertando para a necessidade de salvaguarda, conservação e valorização dos arquivos, como repositórios de memória.



Arquiteta Cristina Doação do Acervo Pedro Ramalho à CA

1.4

COLEÇÃO METRO DO PORTO

DATA:
JANEIRO A DEZEMBRO 2018

16

A coleção da Metro do Porto é constituída por 82 projetos de arquitetura de âmbito civil e urbano, desenvolvidos na construção da rede e estações do Metro do Porto. A natureza coleção apresenta maquetes, fotografias e desenhos gráficos.

TRATAMENTO ARQUIVÍSTICO

A coleção de maquetes da "Coleção Metro do Porto" é constituída por 26 maquetes com diferentes tamanhos (sendo maquetes com 300kg) e suporte como kline, papel, cartão bitrex, cartão branco, cartão prensado, acrílico, madeira e metal.

MAQUETES

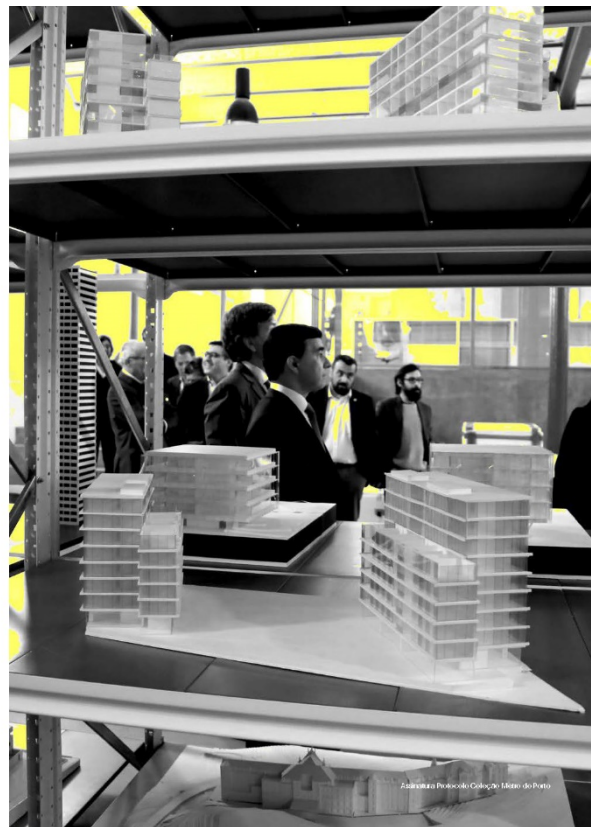
O tratamento arquivístico foi assegurado pela equipa do arquivo e mais colaborações externas, alternadas, por um período uma semana.

Para o processo de recolha foram concebidos 28 caixas individuais em esferovite, que serviram como caixa de proteção no transporte.

Devido ao acumular do trabalho no arquivo, nomeadamente a chegada do Acervo do arquiteto Pedro Ramalho e da Coleção de Arquitetura Brasileira, necessitou para a Espaço do "Instituto V&P", o tratamento arquivístico das maquetes foi interrompido e será retomado em 2019.

DESENHOS E FOTOGRAFIAS

As peças desenhadas e fotografias, ainda estão a ser selecionadas e organizadas pela Metro do Porto, para incorporação na coleção.



Arquiteta Cristina Doação, Coleção Metro do Porto

1.5

ACERVO EDUARDO SOUTO DE MOURA

DATA: JANEIRO A DEZEMBRO 2018

18 A coleção de maquetes do arquiteto Eduardo Souto de Moura em depósito na CA, é constituída por 506 maquetes de estudo, 84 maquetes de apresentação e 39 em exposição. Apresentam diferentes tamanhos, suportes e técnicas, como: papéis modelados em lã, estofado, papel, cartão bruto, cartão branco, cartão plastado, acrílico, madeira, entre outros.

TRATAMENTO ARQUIVÍSTICO EFETUADO

MAQUETES DE ESTUDO

O tratamento arquivístico das maquetes de estudo, foi assegurado pela equipa do arquivo com a ajuda de 7 colaborações externas, escaladas 2 a 2 e em 2 turnos (matutino e vespertino) por um período de cerca de 3 meses.

No tratamento das 506 maquetes de estudo, foi adotada a seguinte metodologia:

- a) Abertura de caixas para ventilação;
- b) Higienização com ajuda de equipamentos específicos de conservação e tratamento de documentos, como trincas macias com pano branco selecionado da camélia e cabra; separador a vácuo

para massas e arquivos com níveis de sujidade ajustáveis;

c) Registo fotográfico - para o tratamento de suporte do formato analógico para o digital foram utilizados equipamentos fotograficos com sensor de imagem CMOS 3024mm com 50MP. Bem como lentes auxiliares e flash de estúdio com regulagem de potência de 1/32 a 1/1 e potência de flash;

d) Registo e descrição da acção com as normas de descrição arquivística, seguindo-se o mapeamento e acondicionamento;

e) Acondicionamento e arquivo - Após os processos descritos nas sinéas anteriores, as maquetes foram acondicionadas em caixas próprias feitas à medida e arquivadas no acondicionamento de depósito de maquetes com temperatura de entre 18°C a 20°C e humidade relativa de 50% a 60%. As maquetes são frequentemente monitorizadas para avaliação do estado de conservação;

MAQUETES DE APRESENTAÇÃO

O tratamento arquivístico das maquetes de apresentação, foi assegurado pela equipa do arquivo num período de cerca de 3 meses intercalados com outros técnicos e arquivistas do Departamento

de Arquivo e Bibliotecas e da CA. O processo de transferência de suporte para digital/registo fotográfico, bem como o tratamento arquivístico seguem as mesmas sinéas descritas no ponto 5.1 deste relatório.

MAQUETES DE PROJETOS EM PARCERIAS

A coleção de maquetes de projetos em parceria entre o arquiteto Eduardo Souto Moura, Joaquim Portela e Graça Correia é constituída por 29 maquetes com diferentes tamanhos, suportes e técnicas, como peças modeladas em lã, estofado, papel, cartão bruto, cartão branco, cartão plastado, acrílico, madeira, etc., sendo que 13 maquetes são em parceria com o arquiteto Joaquim Portela, relativo ao projeto da Adega Casa Sarmiento. 5 maquetes são em parceria com a arquiteta Graça Correia, relativos ao projeto da Escola de Medicina da Portigalia.

Após a verificação de todos os ficheiros, maquetes processadas ao tratamento arquivístico.

DESENHOS

No seguimento do processo de negociação da transferência do acervo/ficheiro do arq. Eduardo Souto Moura, para as instalações da Casa da Arquitectura, foi prestado apoio

presencial especializado, por parte da ACA, durante o mês de Dezembro de 2018, nas instalações do escritório do arq. Eduardo Souto Moura.

Este apoio, feito por parte de um dos colaboradores da equipa de Arquivo da ACA, consistiu em auxiliar no procedimento de inventariação dos arquivos físicos do arq. Eduardo Souto Moura, mais concretamente nas peças desenhadas, participando nos processos de triagem/seleção de desenhos, tratamento preventivo e digitalização.

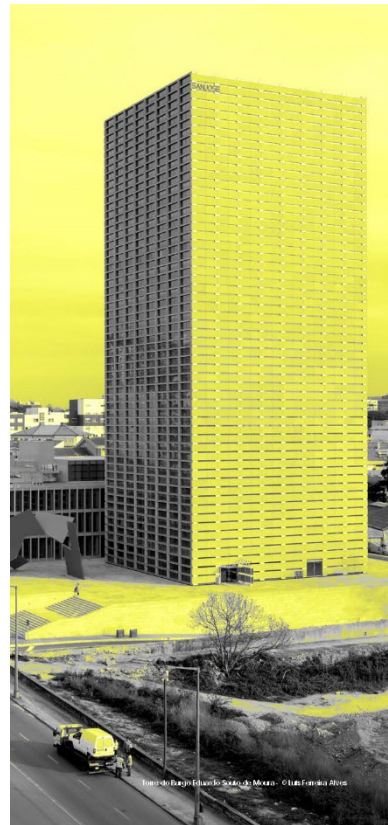


Foto do Arq. Eduardo Souto de Moura - © Luis Ferreira Alves

1.6

VALORIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO DAS COLEÇÕES E ACERVOS

1.7

EMPRÉSTIMOS

20

ABRIL

Entidade: Associação Des Hommes, de la Matière et du Temps local: Rennes França

Colaboração na exposição "Ávaro Siza" realizada na Igreja de Saint Jacques de la Lande em Rennes, França, com o empréstimo da maquete do Igreja de Saint Jacques de la Lande da autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira. A referida exposição foi realizada em colaboração com a "Associação Des Hommes, de la Matière et du Temps".

JUNHO

Entidade: Tuna Musical de Santa Marinha local: Santa Marinha, Vila Nova de Gaia

Colaboração na "Exposição evocativa do poeta e autor teatral José de Guimarães" realizada na Tuna Musical de Santa Marinha, com o empréstimo de 2 suportes expositivos, a referida exposição foi realizada em colaboração com a Tuna Musical de Santa Marinha.

sendo a divulgação uma forma de promoção do conhecimento e valorização dos acervos, o arquivo disponibiliza, através do programa do Serviço Educativo uma visita acompanhada por um guia intitulado "A Luz no Arquivo", com um aforo máximo de 15 participantes.

Para além da visita mensal, o arquivo disponibiliza frequentemente outras visitas solicitadas pelos outros departamentos.

OUTUBRO

Entidade: Fundação Bienal de Arte de Cerveira local: Vila Nova de Cerveira

Colaboração na exposição "Livros de Arte-Processos em Trânsito" realizada na Fundação Bienal de Arte de Cerveira, com o empréstimo de 7 suportes expositivos. A referida exposição foi realizada em colaboração com a Fundação Bienal de Arte de Cerveira



CONCLUSÃO

Os arquivos de arquitetura são arquivos especializados, que necessitam condições especiais de armazenamento e conservação, devido às grandes dimensões, variedade de suportes, processos e técnicas, exigindo na maior parte dos casos, diferentes condições ambientais e, por conseguinte, a separação física dos vários elementos que compõem o mesmo projeto.

O tratamento arquivístico integra a organização, que consiste na ordenação, classificação e descrição, a conservação preventiva e a estabilização do suporte e a divulgação como forma de valorização dos acervos.

No domínio arquivístico de peças desenhadas, fotográficas e maquetes, o nível de descrição e descrição, a classificação e a descrição, a conservação preventiva e a estabilização do suporte e a divulgação como forma de valorização dos acervos.

No domínio arquivístico de peças desenhadas, fotográficas e maquetes, o nível de descrição e descrição, a classificação e a descrição, a conservação preventiva e a estabilização do suporte e a divulgação como forma de valorização dos acervos.

1ª Universidade CA - © Luis Ferreira Alves

2

PROGRAMAÇÃO ESTRUTURAL PONTO 6 ORÇAMENTO 2018

DATAS: JANEIRO A DEZEMBRO 2018
PÚBLICO ALINGIDO: 100.500 PARTICIPAÇÕES

22

Em 2018, a CA apresentou um vasto programa de atividades transversais abertas ao público, reafirmando a confiança na continuidade de eventos anuais, introduzindo novos elementos e fazendo uma forte aposta na programação e implementar nas suas novas instalações, nomeadamente, nas salas de exposições e na programação paralela associada.

Os Programas Paralelos permitiram aprofundar e renovar os temas tratados nas exposições criando-se com outras áreas de atividades um permanente diálogo com a arquitetura. Foram levadas até ao público 65 atividades: concertos, debates, conferências, filmes, concertos, encontros artísticos, lançamentos de livros e outros, envolvendo mais de 150 intervenientes, 40% estrangeiros. Foram registada mais de 17.000 participantes nesta programação.

A totalidade da programação preparada pela CA em 2018, dentro e fora dos portos, contou com mais de 100.500 participações. Esta programação dirigiu-se ao público, maioritariamente, de forma gratuita. Enquanto o acesso às exposições sua carga, a CA oferece a possibilidade de visita gratuita todos os domingos de manhã e em eventos pontuais, dos quais se destacam os dois mais relevantes, o Open House Porto e o Aniversário da CA.



PROGRAMAS PARALELOS ÀS EXPOSIÇÕES:

- + 65 ATIVIDADES
- + 150 INTERVENIENTES
- > 40% ESTRANGEIROS
- + 17.000 PARTICIPANTES



Concerto Música Clássica - © José Daniel Cabral

2.1

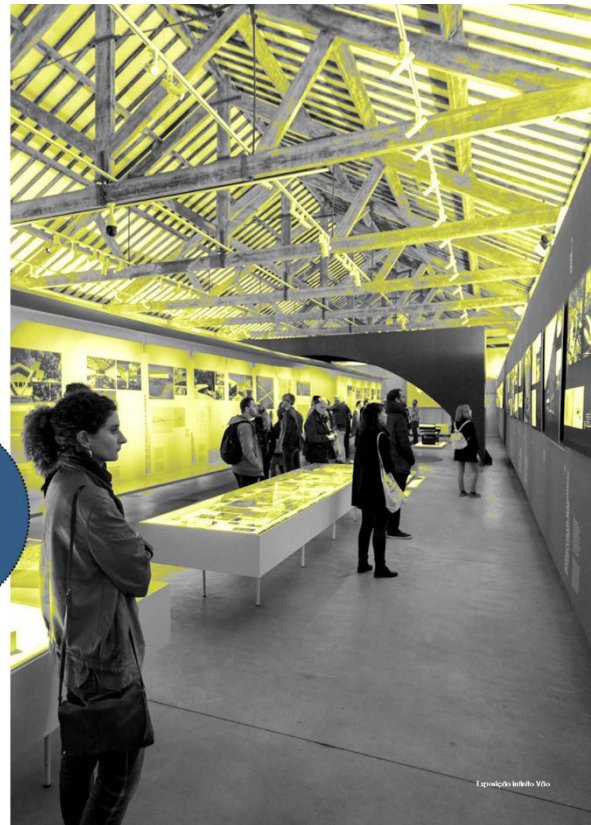
NAVE EXPOSITIVA: EXPOSIÇÕES E PROGRAMAS PARALELOS

DATAS: JANEIRO A DEZEMBRO 2018
PÚBLICO ALINGIDO: EXPOSIÇÕES: 25.858 VISITANTES
PROGRAMAS PARALELOS: +17.000 PARTICIPANTES

24

A CA apresentou em 2018, na sua Nave Expositiva, três exposições, duas organizadas com o objetivo de produção e uma do iniciativa externa que coproduziu em parceria com as suas entidades colaboradoras. Em simultâneo, apresentou e produziu programação paralela às três exposições.

25.858 VISITANTES EXPOSIÇÕES
+17.000 PARTICIPANTES PROGRAMAS PARALELOS



Exposição Inês de Castro

2.1.1

PODER ARQUITECTURA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.18 ORÇAMENTO

DATA: 18 NOV.17 - 18 MAR.18
LOCAL: Nave Esportiva
COMISSARIADO: Jorge Carvalho,
Pedro Bandeira e Ricardo Caniano
PROJETO GRÁFICO: ALVO
Arquitetos, Jorge Carvalho e
Rafael Nogueira
DESIGN: Studio Dobra
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
FÉLIX DO ALBUQUERQUE, 17.447 VISITANTES
(19% em 2018)
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago
Venda Gratuita até 30 dezembro
2017

17.447
VISITANTES

26 A exposição inaugural da Nave Esportiva da CA ocupou os cerca de 800 metros quadrados com uma proposta de reflexão em torno de "oito poderes que se aliam, intertêm e divergem entre si", Comissariada por Jorge Carvalho, Pedro Bandeira e Ricardo Caniano, estes pretendiam mostrar ao grande público como "o poder na arquitetura é um tema fundamental para questionar o modo como a sociedade contemporânea e a arquitetura trabalham em conjunto". A arquitetura não é apenas a expressão de um único poder, mas o reflexo e o trabalho a partir de 8 poderes - o poder coletivo, regulador, tecnológico, económico, doméstico, cultural, mediático e ritual.

Reunindo fotografias, maquetes, livros, desenhos, vídeos, revistas, posters e outros materiais em torno de quase 40 projetos de arquitetura construídos à volta do mundo, a mostra, com desenho dos arquitetos e/ou, caracterizada por um particular suporte expositivo em ferro e rede metálica. Este permitiu a criação de diferentes layers de leitura e interpretação dos conteúdos.

Foram contabilizados durante todo o período da exposição 17.447 visitantes, 19% em 2018

Para acompanhar a exposição foi lançado o catálogo "Poder Arquitectura", nas versões PT e EN, uma Coleção Casa da Arquitectura e a Lara Muller Publishers, num total de 3.100 exemplares.

O catálogo, para além de dossiers visuais que replicam informação exibida na exposição, contou com ensaios 8 autores (uma para cada poder): **Guilherme Wainik** (Poder Coletivo), **João Belo Rodela** (Poder Regulador), **André Favares e Jo Poças Martins** (Poder Tecnológico), **Alexandra Vouga** (Poder Económico), **Andrea Ruby, Ilica Ruby e Yuma Shinohara** (Poder Doméstico), **Nuno Grande** (Poder Cultural), **Mónica Puente** (Poder Mediático) e **Joaquim Moreno** (Poder Ritual).



2.1.2

PLEASE SHARE PROGRAMA INAUGURAL DA CASA DA ARQUITECTURA

PONTO 6.18 ORÇAMENTO

DATA: JULY - 18 MAR.18
LOCAL: CA, Sala de Conferências
Nave Esportiva
COMISSARIADO: Roberto
Comares
DESIGN: Studio Dobra
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
FÉLIX DO ALBUQUERQUE, 154 PARTICIPANTES
(2018)
ACESSO À PROGRAMAÇÃO:
Gratuito à Pago

154
PARTICIPANTES

28 Não sendo diretamente programação paralela da exposição "Poder Arquitectura" optamos por estar aqui este ponto sequencialmente, uma vez que esta programação acompanha o período da sua exibição e dedica-lhe um dos seus atos. Em 2018 decorreram os atos 1 e 4 deste programa: *influence* e *Indoor*.



ATO 3
INFLUENCE
CICLO DEBATES >
4 DIAS/4 DEBATES

ACESSO À PROGRAMAÇÃO:
Gratuito

Uma série de debates que procuraram trazer à CA outras áreas disciplinares em diálogo com a arquitetura.

20 JAN
PAISAGEM

Camilo Rebelo, Paulo Catrica e João Nunes
Moderação: Álvaro Domingues.

3 FEV
CIDADE E CINEMA

Joaquim Sapinho, Ricardo Clara Couto e Francisco Ferreira
Moderação: Luis Urbano.

3 MAR
IMPREENSA

Valdemar Cruz, Cândida Pinto e Isabel Lopes Gomes
Moderação: Manuel Graça Dias.

17 MAR
PLATAFORMAS ON-LINE

Lloyd Marcus Anderson e Victor Delgado
Moderação: Joanna Helm (via Skype)

ATO 4 - INDOOR
SEMINÁRIO >
2 DIAS / 8 SESSÕES

ACESSO À PROGRAMAÇÃO:
Pago

Seminário dirigido onde profissionais da área, referências a nível nacional e internacional, discutiram os vários poderes que influenciam a arquitetura e o seu desenvolvimento. Neste sentido estiveram convidados com origem em mais de 7 países, destacamos: o Bangladesh e o Sri Lanka representados por Marina Tabassum e Viljha Banerjee, respetivamente.

9 MAR E 10 MAR

PODER COLETIVO
Viljha Banerjee e Guilherme Wainik (via Skype)
Moderação: Inês Moreira.

PODER DOMÉSTICO

Camilo Rebelo, João Mandes Ribeiro, Alarando Dias,
Moderação: Jorge Carvalho.

PODER TECNOLÓGICO

Harvani Adam (Sporarchitects), Bruno Figueiredo, Ivo Poças Martins,
Moderação: Paulo Tompaz.

PODER ECONÓMICO
Pedro Apolonio (Promontório Arquitectos) e João Pedro Sabeiro,
Moderação: Miguel Judas

PODER REGULADOR
João Luis Carinho da Graça e João Belo Rodela,
Moderação: Manuel Conde Fernandes.

PODER CULTURAL
Rafaelo Rizi, Chris Watson, Manuel Aires Mateus, Nuno Gamito,
Moderação: Luis Santiago.

PODER MEDIÁTICO
Nuno Brandão Costa,
Moderação: Ricardo Carvalho.

PODER RITUAL
Marina Tabassum, Inês Lobo e Joaquim Moreno,
Moderação: Pedro Bandeira.

57
NOTÍCIAS
PT-INT

29

2.1.3

OS UNIVERSALISTAS 50 ANOS DE ARQUITECTURA PORTUGUESA
EXPOSIÇÃO E GUIA (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.1 ORÇAMENTO

DATA: 13 ABR - 17 SET, 2018

LOCAL: Nova Esplanada COMISSARIADO: Nuno Simões / CURADORIA: Guilherme Wink / ARQUITECTURA: Fernando Sarmento / PROJEITO EXPOSITIVO: João Marcos Ricardo / DESIGN: António Borges / ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA PÚBLICO AINDOIDE / FECS / Acesso à Exposição: Pago

13.038 VISITANTES

173 NOTÍCIAS PT-INT

839 PARTICIPANTES

2.1.4

OS UNIVERSALISTAS 50 ANOS DE ARQUITECTURA PORTUGUESA
PROGRAMA PARALELO

PONTO 6.2 ORÇAMENTO

DATA: 13 ABR - 17 SET, 2018

LOCAL: CA, Sala de Conferências Nuno Simões / CURADORIA: Nuno Simões / ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA PÚBLICO AINDOIDE / FECS / Acesso à programação: Gratuito



30 "Os Universalistas - 50 anos de arquitectura portuguesa" é uma exposição que visa a "Cité de l'Architecture, em Paris, onde estava patente em 2016. Coorganizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Cité de l'Architecture et du Patrimoine em Paris, com curadoria de Nuno Grande, foi apresentada pela primeira vez na CA, sendo a organizadora e produtora da mostra em Portugal. Esta exposição multimédia propõe um olhar sobre meio século de pensamento e produção arquitectónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitectos de referência como Fernando Távora, Álvaro Siza, João Coutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Graça e Manuel Graça Dias. E também da alguns dos mais promissoras arquitectos portugueses das últimas décadas, como Nuno Mateus e Francisco Aires Matos, ARQ Portugal, Paulo David, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, Cidra Guedes e Francisco Vieira de Campos. Na exposição misturam-se materiais relativos a 50 projetos - incluindo maquetas, desenhos técnicos, fotografias de esquemas ou secções de obra - e fotografias, textos e catálogos que refletem os

transformações político-sociais em Portugal nos últimos 50 anos.

OS CINCO MOMENTOS DA ARQUITECTURA PORTUGUESA NA EXPOSIÇÃO

UNIVERSALISMO VS. INTERNAZIONALISMO (1960-1974)

UNIVERSALISMO VS. COLONIALISMO (1960-1975)

UNIVERSALISMO VS. REVOLUÇÃO (1974-1979)

UNIVERSALISMO VS. EUROPEISMO (1980-2000)

UNIVERSALISMO VS. GLOBALIZAÇÃO (2001-2016)

#1 PORTUGAL UM "OUIRO" UNIVERSALISMO

13 ABR, 20H
Nuno Simões (PT), Eduardo Lourenço (Bélgica/Portugal), Alexandre Alves Costa (PT), João Belo-Rodrigues (PT)

A acompanhar a trindade da exposição "Os Universalistas" apresentouse, na CA, um programa paralelo que incidia sobre alguns dos conteúdos da mostra: uma conversa sobre o universalismo "ouiro" que caracteriza a cultura portuguesa, a partir do pensamento do filósofo e ensaísta Eduardo Lourenço, um debate envolvendo diferentes arquitectos portugueses sobre o legado metodológico e tarantado e referenciado à partir da experiência do olhar, o olhar da crítica internacional sobre a produção arquitectónica em Portugal no contexto europeu.

Esta programação teve um total de 10 sessões, envolvendo mais de 30 convidados. Inclui ainda visitas guiadas à exposição promovidas pelo Serviço Educativo da CA, orientadas pelo curador e outros convidados.

#2 DE MAIO DE 68 A ABRIL DE 74: OS ANOS QUE AGITARAM A POLÍS

26 ABR, 18H30
Alberto Matos (PT), Pedro Bandeira (PT), José António Bandeira (PT), Sérgio Ramalho (PT) e Nuno Grande (PT)

#3 HERDEIROS OU HERÉTICOS? A RELEVÂNCIA DOS ATELIEIS E COLETIIVOS NA ARQUITECTURA PORTUGUESA

2 MAI, 18H30
Manuel Graça Dias (PT), Pedro Ravara (PT), Diogo Burnay (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

16 MAI, 18H30
Gonzalo Syme (PT), Manuel Aires Mateus (PT), Paulo David (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

6 JUN, 18H30
João Luís Carrilho da Graça (PT), Pedro Domingos (PT), João Maria Tardade (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

13 JUN, 18H30
Colectivo EMBARADA (PT), ARÉRIA (PT), DROR-43 (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

20 JUN, 18H30
Colectivo FALA (PT), DEPA (PT), COMOCO (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

4 JUL, 18, 18H30
Eduardo Souto Moura (PT), Graça Comaia (PT), Francisco Vieira de Campos (PT)
Moderação Nuno Grande (PT)

#4 SUD-EXPRESS: OLHARES INTERNACIONAIS SOBRE ARQUITECTURA PORTUGUESA

27 JUN, 18H30
Jean-Louis Cohen (FR), Dominique Mouchart (FR)
Moderação Nuno Grande (PT)

11 JUL, 18H30
Laurent Beaudouin (FR), Francis Rambart (FR)
Moderação Nuno Grande (PT)

#5 VISTAS GUIADAS

14 ABR E 7 JUL
Nuno Grande

2 MAI
Manuel Graça Dias

9 JUN
Marta José Goulão

2.1.5

"INFINITO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITECTURA BRASILEIRA
EXPOSIÇÃO E CATALÓGO

PONTO 6.3 ORÇAMENTO

DATA: 28 SET, 2018 - 10 MAR, 2019

LOCAL: CA, Nova Esplanada COMISSARIADO: Nuno Simões / CURADORIA: Guilherme Wink / ARQUITECTURA: Fernando Sarmento / PROJEITO EXPOSITIVO: João Marcos Ricardo / DESIGN: António Borges / ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA PÚBLICO AINDOIDE / FECS / Acesso à Exposição: Pago

9.527 VISITANTES

243 NOTÍCIAS PT-INT

16.030 PARTICIPANTES



2.1.6

"INFINITO VÃO" 90 ANOS DE ARQUITECTURA BRASILEIRA
PROGRAMA PARALELO

PONTO 6.4 ORÇAMENTO

DATA: JAM - DEZ, 2018

LOCAL: Portugal e Brasil COMISSARIADO: Nuno Simões / CURADORIA: Guilherme Wink / ARQUITECTURA: Fernando Sarmento / PROJEITO EXPOSITIVO: João Marcos Ricardo / DESIGN: António Borges / ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA PÚBLICO AINDOIDE / FECS / Acesso à programação: Gratuito

32 A constituição da Coleção Arquitecturas Brasileiras, através de projectos de arquitectura realizados nos países do arco sul-americano entre 1934 e 1938, materializou-se numa exposição aberta ao público, concebida no seu essencial por uma seleção e organização conceptual do material, a ser dada e patente na Coleção. A exposição, com a curadoria de Fernando Sarmento e Guilherme Wink, propõe diálogos transatlânticos entre os projectos e obras apresentados, colocando em relação programas funcionais diversos, tais como residências unifamiliares, edifícios de escritórios, pavilhões industriais, edifícios culturais, religiosos e institucionais, e o papel político, além, também, de projectos no âmbito do mobiliário, da arquitectura cénica e do urbanismo. O ponto focal (e intermediário) da exposição é o projecto e construção de Brasília, no final dos anos 1950 e início dos 60, que teve a sua grande ênfase de arquitectura com outros importantes projectos de arquitectura, sendo como a bossa nova, no campo da música popular, formulando o ideal pátrio e um projecto político e ideológico que se salienta por sobre os projectos do movimento cultural e intelectual, assim como da sua condição de país "subdesenvolvido", ocupando uma posição de protagonismo no campo cultural.

Tematizada, a exposição é composta por seis grandes secções, cada uma a propósito de uma cidade, que toca no espaço expositivo, dando o tom interpretativo de cada momento histórico.

1 - DO GUARANI AO GUARANÁ, 1922 A 1943

2 - A BASE É UMA SÓ, 1943 A 1957

3 - CONTRA OS CHAPADÊS MEU NARIZ, 1957 A 1969

4 - EU VI UM BRASIL NA TV, 1969 A 1984

5 - INTEIRO, E NÃO PELA METADE, 1984 A 2001

6 - SENTIMENTO NA SOLA DO PÉ, 2001 A 2018

Os conteúdos da exposição são divididos na sua tipologia, tendo, igualmente, desenhos, livros, maquetas, mobiliário e outros elementos, em vídeo documentaristas destas 90 anos de arquitectura brasileira.

A exposição faz-se acompanhar de uma ampla Programação Paralela, que procura explorar o público em geral - não apenas arquitectos - do conteúdo das artes brasileiras, uma vez que a programação de concertos, conferências, exibição de filmes (documentários e ficcionais) e eventos literários, sendo como núcleo temático de referência especial e central, oferece a oportunidade de, em 2019, muitos motivos de interesse para um visitante CA a exposição "Infinito Vão".

SETEMBRO
Programação de
Abertura Inífinito Vão

c/ Adriana Calcanhotto

17h00, Galeria da Casa
Visita e lançamento do livro "Duas
Casas de Paulo Mendes da Rocha"
Espaço da Casa da Arquitetura
c/ José Manuel Dias da Fonseca, Nuno
Sampaio e Paulo Mendes da Rocha

18h00, Espaço Tanoara
Atribuição do Sócios Honorários 2018
Iniciadores da Coleção Brasil e Paulo
Mendes da Rocha
c/ a presença de Augusto Santos Silva
Ministro dos Negócios Estrangeiros

18h00, Espaço Tanoara
Conferência Paulo Mendes da Rocha

OCTUBRO
Ciclo de Cinema
e Conversas
Exibições na CA
e Casa das Artes

4 OUTUBRO
(5ª FEIRA)

21h00, Casa das Artes
Exibição do filme
"Conte-nos Vão de Guara"
de Vladimir Carralho, 1992

7 OUTUBRO
(DOMINGO)

18h00, CA - Biblioteca
Exibição do filme "O risco: Lucio Costa
e a etapa moderna"
de Gerardo Mota Filho, 2002

9 OUTUBRO
(3ª FEIRA)

19h00, CA - Espaço Tanoara
Conversa "Mobilidade e Arquitetura"
c/ Eduardo Souto de Moura, Manuel
Alves Mattos e José Almeida Cruz

11 OUTUBRO
(5ª FEIRA)

21h00, Casa das Artes
Exibição do filme "São Paulo,
Sociedade Anônima"
de Luis Sérgio Paterson, 1965, 1992

14 OUTUBRO
(DOMINGO)

18h00, CA - Espaço Tanoara
Conversa "Tênicas Espectas"
c/ Carla Juszczyk e José Miguel
Rodrigues

18h00, CA - Biblioteca
Exibição do filme "Lina Bo Bardi"
de Aurélio Michiles e Isa Ginsburg, 1999

18 OUTUBRO
(5ª FEIRA)

21h00, Casa das Artes
Exibição do filme "O som no redeiro"
de Isabel Mendonça Filho, 2013

21 OUTUBRO
(DOMINGO)

18h00, CA - Biblioteca
Exibição do filme "Bernardo"
de Gustavo Gama Rodrigues, 2013

NOVEMBRO
Música, Conversas,
Debates e
Lançamento Livros

Instituto Libera e Salles,
São Paulo, Brasil

6 NOVEMBRO
(3ª FEIRA)

10h30
Abertura
c/ Nuno Sampaio, Diretor Executivo da
Casa da Arquitetura), Mauro Munhoz
FUP, Raula, Líderia Internacional do
Paraty), Fernando Serapão (Curador
exposição "Inífinito Vão"), Guilherme
Wink (Curador exposição "Inífinito
Vão") e Maria Rita Amoroso (CA/USP)

11h30

Conferência
c/ Inês Lobo (Inês Lobo Arquitectos e
Tomas Alvim (Art. Futuro)

13h00

Debate "Estruturando Ideias"
c/ Nuno Sampaio, Diretor Executivo
da Casa da Arquitetura), Maria
Rita Amoroso (CA/USP), Rosa
Araújo (Instituto Vitruvius Araújo),
Adriana Cavali (Universidade Federal
Fluminense), Moderação de Fernando
Serapão (Curador exposição "Inífinito
Vão")

7 NOVEMBRO
(4ª FEIRA)

10h30
Conversa
"O espaço público Paulista"
c/ João Carlos Cavaliari (Cauduro
Associados) e Cabo Longo (Cabo
Longo e Daniel French)

Moderação de Guilherme Wink
(Curador exposição "Inífinito Vão")

12h00
Conversa "Contra os
chapados meu nariz"
c/ Marcelo Acayaba (Marcelo Acayaba
Arquiteto) e Rui Ortale (Rui Ortale
Arquiteta e Urbanismo) Moderação de
Guilherme Wink

8 NOVEMBRO
(6ª FEIRA)

10h30
Conversa "Do Vítim Brasil na TV"
c/ Gustavo Ferraz (Gustavo Ferraz
Arquiteto & Associados) e Jo
Vaconcelos (Jo Vaconcelos &
Arquiteto Associados)
Moderação de Francisco Perrotta-
Bachi (Colaborador Fohn de S. Paulo)

12h00
Conversa "Sentimento na Sala do Pó"
c/ Héctor Vigliocco (Vigliocco &
Associados), Joan Vila (Vila, chis e
arquitectura) e Marcos Bolsani
(Bolsani Arquitetos Associados)
Moderação de Philip Yang (Gratuito
Urban)

9 NOVEMBRO
(5ª FEIRA)

10h30
Conversa "Disputas arquitetônicas"
c/ Cesar Zahedi Iwanaga (Shunji
Iwanaga Arquitetos Associados),
Emerson Vidigal (Estúdio 41 Arquitetos)
e Marco Boel (Boel Katschikian
Arquitetos)
Moderação de Silas Marti (Editor do
Núcleo de Cultura Fohn de S. Paulo)

12h00

Conversa "Cultura e Mercado"
c/ Carolina Bueno (Epigone
Architecture), Marzio Kogan (Studio
mact), Mano Tigueroa (Figueras
Arquitetura e Urbanismo) e Rodrigo
Carrão (Carrão Arquitetos)
Moderação de Fernando Serapão
(Curador exposição "Inífinito Vão")

13h00

Comunidade Entrega do título "Socio-
Hondist" aos autores da Coleção
Arquitetura Brasileira

16 NOVEMBRO
(6ª FEIRA)

21h00, CA - Espaço Tanoara
Apresentação "Cenário de Oscar
Niemeier para O Pólo da Conceição"
c/ Fernando Serapão

Aula Show "Arquitetura moderna e
Música Popular Brasileira"
c/ José Miguel e Guilherme Wink
17 novembro (sábado)

17h00, CA - Espaço Tanoara
Lançamento do livro "Portugal 2014-
2017" de Mirko Zardini, e "Bósnia 2015"
de Guilherme Wink
Edição Ofc de Ideias

18h00, CA - Espaço Tanoara
Debate "Letras e Cruzadas Brasil-
Portugal" c/ Maria Elsa Costa e Ana
Vaz Milheiro

21h00, CA - Espaço Tanoara
Concerto "Vivace à Tom Palata e
Música" c/ Paula Moslenbaum, José Miguel
Wink e Gabriel Imputa

18 NOVEMBRO
(DOMINGO)

17h00, CA - Espaço Tanoara
Apresentação Digital Catalogo
"Inífinito Vão"
c/ Lara Muller, Fernando Serapão,
Guilherme Wink e Nuno Sampaio

18h00, CA - Espaço Tanoara
Conversa "Arquitetura no Palco"
c/ Bony Bergdoll (MOMA), Dellm Szabo
(Cullough), Nuno Sampaio (CA),
Olivia Hottel Turner (Victoria & Albert
Museum) e Pippo Crotti (MA20)
Moderação de João Roberto Costa

DEZEMBRO
Urbanidade e
Literatura
Casa da Arquitectura
e Casa da Chá

8 DEZEMBRO
(SÁBADO)

18h00, CA - Espaço Tanoara
Debate "Urbanidade"
c/ Fernando de Azevedo Franco, Manuel
Salgado, Mauro Munhoz, Pedro
Bergamin e Sérgio Magalhães

9 DEZEMBRO
(DOMINGO)

18h00, Casa de Chá da Boa Nova
Encontro Literário "Entre e Casas"
c/ Gonçalo M. Tavares, Eucarda Fereiz
e Jorge Reis Sá



2.1.7
EXPOSIÇÕES 2019
TRABALHOS DE
PREPARAÇÃO
PONTO 6.17 ORÇAMENTO

Em 2018, estiveram já em preparação as 2 exposições a produzir em 2019 para a Nova Exposição. Destacamos uma delas pela sua ligação ao longo da história da CA e ao seu arquivo: a exposição monográfica sobre Eduardo Souto de Moura que será exibida no público em outubro de 2019. Esta exposição será completamente original e com produção exclusiva da CA. A sua produção teve início ainda em 2018 com a seleção dos comissários que terão a cargo o desenvolvimento do tema proposto para a produção da exposição, catálogo e programa paralelo.

2.2

**GALERIA DA CASA:
EXPOSIÇÕES E
AÇÕES PARALAS**

DATAS:
JANEIRO A DEZEMBRO 2018
PÚBLICO AINGIDO:
20.088 VISITANTES

36

Para maior notabilidade da sua programação e ação cultural, a CA abriu as portas da Galeria da Casa ao desenvolvimento de propostas em parceria para a apresentação de exposições de curta duração. Estas exposições de pequena dimensão (100 m²) promoveram-se diversas na sua tipologia, tema e suporte de apresentação. Em 2018, a CA apresentou 6 exposições na Galeria da Casa, 2 por iniciativa própria e 4 em parceria, tendo contabilizado 20.088 visitantes.



Exposição: Duas Casas de Paulo Mendes da Rocha

2.2.1

EXPOSIÇÃO X BIAU BIENAL IBEROAMERICANA DE ARQUITETURA E URBANISMO (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.16 ORÇAMENTO

DATA: 17 NOV. 2017 a 04 FEV. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa

COMISSARIADO: Ângela Garcia da Fátima e Inês de Sousa
INICIATIVA: Ministério do Fomento do Espaço Urbano
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: EM PORTUGAL, CA

PÚBLICO ALVO: 14.856 (65 visitantes) / PAGO
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago



14.856 VISITANTES

38 A Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo é uma iniciativa do Ministério do Fomento do Governo Espanhol, que promove o intercâmbio de experiências entre os arquitetos e urbanistas dos países Ibero-americanos. Congrega 22 países latino-americanos mais Portugal e Espanha, cobrindo um território de 20 milhões de quilómetros quadrados onde vivem cerca de 700 milhões de pessoas.

A exposição X BIAU começou no Parque Ibirapuera em São Paulo, passou pela Bienal de Milão e por Sevilla, chegando a Portugal para a abertura das novas instalações da Casa da Arquitetura, onde esteve a programação da Galeria da Casa.

Com o tema "Desplacamentos, Deslocamentos, Degradações" e coordenada pela Ângela Garcia da Fátima e Inês de Sousa, em conjunto com Álvaro Siza, o comissário adjunto em São Paulo, a bienal recobrou, nesta edição, um total de 1.111 projetos, dos quais foram premiados 24, prêmios, seis livros, duas publicações e uma coleção de vídeos.

Muito marcada pela presença portuguesa, a exposição convidou o arquiteto Eduardo Souto de Moura com o prémio Iberoamericano que distingue, em cada edição, um projeto

operado, considerado no tempo. Nesta edição houve mais portugueses premiados cujas obras estiveram em exposição. O atelier Alcazarras, pela sede da EOP, pela Casa no Tempo, do Alameda, atelier SAM, um colégio de São Vito de Silva e Miguel Vieira, com a casa E/C no Pico, Açores, João Mendes Ribeiro, Catarina Guedes e Francisco Vieira de Campos pelo Arruipalago, Centro de Artes Contemporâneas, no Roberto Grande, São Miguel, também no Açores.

2.2.2

A CASA DA DEMOCRACIA: ENTRE ESPAÇO E PODER EXPOSIÇÃO E BOOKLET

PONTO 6.5 ORÇAMENTO

DATA: 17 FEV. a 13 ABR. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa

COMISSARIADO: Nuno Sampaio / Casa da Arquitetura
CIBADOMIA: Susana Ventura
PROJETO EXPOSITIVO: Lúcia Rebelo
DESIGN: Paulo Nogueira
ORGANIZAÇÃO: Assembleia da República
COORDENAÇÃO: CA

PÚBLICO ALVO: 2.846 (286 visitantes) / PAGO
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago

e afirmação de um centro de poder ou, da cidade enquanto espaço de liberdade.

A peça estrutural que ocupou o espaço central da galeria, desenhada por Lúcia Rebelo, converteu-se num espaço expositivo. Num dos lados, apresentam-se algumas das hipóteses sobre o relação entre espaço e poder, cruzando as linhas temporais em alçavos virtuais, e, no outro lado, estiveram expostos as fotografias de Paulo Calçada sobre os vários espaços da Assembleia da República que muitas vezes permanecem ocultos, revelando-nos, simultaneamente, o edifício institucional e o espaço comum de trabalho e debate.

Com a curadoria de Susana Ventura, a exposição pretendia dar a conhecer a um público mais vasto os vários espaços que compõem o conjunto edificado da AR e também estabelecer um pensamento crítico sobre as relações entre espaço e poder (tão no seguimento da exposição inaugural da CA Poder Arquitetural fundamentada para a disciplina da Arquitetura).

A atual Assembleia da República, assento do Parlamento Português, foi cenário espacial de importantes movimentos sociais e regimes políticos que delimitaram o nosso destino histórico. A história que o edifício acumula e igualmente inscriteável na história da arquitetura portuguesa. O sistema político condicionou, por diversas vezes, a arquitetura do edifício incluindo a consagração dos corpos e o ícone-proto) e do pedágio de cidade onde se insere, enquanto a arquitetura, por sua vez, contribui para a criação



2.846 VISITANTES

2.2.3

REMADE IN PORTUGAL X EDIÇÃO NÃO COBIÇAR AS COISAS ALHEIAS EXPOSIÇÃO E AÇÃO PARALELA

PONTO 6.6 ORÇAMENTO

DATA: 29 ABR. a 1 JUL. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa

CIBADOMIA: Roberto Clementino
COORDENAÇÃO: CA, Inês de Sousa, Portugal e CA

PÚBLICO ALVO: 4.397 (219 visitantes) / PAGO
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago



4.397 VISITANTES

40 Remade in Portugal é um projeto cultural concebido como um desafio ao design e às artes plásticas para refletirem sobre as questões ambientais, alargando o seu campo de ação à arquitetura, às artes visuais, música, literatura e cinema. O ano de 2017 assinala dez anos do projeto Remade in Portugal que conta já com cerca de 120 peças de design, realizadas por mais de 60 criadores e 60 empresas. Com a participação, também, de 40 artistas plásticos e visuais.

A 10ª edição Remade in Portugal não copiar as coisas alheias, coordenada pela CA, constituiu como um momento retrospectivo e de reflexão sobre a primeira década do projeto, com uma seleção não só de peças, mas também de todo o material informativo a nível de imprensa, audiovisual, fotográfico, para contar a história daquele que foi o primeiro projeto de design ecológico em Portugal, envolvendo todas as entidades institucionais, públicas e privadas, que contribuíram para o crescimento do projeto.

A exposição contou com peças dos seguintes autores: Adalberto Dias, Alda Tomás, Álvaro Siza, Ama Design, Ana Fina, Ana Salazar, Ângela Garcia, Carvalho Araújo, Colina Ragazzi, Eduardo Souto de Moura, Francisco Providência, Galus Studio, João

Mendes Ribeiro, João Dolbete, Lorena Ferreira, Lus Buchinho, Manuel Alves Marques, Manuel Graça Dias e Gas José Vieira, Maria Gambina, Nuno Sottomayor, Paulo Costa, Paulo Serco, Pedro Silva Dias, Pedro Sotomayor, Ricardo Douçido, Rita Garcia, Rui Grimalta, S.O.M.A., Susana Abreu.

No contexto da exposição, a CA foi também anfitriã da convenção "Tudo é Design" que decorreu no dia 11 de maio, às 21h00, na Galeria da Casa, com os seguintes convidados: Maria Gambina (entretida), Corina Ragazzi (arquitecta), Paulo Serco (designer) e Iulianadori e Francisco Providência (designer), com a moderação de Roberto Clementino.

35 NOTÍCIAS PI-INT

2.2.4

STILL CABANON EXPOSIÇÃO E AÇÕES PARALELAS

PONTO 6.7 ORÇAMENTO

DATA: 14 JUL. a 16 SET. 2018

LOCAL: CA, Galeria da Casa

CIBADOMIA: Atelier do Corvo / João Luís Frito
PROJETO EXPOSITIVO: Atelier do Corvo
DESIGN: AMA & COORDENAÇÃO: CA e Crisma ArtWorks

PÚBLICO ALVO: 2.254 (224 visitantes) / PAGO
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago



2.254 VISITANTES

Still Cabanon é uma proposta do Atelier do Corvo e da OTMA. ArtWorks desenvolveu e apresentou durante o Anos 17 - Bienal de Arte Contemporânea da Corcha o espaço no espaço de trabalho por Delim Serco, curador e líder desta edição, cuja fama era "Cair e Repesar". Em 2018, num diferente espaço e juntando aos autores apresentados anteriormente mais um grupo composto por um artista, um arquiteto e um ensaísta, foi apresentado na CA uma nova edição desta exposição itinerante. Para este trabalho estiveram presentes dois projetos que marcaram o âmbito desta iniciativa. Em primeiro lugar, provocar um diálogo em diálogo do habitat do séc. XXI, com vista à criação de projetos que visam a construção de um lugar íntimo e de refúgio que se adapte às exigências deste novo século. Em segundo lugar, entender como o trabalho e a dialética entre autores de diferentes disciplinas como a arte, a arquitetura ou o design - juntados a esse um grupo de elementos ligados às áreas do pensamento como curadores, teóricos ou ensaístas - responderem a um enunciado comum.

Em 1952, Le Corbusier projeta para a, em Roquebrune - Capri, Marini, França - um pequeno edifício em

madeira que ocuparia reiteradamente durante anos como casa atbigo. "Is Cabanon" ficou por aí e usou como um reflexo sobre o condicionamento do espaço de habitar, sobre a possibilidade do espaço e dos seus usos. Todos os refúgios têm valores de caráter conspícuo, valores que têm simultaneamente memória e projeção. Com este projeto pretendia-se invocar um novo tempo, como se de um sítio temporal se tratasse. Pensar na forma como hoje habitamos, num século XXI que trouxe - e que traz - o transição - consigo novas ideias e muitas referências passadas, é o desafio que esta exposição pretende evidenciar.

Artistas e ensaístas envolvidos: Aires Mateus, Ângela Ferreira, Armando Baboça, Atelier do Corvo, Camalho Araújo, Gabriela Vaz, Pinheiro, Didier Fuzza Faustino, Eduard Souto Moura, Inês Marques, Fernanda Fragalheiro, Fernando Brito, José Bartolo, Filipe Alarcão, João Lou, Camillo da Graça, José M. Frito, João Mendes Ribeiro, José Pedro Croft, Magda Seifert, Nuno Sousa Vieira, Patrícia Barbas Lopes, Pedro Passarola, Paula Santos, Pedro Bragada, Sara Castilho Branco, Ga Estudos, Jeremy Pajoncin.

47 NOTÍCIAS PI-INT

41

2.2.5

2 CASAS: PAULO MENDES DA ROCHA EXPOSIÇÃO E CATÁLOGO

PONTO 6.8 ORÇAMENTO

DATA: 25 SET 16 a 10 NOV 2018
LOCAL: CA - Galeria da Casa

COORDENADOR: Nuno Sampaio
PROJETO EXPOSITIVO: Inês Lobo
DESENHO: Marcos Mateus
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA

PÚBLICO Atingido:
9.959 visitantes (até 30 dez 18)
ACESSO À EXPOSIÇÃO: Pago

9.959
VISITANTES

42 A exposição "Duas Casas de Paulo Mendes da Rocha" aborda o percurso de habitar de Paulo Mendes da Rocha através de uma parte menos conhecida da sua obra, as habitações unifamiliares. Com curadoria de Nuno Sampaio, Diretor executivo da CA, "Duas Casas" oferece a possibilidade de voltar dos projetos arquitetónicos do atelier do arquiteto Paulo Mendes da Rocha que, na época transatlântica da programação "Infinito Vão - 90 anos da arquitetura brasileira", se realizaram em Portugal e no Brasil.

As duas casas unifamiliares - a Casa Gerassi em São Paulo e a Casa Oliveira, em Lisboa, concebidas em colaboração com Inês Lobo - apresentam-se ao público a partir de três abordagens visuais: as fotografias de cada uma, mandadas fazer especificamente para a mostra; as fotos de Leonardo Rindti e o registo audiovisual que dá o contexto das habitações; que dos seus interiores. Desenhadas e construídas com 30 anos de intervalo entre si, as "Duas Casas" de Paulo Mendes da Rocha são um convite a visitar o círculo habitacional residencial das habitações familiares e a conhecer o modo como o arquiteto brasileiro "valoriza o concreto, a pintura e a socialização da família", conforme escreveu o curador Nuno Sampaio.

Associada à exposição foi também editado pela CA um catálogo sobre os projetos em exibição e que contou com artigos de Nuno Sampaio, Daniele Pezari, Catherine Orlando e Miguel Justiz. O catálogo de 130 páginas trata-se de uma edição bilingue (português e inglês) com um tiragem de 1.600 exemplares. A edição contou com o apoio da Montepio Geral pela aquisição imediata de 200 exemplares.

A inauguração e lançamento do catálogo desta exposição decorreu em simultâneo com a programação de abertura da exposição "Infinito Vão - 90 anos da arquitetura brasileira", culminando sinergias e valorizando a presença do arquiteto Paulo Mendes da Rocha em Portugal.



Exposição Duas Casas de Paulo Mendes da Rocha

2.2.6

EXPOSIÇÕES 2019 TRABALHOS DE PREPARAÇÃO

PONTO 6.17 ORÇAMENTO

DATA: JAN a DEZ 2018
LOCAL: Galeria da Casa

43 Em 2018, estiveram já em preparação algumas das exposições à produzir em 2019 para a Galeria da Casa. Esta provida a realização de até 4 exposições durante o próximo ano, sendo a primeira delas, dedicada ao arquiteto brasileiro Fábio Pertinax, ainda no contexto dos "90 anos de Arquitetura Brasileira" em exposição, que ao final de abril de 2019, na Nova Expovista.

2.3

OUTROS EVENTOS: PROG. ANUAL CA, ATIV. EM PARCERIA E ACOLHIMENTO

DATA: JANEIRO A DEZEMBRO 2018
PÚBLICO Atingido:
+ 37.000 PARTICIPANTES

44

Dentro e fora de portas, por iniciativa própria ou em parceria, a CA organiza e produz um conjunto de iniciativas em simultâneo com as atividades decorrentes das exposições. Levantados para sociedade anual como o Open House Porto, o Advensando da CA, o Penho Felmendo Tavola, O Lugar do Família ou a Summer School Porto Academy, esta aqui reatualizada, assim como o acolhimento de diversas ações de maior duração e escala.

+ 37.000
PARTICIPANTES



2.3.1

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.9 ORÇAMENTO

DATA: ABR E OUT 16
LOCAL: CIMM, SIBAO MODA

ORGANIZAÇÃO: CASIN PARCELTA, CA e CIVIL PÚBLICO A INICIATIVA: 20 participantes
ACESSO AO PROGRAMAÇÃO: Gratuito

2.3.2

OPEN HOUSE PORTO 2018 (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.10 ORÇAMENTO

DATA: 30 JUN. E 1 JUL 2018
LOCAL: MATEOSINHOS, PORTO e GAIA

COMISSARIOS: Inês Moreira e João Paulo Espargoso
DESIGN: Inês Moreira, Rui Silva
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
PARCEIROS ESTRATÉGICOS: Câmara Municipal de Matosinhos, Porto e V. Casa
PÚBLICO A INICIATIVA: 11 766 VISITAS
ACESSO À PROGRAMAÇÃO: Entradas (livre/gratuito)

220 PARTICIPANTES

31.768 VISITAS

113 NOTÍCIAS PT-INT

46 Com a continuidade da parceria com a CA20N e a C.M. Matosinhos realizamos as duas sessões habituais do Prémio, uma em Abril (Anúncio do Vencedor da 1ª edição e Conferência por um dos elementos do Júri) e outra em outubro (Conferência do Vencedor e Lançamento do Regulamento da 14ª edição). O Prémio Fernando Távora atribui uma bolsa de viagens à melhor proposta de viagem de investigação a selecionar por um júri nomeado todos os anos para o efeito, sendo que um dos seus elementos é designado pela CA.

Os arquitetos Carla Alexandra Garido de Oliveira, Filipa de Castro Guimarães e Pedro Queiroz Figueiredo Bragança Ribeiro venceram a 13ª edição do Prémio Fernando Távora, com a proposta "Pelo extremo: Viagem pelo vórtice do Distrito Ártico, perspectiva presente de habitats Inuvialit".

O Prémio Fernando Távora está em reformulação pelos seus organizadores sendo que para os próximos anos passará apenas a decretar uma cerimónia por ano.

Em ano de consolidação, 65 espaços foram parte do evento 2018, sendo que 70% dos espaços foram inéditos nesta edição.

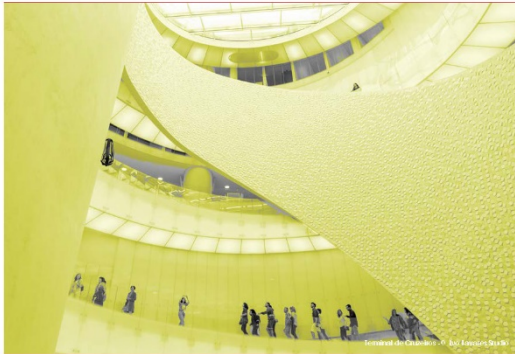
A 4ª edição do Open House Porto deslocou-se o mote da arquitetura industrial, sendo a mais visitada de sempre com um total de 31 768 visitas. O formato de espaços voltou a ser, pela terceira vez, o espaço que mais curiosidade suscitou, com 5 563 visitas, seguindo-se o Mosteiro da Serra do Pilar (3073), Casa da Arquitectura / Real Vila Viciosa (1969), o Torre Alcoa (1912), a Câmara Municipal do Porto (1196) e o Clube Ferreiros Portueuses (1125).

Esta edição dedicada à arquitetura industrial revelou o vontade de mostrar aspectos ligados ao trabalho, uma forma também de contrariar a estigmatização da indústria, demonstrando o seu papel no desenvolvimento da cidade.

Entre os espaços industriais, os mais visitados foram as Caves CooBurbão em Gaia (613 visitas), a Super Book, Casa da Cerveja (466) e o Silo de Lentes (442), ambos em Matosinhos. A habitação continua a ser uma tipologia muito procurada. No topo do número de visitas ficou a Casa do Rua do Paraso (666), seguida pelas Quatro Casas (664) e a Casa do João (386). Esta edição demonstrou a maturidade

que o evento ganhou no equilíbrio entre experiência organizativa e a qualidade e diversidade do programa oferecido. A excelência do conteúdo e a sua fidelidade aos abrangidos alçou o reforço das atividades complementares às visitas com os programas Catequedocópio e Plus. Estas atividades apóiam a participação de famílias e crianças, bem como a sensibilização para a inclusão.

Para consulta do roteiro 2018 e de todas as ações e as associações remotomas para a consulta do site oficial do evento: <http://pt.openhouseporto.com>



1ª EDIÇÃO 2015	2ª EDIÇÃO 2016	3ª EDIÇÃO 2017	4ª EDIÇÃO 2018	
2	2	2	2	DIAS
3	3	3	3	CIDADES, PORTO, GAIA E MATOSINHOS
42	+21% 61	+18% 60	+8% 65	ESPAÇOS
18	+28% 23	+9% 25	+26% 30	PARCEIROS
10.870	30.645	26.377	+2% 31.768	VISITAS
95	+89% 180	+28% 230	+12% 270	VOLUNTÁRIOS
143	+251% 502	+20% 604	+36% 782	VISITAS ACOMPANHADAS
45	+49% 63	+17% 74	+61% 119	ESPECIALISTAS
128	-5% 121	+32% 160	+51% 242	VISITAS COMUNITARIAS
			+700	PESSOAS NA ORGANIZAÇÃO
			+772	HORAS DE ATIVIDADE E ABERTURA DOS ESPAÇOS AO PÚBLICO

2.3.3

PORTO ACADEMY 2018 (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.11 ORÇAMENTO

DATA: 20 e 27 JUL 2018
LOCAL: FAUP e CA (Casa Roberto Lins e Real Vila Viciosa)

ORGANIZAÇÃO: Porto Academy, CA e FAUP
ACESSO À SUMMER SCHOOL: Pago (exceto para docentes)
PÚBLICO A INICIATIVA: 30 participantes (para o Workshop Leitura) 30 (para o Workshop Festa de Encantamento)
ACESSO AO PROGRAMA: Gratuito



420 PARTICIPANTES

48 De 20 a 27 de julho, decorreu a 6ª edição da Summer School Porto Academy, pelo segundo ano consecutivo, coorganizada pela Casa da Arquitectura e a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. A Escola de Verão da Porto Academy traz à cidade um leque prestigiado de convidados e mais de 250 participantes de mais de 45 nacionalidades. O programa da Porto Academy propõe uma semana de palestras, workshops e visitas.

As exposições na CA e uma sessão de apresentação dos trabalhos finais produzidos pelos participantes, seguida de jantar e festa DJ nos espaços exteriores do quarteirão da Real Vila Viciosa. Esta iniciativa permitiu dar a conhecer aos participantes Porto Academy a missão e instalações CA, numa perspectiva de ligação aos seus países e rede de contactos.

A 8ª edição da Escola de Verão contou com a participação dos seguintes "workshop leaders": Adamo Fialkin, Arquitecta; O, Fran Silvestre, Ling Hao, Liu, Urbano; Manuel Cerantoni, Meyer, Gohlthage & Chomayoff; Nuno, NPFF; Nuno Vidal, Sauter Von Moos, SO-IL; Stephen Taylor, e Yoshitaru Tsukamoto do Atelier Bow-Wow.

A CA organizou a conferência, no dia 22 de julho, nas suas instalações da Casa Roberto Lins, um jantar privado de boas vindas à organização e início dos workshops. Esta ação permitiu apresentar a CA e estabelecer laços entre os intervenientes em baixo ambiente informal e intimista.

A Escola de Verão culminou no dia 27 de julho com visitas às obras de Álvaro Siza em Matosinhos, uma visita

2.3.4

LUGAR DE PARTILHA LABORATÓRIO DE AUTOCONSTRUÇÃO (CONTINUAÇÃO)

PONTO 6.12 ORÇAMENTO

DATA: 28 JUL e 10 AGO 18
LOCAL: Conjunto Habitacional de Guerdão, Matosinhos

COORDINAÇÃO LABORATÓRIO: Roberto Cremascoli
TÍTULOS: Roberto Cremascoli, Nelson Galazati, Ivo Poças Martins e Rui Mendes
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
PARCEIROS ESTRATÉGICOS: C.M. Matosinhos, L. de Partilha e Matosinhos Habitat
PARCELTA: Universidade do Minho (Esposim)

PÚBLICO A INICIATIVA: 20 participantes
ACESSO AO LABORATÓRIO: Gratuito



64 NOTÍCIAS PT-INT

O Lugar de Partilha teve a sua 1ª edição em 2017 inaugurado no Hospital Inaguarda da CA, apresentando-se ao público como o 1º ato do Programa Reuse Share! O sucesso dos seus resultados, mas sobretudo o valor do seu processo, permitiu que o Laboratório de Autoconstrução ganhasse vida própria, autonomizando-se enquanto programa anual da CA. Em 2018, manteve o tema da sua 1ª edição, "O Lugar de Partilha", caso o objetivo de realizar uma infraestrutura ao serviço da comunidade.

"É preciso reconsiderar o papel profissional do arquiteto e considerá-lo arquiteto como uma ferramenta para enfrentar os problemas sociais ligados à cultura popular contemporânea. Para procurar uma outra forma de conceber arquitetualmente temas que são dispendiosos e dispostos a atar a nossa saber sobre o papel do arquiteto e sobre as potencialidades do espaço. O argumento de saber provoca uma inevitável abertura total, uma completa disponibilidade para aprender, para transmitir, para partilhar num único laboratório, o lugar de partilha."

Roberto Cremascoli

A intervenção decorreu no Conjunto Habitacional da Guerdão, em Ferrelas Matosinhos, com a duração de duas semanas. O projeto envolveu várias entidades, parceiros locais, participantes nacionais e estrangeiros e, também, a população residente. Estudantes, arquitetos e parceiros uniram-se para oferecer a população a "Casa do Branco e do Sol", uma estrutura com mais de 40 m², para uso público e de acesso livre.

Mais do que o resultado desta ação interessa o seu processo de partilha. Este projeto teve forte impacto em todos os intervenientes deste processo: Organização, autores, parceiros, participantes e população uniram-se para um objetivo comum e desinteressado. O núcleo deste envolvimento foi amplamente divulgado nos media.

O Laboratório de Autoconstrução só foi possível com o apoio das entidades: Porto Leão, O.H. IRL, Círculo de Mulheres, Nogueira Fernandes Lda, O Civil Português, The Work For, Zeas Sport, Filippos.

2.3.5

1º ANIVERSÁRIO ABERTURA CA NA REAL VINÍCOLA

PONTO 6.13 ORÇAMENTO

DATA: 16, 17 E 18 NOV 18
LOCAL: CA e Real Vinícola
ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO: CA
PÚBLICO ALVO: 3 000 pessoas aprox.
ACESSO À PROGRAMAÇÃO: Gratuito

3.952 PARTICIPANTES

50 Com o objetivo de se tornar um momento único na programação cultural nacional e internacional, a CA passa a destacar anualmente a data da abertura das suas instalações no espaço Real Vinícola.

Um programa intenso e diverso ocupou o fim de semana de 17 e 18 de novembro com abertura na noite do sexta-feira, 16 de novembro. A semiabertura do programa inaugural de 2017, apontou o crescimento da CA antes num espaço claro a participação do grande público. O programa foi transversal na sua tipologia tendo incluído diversas atividades do Programa Paralelo a exposição "Infinite Vão". Foi ainda oferecido um vasto programa dedicado às crianças e famílias.

Entre visitas orientadas, conferências, conversas, apresentações, lançamentos e concertos, o aniversário da Casa da Arquitectura apresentou **mais de 30 atividades**. O espaço exterior do quartelão recebeu também diversas performances artísticas ao longo dos dias.

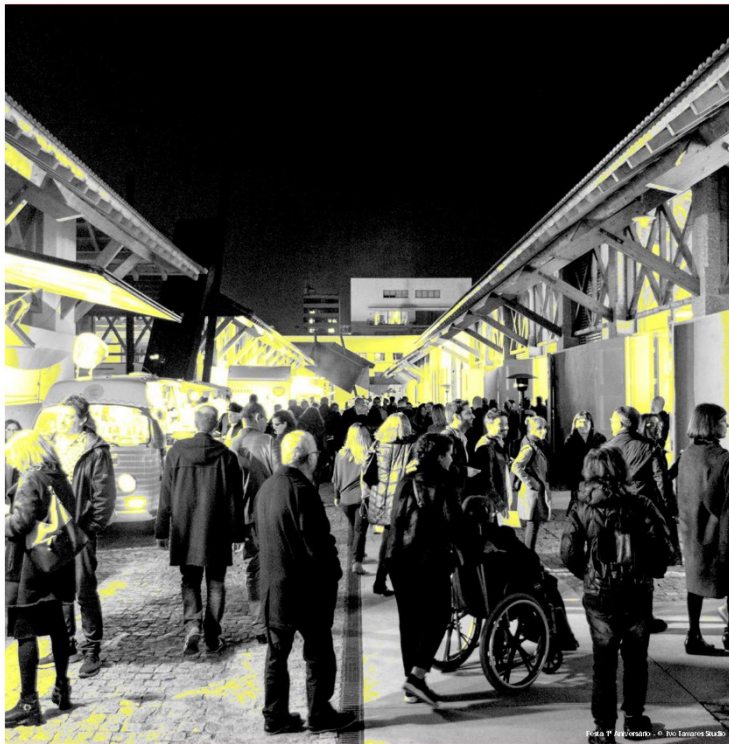


Foto: P. Fernandes - © Rio Taseiro Studio

51

2.3.6

EVENTOS NA CASA - ACOLHIMENTO, INICIATIVA PRÓPRIA OU EM PARCERIA

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: JUN - DEZ 18
LOCAL: CA, Casa Roberto Ivens e Real Vinícola
PÚBLICO ALVO: +500 participantes
ACESSO À PROGRAMAÇÃO: Gratuito (exceto AAJCC)

+ 900 PARTICIPANTES

52 Organização e receção de atividades diversas nas instalações da CA: exposições, congressos, debates, lançamentos de livros, ações por iniciativa e produção própria, em parceria, ou apenas em acolhimento.

Em 2018 foram realizadas **mais de 12 iniciativas** enquadradas neste formato com o envolvimento de diversas entidades parceiras, com ou sem ligação direta ao tema da arquitetura. Este programa permite abrir as portas da CA a novos públicos, mesmo que apresentem desafios de acesso a que nos propomos.

2.3.6.1

AAICO - ARCHITECTURE AND ART INTERNACIONAL CONGRESS

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: 03 - 08 SET 18
LOCAL: CA, Casa Roberto Ivens e Real Vinícola

A CA, enquanto Parceira Estratégica, acolheu nas suas instalações o Espaço Teseiras, durante 6 dias, o AAICO - ARCHITECTURE AND ART INTERNACIONAL CONGRESS, uma iniciativa da Revista AMAQ. Este Congresso Internacional que pretendia trazer e desenvolver as relações entre arquitetos, designers, artistas, estudantes e público em geral. Assessorou o trabalho de cinco simpos e 20 ateliers de arquitetura nacional e internacional, para além de um workshop e um concurso de arquitetura e arte para estudantes.

Oradores convidados: SIMONE | Adail Franz Hoepf | ARCH | Ana Aragão | Ana Peres-Gutorga | André Campos | Andreia Garcia | Barcozi Varga | BRAC | RCNS | Brandhuber | Carmody Grozicki | Christ & Gantenbein | Delim Santo | DRDH | Eduardo Soete de Moura | F&U Optics | Fernando Marques | Fran Silvestre Navarro | Francis Xie | CA, estúdio | Guilherme Machado Vaz | Inês Morais | Inesauer Mail | João Mendes Ribeiro | João Paulo Rapaglia | João Pedro Sardo | Jose Manuel Pedreira | Jose Pedro Cruz | Josep Ferrando | Magda Seifert | Manuel Aires Mateus | Marc Dubois | Marco Barbosa + Fernando Seixal | Maria Soete Bizarra | Miguel von Helldorf | Nuno Grande | Pedro Cabrita Reis | PROAP | Ramon Esteve | Sergison Bates | Toni Gionnes | Tony Tretton.

O programa dividiu-se entre conferências, workshops, concursos, exposições e visitas guiadas, através do discurso de abertura das complementaridades e do simpos entre as 3 instituições parceiras (CA, FAUP e BERRALVES).

A CA para além de acolher o ciclo de conferências nos seus espaços, organizou também visitas guiadas a oradores e participantes. Promoveu ainda a junção de boas vendas com todos os oradores convidados nas suas instalações na Casa Roberto Ivens como forma de estabelecer contactos e relações de colaboração.



AAICO

2.3.6.2

OUTROS A ACOLHER E PROGRAMAR

PONTO 6.14 ORÇAMENTO

DATA: 03 - 08 SET 18
LOCAL: CA, Casa Roberto Ivens e Real Vinícola

53 Lançamentos de livros, Conferências, Fóruns, Filmes, Formações ou outros com enquadramento na missão e agenda da CA.

PARCERIAS:

21 ABR: Conferência e lançamento de livro autor: Bartolomeu Costa Cabral
06 - 12 MAR: Festival DDD - IN e OUT
19 MAI: Fórum ARCHIRRX

ACOLHIMENTOS:

16 FEV: Microcinemas (CMM)
15 FEV: Lançamento livro Sérgio Jacques
08 MAR: Lançamento livro Álvaro Domingos (SECCION)
13 MAR: Conferência Universidade Lusófona
10 - 11 ABR: Formação Acesso Cultural
20 ABR: Fórum Saffari Manzano
05 MAI: Conferência de Imprensa Rally Portugal (CMM)
11 JUN: FRUI 2020 (CMM)



LOJA DA CASA PONTO 9 ORÇAMENTO 2018

LOJA DA CASA -
AUTONOMIZAÇÃO E
CRESCIMENTO. SITE
DEDICADO, NOVAS LINHAS DE
AUTOR, DESENVOLVIMENTO
DE MERCHANDISING
(CONTINUAÇÃO)

DATA: ANUAL E CONTÍNUO
LOCAL: REAL VINCULA

54

Em 2018, a Loja da Casa manteve o crescimento, subindo mais de 144% em relação a 2017.

DESCRIÇÃO DA LOJA

A Loja da Casa no edifício Real Vinkola, tem uma área aproximada de 260 m², subdividida em 4 divisões:

- Espaço design de autor e merchandising
- Livraria temporária
- Livraria permanente
- Espaço expositivo/veredas mobiliário

No primeiro ano, no espaço Real Vinkola, a Loja da Casa registou um crescimento exponencial que a nível de vendas se espelha como na oferta de produto. A Loja da Casa apresenta os seus mais diversos artigos num espaço dedicado ao design de autor, mobiliário e livraria especializadas de arquitetura. A qui, desta maneira, com acuidade, desde os livros gráficos, luminóscopos, jochona, mobiliário e livros as novas linhas de merchandising e produtos de autor exclusivos da Casa. Um espaço que promove e divulga a arquitetura e design nas formas de objetos estéticos na cor ou na monocromia, no traço simples ou elaborado. A Loja da Casa "vende" cultura e narra uma história em cada peça exposta. Conta também com uma livraria especializada de arquitetura onde se apresentam edições nacionais e internacionais de autores e autores.

LUCRO

2016/2017/2018

2016
34.581,57 €

2017
44.420,63 €
+28%

2018
108.215,16 €
+144%

CUSTOS

2016/2017/2018

2016
15.398,00 €

2017
14.404,78 €

2018
47.888,90 €



selecionados de forma criteriosa. No espaço expositivo/venda, a Loja da Casa dá continuidade a projetos expositivos temporários: desde mobiliário, iluminação, design gráfico ou outros temas, que comecem de forma agradável e que a intertemporalidade de alguns autores se traduzia na aquisição, de um livro, de uma exposição ou até do simples livro que leva a assinatura da Casa da Arquitetura. Mas, do que uma Loja por si só, o espaço apresenta-se quase como uma galeria de arte.

NOVOS ARTIGOS

A Loja da Casa investiu em 2018 na criação de artigos de sua autoria e de produção exclusiva. Foram desenvolvidas novas linhas de produção:

Linha merchandising da CASA, desenvolvimento de produtos na sequência da implementação da nova imagem institucional da CA. (Canetas Bic, lápis, sacos, note, cadernos, postais...)

Linha de merchandising da Coleção Exposições ("Poder Arquitetura", "Inventário", "Relevo Vitor", "Tons Casa", documentos das exposições realizadas nas novas exposições e pontualmente da Galeria da Casa).

Linha de Autor, edição de uma linha de cerâmica exclusiva CA com novos autores: Paulo Mendes da Rocha, Mariana Aragas e Virgília Aragas.

Linha de Autor, edição de uma linha de artigos de coleção de livros exclusivos da CA. Paulo Mendes da Rocha, Mariana Aragas, Virgília Aragas. Projetos "Inventário" e "Relevo Vitor" de Leonardo Triotti.

PONTOS DE VENDA

Em 2018, a Loja da Casa mantém a representação das suas exposições em mais de 14 livrarias nacionais e 10 internacionais, entre outros pontos de venda de artigos relacionados com a arte e a arquitetura.

AÇÕES DE PROMOÇÃO

Estas ações de promoção são fundamentais para impulsionar vendas bem como para a divulgação da Loja da Casa como parte integrante do Centro Português de Arquitetura.

Dia de São Valentim 2018:

Dia do Pai 2018:

Dia da Mãe 2018:

Venda de Páscoa 2018:

Venda produto durante o Open House Porto:

Exposição Mobiliário - Paulista:

Exposição obra Gráfica "Still Cabanon"
1ª edição, abril 2018.

Exposição obra Gráfica "Still Cabanon"
2ª edição, junho 2018.

Exposição Mobiliário Brasil setembro 2018:

Exposição Obra Gráfica Brasil setembro 2018:

Exposição Fotografia Brasil setembro 2018:

Venda de Natal 2018: aumento da oferta artigos de arte, design, livros, obras gráficas, jóias e gómeas em novos autores representados.

Pacote exclusivo para empresas: papelaria, obras gráficas, cerâmica e peças de design.

IMAGEM GRÁFICA LOJA DA CASA (CONTINUAÇÃO 2017)

Desenvolvimento e implementação de uma imagem de marca Loja da Casa, com uma linguagem simples e limpa, capaz de comunicar toda a potencialidade da marca no mercado. A sua identidade física e digital é atualizada, mas ao mesmo tempo contemporânea, inovadora e impactante.

Produção de produtos de embalagem exclusivos Loja da Casa.

SITE LOJA DA CASA (CONTINUAÇÃO 2017)

Esta plataforma potencializa a organização e divulgação de conteúdos para uma comunicação mais eficaz e personalizada com o cliente.

56



4

VISITAS E SERVIÇO EDUCATIVO PONTOS 7 E 8 ORÇAMENTO 2018

4.1 VISITAS
4.2 ATIVIDADES REGULARES
4.3 ATIVIDADES EM EXPOSIÇÕES
4.4 ATIVIDADES CRIATIVAS
(OPEN HOUSE, ANIVERSÁRIO CASA, NALCURAÇÕES, LUGAR DE PASTELA, PORTO ACADEMY, AICO, INCLUSIVAS, E PEDIDOS DE OUTROS DEPS, E CIMM, VERAÇÃO MATOZINHOS SPORT)
4.5 ANIVERSÁRIOS
NÚMEROS GERAIS

58

O Serviço Educativo (SE), oferecido, durante todo o ano, um conjunto de atividades educativas desenhado para pessoas de todas as idades e talentos, especialistas ou curiosos, e conta com a colaboração de vários comitadados de diferentes áreas: arquitetura, ambiente, história, ciência, tecnologia, arte, literatura, educação, etc.

Tem como meta ser um laboratório focado na descoberta, no debate e na experimentação, compartilhando uma compreensão participativa, interativa, pluridisciplinar e informal da aprendizagem.

Partindo dos conteúdos em azeite, espelhos e colagens, bem como do programa de exposições temporárias, oferecemos um vasto conjunto de visitas orientadas para todos os níveis de ensino, debates e cursos para jovens e adultos, oficinas e jogos para famílias e crianças, universidade itinerante e circuitos na cidade, entre outros, e muito mais.

As atividades acontecem e podem ser marcadas, em dias úteis ou fins de semana e são de curta ou longa duração, adaptadas à multiplicidade do público que queremos envolver.

Programa e realiza também atividades associadas a outros programas, fundamentalmente para a Casa da Arquitetura, tal como o Open House Porto, o aniversário da Casa, bem como para os momentos de inaugurações específicas.

Na Real Vilaçova, o SE tem um espaço exclusivamente dedicado – o Espaço Caladocópio. Esta sala polivalente proporciona visitas personalizadas de organização, adaptáveis às necessidades e participativas.

A coordenação é da responsabilidade de Susana Gaudêncio com o apoio direto de Cláudia Rosete.

A equipa do SE é composta por 16 monitores pedagógicos formados em arquitetura, arte, história de arte e património. Estes monitores orientam as atividades educativas para o público: escolas e grupos, famílias e crianças, adultos e jovens, etc.

Da responsabilidade da coordenação do Serviço Educativo, é também a seleção, formação e gestão da equipa de 12 sistemas educativos, que acolhem o público e fazem vigilância aos conteúdos expostos.

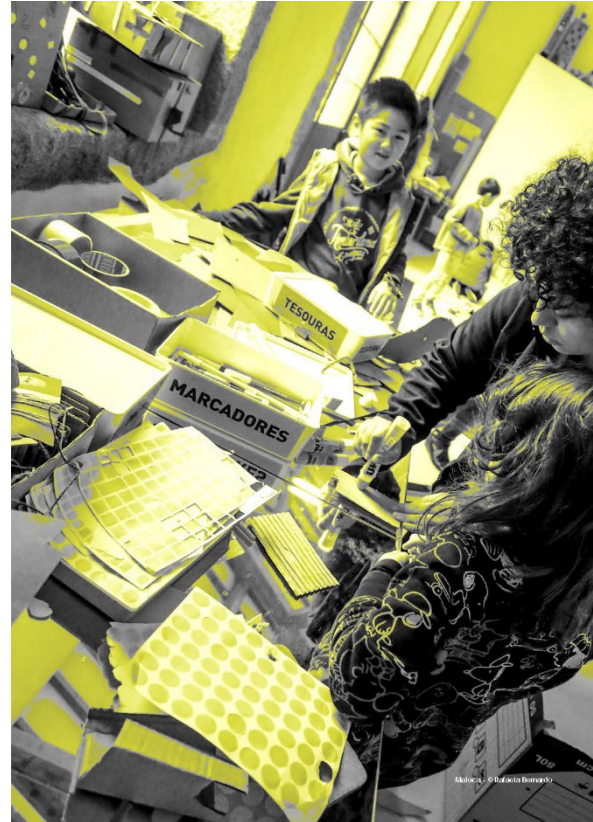


Foto: © Biblioteca Municipal

4.1

VISITAS ITINERÁRIO ÁLVARO SIZA

DATAS:
PROGRAMA ANUAL
LOCAL:
CASA DE CHÁ DA BOA NOVA,
PISCINA DAS MABES, PISCINA DA
QUINTA DA CONCEIÇÃO, CASA
NA RUA E ROBERTO IVENS.

60

SINOPSE:

Desde a continuidade do programa de visitas organizado pela CA desde 2009, criando-se as visitas de acordo com os 800 metros cúbicos acima referidos, em grupo ou individualmente, dinamizando a oferta a alunos públicos e diversificando o modelo de visita. O ano 2018 foi também de transição e integração do programa de visitas, a partir de Julho de 2018, no recente departamento de Serviço Educativo da CA.

ENVOLVIMENTO CA:

Comunicação
e-lin
Vídeo promocional
Post Facebook

ENTIDADES PARCEIROS ENVOLVIDOS

Restaurante Casa de Chá da Boa Nova
Matozinhos Sport
Câmara Municipal de Matosinhos

RECURSOS HUMANOS / REGISTO DE HORAS:

Gestão do Itinerário: Marcação, reservas, alocação de monitores, formação de monitores, supervisão e acompanhamento de visitas, logística de pagamentos, contactos com entidades envolvidas e com a equipa de monitores do serviço educativo que orientam as visitas.

Acompanhamento e produção do vídeo promocional do Itinerário.

Seleção de imagens e elaboração de copy para anúncios no Facebook, Instagram, notário no website da Casa da Arquitetura, notário na plataforma e-lin, etc.

Coordenação e gestão da equipa de monitores de visitas.

NÚMERO DE PARTICIPANTES

2017

2.684

2018

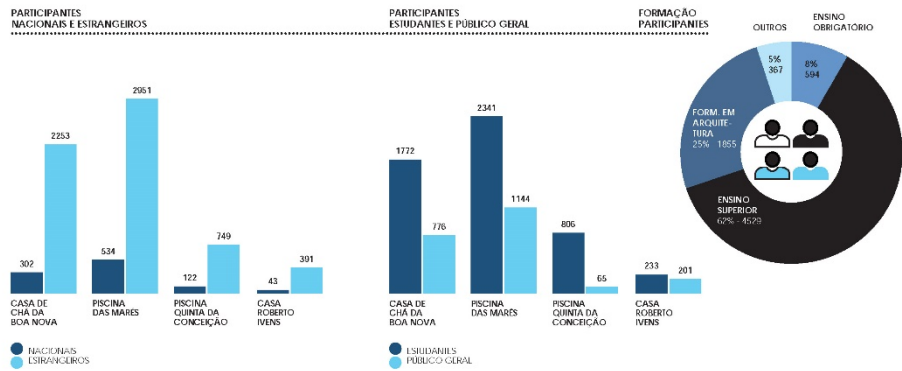
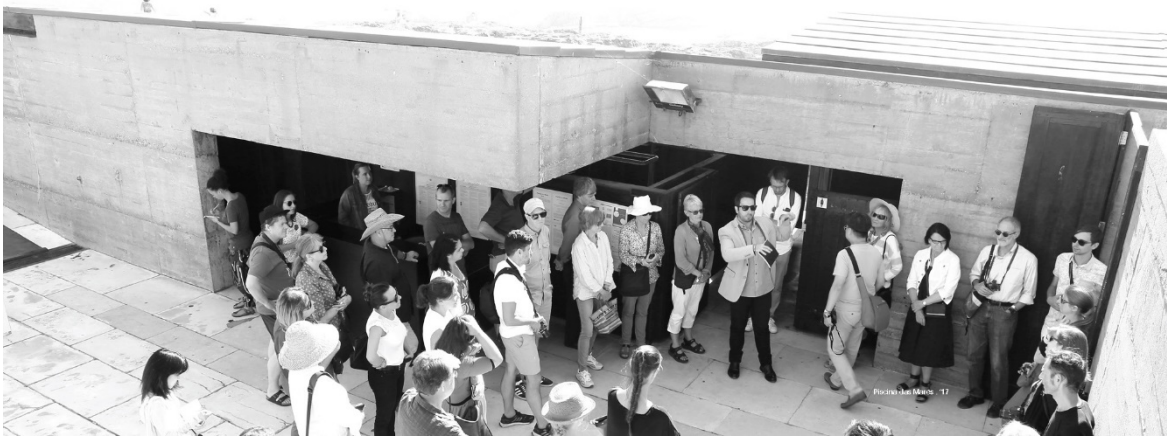
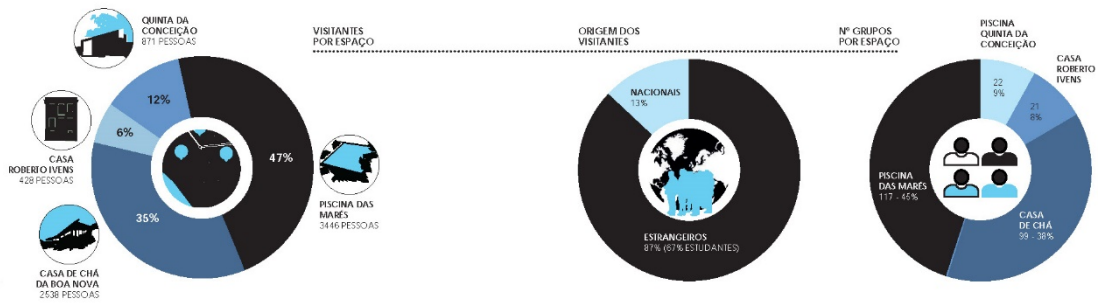
7.345

+174%

61



Foto: Biblioteca Municipal



64

65



4.2

ATIVIDADES REGULARES

DATA: PROGRAMA ANUAL LOCAL: CASA DA ARQUITECTURA

66 SINOPSE:

Programa de atividades lúdico-pedagógicas composto por visitas, debates, oficinas, filmes e círculos na cidade. Atividades pedagógicas, aulas temáticas destinadas a jovens, adultos, famílias e crianças, do ensino primário ao ensino universitário e a um público geral. Uma atividade temática na sensibilização de um público alargado para:

- O projeto de transformação, recuperação, e apresentação do espaço da Casa da Arquitectura na Real Vila Rica.
- Nos conteúdos em aconchego, espelhos e crieções do Arquitecto da Casa da Arquitectura.
- A inclusão.
- A importância da arquitetura na construção da cidade e da cidadania.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para a arquitetura.
- Disponibilizar ferramentas para a apreciação autónoma da disciplina.
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem lúdica e consequentes.
- Criar ligações com um público diversificado, intergeracional e de forma inclusiva.
- Colaborar na intermediação do espaço da Casa da Arquitectura.
- Aproximar a vizinhança.

• Criação de receitas/financiamento para a CA.

TIPOLOGIAS DE ATIVIDADES DISPONÍVEIS AO PÚBLICO ESCOLAR E GERAL, POR MARCAÇÃO:

- 6 oficinas
- 2 visitas-objeto
- 2 visitas orientadas
- 8 visitas temáticas com conteúdos específicos
- 4 oficinas em tempo de festa (Carreira, Pátria, Verão, Natal)
- 1 curso de formação especializada

ENVOLVIMENTO CA:

Comunicação: Vídeos promocionais, Posters, Facebook. Material pedagógico para as atividades.

RECURSOS HUMANOS / REGISTO DE HORAS:

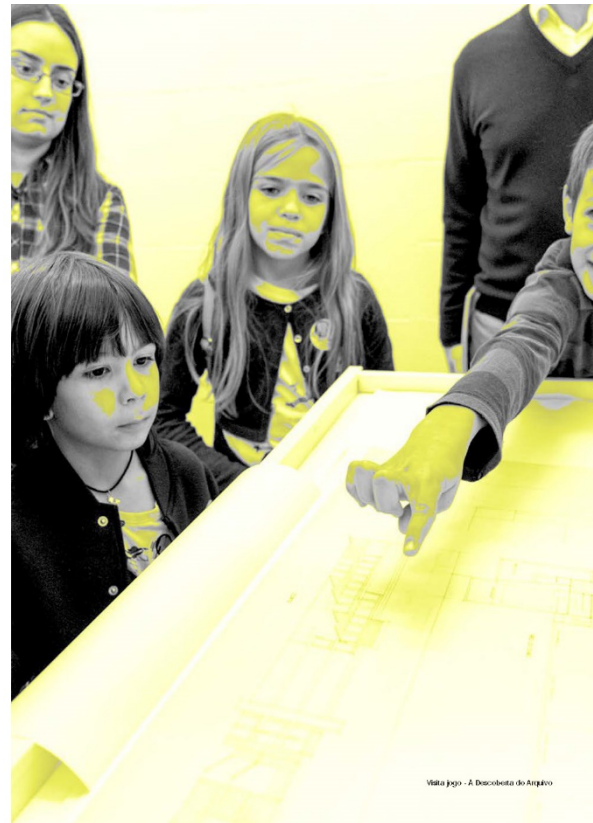
Gestão das atividades regulares: Marcação, reservas, atribuição de monitores, formação de monitores, supervisão e acompanhamento das atividades, aquisição de material, produção logística de pagamentos, contacto com entidades envolvidas e

com a equipa de monitores do serviço educativo que orientam as visitas.

Acompanhamento e produção do vídeo promocional das atividades.

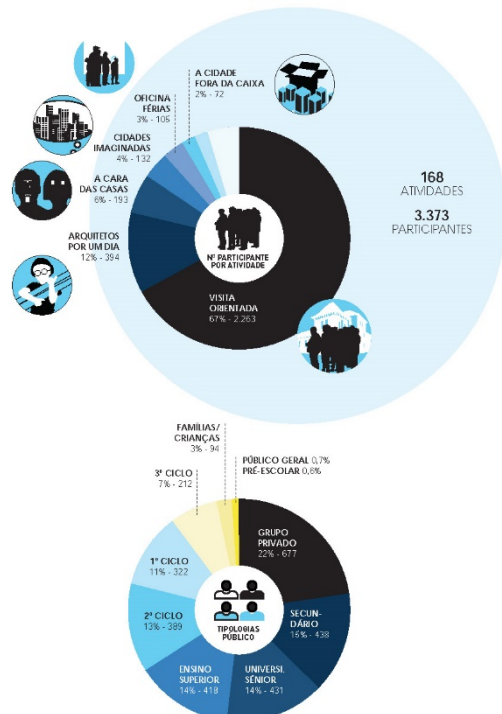
Seleção de imagens e elaboração do copy para anúncios no Facebook, Instagram, notícias no website da Casa da Arquitectura, notícias noutras plataformas de especialidade, etc.

Coordenação e gestão da equipa de 10 monitores.



Vista 199 - A Descoberta do Arquivo

68



Jogo da Glória - Investigação 199/17

4.3

ATIVIDADES EM EXPOSIÇÕES

DATAS:
PROGRAMA ANUAL
LOCAL:
CASA DA ARQUITECTURA

70 SINOPSE:

Programa de actividades lúdico-pedagógicas composto por visitas, debates, oficinas, jogos, lendas, etc., destinadas a jovens, adultos, famílias e crianças, do ensino primário ao ensino universitário e a um público geral. Estas actividades têm foco na sensibilização de um público alargado para o programa de exposições anual apresentado na Nova Exposição e na Galeria da Casa.

EXPOSIÇÕES:

- Poder Arquitectura.
- S&U&T.
- A Casa da Democracia.
- Os Universitários.
- Rerreda Portugal.
- S&U&T Cabanon.
- Duas Casas de Paulo Mendes da Rocha.
- Inverno Vivo - 10 anos de história da arquitetura brasileira.
- A importância da arquitetura na construção da cidade e da cidadania.
- A Inclusão.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para a programação expositiva da Casa da Arquitectura.
- Disponibilizar ferramentas para a apreciação autónoma da cidade.
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem lúdica e consequentes.

- Criar laços com um público diversificado, intergeracional e de forma inclusiva.
- Promover a diversidade cultural e uma abordagem plural: espaço para a participação das pessoas; espaços de intervenção cultural social e pedagógica; espaço de mediação; criação de resumos/boletins para a CA.

TIPOLOGIAS DE ATIVIDADES DISPONÍVEIS AO PÚBLICO ESCOLAR E GERAL POR MARCAÇÃO:

- 6 oficinas
- 8 visitas-jogo
- 4 visitas orientadas
- 7 visitas temáticas com convidados especiais

ENVOLVIMENTO CA:

Comunicação:
Mídias promocionais:
Posts facebook,
Material pedagógico para as actividades

RECURSOS HUMANOS / REGISTO DE HORAS:

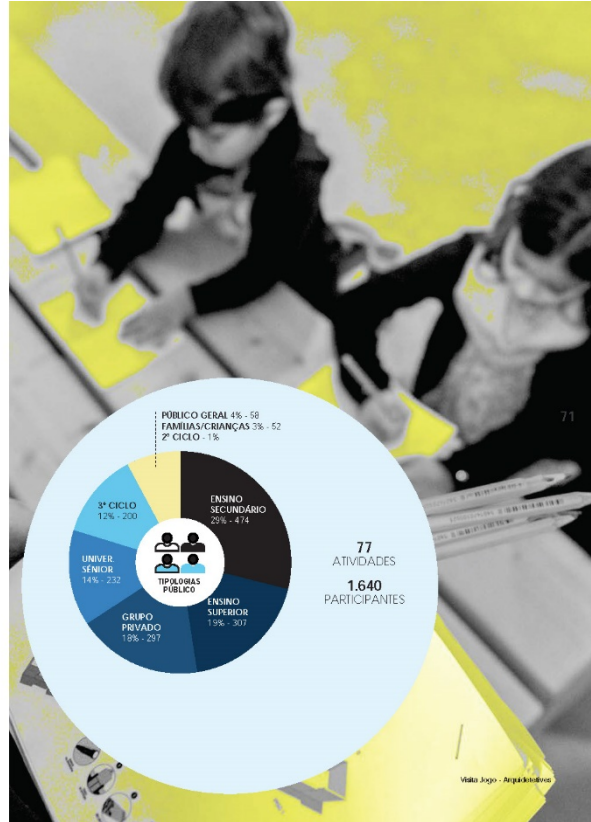
Gestão das actividades em exposições:
marcação, reservas, recepção de

monitores, formação de monitores, supervisão e acompanhamento das actividades, aquisição de material, produção gráfica de materiais, contactos com entidades envolvidas e com a equipa de monitores do serviço educativo que orientam as visitas.

Acompanhamento e produção do vídeo promocional das actividades.

Seleção de imagens e elaboração de copy para anúncios no facebook, instagram, notificações no website da Casa da Arquitectura, notificações noutras plataformas de esquadras de e-mail.

Coordenação e gestão da equipa de 10 monitores.



4.4

ATIVIDADES GRATUITAS

DATAS:
PROGRAMA ANUAL
LOCAL:
CASA DA ARQUITECTURA

72 VISITAS INCLUSIVAS

Visitas orientadas gratuitas à Casa da Arquitectura e exposições orientadas à comunidade. Programas de sensibilização para a disciplina, para a prática e para a percepção da arquitetura, cidadania ativa, inclusão e acessibilidade. Actividades realizadas em parceria com a Associação de Surdos de Matosinhos.

PROGRAMA "DOMINGOS NA CASA"

Serviço de visitas orientadas pelos monitores do Serviço Educativo às exposições patente e ao Espaço da Real História Casa da Arquitectura. Oficina lúdico e pedagógica para famílias todos os domingos do ano. Acção de sensibilização para o programa expositivo e a Casa da Arquitectura.

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES: 580

NÚMERO TOTAL VISITAS REALIZADAS: 82

OPEN HOUSE PORTO

Actividades para famílias e crianças.

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES: 538

NÚMERO TOTAL ATIVIDADES: 3

VERÃO MATOSINHOS SPORT

Actividades para famílias e crianças.

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES: 147

LUGAR DE PARTILHA

Programa de actividades lúdico-pedagógicas para crianças e jovens a desenvolver em parceria com instituições locais de formação e tempos livres e que decorrem simultaneamente com a acção principal do programa Lugar de Partilha.

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES: 42

4 SESSÕES POR ATIVIDADE

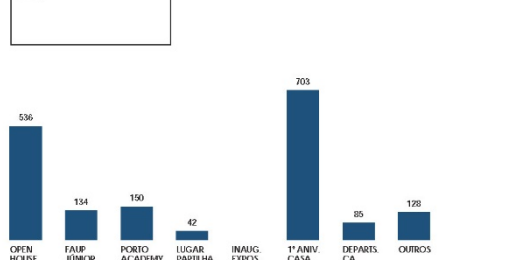
1º ANIVERSÁRIO DA CASA

Actividades para um público geral: famílias e crianças.

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES: 703



PEDIDOS DE VISITAS ORIENTADAS POR OUTROS DEPARTAMENTOS DA CA E OUTROS PARCEIROS (TAIS COMO AMAG E CMM, ETC.)



4.5

ANIVERSÁRIOS

DATA: PROGRAMA ANUAL LOCAL: CASA DA ARQUITECTURA

74

SINOPSE:

As festas de Aniversário na Casa da Arquitectura são destinadas a pequenos grupos que podem usufruir de visitas guiadas - oficinas, jogos e leituras encenadas sob orientação dos nossos monitores especializados.

OBJETIVOS:

- Promover o interesse para a programação expositiva da Casa da Arquitectura;
- Disponibilizar ferramentas para a apreciação autónoma da disciplina;
- Proporcionar momentos de criação e aprendizagem livres e consequentes;
- Criação de relações/intercâmbio para a CA.

PÚBLICO - NÚMEROS

Ao longo de 2018, realizaram-se 6 oficinas de aniversário com um total de 152 participantes. Das oficinas disponíveis, a oficina "A Cidade fora da Caixa" foi a mais escolhida (5 aniversários) e contou com um total de 107 participantes. Participaram nas actividades um total de 14 monitores que dedicaram 42 horas à tarefa de orientação das actividades.



Vânia Jorge - Arquitetovivos

NÚMERO GERAIS

NÚMERO TOTAL PARTICIPANTES:	14.168
PARTICIPAÇÕES SERVIÇO EDUCATIVO GERAL:	6.885
PARTICIPAÇÕES FIMBERRIA SIZA:	7.283
PARTICIPAÇÕES GRATUITAS:	4.162
PARTICIPAÇÕES PAGAS:	10.006
TOTAL DE GRUPOS:	567
TOTAL ESCOLAS PARTICIPANTES:	192
ESCOLAS NACIONAIS:	123
ESCOLAS INTERNACIONAIS:	69

75

NOTA: Para a informação detalhada sobre cada uma das actividades ver as fichas de serviço educativo ou consultar mesmo especifica no website da Casa da Arquitectura, onde se apresentam sinopses de cada uma das actividades para os diferentes públicos de grupos ou indivíduos, calendarização e informação sobre procedimentos e marcações das actividades para o programa em 2018.

5

COMUNICAÇÃO E MARKETING PONTO 4 ORÇAMENTO 2018

NOTÍCIAS NACIONAIS
NOTÍCIAS INTERNACIONAIS
REDES SOCIAIS
PARCEIRAS
VALOR MONETÁRIO

76

O Departamento de Comunicação e Marketing teve, durante o ano de 2018, um crescimento do número de eletrões, tendo sido relevado com mais investimento que assumiu a respectiva coordenação a partir do mês de Setembro. Contribuiu também a tempo inteiro - uma coordenadora, uma assessora de imprensa, um designer gráfico e um chefe de conteúdos audiovisuais - o Departamento é responsável pela gestão da estratégia de comunicação da marca da Casa da Arquitectura (CA) Bem como de toda a sua programação.

O ano de 2018 foi também marcado pelo relevo da comunicação audiovisual da Casa da Arquitectura, que passou a usar, de forma sistemática, o vídeo como uma ferramenta de forte impacto visual e comunicacional em todas as plataformas digitais da Casa. Para além do registo audiovisual de todas as actividades para memória futura, o Departamento de Comunicação desenvolveu também conteúdos próprios para apoio à divulgação de eventos e promoção da instituição.

O Departamento de Comunicação estrutura o seu trabalho de divulgação e promoção da actividade e da marca da Casa num sistema de parcerias baseado na potenciação e máximo de visibilidade com o mínimo de custos.

A ressonância mediática da Casa chegou à boca de Portugal todo.

Assim, em 2018, a Casa gozou para cima de 1300 notícias com um valor de comunicação avaliado como publicitário com um total de 4,4 milhões de euros.

NOTÍCIAS NACIONAIS

Durante o ano de 2018, a Casa da Arquitectura e a sua actividade ganharam para cima de 1300 notícias na imprensa, na TV, na rádio e nos meios digitais, dentro e fora de Portugal.

A análise das notícias nacionais - em 2018 foram publicadas 1.300, correspondendo a 90,90% do total - revelou que o maior volume de informação registado foi no online, embora em termos de valor monetário, tenha sido o televisão o meio mais preponderante, através da presença da CA nos canais generalistas nacionais, de que são exemplo os programas Sociedade Civil e Pátria 2 e o noticiário de debates da RTP2, RTP1 e SIC.

No âmbito da programação de 2018, destacam-se em termos de noticiabilidade nos media nacionais as exposições "Trinário Vão - 90 Anos de Arquitectura Atlântica", "A Universidade - 250 Cabanos", o Dia Mundial da Arquitectura e o Open House Night.

O perfil do meio de comunicação brasileiro da exposição "Trinário Vão" deu-lhe uma enorme visibilidade fora de

Portugal, tendo sido o evento da Casa da Arquitectura mais destacado no Brasil.



Fonte: Análise de notícias publicadas em Portugal de Comunicação Social e Opinião.

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Ao longo de 2018, foram publicados nos meios internacionais 156 notícias relativas à Casa da Arquitectura, que tiveram um alcance da audiência do mais de 23 milhões de impressões. O maior destaque mediático associou-se a cerca de 300 mil euros.

Foi o Brasil o país que mais atenção dedicou à Casa da Arquitectura, por via, como foi referido, da exposição "Trinário Vão - 90 Anos de Arquitectura Atlântica", seguida da Espanha e de Itália.

A esta forte presença da CA no Brasil não é alheia a parceria levada a cabo com a prestigiada plataforma digital Archdaily, considerada hoje o site de arquitectura mais visitado do mundo, com 190 milhões de páginas vistas mensalmente. Durante 2018, o Archdaily publicou 32 notícias sobre a Casa da Arquitectura, sendo o meio mais referenciado, segundo o The World News, com 22 notícias a nível da Casa.



Open House Porto 2018 - © João Tavares Studio

REDES SOCIAIS

O crescimento das redes sociais da Casa da Arquitectura foi exponencial durante 2016 e marcado por dois momentos: a aposta reforçada na conta de Instagram, que hoje conta já com mais de 10 mil seguidores, e a criação do canal de YouTube, em outubro, que passou a agregar todos os conteúdos audiovisuais produzidos pela Casa da Arquitectura e que soma hoje, seis meses sobre a sua criação, 132 subscritores.

Para além da gravação de todas as atividades levadas a cabo pela Casa e Departamento da Comunicação, produziu ainda várias tipologias de peças audiovisuais, destinadas a promover e divulgar a instituição no diferentes espaços, como hotéis, entrevistas, conferências e peças de promoção, gerando cerca de seis por mês.

A produção de conteúdos audiovisuais próprios é uma aposta assente pela Casa da Arquitectura e uma ferramenta de comunicação eficaz que se pretende venha a ser reforçada no futuro.

Não sendo uma rede social muito popular em Portugal, o Twitter é, mesmo assim, um canal de comunicação de referência. A conta da Casa da Arquitectura tem hoje a escolha qualitativa, somando hoje cerca de 500 seguidores.

78

O Facebook, atualmente com mais de 26 mil seguidores, permanece como o canal de comunicação digital mais preponderante da CA.

	26.000 SEGUIDORES
	10.400 SEGUIDORES
	500 SEGUIDORES
	132 SUBSCRITORES

PARCERIAS

As parcerias institucionais e com media de referência são uma peça vital da comunicação da CA, que apostou, em 2016, numa parceria com a TSF, no âmbito da qual foi emitido um magazine semanal que acompanhou a Exposição Infinito Viso e o respetivo programa festival.

Durante 2016 foram para o ar 18 magazine semanais, sempre às quartas-feiras, depois das 17h00, que deram conta das atividades, dos convidados e das notícias da Casa da Arquitectura.

Paralelamente, a CA apostou também numa parceria da mídia com a SIC e o Expresso, bem como o apoio à divulgação da revista a mag.

Para além dos órgãos de comunicação social, a Casa da Arquitectura investe em parcerias com as autarquias de Matosinhos, Porto, Góia, Gondomar, Maia e organismos públicos como Infraestruturas de Portugal e Metro do Porto, entre outros, para experimentação de soluções inovadoras, procurando sempre beneficiar de apoio no pagamento de taxas nos espaços urbanos, buscando capacidades de mobilidade, em muitos casos, a curto prazo.

VALOR MONETÁRIO

O balanço da adoção mediática social do ano de 2016 da Casa da Arquitectura dentro e fora de Portugal teve um impacto calculado com base na determinação do valor monetário das notícias de 4,4 milhões de euros, tendo 38 por cento da população portuguesa estado em contacto com a mensagem da CA, pelo menos uma vez ao longo do ano.



Impacto calculado com base na determinação do valor monetário das notícias. A metodologia utilizada foi a seguinte: 0,44€ por notificação social, certo período de cada mês. A fonte de utilização é o Inquérito de publicidade da media.



Porcentagem da população portuguesa que esteve exposta à mensagem pelo menos uma vez, ao longo do tempo analisado.

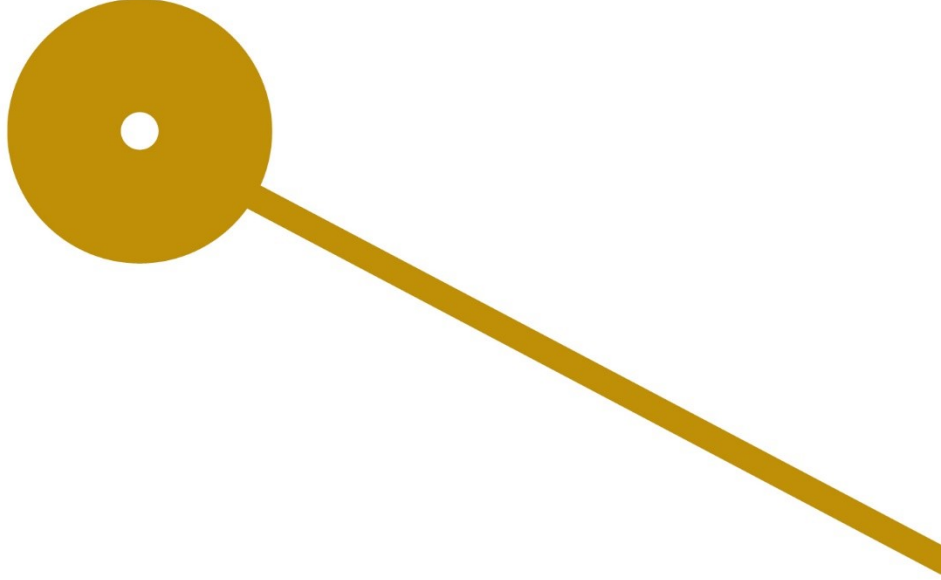


Seminário Lisboa Photo Zone - © Bekker Edgar



**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO**

P.PORTO



M

**MESTRADO
ARTES CÉNICAS**
DIREÇÃO DE CENA E PRODUÇÃO

Um projeto de produção cultural no percurso da Casa
da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura
Alice Prata